



Universidade de Aveiro
2018

Departamento de Comunicação e
Arte

**MARCOS ARAGÃO
FONTOURA**

**O CORPO MUSICAL DA GUARDA NACIONAL
REPUBLICANA: música, ritual e poder**



Universidade de Aveiro
2018

Departamento de Comunicação e
Arte

**MARCOS ARAGÃO
FONTOURA**

**O CORPO MUSICAL DA GUARDA NACIONAL
REPUBLICANA: música, ritual e poder**

Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Música – Etnomusicologia, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria do Rosário Pestana, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, e da Doutora Suzel Ana Reily, Professora Titular do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

Dedico este trabalho à minha família e aos músicos da Banda da Guarda Nacional Republicana.

O júri

Presidente

Professor Doutor Domingos Moreira Cardoso
Professor Catedrático, Universidade de Aveiro

Vogais

Professor Doutor Antônio Francisco de Sales Padilha
Professora Associado, Universidade Federal do Maranhão

Professor Doutor Manuel Pinto Deniz Silva
Investigador Auxiliar, Inet-MD, Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança

Professor Doutor Luís dos Santos Cardoso
Diretor Pedagógico, Escola de Artes da Bairrada

Professora Doutora Susana Bela Soares Sardo
Professora Associada, Universidade de Aveiro

Professora Doutora Maria do Rosário Correia Pereira Pestana (orientadora)
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por seu infinito amor e por me ter proporcionado bons momentos com pessoas maravilhosas, as quais contribuíram imensamente com o meu crescimento intelectual. Enalteço aos ensinamentos transmitidos pelos professores doutores da Universidade de Aveiro, especialmente Iain Foreman, Jorge Castro Ribeiro, Susana Sardo, Rosário Pestana e Suzel Reily, da Universidade Estadual de Campinas-SP-Brasil.

Às minhas orientadoras Rosário Pestana e Suzel Reily. Agradeço por toda dedicação e valiosos ensinamentos, que foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos colegas da turma de etnomusicologia, António Padilha, Eduardo Lichuge, Isaac Raimundo e Pedro Cravinho, pelos bons e maus momentos vivenciados, especialmente a socialização dos saberes durante o primeiro ano letivo. As trocas de experiências académicas, culturais e sotaques de países diferentes (Brasil, Portugal e Moçambique) não foram obstáculos para a construção das nossas amizades.

Agradeço o apoio financeiro pelo estado do Rio Grande do Norte e, em especial, o Comandante Geral da Polícia Militar, Francisco Canindé de Araújo Silva, pelo incentivo e preocupação em ter, em suas fileiras, profissionais aperfeiçoados e qualificados para prestarem bons serviços à população potiguar. Agradeço aos meus superiores hierárquicos da Banda da PMRN, Capitão Dejair Dantas, Tenente Frankelland Mota e ao Subtenente Chales Newton, pelo grande apoio, compreensão e incentivo.

Ao maestro da Banda da Guarda Nacional, Major João Cerqueira, ao meu orientador interno, Sargento-Chefe António Durão, e aos interlocutores da pesquisa, constituídos pelos músicos da Banda que estão na ativa e reserva, bem como aos representantes das instituições que sempre convidam a Banda para abrilhantar os eventos.

Aos meus amigos, António Rufino, Artemísia Soares e, em especial, à minha família, que suportou a minha ausência em diferentes momentos e sempre me apoiou.

Palavras-chave

Portugal, Música militar, Banda da Guarda Nacional Republicana, Etnomusicologia.

Resumo

A *performance* musical das bandas militares constitui uma ferramenta imprescindível para as atividades rotineiras ou extraordinárias do Quartel. No espaço público, especificamente nas paradas, a *performance* musical de uma banda, executando hinos pátrios e marchas, produz um impacto visual e emocional em sua audiência, refletindo, portanto, a organização social interna que caracteriza a vida militar, a qual representa a incorporação de um conjunto de valores e atitudes orientados por uma disciplina rigorosa. Este estudo teve como objetivo compreender o papel da *performance* musical da Banda de Música da Guarda Nacional Republicana (BMG NR) de Portugal, enquanto elemento estruturante e reformulador de contextos sociais. Enquadra-se no âmbito da etnomusicologia, inscrevendo o fenômeno no quadro da abordagem qualitativa e nos princípios da etnografia. Adotou-se a pesquisa bibliográfica através da qual foram perceptíveis os primeiros relatos históricos sobre a música no contexto militar, aos quais datam do final do século XIX e início do século XX. Na sua totalidade, esses relatos são redigidos por músicos militares, prática que persiste na atualidade. No trabalho de campo, selecionaram-se a observação e as entrevistas com o propósito de descrever e interpretar o modo de vida de uma cultura. As questões deste estudo emergiram à medida que a investigação foi sendo desenvolvida, entre 2012 e 2016. Os dados coligidos permitiram perceber que a BMG NR ao longo da sua existência vem suprindo com música importantes eventos culturais do calendário da cidade de Lisboa, bem como os rituais internos da corporação. No quotidiano do Quartel da GNR no Bairro da Ajuda em Lisboa existem regras formais rígidas, que controlam a rotina dos militares. Todavia, há uma certa flexibilidade na atividade profissional dos músicos para alimentarem a vida musical portuguesa. Dessa forma, este trabalho contribui para a compreensão da *performance* musical da Banda, a qual se mostra como elemento estruturante de contextos sociais diversos, estando presente no ritual e nos elementos de significação do ritual. A *performance* tem sido um recurso reformulador do espaço social interno da Banda, diluindo a rígida hierarquia peculiar ao ambiente militar. Por esse motivo, mesmo apontando para estruturas sólidas e tradicionalmente mantidas, como a GNR, denota-se o dinamismo de um grupo, que é histórico e está em constante transformação. Em termos de contribuição teórica, os resultados reforçam os argumentos de que existem situações em que os rituais, no que se refere à teoria prática, não seguem necessariamente o que é preconizado pelos discursos.

Keywords

Portugal, Military music, Banda da Guarda Nacional Republicana, Ethnomusicology.

Abstract

The musical *performance* of the military bands is an essential tool for day-by-day or extraordinary activities of the barracks. In public spaces, specifically in the parades, the band musical *performance* produces a visual and emotional impacts in its audience when they play patriotic hymns and marches. It reflects, therefore, the internal social organization that characterizes military life which represents the incorporation of a set of values and attitudes guided by a rigorous discipline. This study aims for understanding the musical *performance* role of Banda de Música da Guarda Nacional Republicana (BMGNR) as a structuring element and reformulator of social contexts. This research established within the scope of ethnomusicology, inscribing the phenomenon within the ambit of the qualitative approach and the principles of ethnography. A bibliographic research was performed for assessing music historical reports in the military context. Actually, the first reports compiled by military musicians were from the late of 19th and early of 20th centuries, that persist until nowadays. Observations and interviews were done for evaluating the cultural life style. The questions of the study come up as the research was been developed, between 2012 and 2016. With the results, it was possible to observe that the BMGNR has been support important cultural events in Lisbon, as well as intern military corporation rituals. In addition, formal rules that control the military routine have been noticed in GNR barrack, located on Ajuda neighborhood – Lisbon. Nevertheless, it is important to highlight that there is a flexibility on the professional musicians activities to support the portuguese musical life. Therefore, this work contributes for understanding the band musical *performance* which shows itself as a structuring element of various social contexts. The BMGNR is present in the ritual and in ritual signification elements, and has been an internal social reformulating resource attenuate the rigid hierarchy peculiar to the military atmosphere. Consequently, it is possible to observe that even traditionally and solid structures as the GNR, they present a historical dynamism and frequent transformation. In terms of theoretical contribution, the results reinforce the arguments that there are situations where rituals, regarding to practical theory, do not necessarily follow what is defended by the speeches.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	i
LISTA DE FIGURAS.....	ii
LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS	iii
Preâmbulo	1
INTRODUÇÃO	8
Problemática e objetivos.....	8
Objetivos	13
Estrutura da tese.....	13
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLOGIA.....	16
1.1 Análise conceptual.....	16
1.1.1 Vida Social.....	16
1.1.2 Performance musical	18
1.1.3 Hierarquia militar	21
1.1.4 Processo ritual	28
1.2 Aspectos metodológicos.....	32
1.2.1 Caracterização da pesquisa	32
1.2.2 Definições do caso e coleta dos dados	34
1.2.3 Primeira fase da pesquisa.....	35
1.2.4 Segunda fase da pesquisa: imersão etnográfica.....	36
1.2.5 Levantamento bibliográfico.....	39
2. HISTORIOGRAFIA SOBRE BANDAS MILITARES	41
2.1 Processo de importação e disseminação de um modelo performativo europeu de Banda militar	41
2.1.1 Literatura publicada em Portugal acerca da história da música militar	46
2.1.2 Dissertações de mestrado acerca das bandas militares em Portugal	52
2.2 O uso político da performance musical das bandas militares pelo Estado	56
2.2.1 A performance musical das bandas militares como um recurso de controlo social em Portugal	61
3. A BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA: PROTAGONISMO DE LONGA DATA	69
3.1 A Guarda Nacional Republicana	69
3.2 Breve percurso histórico da Banda	77

3.2.1. Eventos com impacte na história da Banda.....	84
3.2.2 Figuras com impacte na história da Banda.....	87
4. A VIDA MUSICAL NA BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA	104
4.1 A ritualização do quotidiano da Banda.....	104
4.2 Desenrolar da performance musical da Banda.....	110
4.2.1 A performance musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara no concerto de Ano Novo no Teatro Nacional de São Carlos.....	119
4.2.2 A participação da Banda na missa do 102º aniversário da Guarda Nacional Republicana	123
5. A FORMAÇÃO DE MÚSICOS NA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA	136
5.1 O processo de ensino da música na Sede da Banda.....	136
5.1.1 Processo de admissão de Guardas.....	140
5.1.2 Passagem da vida civil para à vida militar.....	141
5.2 Cursos de Formação e Promoção como requisitos para a ascensão profissional dos músicos	146
5.2.1 Curso de Promoção de Cabos.....	146
5.2.2 Admissão para o Curso de Formação de Sargentos	150
5.2.3 Curso de Formação de Sargentos.....	152
5.2.4 Curso de Promoção a Sargento-Ajudante.....	153
6. PERFORMANCE MUSICAL DA BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA NA PROCISSÃO DA SENHORA DA SAÚDE.....	157
6.1 A tradição religiosa da procissão da Senhora da Saúde e os laços históricos entre o Estado português e a Igreja Católica	158
6.2 A dimensão macro da procissão: intervenientes e gestão de espaços.....	164
6.3 A participação das bandas militares na procissão	168
6.4 A BMG NR na procissão – preparação e saída	172
6.5 Início da procissão dos Artilheiros	177
6.6 Secções da procissão.....	180
6.7 Final da procissão	188
7. CONCLUSÕES.....	191
REFERÊNCIAS	199
ENTREVISTAS.....	207
ANEXOS DIGITAIS	209

LISTA DE ANEXOS¹

- i Lista de Antiguidades do Quadro Honorífico Músico
- ii Distintivos utilizados pelos músicos da Banda em 2013
- iii Lista dos serviços realizados pelos grupos da Banda da GNR em 2013
- iv Programa dos concertos realizados pela Banda Sinfónica e Orquestra de Câmara em 2013
- v Horários das atividades da Banda em 2013
- vi Concerto da Banda Sinfónica da GNR – Évora (Teatro Garcia de Resende) em 2013
- vii Programa do concerto de Ano Novo da Banda Sinfónica e Orquestra de Câmara no teatro São Carlos em 2013
- viii Lista dos militares convocados para a missa do 102º aniversário da GNR
- ix Repertório executado pelo Coro na missa do 102º aniversário da GNR
- x Concorrentes para o Quadro Honorífico Músico 2010/2011
- xi Concorrentes para o Quadro Honorífico Clarim 2010/2011
- xii Disciplinas do Curso de formação de Guardas 2010/2011
- xiii Disciplina de música 2010/2011
- xiv Excertos relativos à prova que decorreu na admissão de Sargentos em 2012
- xv Componente Formativa Geral do Curso de Sargento-Ajudante em 2013
- xvi Componente Formativa da Especialidade (Música) do Curso de Sargento-Ajudante em 2013
- xvii Componente formativa Complementar Curso de Sargento-Ajudante em 2013
- xviii Lista dos Músicos nomeados para a procissão da Senhora da Saúde em 2013
- xix Estrutura da Charanga na procissão da Senhora da Saúde em 2013
- xx Estrutura da Banda da PSP na procissão da Senhora da Saúde em 2013
- xxi Estrutura da Banda do Exército na Procissão da Senhora da Saúde em 2013
- xxii Estrutura da Banda da Marinha na procissão da Senhora da Saúde em 2013
- xxiii Estrutura da Banda da GNR na procissão da Senhora da Saúde em 2013

¹ Os documentos abaixo listados encontram-se também em suporte digital, anexo ao corpo da tese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo teórico de análise: para cada um dos universos, o do Ritual, da Hierarquia militar, da Vida social e da Performance musical da BMGNR constitui um elemento estruturante e reformulador dessa realidade social.	32
Figura 2: Performance musical da Orquestra de Câmara no Instituto Português de Oncologia em Lisboa, 2016.	80
Figura 3: Mapas com a radiação dos serviços realizados pelos grupos da BMGNR em 2013/2014/2015/2016.	81
Figura 4: Sede da BMGNR no Quartel da Ajuda.	110
Figura 5: Estrutura da Banda Sinfónica para os concertos em Évora e Lisboa.	112
Figura 6: Estrutura da Orquestra de Câmara para os concertos em Évora e Lisboa.	115
Figura 7: Performance musical da Orquestra de Câmara no teatro São Carlos, 2013.	122
Figura 8: Performance musical da Banda Sinfónica no Teatro de São Carlos, 2013.	122
Figura 9: Militares da Guarda na missa de ação de graças pela passagem do 102º aniversário da GNR.	128
Figura 10: Celebração litúrgica da missa do 105º aniversário da GNR.	130
Figura 11: Participação do Coro da GNR na missa do 102º de aniversário da GNR.	131
Figura 12: Exemplo musical 1: Marcha de continência.	132
Figura 13: Exemplo musical 2: Toque de silêncio.	133
Figura 14: Exemplo musical 3: Toque em homenagem aos mortos em defesa da pátria.	133
Figura 15: Exemplo musical 4: Toque de alvorada.	134
Figura 16: Maria Cavaco Silva na cerimónia de investidura de Nossa Senhora da Saúde em 2013.	166
Figura 17: Exemplo musical 5: Excerto utilizado pela percussão para determinar o andamento e o início da marcha grave.	175
Figura 18: Itinerário da Procissão de Nossa Senhora da Saúde, Lisboa, 5 de maio de 2013.	178
Figura 19: Autoridades civis na procissão da Senhora da Saúde, Lisboa, 2013.	182
Figura 20: Imagem de Nossa Senhora da Saúde, Lisboa, 2013.	185
Figura 21: Autoridades religiosas na procissão da Senhora da Saúde, Lisboa, 2013.	187
Figura 22: Banda da GNR na procissão da Senhora da Saúde, Lisboa, 2013.	188

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

ASAE	Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica
BM	Banda Marcial
BMGNR	Banda de Música da Guarda Nacional Republicana
BN	Banda Nominada
BS	Banda Sinfónica
CAP	Capitão
CAPES	Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CARI	Comando da Administração dos recursos Internos
CDF	Comando de Doutrina e Formação
CFS	Curso de Formação de Sargentos
CIESS	Centro de Inativação de Explosivos e Segurança em subsolo
CO	Comando Operacional
CMOR	Cabo Mor
CPCB	Curso de Promoção de Cabos
CPSA	Curso de Promoção a Sargento-Ajudante
CTAFMI	Centro de Treino e Aprontamento de Forças para Missões Internacionais
EMFAR	Estatuto dos Militares das Forças Armadas
FNAT	Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho
GNR	Guarda Nacional Republicana
GPRIN	Guarda Principal
INET-MD	Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança
Maj	Major
OC	Orquestra da Câmara
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PAF	Plano Anual de Formação
PSP	Polícia de Segurança Pública
PJ	Polícia Judiciária
PM	Polícia Marítima
PMRN	Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte
RCAAP	Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal
RDPM	Regulamento Disciplinar da Polícia Militar

Preâmbulo

Nos primeiros anos da década de 1980, eu vivenciei uma experiência que foi marcante para minha vida. A essa época, residia em uma pequena cidade (Santo Antônio do Salto da Onça) do Estado do Rio Grande do Norte (RN) quando tive o meu primeiro contato com uma banda de música civil. Em frente à casa onde eu residia com minha família, ensaiava uma banda de música composta pelos músicos da região, sendo que alguns deles eram oriundos de bandas militares². Ao ouvir a música que emanava da sede onde a banda ensaiava, não obstante não visualizar a formação do grupo, eu ficava encantado ao ouvir as marchas e dobrados executados, o que foi marcante para a minha escolha profissional que ocorreria quinze anos depois. A banda de música, frequentemente participava nas festividades da cidade e especialmente, o evento que chamava a minha atenção era a preparação para o desfile de 7 de setembro pela forma coordenada como os músicos se postavam, o brilho e tamanho dos instrumentos e principalmente pelas indumentárias que eles apresentavam no dia do evento. Ainda sem compreender a diferença entre uma banda civil e uma banda militar, pois que a banda civil procurava em sua formação e suas vestimentas imitar as bandas militares, eu me encantava com a disciplina e organização que a banda apresentava quando acompanhava a formação dos alunos das escolas públicas que deveriam participar do desfile em comemoração aos festejos alusivos à independência do Brasil do domínio Português. Nessa época, vivíamos sob um regime ditatorial militar (revolução de 1964) e os alunos recebiam uma educação voltada para a obediência e disciplina, reproduzindo-se assim, na vida estudantil e civil, os preceitos que conduziam a vida militar, em um claro reflexo da hegemonia existente. Naquele momento, eu me imaginava fazendo parte de um agrupamento daqueles. Infelizmente, não tive a oportunidade de realizar esse sonho, pois, com apenas 7 anos não poderia ser admitido no grupo já que só era permitida a participação de adultos.

Por questões de trabalho, minha família mudou-se para a comunidade rural Umari no município (Lagoa de Pedra) onde não havia nenhuma banda de música. Todavia, vizinho à fazenda do meu avô morava um senhor que tocava cavaquinho. Como eu estudava no mesmo colégio que os filhos dele e sua casa ficava no caminho que eu trilhava para chegar à escola, costumávamos retornar juntos do colégio. Às vezes ele estava sentado na varanda executando o seu instrumento. Nesses momentos, a vontade de aprender um instrumento musical vinha à tona. Ele, percebendo o meu interesse pela música, perguntou-me se eu gostaria de aprender a tocar algum instrumento. Eu lhe respondi que sim. Então, ele me apresentou alguns instrumentos de percussão e me ensinou como

² Comprovei essa informação após ter ingressado na Banda da PMRN em 1997.

percuti-los e como eu deveria utilizá-los para acompanhar os diferentes gêneros musicais. A metodologia utilizada por ele era o processo de imitação. Ele, inicialmente, mostrava-me como tocar, e, em seguida eu tinha que reproduzir os ritmos que ele havia executado. Ele não conhecia a gramática musical. Logo que consegui uma certa independência e utilizada destreza e capacidade de executar os ritmos de forma correta, passei a acompanhá-lo em suas *performances*.

Como no nosso município não havia escola de 1º e 2º graus, e como a minha mãe desejava que seus filhos prosseguissem nos seus estudos, mais uma vez tivemos que nos mudar. Desta feita para a capital do Estado, a cidade de Natal. Assim, o início da minha adolescência foi marcado pelo reencontro com a música, ou melhor, com a banda de música que havia na igreja na qual a mãe congregava. Minha mãe, sabedora do meu interesse pela música, solicitou ao maestro Edson Garcia que fizesse um teste comigo para ver a possibilidade de eu ser aproveitado no quadro de aprendizes. Mesmo dispondo de poucos instrumentos, a banda apresentava um repertório de marchas e dobrados que me fazia lembrar da primeira banda que eu havia conhecido em Santo Antônio do Salto da Onça. Apesar de a banda se focar no repertório voltado para os trabalhos da igreja, eu interessava-me imenso pelas suas atividades. Quando do primeiro contato com o professor de música Francinilson Freire, ele me perguntou se eu queria tocar trombone. Eu não sabia do que se tratava, pois os únicos instrumentos que eu conhecia eram os instrumentos de percussão (pandeiro e triângulo). Pedi a ele que me mostrasse qual era o trombone. Ele trouxe um instrumento bastante antigo e com características de ter sido bastante usado. Mesmo assim, aceitei o desafio e comecei a estudar o trombone.

O estudo de um instrumento de sopro demanda um certo tempo para que se possa ter uma boa destreza na sua execução. No entanto, eu mostrava uma ansiedade para participar das atividades da banda, fato que levou o Maestro, sabedor de meu anterior contato com os instrumentos de percussão, a dar-me oportunidade de tocar o Bumbo e o Prato, o que me deixou assaz feliz. Essa prática de colocar os aprendizes dos instrumentos de sopro para executar os instrumentos percussivos é muito comum nas bandas civis, pois há um interesse maior pelos instrumentos de sopro do que pelos percussivos, pois toda banda carece de um bom e reforçado naipe de percussão.

Percebendo o meu interesse cada vez mais evidente pela aprendizagem musical, alguns colegas que já estudavam em um conservatório, sugeriram-me que frequentasse o Instituto de Música Waldemar de Almeida³ onde com certeza eu conseguiria encontrar o conhecimento que procurava.

³ Essa instituição pertence à Fundação José Augusto.

Nessa unidade especializada tive contato com professores e instrumentistas que foram de crucial importância não só na minha formação, como também na minha decisão de seguir a carreira de músico militar. Aditado a isso, havia a sugestão de alguns músicos da igreja frequentada que pertenciam à banda da polícia militar do Estado do Rio Grande do Norte (PMRN) e que apontavam o ingresso nessa corporação como forma de garantir um emprego estável e com um estatuto social considerável.

Ingresso na carreira policial militar

Ao atingir a maioridade (18 anos), iniciei a busca por um emprego que me desse uma mínima estabilidade, lembrando-me sempre da sugestão dos músicos militares que também faziam parte da banda da Igreja. Em 1997, eu agora com 19 anos, fiquei a saber que o governo do Estado do Rio Grande do Norte tinha aberto processo seletivo para admissão de policiais nas fileiras da polícia militar. Incentivado pelo meu pai e por alguns músicos que pertenciam à banda da polícia militar, inscrevi-me no processo seletivo. Fui aprovado e admitido no Curso de Formação de Soldados da PMRN. Durante o Curso de Formação, deparei-me com os rigores da formalização existente na instituição militar que mantinha uma forte componente hierárquica e era exercida com normas e regulamentos que preconizavam um controle dos comportamentos e determinavam as práticas comportamentais do dia a dia dos alunos militares. Esses comportamentos ritualizados, que eram observados no cotidiano, como: o vestir do uniforme, a forma de andar, sentar à mesa durante as refeições, nos descolamentos, enfim, tudo isso me fascinava.

Além disso, também defrontei-me com uma constelações de símbolos utilizados na instituição que remetiam à manutenção da ordem social dos membros da Polícia militar, entre os quais destaco: os toques indicativos de ações ou de informação como o toque da alvorada que acontecia todos os dias às 5h da manhã e que indicava que todos deveriam levantar, o toque que anunciava a chegada do comandante, o do início e término do expediente, entre outros. Observei o simbolismo representado através das bandeiras das unidades, dos uniformes específicos, das insígnias que distinguiam as graduações e os postos hierárquicos, assim como as coreografias executadas nas paradas (formaturas), quando os músicos utilizavam os instrumentos musicais para fazer os mesmos movimentos coreográficos e simétricos que os militares faziam com suas armas.

Após a conclusão do Curso de Formação de Soldados, fui designado para desempenhar as tarefas de cunho operacional. Contudo, como eu já tinha uma formação musical procurei pelo Maestro da

banda Tenente José Carlos para lhe comunicar do meu desejo de compor o quadro de músico da banda da Instituição. Ele me afirmou que era possível, todavia eu deveria me submeter a um teste de aptidão. Solicitei que fosse marcado o referido teste. No dia programado o maestro iniciou o teste solicitando que lesse uma partitura de minha livre escolha e a executasse no instrumento. Continuou fazendo algumas perguntas sobre a gramática musical, mais especificamente aos seus elementos constitutivos como escalas, acidentes, intervalos etc. Após ter passado no teste a que fui submetido, me foi concedido um prazo de três meses para que eu demonstrasse pleno domínio das atividades concernentes a função de músico da banda, como por exemplo, demonstrar total domínio na execução das partituras que compunham o acervo do trombone. Caso eu não demonstrasse domínio na execução do repertório eu seria devolvido para desempenhar as atividades operacionais. Assim, passei a compor o quadro de policiais músicos, sendo lotado na banda de música da PMRN.

Ingresso na banda de música da PMRN

Na condição de integrante da banda de música eu me sentia realizado, contudo, sentia também o peso da responsabilidade, pois não podia decepcionar o grupo, visto que muitas atividades são realizadas de forma coletiva, a exemplo da movimentação da tropa que deve ser uniforme, com passos simétricos, o que exige uma intensa concentração quando esses movimentos são executados ao mesmo tempo que se toca os instrumentos. O temor de não corresponder às expectativas do grupo era presente todo o tempo, até porque todos os componentes da banda haviam sido promovidos à graduação superior (Cabos e Sargentos), estando apenas eu e um outro companheiro na condição de soldado⁴. Nessa condição, eu tinha que seguir as ordens dos meus superiores hierárquicos e me adequar ao regulamento interno⁵ da corporação, além de me dedicar ao estudo do trombone como a meta de memorizar o repertório, composto principalmente de marchas, dobrados e hinos. Muitas vezes, após o término do expediente no quartel, assim como nas minhas horas de folga, continuava estudando os trechos de maior complexidade buscando assim, melhorar a minha *performance*.

Na condição de iniciante, fui designado para tocar as partituras da terceira estante (terceiro trombone), pelo fato do grau de dificuldade não ser elevado, uma vez que geralmente os solos e as partes mais complexas são executados pelos músicos que respondem pela primeira estante. Em uma tentativa de aprimorar meus conhecimentos e crescer na carreira de músico militar, solicitei

⁴ O cargo de soldado é a primeira graduação na escala hierárquica da PMRN.

⁵ Regulamento disciplinar da polícia militar - RDPM

permissão do meu chefe imediato para prestar o concurso de vestibular para o Curso Superior de Música na habilitação em trombone. A sua resposta foi favorável e estimulante, o que me levou a intensificar os estudos para enfrentar mais esse desafio. O esforço foi compensado com a aprovação no ano de 1999, o que favoreceu sobremaneira os contatos com docentes que ajudaram na minha formação acadêmica. Em 2003, após 4 anos, concluí a graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

No Quartel da PMRN, devido à escassez de vagas para músicos na orgânica da banda para graduados (Cabos e Sargentos), eu permanecia na condição de soldado, apesar do título de bacharel em trombone. Assim, o maestro da banda percebendo meu esforço e domínio técnico no instrumento, foi me promovendo no naipe e meus superiores hierárquicos sendo “rebaixados” a posições inferiores, ou seja, para a segunda e terceira estantes. Naquela altura, passei a responder pela primeira estante do trombone com a responsabilidade de executar os principais solos e as partes de maior complexidade, configurando assim, portanto, na minha percepção, uma flexibilização da hierarquia militar, em que a competência musical parecia ser um factor decisivo para a *performance* musical da Banda. Surpreendeu-me essa troca de funções observadas, visto que esse tipo mudança de papéis não deveria ser comum em um ambiente rigorosamente hierarquizado como a PMRN. Mais tarde, com a convivência na instituição militar, passei a perceber que esse tipo de inversão não ocorre nos outros sectores do quartel, mas parece ser visto em campos de atividades performáticas como era o caso da banda de música da PMRN.

Exercendo a função de músico militar e investigador

Paralelamente à minha condição de músico militar, também exerci a função de professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde observei que, não obstante minha formação de bacharel em trombone, carecia de um maior conhecimento e embasamento para trabalhar com turmas coletivas. Diante dessas questões, cheguei à conclusão de que a opção mais viável seria ingressar no Curso de Mestrado em Música em uma Universidade que ficasse mais próximo de minha residência, e a escolha recaiu sobre a Universidade Federal da Paraíba.

A partir do meu ingresso no mestrado em 2009, foi possível conhecer o campo epistemológico da etnomusicologia e saber como utilizar as ferramentas metodológicas para a compreensão do fazer musical na banda da polícia, grupo escolhido para ser investigado, principalmente por possuir um grande impacto na vida musical da cidade de Natal e, inclusive em todo o Estado, contando com

uma média de 200 atuações por ano (Fontoura, 2011). Durante a revisão bibliográfica da minha dissertação de mestrado sobre a banda da PMRN, ficou demonstrado, por conta da literatura existente sobre o assunto, que a formação das bandas militares brasileiras teve origem a partir das bandas portuguesas (Binder, 2006). Essa constatação me levou a pensar em realizar um estudo no país que foi o berço das bandas militares existentes no Brasil e o seu protagonismo.

Em abril de 2011, com a conclusão do mestrado e com a aprovação de uma proposta de apresentação de uma comunicação internacional sobre a banda da PMRN no Encontro de Investigação em Performance (*Performa 11*), foi possível conhecer Portugal e a Universidade de Aveiro. Nesse encontro, dialoguei com os professores da instituição, principalmente Susana Sardo, Jorge Castro e Rosário Pestana e aproveitei a ocasião para levantar informações acerca das linhas de pesquisas daquela Universidade, bem como investigações realizadas sobre bandas militares, pois sabia que Portugal mantinha uma tradição de ter muitas bandas filarmônicas e militares. Ainda durante o encontro, soube do concurso para doutoramento em música, a que me candidatei, vindo a ser aprovado posteriormente.

Universo de observação

Assim, com a possibilidade de realizar uma investigação em nível de doutoramento e dar continuidade à pesquisa do mestrado, não hesitei em escolher uma banda militar portuguesa que se aproximasse do contexto das bandas das polícias militares brasileiras. Entre as bandas militares das Forças Armadas portuguesa, escolhi a Banda de Música da Guarda Nacional Republicana (BMGNR) em Lisboa⁶ por ser uma instituição de segurança pública em Portugal, assemelhando-se com a minha realidade de investigação no Brasil, o que me propiciaria a oportunidade de aproveitar a minha experiência anteriormente conquistada com minha pesquisa já realizada no Brasil. Seria uma experiência singular para que eu pudesse compreender o fazer musical desse grupo e buscar respostas para inúmeras questões que permeavam minha mente. Assim, definida a escolha, iniciaram-se os contatos entre a Universidade de Aveiro e o sector de comunicação da GNR, o que facilitou a autorização para o início da investigação.

⁶ Em Lisboa está concentrada a maioria dos grupos musicais da GNR, a saber. A Banda Sinfónica e Marcial, a Orquestra de Câmara e Fanfara. No Porto há uma Banda Marcial constituída, em 2013, por 16 instrumentistas.

INTRODUÇÃO

O papel principal da música da banda pode ser o de proporcionar o ritmo que promove a sincronização dos movimentos coletivos, mas não é qualquer música que é usada para incentivar esta sincronia. A banda toca músicas com fortes associações culturais. Seus repertórios são capazes de articular as sensações corporais do ato coletivo a emoções e discursos de relevância aos participantes. A eficácia da banda deriva da forma como articula as identidades dos participantes ao espaço geográfico de suas performances. A atuação da banda é, portanto, central à demarcação do espaço público bem como de sua redefinição e contestação. Cabe, enfim, à banda, atuar como mediador privilegiado no diálogo entre o ritual e a experiência cotidiana da rua.

Suzel Reily (2008, p. 27).

Problemática e objetivos

As bandas de música militares estão disseminadas ao redor do globo⁷ e apresentam aspectos particulares, em função das características culturais de cada sociedade, bem como no que se refere à composição dos instrumentos musicais e repertórios em uso (Reily & Brucher, 2013). Todavia, um elemento comum nessas instituições é a relação histórica que mantêm com o Estado, o que persiste no século XXI, tendo como ponto mais visível, a participação nas paradas militares, onde é evidenciado o poder do Estado através da exposição da sua força bélica e por grandes números de homens uniformizados e armados, marchando com passos sincronizados, conforme ocorre frequentemente em exposições públicas de força e garbo militar em países como a Coreia do Norte, China, Japão, Índia, Filipinas, Brasil, Argentina, França, Alemanha, Rússia, Estados Unidos, entre outros⁸ (Reily & Brucher, 2013; Fontoura, 2011; Reily, 2008; Booth, 2005; Kertzer, 1988).

Outra particularidade sobre as Bandas militares, especialmente em países cuja religião predominante é o Catolicismo Romano, como no sul da Europa, diz respeito à efetiva participação desses grupos nos ritos religiosos da Igreja como nas procissões, missas e atos solenes (Reily, 2008). As Bandas militares também executam atividades concertísticas para a sociedade civil, sendo reconhecidas como fortes influenciadoras das bandas civis⁹, sobretudo nos uniformes, difusão de

⁷ Suzel Reily e Katherine Brucher, no trabalho *Brass Bands of the World: Militarism, Colonial Legacies, and Local Music Making* estudam essa questão, defendendo que as bandas militares estão espalhadas ao redor do globo, cada uma com sua particularidade, mas partilhando a mesma função: evidenciar, através da sua *performance* musical, o poder do Estado (2013).

⁸ Disponível em: <http://abordagempolicial.com/2010/07/desfiles-e-paradas-militares-pelo-mundo-videos/> Acesso em: 20 jan. 2017.

⁹ Em Portugal, as bandas civis são denominadas bandas filarmônicas. Neste trabalho utilizo o termo banda civil como sinônimo de banda filarmônica.

repertórios, similaridades nas composições dos grupos e principalmente na iniciação musical de instrumentistas de sopros e percussão (Sousa, 2008; Binder, 2006). Embora a presença da banda militar seja efetiva nesses contextos citados, há carência de estudos etnográficos que descrevam a realidade interna da corporação, com ênfase no quotidiano dos músicos, que reflitam sobre as relações hierárquicas estabelecidas entre seus integrantes, bem como da participação da banda nos rituais do Quartel. Há também uma lacuna acerca de informações no âmbito de um estudo monográfico sobre o processo de ensino e aprendizagem da música na instituição militar e sobre o conhecimento do papel sociocultural que as bandas desempenham nos diferentes contextos, nomeadamente através do estudo da música como fenómeno sonoro e social. Esse estudo poderá ajudar a preencher essas lacunas.

Em Portugal, as atividades dos agrupamentos musicais militares remontam ao final do século XVIII ou ao início do século XIX (Freitas, 1946; Brucher, 2005; Sousa, 2008). Todavia, nas narrativas historiográficas sobre a música em Portugal, o domínio em que emergem os agrupamentos militares não aparece representado, pelo menos com a dimensão correspondente ao seu real impacte na vida musical, conforme publicado nos trabalhos de (Nery & Castro, 1991; Cymbron & Brito, 1992). Conforme Helena Lourosa (2012), há em Portugal cerca de 800 bandas civis. Não estão englobadas nesse universo as formações militares.

Na cidade de Lisboa, onde estão concentrados os comandos das instituições de defesa nacional e de segurança pública, também existe um número expressivo de bandas de música, entre elas a BMGNR. A Banda tem-se distinguido das demais congéneres militares¹⁰ sediadas em Lisboa, essencialmente pelo seu repertório (constituído por cerca 3000 obras), principalmente peças da “música erudita”¹¹, bem como pela participação no âmbito das ações de Representação a nível do Protocolo de Estado¹² (Alferes, 2012). Podemos entender o Protocolo de Estado, no qual a BMGNR é protagonista, a partir da *Lei das Precedências do Protocolo do Estado Português Lei n.º 40/2006, de 25 de Agosto*¹³, como sendo um conjunto de procedimentos e regras de funcionamento a aplicar

¹⁰Banda da Força Aérea, Banda da Marinha, Banda do Exército e a Banda da Polícia de Segurança Pública.

¹¹Em Portugal, o universo musical compreendido pela tradição escrita ocidental é comumente designado “música erudita” ou “música clássica” e, mais raramente, “música culta”. Neste estudo adopto a primeira designação, consciente de que, conforme explorado por São José Corte-Real em 1991, e mais recentemente por Salwa Castelo-Branco (2008), a categorização musical é um domínio de conflito e luta social.

¹²A utilização das bandas militares em funções de representação a nível do Protocolo de Estado e em cerimónias civis e militares é comum a vários países do mundo ocidental. Suzel Reily e Katherine Brucher (2015), no trabalho *Brass Bands of the World: Militarism, Colonial Legacies, and Local Music Making*, estudam essa questão, defendendo que as bandas militares estão espalhadas ao redor do globo, cada uma com sua particularidade, mas partilhando a mesma função: evidenciar, através da sua *performance* musical, o poder do Estado.

¹³Disponível em: https://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/Legislacao_Anotada/Lei_PrecedenciasProtocoloEstadoPortugues_Simples.pdf/. Acesso em: 04 fev. 2016.

em cerimónias e ocasiões em que se encontram representados os chefes de Estado e outras autoridades. Assim, a BMGNR tem por objetivo não só criar uma forma oficial de ordenar as precedências nos atos oficiais como também regulamentar os procedimentos que devem ser adotados no respectivo país face a determinados atos em que estão presentes várias personalidades com representação política, militar, diplomática ou religiosa.

Na prática, o Protocolo de Estado organiza as ações de um determinado espaço social (determinando quem preside a uma cerimónia civil ou militar, quem se senta ou anda ao lado de quem, quem entra primeiro numa sala, quem faz uso da palavra), com a finalidade de facilitar o entendimento geral dos presentes. Além da atuação da Banda no âmbito das ações a nível das Representações de Protocolo do Estado, a *performance* musical da BMGNR, contribui para a estruturação de contextos sociais como as cerimónias militares, religiosas¹⁴, culturais e recreativas e de divulgação da GNR (Durão, 2010).

Os integrantes¹⁵ da BMGNR são funcionários públicos que estão a desempenhar a função de Guardas militares do Estado Português e ocupam diversos postos hierárquicos, cuja compreensão vai desde a graduação de Guarda (primeiro posto da escala hierárquica da GNR) até ao posto de Major (cargo ocupado pelo maestro da Banda). Os músicos que compõem a BMGNR, como militares, em qualquer nível de graduação (independentemente de género, função, especialidade exercida dentro da organização) são submetidos ao cumprimento de regras de conduta, e o que assegura tal ordem social e eficiência das ações no quotidiano é a submissão à hierarquia.

Nessa perspectiva, Piere Leiner (1997) destaca que as Forças Armadas são altamente organizadas e a hierarquia se mostra como norteadora das condutas individuais e coletivas dos indivíduos; sendo, portanto, o princípio primeiro da divisão social de tarefas, papéis e *status* no interior dos Quartéis; determina condutas e estrutura, bem como as relações de comando e obediência. Na ótica do autor, o militar está sujeito às normas desde o ingresso no quartel e, ao longo da vida ativa está imerso numa rede de relações com regras próprias, as quais organizam nas rotinas do quotidiano, numa tentativa de homogeneizar um modo de se comportar dentro da caserna.

A absorção dessas normas pelos militares, organiza-se através de um aprendizado que é inclusive corporal, numa espécie de adestramento dos movimentos que devem ser incorporados a fundo pelos indivíduos nos cursos oferecidos pela instituição, tendo como ponto base a hierarquia

¹⁴ Em relação as cerimónias religiosas no capítulo 6 trata da participação da BMGNR na Procissão da Senhora da Saúde em Lisboa.

¹⁵ Em 2013, o efetivo era composto por 173 militares masculinos e apenas um do sexo feminino (cf. Anexo i)

(Carvilha, 2009). Esse modo de controle que tipifica as ações dos militares se cristaliza no ambiente do quartel por meio da ordem de atos e discursos que devem ser incorporados e, rigorosamente observados pelos membros da corporação, independentemente da especialidade que o indivíduo desempenha dentro da instituição (Fontoura, 2011).

É importante ainda observar que nesse universo repleto de normas de condutas, determinações e hierarquias, o músico militar, pelo facto de exercer funções artísticas na caserna não é eximido de cumprir as regras da corporação e, caso a instituição o convoque para exercer atividade alheia à sua função, como, por exemplo, a função de combatente, deve estar pronto para executá-la (Fontoura, 2011). Deixando claro, portanto, pelas normas da instituição que, antes da especialidade vem o ser militar.

A GNR é uma instituição militar que se faz apresentar fechada, “total”, cheia de normas e determinações, altamente hierárquica, como as demais congêneres das Forças Armadas¹⁶. Essa instituição foi criada para a construção da ideia de coletivo ser um valor superior ao do indivíduo (Santos, 2012). A GNR, enquanto participante das Forças Armadas, pode ser enquadrada dentro da definição de instituição total. Erving Goffman (1961) desenvolve o conceito de “instituição total”, dando como exemplo os hospitais psiquiátricos, as prisões, os conventos e os quartéis. O referido autor designa, como instituição total, um local de residência e trabalho, onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla, por considerável período de tempo, leva uma vida fechada, com um controle formal de horários e procedimentos, segundo o plano racional da instituição e formalmente administrada (Goffman, 2010, p. 11).

No caso particular da GNR, a instituição quotidianamente incute nos seus membros uma série de valores de obediência, submissão, assiduidade e pontualidade. Diversos fatores concorrem para isso, como leis, ordens internas, regulamentos, estatutos, dentre outros, os quais, além de delimitarem exatamente deveres e direitos individuais, plural como deve ser a conduta de cada elemento em várias situações (Santos, 2012). Esse processo visa alterar modos de pensar, sentir e agir, a fim de que acate sem questionamento o modelo administrativo praticado pela Guarda, alicerçado na hierarquia e assegurado pela prática disciplinar, inserido no comportamento do militar, desde o momento que ingressa na carreira (*Ibid*). Essas características, percebidas por mim

¹⁶ Esse assunto será apresentado no capítulo 3, o qual trata das particularidades que definem o funcionamento da GNR, como a sua missão, a sua dimensão estrutural e seus atuais regulamentos, os quais gerem o quotidiano dos militares, incluindo os músicos.

em uma instituição militar congénere no Brasil, bem como no terreno em Portugal, parecem anular as personalidades individuais dos seus Guardas, configurando-se, portanto, a preeminência da coletividade sobre os seus militares.

Mesmo se tratando de uma instituição total, na acepção de Goffman, observei a flexibilização da atividade profissional dos músicos no quotidiano da GNR, o que está em desacordo com a produção teórica apresentada anteriormente sobre as instituições militares. Essa questão pode ser melhor entendida a partir dos escritos de Howard Becker, quando ele destaca que o artista é um indivíduo que a sociedade, no seu conjunto, considera especial, pois demonstra a “posse de dotes singulares”, como, por exemplo, talentos, dons, aptidões, que poucas pessoas possuem. Além disso, esses indivíduos fornecem um trabalho considerado particularmente importante para a sociedade, por causa disso, esses obtêm privilégios exclusivos dentro de uma determinada coletividade (Becker, 2010, p. 39). No entanto, para o autor, nem todos os artistas detêm esses privilégios exclusivos, já que há mecanismos muito concretos para se fazer essa triagem, que varia em função das sociedades e das disciplinas artísticas.

No caso da BMGNR, para ser músico nessa instituição, o militar, ao longo da carreira ativa, precisa comprovar destreza técnica no instrumento e em outros conhecimentos musicais. Conforme observei no terreno, bem como, na literatura acerca da BMGNR (Flamino, 1995; Brito, 2006; Figueiredo, 2007; Silva, 2010; Alferes, 2012; Madureira, 2013), há diversos músicos que pertencem à instituição, mas exercem atividade musical fora desse âmbito, como, por exemplo, nas orquestras, como maestros ou como professores de música em conservatórios. Nesse caso, parece que, pelo facto de os músicos da BMGNR se particularizarem dentro e fora da instituição pelo viés artístico, esses indivíduos se enquadram na categoria de artistas apresentada por Becker (2010) e, por isso, obtêm um tratamento diferenciado na GNR.

Este trabalho pode contribuir para o esclarecimento da ambivalência vivida pelo músico no ambiente militar. Especialmente se levarmos em consideração que esses indivíduos estão numa carreira militar, a qual têm que se sujeitar a uma série de exigências como os cursos de formação e aperfeiçoamento oferecidos pela GNR ao longo da vida militar, para fazerem provas daquilo que são. Paralelamente diferente dos seus outros pares na instituição, são também músicos em um contexto onde a *performance* musical é de grande excelência.

Nesse sentido, importa estabelecer as seguintes questões de partida: em que medida a *performance* musical pode ser um elemento estruturante de contextos sociais e reformulador das relações hierárquicas de uma banda de música militar? Quais as relações históricas entre as Forças Armadas e as bandas de música, em especial a GNR? Como a instituição articula interna e externamente a questão do ser músico e do ser militar? Por fim, quais são os contextos performativos da BMGNR? São algumas das questões que enformam este estudo.

Objetivos

Para responder às questões apresentadas, esta investigação tem como objetivo geral compreender o papel da *performance* musical da BMGNR enquanto elemento estruturante e reformulador de contextos sociais. Para atingir o objetivo proposto, será necessário atender aos 5 objetivos específicos abaixo.

- a) Conhecer e discutir criticamente a produção literária e académica produzida sobre as bandas militares;
- b) Contextualizar historicamente a BMGNR no universo das bandas militares em Portugal, desde a sua emergência até 2016;
- c) Perceber as razões pelas quais os elementos da BMGNR elegem certas figuras e acontecimentos como representativos da sua história;
- d) Compreender a vida musical da BMGNR no âmbito interno da Guarda Nacional Republicana;
- e) Refletir sobre as participações da BMGNR em eventos extraordinários realizados na esfera pública.

Estrutura da tese

Em uma tentativa de facilitar a compreensão deste trabalho, o dividi em seis capítulos: 1. Enquadramento Teórico e Metodologia; 2. Historiografia sobre as bandas militares; 3. A Banda da Guarda Nacional Republicana: protagonismo de longa data; 4. A vida musical na Banda da Guarda Nacional Republicana; 5. A formação de músicos na Guarda Nacional Republicana; 6. *Performance* musical da Banda da Guarda Nacional Republicana na procissão da Senhora da Saúde. Ao longo deste trabalho, apresento as principais particularidades inerentes à BMGNR.

No primeiro capítulo, apresento os alicerces teóricos da pesquisa, dialogando com autores que trouxeram contribuições epistémicas, enfatizando os trabalhos dos etnomusicólogos. Nesse capítulo, explano ainda sobre os processos metodológicos utilizados, apresentando a minha incursão nesse universo.

No segundo capítulo, apresento uma historiografia sobre a música e as bandas militares, tendo como fonte as publicações que achei pertinentes. Para compreender o fazer musical e as práticas dessas instituições na contemporaneidade, bem como as relações estabelecidas com a sociedade e o Estado, o estudo foi delimitado em categorias: literatura internacional e literatura ‘nacional’ no âmbito português e estudos académicos e não académicos. Além disso, criaram-se tipologias que permitiram agrupar as publicações, segundo aspectos comuns, tendo-se, depois, apresentado as especificidades de cada contributo. Ainda nesse capítulo, apresento o uso político da *performance* musical das bandas militares pelo Estado, principalmente ao longo do século XX e as consequências dessa prática em Portugal, bem como o papel das bandas militares após as transformações do 25 de Abril de 1974.

Com o intuito de posicionar a GNR entre as Forças Armadas e as Forças de Segurança em Portugal, mais especificamente na cidade de Lisboa, no terceiro capítulo, apresento as particularidades que definem o funcionamento dessa instituição, como a sua missão, a sua dimensão estrutural e seus atuais regulamentos, os quais ordenam o quotidiano dos militares, incluindo os músicos. A partir de uma reflexão mais abrangente da expressão cultural no país e no estrangeiro, apresento aspectos singulares que definem a prática musical da BMG NR em Lisboa, pois foi nesse contexto sociocultural que o grupo teve origem e onde suas *performances* musicais se fizeram necessárias e, desde o final do século XIX, vem contribuindo para que se tenha uma visão do grupo como diferenciado das demais bandas militares. Ainda nesse capítulo, destaco os principais eventos com impacto na trajetória da Banda, bem como, os diversos protagonistas que fizeram ou fazem parte dessa caminhada.

No quarto capítulo, faço uma reflexão sobre a vida musical no âmbito do Quartel da GNR situado no Bairro da Ajuda. Nesse ambiente social militar está inserida a Sede da BMG NR onde os seus músicos cumprem uma rotina de ensaios, participam de cursos de Formação e Promoção, reuniões, condicionamento físico e apresentações, entre outras atividades. Entre as atividades do quotidiano, destaco a preparação da Banda Sinfónica e da Orquestra da Câmara, para o concerto de Ano Novo que aconteceu no teatro de São Carlos, bem como a participação dos músicos da Banda Marcial e

Fanfarra, tudo por mim observado. Naquela ocasião, presenciei também a formação de um Coro e um Terno de Corneteiros na missa em ação de graças pela passagem do 102º aniversário da GNR na basílica dos Mártires em Lisboa.

No quinto capítulo, são apresentadas as principais características que constituem o processo de ensino da música na Banda. Início pela importância da formação dentro da estrutura da GNR e os requisitos exigidos para cada posto hierárquico. Para realização do presente trabalho foi feita observação num período de seis meses nos Cursos de Formação (Sargentos) e Promoção (Sargento-Ajudante) no âmbito da BMGNR. Foram observadas as aulas e atividades práticas dos alunos, bem como feitas análises nos documentos da secção de Instrução e Formação da Banda.

No sexto capítulo, reflito sobre a *performance* musical da Banda na procissão da Senhora da Saúde. Assim, nessa parte do trabalho, apresento a tradição religiosa dessa procissão e os laços históricos entre o Estado português e a Igreja Católica. Os elementos estruturais, como a dimensão macro da procissão: intervenientes e gestão de espaços; a participação das três bandas militares, uma charanga a cavalo e a Banda da GNR são analisados considerando, sobretudo, elementos definidores da *performance* musical, para a estruturação e manutenção dessa procissão.

Com os substratos apresentados nos seis capítulos, presumo que o trabalho possa proporcionar uma visão abrangente da BMGNR como fenómeno cultural, e a importância e o contributo da música para o ambiente militar, bem como às dimensões socioculturais e educacionais, que caracterizam a prática musical desse grupo. De maneira sistemática, as discussões realizadas em cada parte estão inter-relacionadas na configuração do trabalho que, penso, proporciona, em sua totalidade, uma compreensão da *performance* musical enquanto elemento estruturante e reformulador de contextos sociais.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLOGIA

No primeiro capítulo desta tese, apresento o enquadramento teórico, de modo a perceber a realidade a estudar. Com o propósito de dar resposta às questões apresentadas anteriormente, ao longo deste texto, recorrerei aos conceitos de “vida social”, “*performance* musical”, “hierarquia militar” e “processo ritual”, que nortearão a minha análise e reflexão nesta investigação sobre a BMGNR. Por fim, são apresentados os aspectos metodológicos, a caracterização da pesquisa e as definições do caso e de como os dados foram coletados.

1.1 Análise conceptual

1.1.1 *Vida Social*

A música ocupa, dentro de cada sociedade, um significativo espaço na vida social, sendo, portanto, produto das vivências, dos valores, das crenças, possibilita a inserção do indivíduo como parte da sociedade (Frith, 1996; Blacking, 1995). Inter-relacionada à vida social e, por conseguinte, às escalas de valores e significados por ela estabelecidas, a música integra em dimensões estruturais, formas, valores e emoções, especificidades do contexto social que a produz (Seeger [1987] 2015, p. 16).

Estudos etnomusicológicos têm buscado retratar a relação entre música e vida social, reforçando o papel da música como elemento de integração social. Esses estudos adquiriram relevância particular não só pelo impacto que têm na história da disciplina da etnomusicologia, como também porque sintetizam um processo ao longo do qual a música deixou de ser compreendida como um reflexo da sociedade para ser entendida enquanto elemento transformador da mesma. Nessa perspectiva, o papel da música não é “apenas” algo que faz parte da cultura, devendo ser perspectivada como um elemento que possibilita interação social dos indivíduos (Merriam, 1964)¹⁷. Alan Merriam defende que música é um meio de interação social e o fazer musical (comportamento aprendido), possibilita uma forma simbólica de comunicação na inter-relação entre indivíduo e grupo:

¹⁷ Alan Merriam evidenciou a pesquisa etnomusicológica como “the study of music in culture” para, na década seguinte, realçar ainda mais o paradigma cultural, definindo a área de pesquisa como “the study of music as culture” (Merriam, 1964, 1977).

Music is a uniquely human phenomenon which exists only in terms of social interaction; that it is made by people for other people, and it is learned behavior. It does not and cannot exist by, of, and for itself; there must always be human beings doing something to produce it. In short, music cannot be defined as a phenomenon of sound alone, for it involves the behavior of individuals and groups of individuals, and its particular organization demands the social concurrence of people who decide what it can and cannot be (Merriam, 1964, p. 27).

Esse ponto de vista foi também paradigmaticamente representado no estudo de John Blacking, quando o mesmo afirma que o fazer musical pode ser um elemento unificador de uma sociedade. Com base nos estudos das músicas do povo Venda, John Blacking (1967) reforça o valor da experiência coletiva no fazer musical, afirmando que “o interesse das pessoas pode não estar na música em si, mas em outras atividades associadas a este fazer enquanto atividade social” (p. 43).

Anthony Seeger, por sua vez, reforça o contributo da música enquanto elemento unificador da sociedade, quando afirma que: “Pode-se encarar a aldeia *Kzédjé* como uma sala de concertos, seu ciclo anual como uma série de concertos e sua população como uma orquestra” (Seeger, [1987] 2015, p. 139). Esta abordagem à música enquanto elemento estruturante da vida social foi também defendida por Simon Frith, que em vez de se olhar a música como um reflexo da sociedade, sugere que se considere o papel da música na estruturação da própria sociedade e do indivíduo que a produz e a ouve (Frith, 1996, p. 108 cit. *in* Pestana, 2008, p. 22). Partindo desse pressuposto, fica patente que uma prática musical apresenta particularidades que transcendem as suas dimensões estruturais, fazendo da música um elemento sonoro que agrega aspectos e experiências culturais compartilhados pelos seus praticantes no universo social que os rodeia.

Seguindo essa perspectiva, em estudo mais recente, Thomas Turino (2008) também apresenta o papel da música na sociedade como parte importante da experiência humana no âmbito social, quando apresenta a “música como vida social”, com seu alerta de que “a música não é uma forma de arte unitária, pelo contrário, este termo se refere a tipos de atividade fundamentalmente distintos que atendem a diferentes necessidades e maneiras de ser humano¹⁸ (Turino, 2008, p. 1). Essa afirmação leva o referido autor a propor que a música é um recurso fundamental para conectar pessoas, comunidades e meio ambiente, bem como, para os “povos compreenderem de si mesmos

¹⁸ [...] *music is not a unitary art form, but rather that this term refers to fundamentally distinct types of activities that fulfill different needs and ways of being human* (Turino, 2008, p. 1).

e de suas identidades” (*ibidem*). Esta visão proposta por Thomas Turino é particularmente útil para a compreensão do meu universo de estudo, uma vez que as *performances* musicais da BMG NR, nos diferentes espaços da vida social portuguesa, possibilitam experiências musicais e interação social através do seu repertório.

1.1.2 *Performance musical*

Para compreender o papel da *performance* musical da BMG NR enquanto elemento estruturante de contextos sociais, torna-se necessário perceber os múltiplos discursos que se constroem em torno deste conceito.

Na definição de Richard Bauman e Charles Briggs, a *performance* é uma “atividade que oferece aos participantes uma experiência que produz uma intensa interação comunicativa e que une a audiência ao executante de uma maneira que é específica da *performance* enquanto modo de comunicação” (Bauman, 1975, p. 305). A *performance* musical da banda constitui esse papel, pois é responsável pela organização social dos mais distintos eventos (militares e civis), como é o caso das paradas e das formaturas¹⁹ internas nas corporações militares e eventos ligados à sociedade civil. Desta forma, será possível perceber as inter-relações entre a banda militar e sociedade, uma vez que é próprio do fazer musical o compartilhamento de experiências, a manutenção e recriação de valores essenciais da sociedade e da cultura.

Na concepção de Roger Abrahams (1975), a *performance* reúne em uma prática aspectos relacionados e determinados pelo tempo, lugares, ocasião, códigos, padrões de expectativa e um intensificado e estilizado sistema comportamental, diretamente associados ao universo social em que esse fenómeno se realiza (Abrahams, 1975, p. 25). Numa perspectiva mais abrangente, com ênfase no domínio da música, Gerad Béhague (1984) realçou a compreensão da *performance* não só como um evento musical, mas também como um processo. Este processo segundo o qual se agrupam elementos musicais e extramusicais, dá ao evento em si um sentido que transcende a atividade musical restrita às suas estruturas, materiais utilizados em momentos e acontecimentos (Béhague, 1984, p. 4). Conforme esse autor,

¹⁹A formatura militar é uma solenidade que geralmente ocorre no âmbito interno do Quartel. Tem vários objetivos, tais como a conferência de efetivo, em cada subunidade (companhia), ou a recepção diária ao comandante da unidade. Serve também como treino, para o aprimoramento dos militares, em comemorações diversas (batalhas, nascimento de heróis nacionais) ou para receber visitantes, autoridades. Além dos momentos citados, serve também como solenidade de conclusão de cursos realizados dentro dos Quartéis, promoção de militares, entrega de condecorações, entre outros.

O estudo da performance musical como um evento, como um processo e como o resultado ou produto das práticas de performance, deveria se concentrar no comportamento musical e extramusical dos participantes (executantes e ouvintes), na interação social resultante, no significado desta interação para os participantes, e nas regras ou códigos de performance definidos pela comunidade para um contexto ou ocasião específicos²⁰ (Béhague, 1984, p. 7).

Desse modo, o ouvinte é considerado como parte integrante da *performance*, sendo um dos centros em torno do qual a *performance* se desenrola. Esta perspectiva defendida por Gerad Béhague deu ênfase ao processo, tirando, portanto, a centralidade dos produtos musicais, como, por exemplo, as composições musicais. Para Victor Turner (1988), a *performance* reflete o sistema social em si e uma prática musical vivenciada pelos seus executantes e ouvintes adequa-se às convenções sociais dos distintos ambientes onde é realizada, os quais compreende desde os informais até os mais formalizados (Turner, 1988, p. 21). No próximo tópico apresento a *performance* musical da banda militar como elemento decisivo para o controle de contextos sociais.

1.1.2.1 Performance musical como elemento de controle social

Suzel Reily (2008) chama atenção para a *performance* musical das bandas, especialmente nas formas processionais coletivas, como as paradas militares e as procissões. Para essa autora, o repertório executado pelas bandas militares tem um papel de integração social decisivo sobre aspectos das sensações corporais dos indivíduos e de processos de incorporação que ocorrem durante as *performances* desses grupos. Nas suas palavras,

O próprio repertório da banda traz, para o evento, as associações simbólicas a ele atribuídas na sociedade em questão. A banda, portanto, acompanha uma coletividade que, ritualmente, traça uma trajetória por um espaço geográfico, ato este que produz fortes sensações nos participantes, fazendo deles não apenas observadores da constituição do espaço público, mas pessoas integradas à sua constituição através dos seus atos e das formas como são vividas, incorporadas e interpretadas (Reily, 2008, p. 26).

²⁰ *The study of music performance as an event and a process and of the resulting performance practices or products should concentrate on the actual musical and extra-musical behavior of participants (performers and audience), the consequent social interaction, the meaning of that interaction for the participants, and the rules or codes of performance defined by the community for a specific context or occasion* (Béhague, 1984, p. 7).

Neste caso, a *performance* musical da banda militar é decisiva para a organização social de um determinado espaço, uma vez que conecta, estrutura a sociedade e o indivíduo que a ouve. No entanto, a *performance* musical da banda nem sempre vai em direções consideradas “positivas” ou “boas” como comumente é visto pelo senso comum. Thomas Turino (2008) realça que, quando a utilização da música é para vincular as pessoas ao Estado, essa relação parece ser muito perigosa (Turino, 2008, p. 194).

Um exemplo de estudo que aborda a utilização da música como instrumento desta vinculação pode ser visto em *Music and Political Movements*, no qual Thomas Turino traz uma reflexão do poder de influência da música na vida quotidiana, particularmente em movimentos sociais e políticos, como os mencionados por este autor, pelo Partido Nazista Alemão e pelo Movimento dos Direitos Civis Americano (2008). Por sua vez, David Kertzer (1988), em seu estudo *Ritual, Politics and Power*, revela que o emprego de signos não verbais, rituais e práticas culturais expressivas, tem sido utilizado por “muito tempo²¹” para conectar as pessoas ao Estado (Kertzer, 1988, pp. 13-14). Para esse autor, são os símbolos²² ligados a manifestações culturais e rituais - nos quais incluo a *performance* musical das bandas militares -, que manipulam o nosso entendimento da política, sob a forma de efeitos cognitivos, através da produção de sentido (*Ibid*, p. 74). Ainda conforme David Kertzer, estes símbolos podem ter um forte impacto emocional nas pessoas, pois, o ato de entoar uma canção nacional, ou a execução de uma marcha por uma banda numa parada militar, produzem um impacto emocional em sua audiência; auxiliam também os indivíduos na construção de uma solidariedade social, que gera um sentimento de nacionalismo no universo social que o rodeia: “o ritual fornece um importante meio de atingir esses objetivos, apesar dos conflitos” (*Ibid*, p. 75).

Podemos citar também, a título de exemplo, o regime autoritário (1933-1974) corporativo em Portugal, no século XX, assente em valores conservadores como o totalitarismo, nacionalismo e culto do chefe, instaurado por António de Oliveira Salazar com a aprovação da Constituição de 1933. Para Alferes (2012) que trata do assunto, a *performance* musical das bandas executando hinos e marchas foram decisivas na imposição do regime, tendo como objetivo a defesa da identidade histórica nacional. Idealizada a partir do carácter conservador das instituições militares, cujo

²¹ David Kertzer para comprovar essa afirmação recorre a antiga filosofia chinesa, o qual cita aos ensinamentos do filósofo Confúcio no seguinte texto: *But since rituals are non-verbal, they have no contraries. They can therefore be use to produce harmony of wills and actions without provoking recalcitrance; if a man finds himself playing his appointed part in li [ritual] and thus already – as it were de facto – in harmony with others, it no more occurs to him than it occurs to a dancer to move a diferente rhythm than that being played by the orchestra* (Kertzer, 1988, cit. In Pocock, 1964, p. 6).

²² Conforme David Kertzer, os símbolos podem ser slogans, canções, gritos, gestos expressivos e uniformes. Estes símbolos adquirem um significado sentimental, simbolizando os sentimentos comuns sobre o movimento, seu uso serve como um reviver constante e reforço desses sentimentos mútuos (Kertzer, 1988, cit. in Blumer, 1974, p. 11).

estatuto que gere o quotidiano do quartel tem como base a disciplina do corpo, esta abordagem visava a transformação dos cidadãos civis através da consciencialização dos valores morais, ou seja, a transmissão do “espírito militar”. O repertório executado pelos grupos, desta forma, por meio da exposição da marcialidade, disseminava o brilho e heroísmo das músicas, como um reflexo do patriotismo que produz fortes sensações nos indivíduos (*Ibid*).

Assim, apesar do contributo da *performance* musical das bandas militares para a imposição do regime totalitário em Portugal, Alferes não explica o papel desses grupos após as transformações do 25 de Abril de 1974.

1.1.3 Hierarquia militar

A noção “hierarquia militar” será um dos conceitos operativos neste trabalho, em função da importância que tem no contexto da instituição em estudo, enquanto elemento que modela o funcionamento de organizações militares e que se repercute na dinâmica social interna, principalmente pelo papel que exerce na regulamentação comportamental dos indivíduos. O conceito de hierarquia está intimamente ligado à estrutura das organizações. Gareth Morgan (2006) aponta que as primeiras organizações formais que conhecemos hoje como a Igreja Católica e os Exércitos utilizavam a hierarquia como ferramenta para alcançar os seus propósitos (Morgan, 2006, p. 37). Para ele, o conceito de hierarquia ganhou mais peso no século XX com a teoria clássica da administração²³, a qual se caracteriza pela busca da máxima eficiência organizacional. Na percepção de Morgan, essa teoria enfatizava a precisão, velocidade, clareza, eficiência alcançada através da criação de uma divisão de tarefas, supervisão e hierarquia, regras e regulamentação detalhadas.

O conceito de hierarquia tem sido amplamente desenvolvido na área de estudo da Administração, principalmente no que se refere à gestão das organizações para designar a cadeia de comando, as relações de autoridade formal entre superior e subordinado (*Ibid*; 2006: 38). Todavia, o conceito da hierarquia não se restringe à regulação da atividade ou das relações pessoais desenvolvidas no âmbito de organizações, pois a sociedade moderna também se organiza conforme uma hierarquia social, em que alguns indivíduos ou grupos sociais estão em posição superior e outros em posição inferior (*Ibid*).

²³ Para Gareth Morgan (2006), a essência dessa teoria e de sua moderna aplicação é sugerir que as organizações podem ser sistemas racionais que funcionam de maneira mais eficiente possível. Enquanto muito teóricos endossam isso como um ideal, é mais fácil dizer do que fazer porque estamos lidando com pessoas e não com máquinas (Morgan, 2006, p. 43).

Há, portanto, no meio social, grupos que ordenam, dirigem e dominam e outros que são mais obedientes, dirigidos e dominados. Como consequência disso, é perceptível observar, nos vários aspectos da vida social, que a hierarquia se difunde. A exemplo disso, pode-se citar a sua presença em ambientes escolares, universitários, familiares, religiosos e até mesmo no interior do próprio Estado. Tal manifestação resulta em uma tipificação das instituições, a partir da imposição de regras de comportamento, como Berger e Luckmann (1966) corroboram ao dizer que “[...] pelo simples facto de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta” (Berger & Luckmann, 1966, p. 80). Ainda nessa ótica, na contemporaneidade, a questão do controle social mostra-se visível, principalmente, quando um segmento da atividade humana é institucionalizado, como ocorre nas organizações militares. Nesse sentido, a hierarquia constitui-se como base formal das instituições, algo imprescindível para o funcionamento das organizações.

Há que se considerar que, mesmo em sociedades menos industrializadas, que não dispõem de autoridades formalmente, a hierarquia existe nas mais variadas formas e situações, geralmente como parte de sistemas sociais, formas de classificação, sistemas de representações ou qualquer outra maneira que se pretende mostrar ordenada a partir dos níveis de autoridade (Leirner, 1997). Foi isso que observou o antropólogo britânico Evans-Pritchard (1978) quando estudou a tribo *Os Nuer* da África Oriental. Esse autor, em sua investigação, destacou o modo como funciona o sistema de conjuntos etários daquela sociedade e afirmou que o referido sistema “[...] divide a população masculina da tribo em grupos estratificados que mantêm relacionamentos mútuos definidos, e atravessa divisões territoriais, provocando uma igualdade de condição lá onde existe disparidade política e condições diferenciadas onde há identidade política” (Evans-Pritchard, 1978, pp. 269-270).

Ao estudar outro contexto na Ásia, o antropólogo francês Louis Dumont (1992) encontrou, nas castas da Índia, a hierarquia como um princípio que norteia toda a vida social daquele país, tal como o autor afirma em: “as castas nos ensinam um princípio social fundamental, a hierarquia, cujo oposto foi apropriado por nós, modernos, mas que é interessante para se compreender a natureza, os limites e as condições de realização do igualitarismo moral e político ao qual estamos vinculados” (Dumont, 1992, p. 50). Bem como observam os autores citados, nesses contextos, a hierarquia iguala todos os indivíduos na condição de cidadãos.

Na esfera militar, o conceito de hierarquia tende a ser associado ao exercício do poder disciplinar, através da recompensa, controla o tempo, vigia espaços, classifica e pune, conforme observou Foucault (1999) e Goffman (2010) nas instituições totais. Para esses autores o controle disciplinar põe o corpo e o gesto em perfeita e absoluta correlação, pois um indivíduo bem disciplinado produz um gesto eficiente. Há na literatura internacional diversas análises que tratam exclusivamente do modo como a hierarquia e disciplina modela o funcionamento das organizações militares, entre elas cito os trabalhos de Paoline (2003), King (2005) e Shane (2010). Conforme enfatizam esses autores, entre as particularidades mais significativas destas instituições, está a forma como as relações se estabelecem entre os militares, gerando alto nível de autoritarismo. Tais características peculiares podem ser observadas no ambiente de trabalho formalmente dividido, adotando uniformes e insígnias que diferenciam os postos hierárquicos, com valores manifestos de obediência e respeito à ordem.

Tal padrão cristaliza-se no quotidiano do quartel através da manutenção da hierarquia que se mostra fundamentada no princípio da disciplina, sem a qual a estrutura fica comprometida, pois, não seria possível a manutenção das funções, a execução das responsabilidades e o exercício da autoridade sem a condição disciplinar para consolidar as posições pessoais entre os seus agentes (Martins, 2006, p. 80). Analisando a regulação comportamental resultante da hierarquia, o referido autor, salienta que a construção e a manutenção da hierarquia nas instituições militares são ancoradas no princípio da disciplina, uma vez que a disciplina serve como um tipo de “adestramento” que promove a aceitação e a adequação dos membros ao *status quo* vigente (*Ibid*). Cabe destacar que é nesse contexto onde o músico militar desenvolve as suas atividades profissionais, e o facto de exercer tais funções não o exime de cumprir as regras da instituição. Nos estudos sobre as instituições militares, principalmente na literatura portuguesa, há carência de debates sobre a condição de ser músico e ser militar no ambiente do quartel.

A hierarquia e a disciplina são os princípios fundamentais que regem as instituições militares. A partir do momento que os indivíduos ingressam na carreira militar, são orientados a seguirem uma série de normas contidas nos estatutos²⁴, os quais consagram os seus direitos e os seus deveres, as suas patentes, os seus cargos e as suas funções. Esses Estatutos determinam os padrões de conduta

²⁴ Conforme nos indica o Decreto-Lei n.º 297/2009, o referido Estatuto consagra os deveres e direitos dos militares da Guarda, a sua hierarquia, cargos e funções, o ingresso e desenvolvimento das carreiras profissionais (oficiais, Sargentos e Guardas), as nomeações e colocações, a regulação dos efectivos globais e a respectiva situação (no activo, na reserva e na reforma), o ensino e formação, a avaliação e o regime das licenças (Estatuto dos Militares da Guarda Nacional Republicana, 2009, p. 1).

dos militares, no sentido de modelar o comportamento coletivo²⁵ dos indivíduos, dando ênfase, principalmente, a conscientização do cumprimento dos valores morais e éticos e, sobretudo, ao dever de subordinação às autoridades superiores entre os diferentes postos e graduações (Leirner, 1997). Tais padrões efetivam-se no cotidiano da instituição através de um estabelecimento de uma série de regras formais rígidas para a definição de relações de mando e subordinação, e distribuições de atividades em que, os dirigentes tomam as decisões e comunicam as ordens aos subordinados. Por sua vez, o subordinado não deve suportar e sim amar os superiores e, através deles, amar a lei que é indiscutível e benéfica para todos (Ansart, 1978, p. 91). A instituição estabelece simultaneamente a submissão e a alegria na submissão (*Ibid*). Com isso, pode-se dizer que a instituição militar é marcada por uma forte hierarquia, em que a questão da autoridade se acha implicitamente levantada em toda a linguagem da organização.

Esse padrão organizacional, o qual estrutura as instituições militares, é denominado por Gareth Morgan (2006), como uma “organização do tipo máquina”, em que se alicerça a partir de um organograma altamente vertical, que estabelece precisamente as direções de comandos e as possibilidades de comunicação entre os seus membros. Cabe frisar que na espera militar, a hierarquia estratifica a cadeia de comando, de modo que acaba por distanciar os elementos que compõem o ciclo de oficiais e o ciclo de praças, dificultando o relacionamento interpessoal destes. Para o antropólogo Piero Leirner (1997), esse “princípio segmentador” não funciona somente entre patentes hierárquicas, mas de “pessoa a pessoa”, capaz, portanto, de constituir um fenômeno único que dá sentido tanto a ação individual quanto a ação coletiva, permitindo compreender a ação individual como expressão da ação coletiva e esta como resultado das ações individuais ordenadas por esse parâmetro (Leirner, 1997, pp. 72-73). Dito de outro modo, a hierarquia militar, enquanto um “princípio segmentador”, pode ser melhor entendida como se fosse um sistema de classificação das diferenças, construído de tal maneira que a sua função é evitar que dois militares quaisquer sejam iguais.

Nessa direção, a compreensão da hierarquia militar se mostra como o elemento chave para se entender a mentalidade militar e a separação entre o universo castrense²⁶ e o universo civil, isto é, entender a diferença entre quem é e quem não é militar (Leirner 1997, *cit. in* Albertini, 2009, p. 81).

²⁵ Conforme ressalta Celso de Castro, desde o ingresso na instituição, a socialização militar ocorre de forma relativamente autônoma em relação ao mundo exterior, e se faz diferenciando-se desse mundo (1990). Nesse sentido, a liminaridade (Turner, 1974) dar-se-ia com o afastamento, a separação do indivíduo ou de um grupo, quer da estrutura social, quer de um conjunto de condições sociais, situações vividas pelos alunos e recrutas nas primeiras semanas dentro de um quartel (Cavilha, 2009, p. 138).

²⁶ A palavra castrense refere-se à classe militar/acampamento militar (Ferreira, 2001).

Ainda segundo esse autor, ser um militar significa ocupar um lugar nessa hierarquia; significa que se está imerso numa rede de relações com regras próprias, sujeito a regras diferenciadas em relação aos civis (*ibidem*).

É nesse sentido que Piero Leirner (1997) argumenta que

A hierarquia é a fronteira desta distinção: ao mesmo tempo que ela indica quem é ‘de dentro’ e quem é ‘de fora’, ela é o registo das regras de conduta dos militares. E, em todo exército, de onde quer que seja, temos esta hierarquia do “tipo” militar; além disso, todo exército tem como princípio vital a noção de que esta hierarquia não pode ser quebrada, pois isto significa o fim da instituição (Leirner, 1997, *cit. in* Albertini, 2009, p. 81).

Segundo Cristina Silva (2009), a hierarquia se mostra como o elemento norteador da instituição militar, sendo, portanto, essencial para o funcionamento da instituição, a qual define as responsabilidades dos indivíduos na organização, sistematiza a ação e a elaboração do conhecimento militar e mapeia o modo como as relações de poder devem estruturar-se. Por causa disto, na ótica da autora, as Forças Armadas são consideradas um grupo tradicional, altamente hierárquico e “fechado”, no qual se configura a preeminência da coletividade sobre os indivíduos como fundamental para o bom desempenho das atividades no quartel e nas demais organizações militares (Silva, 2009, p. 108).

Sob esta perspectiva, o general Loureiro dos Santos (2012), ao se referir ao modo de funcionamento das instituições militares, aponta o cumprimento dos “valores militares”, como um dos aspectos principais dessas corporações, pois eles são a base para que essas organizações se mantenham ativas. Na ótica desse autor, as Forças Armadas são estruturas fortemente hierarquizadas, nas quais a disciplina é um elemento essencial e sem a qual não funcionam. E o aspecto mais saliente dessas organizações tem que ver com os valores morais e os comportamentos éticos dos homens e mulheres que nelas servem. Tais questões podem ser visualizadas na instituição a qualquer nível e deverá ser dada elevada prioridade à prática e ao culto dos valores militares, afinal os valores nacionais, já que aos militares deve ser exigido o seu rigoroso cumprimento, não sendo permitida nenhuma condescendência com quaisquer insuficiências que seja observada (Santos, 2012, p. 25).

A partir da análise de Loureiro dos Santos, percebe-se que os militares, em qualquer nível hierárquico, independentemente do gênero, função/especialidade exercida dentro da organização militar – incluindo os músicos – são submetidos a valores morais e éticos, e o que assegura tal ordem social é a obediência à hierarquia militar. A realidade da GNR não é diferente, pois com a finalidade de estabelecer a ordem social interna e externa dos seus integrantes existe o Estatuto dos Militares da GNR. Esse assunto será aprofundado no quarto capítulo. Aqui, cabe destacar que, apesar do termo “militar” não aparecer explícito na designação que identifica a Guarda Nacional Republicana, esta tem estatuto de polícia militar.

O termo “militar” que emprego nesta tese também tem um sentido muito amplo. Segundo Buarque Ferreira (2001), “[...] diz respeito às Forças Armadas, aos soldados: arte militar, meio militar. Carreira militar, hierarquia militar, ordem de subordinação entre os diferentes postos e graduações” (Ferreira, 2001, p. 462). A partir da ótica desse autor, é possível observar que o termo “militar” se refere aos membros, às instalações, aos equipamentos, aos veículos e a tudo aquilo que faz parte de uma instituição total que tipifica os atores individuais assim como as suas ações.

Os pesquisadores Norbert Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, tendo como base a área de estudo da Política, ampliam o alcance do termo “militar” defendendo que o mesmo pode ser compreendido como “um vasto conjunto de hábitos, interesses, ações e pensamentos associados com o uso das armas e com a guerra, mas que transcende os objetivos puramente militares” (Bobbio, Matteucci, & Pasquino, 1983, p. 758). Samuel Huntington (1957)²⁷, reconhecido militarista norte-americano, defensor do modelo político-militar prussiano, entende a atividade militar nas democracias liberais como uma profissão regular, com uma ética profissional própria, orientada, acima de tudo, pela virtude da obediência. Para o referido autor, quanto mais profissionalizado for o sector militar, melhores serão as relações civil-militar. Como especificado acima, o termo “militar” corresponde a uma quantidade grande de significados, dependendo do contexto social em que o mesmo é empregado e do ponto de vista de quem o emprega.

Dentro desse universo da hierarquia militar atrás referido, independentemente do ramo das Forças Armadas, existem os músicos militares. Esses músicos, como qualquer outro militar, devem, portanto, obediência aos estatutos, apesar de se particularizarem internamente em virtude do viés artístico. Por isso, é importante destacar que, a experiência do fazer musical coletivo nas bandas (não somente militares), como nas demais formações musicais, envolve princípios de organização

²⁷ Huntington, S. P. (1957). *The soldier and the state: The theory and politics of civil-military relations*. Cambridge, UK: The Bellknap Press/Harvard University.

estabelecidos socialmente que objetivam estabelecer as hierarquias, a divisão de tarefas, os comportamentos, gestos, vestuário, entre outros aspectos (Fontoura, 2011).

Se para as bandas musicais, em geral, a hierarquia é um elemento vital, no sentido de assegurar a ordem social, o bom funcionamento e manutenção do grupo, para as bandas de música de instituições militares, é um princípio que aponta para a essência destas instituições e define o comportamento de seus membros nos seus âmbitos interno e externo (*Ibid*). Tal é sua importância para a vida militar que a hierarquia não é somente observada pelos membros de uma corporação, mas é quotidianamente reforçada através das ações, comportamentos e discursos (*Ibid*). Embora os rituais quotidianos reforcem a ordem e a hierarquia interna, os rituais abertos ao público, muito além de apenas modificarem a rotina do quartel, são espetáculos dessa ordem e dessa hierarquia, também alimentando e colaborando para a eficácia dessa rotina interna ritualizada (Cavilha, 2009).

Conforme Juliana Cavilha (2009) “a rotina de um batalhão é constituída a partir de normas e códigos personificados na hierarquia” (p. 139). Em pesquisa realizada num batalhão do Exército Brasileiro, a autora observou que o indivíduo que ingressa na vida militar, mesmo vindo de um mundo permeado de normas e rituais, se depara com uma nova realidade:

Assim, desde a sua entrada na instituição, o militar está sujeito às regras que se organizam nos muitos rituais e nas inúmeras ‘solenidades’ do cotidiano. Esse treinamento instala-se num aprendizado que é sobretudo corporal e mediatizado pelos citados ‘manuais’²⁸, numa espécie de adestramento dos movimentos que devem ser estudados e, portanto, condicionados, mas principalmente submetidos a estatutos e regras, numa tentativa de homogeneizar um modo de se comportar dentro dos quartéis. [...] eles ganham vida, no entanto, em rituais rotineiros e cotidianos” (Cavilha, 2009, p. 141).

Este ponto é central neste estudo, uma vez que a GNR estabelece padrões previamente definidos para os seus indivíduos, cuja conduta desses militares é construída em Centros de Formação Profissional próprios; um amplo sistema de assistência à saúde, tanto para os militares quanto para seus dependentes; possui assistência religiosa²⁹ ofertada pela igreja Católica Romana, ou seja, existe

²⁸ O grifo é da autora que cita os manuais que devem ser estudados por todos os militares (Cavilha, 2009, p. 141).

²⁹ Conforme o Art. 3 do Decreto-Lei nº 251/2009. “A assistência aos membros das Forças Armadas e das Forças de Segurança é assegurada através do Serviço de Assistência Religiosa, em respeito pelos princípios con-sagrados na Lei

um sistema de proteção entre os seus membros. Todos esses aspectos possibilitam à instituição um relativo funcionamento, como se fosse uma sociedade dentro da sociedade. É nessa instituição que vive, intensamente, o músico militar.

Uma vez focada a instituição militar em seus aspectos mais marcantes, é hora de se abordar o conceito de ritual. Em um universo social hierarquizante como o ambiente da GNR, os rituais podem revelar emoções e valores, reforçar as formas de comportamento, apaziguar e equilibrar conflitos.

1.1.4 Processo ritual

No contexto militar, os “rituais” são constantes e rotineiros, podendo ser constatados nas atividades de uma banda militar, que vão desde as ações internas, como as formaturas diárias, admissão de novos membros, relações hierárquicas, reuniões, ensaios, revista da tropa, advertências, hastear da bandeira, troca de guarda, entre outros - a eventos externos como os que denomino “abertos”, que compreendem as paradas, participação em eventos religiosos, as apresentações em datas comemorativas, entre outras.

Utilizo, ainda, para esta investigação, o conceito de “ritual” proposto por Victor Turner (1969). Este autor em seus estudos sobre o ritual destacou que é através deles que os indivíduos alcançam patamares significativos na estrutura social onde estão inseridos. Entretanto, a contribuição do Victor Turner para o estudo dos rituais vai além da investigação do processo ritual, pois o autor contribuiu, sobretudo, para a defesa do estudo dos rituais como elementos clarificadores da própria compreensão das sociedades humanas. Victor Turner defendeu essa perspectiva quando afirmou que:

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo... Os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas (Turner, 1974, p. 91).

da Liberdade Religiosa e na Concordata celebrada entre o Estado Português e a Santa Sé (Esse assunto será discutido no cap. 6).

E, apesar de se ater ao ritual enquanto prática e crença religiosa, Victor Turner (1969) já se posicionava quanto à importância da análise do ritual afirmando que estes “estão chegando a ser considerados como decisivos indícios para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas sobre aquelas relações, e sobre os ambientes naturais e sociais em que operam” (Turner, 1969, p. 19).

David Kertzer (1988), por sua vez, explicou que o ritual pode ser utilizado para entender as nossas relações com os outros e continuará a ser uma parte essencial da vida social (Kertzer, 1988, p. 3). Ao verificarmos o conceito apresentado por esse autor percebemos que este se aplica a quaisquer situações presentes nas relações sociais, inclusive aquelas relacionadas ao ambiente militar e, conseqüentemente, a *performance* musical da BMG NR. Ainda segundo David Kertzer, “[...] *ritual helps give meaning to our world in part by linking the past to the present to the future*” (1988, p. 10), ou seja, o ritual proporciona às relações sociais o senso de continuidade, ligando passado, presente e futuro. O autor exemplificou esta ligação dizendo: *I am the same person today as I was twenty years ago and I as will be ten years from now (Ibid)*.

Sob esta perspectiva, torna-se possível perceber a tradição presente nas ações no universo social da GNR, as quais permanecem com características singulares e intrínsecas às suas funções na sociedade, realidade que abrange necessariamente a *performance* musical da Banda. Como ocorre isto? Ainda conforme David Kertzer, todas as ações humanas – individuais ou coletivas - estão envolvidas no ritual, e na sua perspectiva seria difícil imaginar qualquer funcionamento da sociedade de outra maneira. Como o autor observou, são os nossos símbolos e rituais que constroem a nossa sociedade e permitem-nos fazer o sentido do mundo em torno de nós (*Ibid*).

Catherine Bell (1992) vem defender que os estudos que se desenvolveram em torno do ritual ao longo do século XX, conduziram a uma percepção do ritual, já não exclusivamente no âmbito dos contextos religiosos. A autora realizou a análise do ritual através de uma leitura crítica de como a noção de ritual tem sido utilizada no estudo da religião, sociedade e cultura. Na visão de Catherine Bell, o ritual tem sido entendido, portanto, como estratégia, ou seja: uma forma estratégica cultural de agir no mundo. Ainda segundo essa autora, o ritual também é uma forma de atividade social. “De fato, o discurso teórico sobre ritual é organizado como um todo coerente em virtude de uma lógica baseada na oposição entre o pensamento e a ação” (Bell, 1992, p. 6). Nesse sentido, percebe-se um alinhamento da forma de análise de Catherine Bell com esta pesquisa, visto que há a busca pela compreensão das intenções das ações rituais, e não somente na descrição destas ações, ou seja,

na realização dos eventos, nas relações hierárquicas, no ensino da música e na *performance* musical cotidiana do grupo.

Roberto DaMatta (1997) define o ritual como um momento extraordinário³⁰ que permite, por em foco um aspecto da realidade cotidiana³¹ e, por meio disso, dar-lhe um novo significado. Em seus argumentos, tudo que é colocado em foco pela dramatização é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e a capacidade. Dessa forma, para esse autor, o ritual tem como traço distintivo a dramatização, isto é, a concentração de algum aspecto, elemento ou relação, colocando-o em destaque, como ocorre em (festas, desfiles, celebrações, encontros, procissões, paradas militares), certos indivíduos “[...] são individualizados e assim adquirem um novo significado, insuspeito anteriormente, quando era parte de situações, relações e contextos do cotidiano” (DaMatta, 1997, p. 36). Nesta perspectiva, a sugestão de Roberto DaMatta (1997) constitui um suporte significativo para a análise da *performance* musical da Banda da GNR no cotidiano do Quartel, bem como, em eventos extraordinários como a procissão da Senhora da Saúde em Lisboa, a missa em ação de graças pela passagem do aniversário da GNR e o concerto de Ano Novo da Banda. Aqui me refiro às ideias de Roberto DaMatta acerca do ritual, como um traço distintivo da dramatização, uma vez que por meio dela podemos tomar consciência das ações recorrentes na vida musical da GNR.

Neste sentido, as ritualizações da vida militar, tanto aquelas do cotidiano como as do “extraordinário” envolvem valores que devem ser mantidos, encenados e transmitidos coletivamente. Segundo Fiona Bowie (2000),

Rituais têm muitas funções tanto no que diz respeito ao indivíduo quanto aos grupos ou sociedades. Eles podem canalizar e expressar emoções, direcionar e reforçar formas de comportamento, reforçar ou subverter o *status quo*, levar a mudanças, ou restaurar a harmonia e o equilíbrio (Bowie, 2000, p. 151)³².

³⁰ Segundo Roberto DaMatta (1997), os acontecimentos extraordinários são marcados pela imprevisibilidade, ou seja, são acontecimentos não controlados pela sociedade. Por isso, podem ser chamados “extraordinários não previstos” pelas normas ou regras gerais, sendo sempre referidos como eventos que atingem a sociedade, conforme tornam claro as manchetes dos jornais ao anunciar as catástrofes e tragédias (DaMatta, 1997, p. 47).

³¹ Ainda conforme esse autor, os acontecimentos do cotidiano podem ser classificados como rotina e se opõem aos eventos que podem ser chamados de “extraordinário construído pela e para a sociedade” (DaMatta, 1997, p. 47).

³² *Rituals have many functions, both at the level of the individual and for groups or societies. They can channel and express emotions, guide and reinforce forms of behavior, support an subvert the status quo, bring about change, or restore harmony and balance* (Bowie, 2000, p. 151).

É nesse sentido que o estudo no âmbito da teoria prática dos rituais se desenvolve, buscando refletir acerca das ações recorrentes no âmbito da BMGNR, não somente descrevendo a padronização e repetitividade, mas sobretudo, investigando o simbolismo que permeia toda a estrutura da Banda e relações sociais ali desenvolvidas no cotidiano, bem como nos eventos chamados “extraordinários” construídos pela e para a sociedade portuguesa.

A partir dessas concepções, podemos afirmar que através do ritual é possível entendermos a *performance* musical da BMGNR, no seu nível mais profundo. Essa *performance* musical se consolida na contemporaneidade, como um acontecimento que reúne na música características da cultura, inseridos em um contexto social específico. Aqui se incluem a sonoridade, os uniformes, a dimensão coreográfica nos ensaios, concertos e paradas. A *performance* musical do grupo se mostra como elemento estruturante de contextos sociais diversos, a qual está presente no ritual e nos elementos de significação do ritual, e tem sido um recurso reformulador do espaço social interno da Banda, diluindo a rígida hierarquia peculiar ao ambiente militar. Por esse motivo, mesmo apontando para estruturas sólidas e tradicionalmente mantidas como a GNR, denotam o dinamismo de um grupo que é histórico e está em constante transformação. Nesse sentido, o que define a *performance* musical da BMGNR enquanto fenômeno social estruturante é a articulação entre Vida social, *Performance* musical, Hierarquia militar e o Processo ritual. Proponho, portanto, o seguinte modelo de análise:



Figura 1: Modelo teórico de análise: para cada um dos universos, o do Rítual, da Hierarquia militar, da Vida social e da *Performance* musical da BMG NR constitui um elemento estruturante e reformulador dessa realidade social.

1.2 Aspectos metodológicos

1.2.1 Caracterização da pesquisa

Estudos antropológicos no ambiente militar normalmente fazem uso de técnicas etnográficas (Castro & Leirner, 2009). Esse tipo de pesquisa envolve uma série de restrições, em muitos casos, de informações sigilosas, fator que dificulta a inserção e autonomia do pesquisador (*Ibid.*, p. 110). Hugh Gusterson (2007), por exemplo, cita a dificuldade em se conseguir informações no âmbito das Forças Armadas, principalmente por essas instituições serem responsáveis pela segurança interna de um país, assim como pela garantia do poder do Estado (Gusterson, 2007, p. 156).³³ Por sua vez, Cristina Silva (2009) sustenta se tratar de “um grupo considerado ‘fechado’, tradicional e altamente hierárquico” (Silva, 2009, p. 108). Na sua ótica, a investigação é também um processo de negociação com a instituição pesquisada, uma vez que esta está preocupada com a sua imagem e principalmente com os resultados do material que será publicado (*Ibid.*, p. 110). Isso pode vir, portanto, a desestimular as pretensões do investigador que deseja colher informações sobre essas instituições: o “controle” que a instituição acaba de certa forma exercendo sobre as pessoas que pertencem ao grupo militar também se estende, mantidas as devidas proporções, ao pesquisador que pretende explorar a vida na caserna. Um “controle” que pode ser visto não como algo imposto ou obrigado, que torne o pesquisador dependente da instituição, mas de atenção ao trabalho que está sendo realizado (*Ibid.*, p. 110).

Para Alexandre Souza (2009), essas restrições se justificam em virtude dos militares se particularizarem por um grupo que se

[...] pensa “em estado de guerra”, construindo suas relações em termos da oposição amigo/inimigo e, ainda em consequência da lógica guerreira, buscando a todo momento conhecer os “de fora”, ao mesmo tempo que procura despistar ou selecionar suas próprias informações “para fora” (Souza, 2009, p. 152).

³³ Segundo Gusterson (2007), visando manter o sigilo destas informações, as Forças Armadas, principalmente nas Américas, têm contratado seus próprios pesquisadores, para os quais esse autor emite a seguinte crítica: “If we sell our skills to the national security state, we just become part of the problem” (Gusterson, 2007, p. 165).

O livro coletivo organizado por Castro e Leirner (2009) sobre a antropologia dos militares traz reflexões sobre as pesquisas de campo dentro das instituições militares no Brasil e na Argentina, e revela:

[...] que há uma certa “vigilância” ou “fiscalização” da corporação sobre os métodos empregados pelo antropólogo para realizar a etnografia, um controle monitorado, em certos casos, por um “oficial de ligação” – um militar encarregado pela instituição de acompanhar e prestar ajuda ao pesquisador, enfim, de ser seu “contato” propriamente dito na academia. (Castro & Leirner, 2009, p. 110).

Devido ao perfil hierarquizante e fechado dessas instituições militares, tal como foi referido pelos autores atrás citados, o pesquisador enfrenta um conjunto de desafios e dificuldades na realização da sua etnografia. Apesar das dificuldades identificadas em investigações anteriores mantive o meu interesse pelo estudo desta instituição militar, na expectativa de que a minha condição de Sargento-músico numa instituição congénere no Brasil fosse um elemento facilitador da pesquisa. O trabalho de campo em etnomusicologia envolve o estabelecimento de relações pessoais entre o pesquisador e os indivíduos que compõem o ambiente social que ele deseja investigar. As palavras da etnomusicóloga Helen Myers (1992) traduzem a natureza da pesquisa de campo em etnomusicologia quando destaca que “o trabalho de campo é a tarefa mais pessoal e necessária exigida a um etnomusicólogo”. “[...] no trabalho de campo nós descobrimos o lado humano da etnomusicologia” (Myers, 1992, p. 21).

Nesse sentido, o investigador tem contato direto com o campo pesquisado, colocando-se frente a frente com as ações dos interlocutores, para, a partir daí, conhecer, interpretar e entender, os comportamentos e, por conseguinte, suas particularidades musicais. Jeff Titon (2008, p. 31) também destaca que o trabalho de campo em etnomusicologia consiste da imersão do pesquisador em um contexto sociocultural que o possibilite em “estar no mundo” dos indivíduos que compõem a cultura musical que ele deseja registrar e desvelar as bases do pensamento e do comportamento em relação à música. Dessa forma, a atuação do etnomusicólogo em campo requer dele a habilidade de transcrever partituras, gravar, filmar, perceber particularidades que dão forma e sentido ao objeto de estudo, bem como, a capacidade de superar toda a série de problemas e situações imprevisíveis que surgem ao longo da realização do trabalho de campo.

1.2.2 Definições do caso e coleta dos dados

Este trabalho se caracteriza como um estudo de caso. Para Clara Coutinho (2002), a característica que melhor identifica e distingue o estudo de caso é o facto de se tratar de um plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o “caso”. Na sua ótica, quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação (Coutinho, 2002, p. 223). A minha opção por essa técnica de investigação, privilegiou um caso particular, isto é, a instituição BMGNR. O meu interesse é por se tratar de uma instituição com 179 anos, ser constituída atualmente por quatro grupos ativos, a saber: Banda Sinfónica; Orquestra de Câmara; Banda Marcial e Fanfarras, por ter em sua orgânica um efetivo de quase duzentos músicos, e também pelo facto desses elementos serem duplamente profissionais: na função de músicos e como militares da Guarda. Os dados desta pesquisa foram coletados em Lisboa, principalmente pelo facto de a Sede do grupo estar nessa cidade, bem como por ser o contexto de maior atuação da Banda.

De acordo com os objetivos e problemática propostos neste trabalho, para coletar os dados desenvolvi duas linhas principais de pesquisa: uma diacrónica, de perfil historiográfico, no sentido de traçar o percurso da Banda, e outra sincrónica, de matriz etnográfica³⁴ com vista a conhecer a realidade emergente (Seeger, 1992)³⁵. Para isso, utilizei a pesquisa bibliográfica e de campo. No trabalho de campo desenvolvi observação e mantive conversas informais e realizei entrevistas a pessoas relevantes no processo em estudo.

O trabalho de campo foi central para a produção de conhecimento sobre a realidade em estudo. Ao conferir centralidade ao trabalho de campo tenho presente os contributos de Jeff Titon (2008) quando sustenta que esse tipo de investigação permite experienciar e compreender o fazer música (Titon, 2008, p. 25). Ao longo da minha pesquisa fiz diversas visitas no período de 2012 a 2016 e uma inserção mais profunda no terreno durante os seis primeiros meses de 2013 e no mês de março de 2017, o que foi decisivo para o estabelecimento de laços com os músicos.

³⁴ A pesquisa etnográfica (o método que é utilizado para descrever *performance* musicais), adequa-se segundo Anthony Seeger (1991) à descrição e estudo de realidades complexas – polissémicas e polimorfais - como a *performance* musical.

³⁵ In: Myers, H. (1992). *Ethnomusicology. An introduction*. Londres, UK: The MacMillan Press.

A pesquisa foi organizada em duas fases, sendo a primeira um contato preliminar com a instituição e o segundo, a minha incursão etnográfica. Ambas as fases foram suportadas por embasamento teórico, a partir de levantamento bibliográfico, conforme detalhado a seguir.

1.2.3 Primeira fase da pesquisa

A primeira fase foi dedicada a um contacto preliminar com a instituição da GNR por intermédio da Universidade de Aveiro, com vista ao início da investigação no campo, a qual será relatada em seguida. Após três meses de tentativas e envio de documentos exigidos pela instituição, finalmente houve aceitação para a realização da investigação. No mesmo documento que informava sobre o deferimento, vieram os contatos do militar que seria meu “orientador” dentro da GNR, além de uma série de exigências por parte da Repartição de Ensino Técnico Profissional³⁶ para eu ser aceite como investigador.

No meu caso, o militar designado pela instituição para ser o meu “orientador” ocupava o posto de Sargento músico e, respondia pela secção de Ensino e Instrução na Banda. Esta exigência do acompanhamento do meu trabalho de campo não me surpreendeu, uma vez que fora relatada por outros pesquisadores de instituições militares. A título de exemplo, refiro a experiência vivenciada por Piero Leirner na pesquisa realizada entre militares no Brasil. Conforme esse autor, o Exército brasileiro recomendou a tutoria de um militar do serviço ativo, para acompanhá-lo durante os dois anos em campo, inclusive, estava presente em sessões de congressos como os da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Ainda segundo Piero Leirner (2009):

Tal sujeito, eu soube depois era o que se chamava E-2, ou seja, oficial de informações de um setor do quartel-general de Brasília, destinado a detectar as representações do universo das Ciências Sociais sobre o Exército. Um detalhe interessante é que ele tinha doutorado em sociologia por uma Universidade importante no Brasil. Ao seu modo, o Exército também treina seus “inventores da cultura” para detectar essa outra tribo – no caso, antropólogos e outros cientistas sociais (Leirner, 2009, p. 49).

³⁶ Setor responsável pelos contatos entre a Guarda Nacional Republicana e a Universidade de Aveiro. Foi solicitado por parte da instituição um plano de atividades e intenções a serem realizadas durante a minha presença no campo de estudo.

No meu acaso, após iniciar a minha investigação, fui informado que o meu “orientador” era mestre em Ciências Sociais e autor de dois inquéritos aplicados aos músicos da GNR, em 2006 e 2010, onde desenvolveu uma análise sistémica sobre a BMGNR, ou seja, tal militar detinha um conhecimento sobre a Banda sustentado no desenvolvimento de estudos internos. Esse militar, no nosso primeiro contacto no terreno no dia 20 de dezembro de 2011, me explicou as regras e mecanismos inerentes ao quotidiano dos músicos. Posteriormente, durante a minha inserção no campo, estava atento ao andamento e ao modo pelo qual a pesquisa estava sendo realizada. Esse Sargento questionava-me frequentemente sobre os passos que eu estava dando na pesquisa, pedindo-me informações e fazendo perguntas diretas sobre o que eu fazia ou pretendia realizar e como isso seria executado. Houve um intenso processo de negociação entre mim, na qualidade de pesquisador, e o meu ‘orientador’ militar o qual envolveu a definição da data de início da incursão etnográfica, o planeamento das atividades que pretendia realizar em campo, e inclusive o conteúdo das entrevistas a serem realizadas.

Tal como referido atrás, este tipo de acompanhamento e supervisão do trabalho de campo não é exclusivo da BMGNR, fazendo parte dos procedimentos de acompanhamento dos investigadores em geografias tão distantes como a Argentina e o Brasil³⁷. Como já dão provas os primeiros contatos com a GNR, foi necessário, e provavelmente continuará a ser, vivenciar e superar os trâmites. Também no meu caso, foi necessário vivenciar todos os processos para ser aceite para desenvolver a investigação sobre a BMGNR. Nesse sentido, isso revela que a pesquisa de campo com militares apresenta uma série de particularidades que refletem as próprias características das instituições militares.

1.2.4 Segunda fase da pesquisa: imersão etnográfica

A imersão etnográfica na Banda teve início no dia 4 de janeiro de 2013. Os meses que passei fora do campo de pesquisa dediquei-me às disciplinas do doutoramento na Universidade de Aveiro, sendo três meses na *Queen’s University*, em Belfast, trabalhando na revisão de literatura diretamente com a minha co-orientadora Suzel Reily, a qual lecionava nessa instituição. Para não ficar totalmente afastado do terreno, mantive contato por e-mail com o meu “orientador militar” SCH

³⁷ Máximo Bodaró (2009) ressalta que a instituição militar constitui, para a antropologia, um objeto de estudo problemático, visto que se trata de um grupo de poder que pertence à mesma sociedade do investigador, o que altera a tendência clássica dessa disciplina de investigar setores marginais despossuídos e distantes em termos geográficos e culturais. Ainda conforme esse autor, ao mesmo tempo, essa instituição encarna ideias e valores aos quais os antropólogos costumam se opor, como o militarismo, a violência armada e a guerra (Bodaró, 2009, p. 188).

António Durão, informando o que estava a fazer. No mês de outubro de 2012, comecei a acertar os detalhes do início da pesquisa de campo, pois apesar de já ter a permissão pelo sector responsável da instituição em 2011, ao meu ver soaria bem informá-los que iria retornar e era preciso ter o consentimento por parte do Major João Cerqueira responsável pela BMGNR. A resposta desse oficial foi afirmativa com algumas restrições tais como só frequentar a Banda durante o expediente, excetuando-se feriados e fins de semana.

Como todos os trabalhos, este possui as suas limitações. Etnografar militares requer um esforço do pesquisador, principalmente para ser aceito na instituição e para obter informações confiáveis sobre o ponto de vista dos militares quanto a determinados temas.

A passagem do meu “orientador militar” António Durão para a reserva em 2014, dificultou o desenvolvimento desta investigação, pois precisei reiniciar com o novo “orientador” SCH Paulo Lourenço um intenso processo de negociação que envolveu desde a redefinição do meu objeto de estudo, o replanejamento das atividades que eu pretendia realizar, até a revisão do conteúdo das entrevistas a serem aplicadas. Após essa triagem, as minhas intenções de pesquisa seguiam para a análise do chefe da Banda, o Major João Cerqueira, podendo ser aprovadas ou não. Cito como exemplo, um facto ocorrido na minha última visita à Banda em março de 2017. Naquele momento eu precisava entrevistar o Chefe da Fanfara SCH Luís Mendes, para esclarecer questões sobre a *performance* musical do Coro e do Terno de Corneteiros na missa em ação de graças pelos 102º anos da GNR. Antes de me dirigir ao meu interlocutor para realizar a entrevista, cumpro os procedimentos exigidos pela instituição, como apresentar o conteúdo ao meu “orientador” SCH Paulo Lourenço e, em seguida para ser analisada pelo maestro João Cerqueira. Sabedor do conteúdo das questões que seriam aplicadas, o referido oficial solicitou que eu entrasse com pedido formal, junto ao Comandante Geral da Instituição, apresentado as questões, pois temia que o resultado das entrevistas pudesse apresentar interpretação diferente da realidade informada pelo meu interlocutor. Essa postura cautelosa, foi justificada pelo maestro, devido a eventos anteriores (na ocasião, o maestro não citou os eventos e nem os nomes dos investigadores) em que foram publicados materiais com informações que, na visão do Major João Cerqueira, distorciam a realidade encontrada na Banda. Desta forma, optei por não realizar a entrevista, porque eu só dispunha de um mês para dedicar ao trabalho de campo e se fosse cumprir como as exigências da instituição não teria tempo útil.

Encontrei dificuldades para coletar dados nos espaços e contextos selecionados para esta investigação. Por se tratar de ambientes restritos ao público, formalizados e hierarquizados como, por exemplo, o concerto de Ano Novo fui orientado a não circular no âmbito do Teatro São Carlos, nem registrar a *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara. Na missa do 102º aniversário da GNR consegui autorização para registrar o evento, mas desde que eu ficasse junto aos elementos do Coro no andar superior da Basílica dos Mártires. Na procissão da Senhora da Saúde não consegui ter acesso ao espaço interno da Capela no dia do evento. Todas essas dificuldades vivenciadas no terreno não deixam de refletir uma característica da instituição militar: atuar com extrema organização e previsibilidade das atividades. Conforme aponta Cristina Silva (2009), quando destaca que nas instituições militares há pouco espaço para o inesperado. Quando ocorre algum imprevisto, os militares encontram logo uma solução (Silva, 2009, p. 110).

Nesse período, selecionei os Guardas que seriam entrevistados, contemplando os elementos detentores dos diferentes graus hierárquicos do serviço ativo, bem como, militares músicos da reserva. As entrevistas foram aplicadas (i) a três maestros, os quais foram escolhidos por terem os postos hierárquicos mais elevados e por serem responsáveis pela direção musical da Banda Sinfónica, Marcial e Fanfara; (ii) ao chefe do sector de Ensino e Instrução; (iii) a quatro professores dos cursos de Formação e Promoção; (iv) cinco alunos desses cursos; (v) cinco músicos que ingressaram na Banda na década de 1980 e (vi) três músicos que ingressaram na primeira década do século XXI. Além desses foram entrevistados seis músicos na reserva. Todos esses vinte e sete elementos da GNR, além de terem uma prática especializada no âmbito da música, desenvolveram elevadas competências como militares. Todo esse processo foi documentado através das gravações de áudio.

Entre os eventos externos em que a Banda participa, selecionei para realizar a etnografia a procissão de Nossa Senhora da Saúde, que segundo os meus interlocutores é o único momento no âmbito nacional que reúne todas as bandas militares do país. Vale mencionar que a referida procissão ocorre desde a segunda metade do século XVI, no “tradicional” bairro da Mouraria, no primeiro domingo do mês de maio e constitui-se como o principal evento sócio-religioso dessa localidade. A minha incursão etnográfica nessa procissão foi realizada no dia cinco de maio de 2013. Para compreender a estrutura processional realizei entrevistas a membros da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião, respectivamente: provedor, secretário, tesoureiro e zeladora, responsáveis pela operacionalização da procissão.

Além da procissão fiz uma observação do concerto de Ano Novo e da missa em ação de graças pela passagem do aniversário da GNR. O concerto de Ano Novo constitui um dos principais eventos do calendário anual da GNR, onde também é celebrado o aniversário da Banda. A *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara nesse evento permitem um contato diferente entre sociedade civil e militares da Guarda Nacional Republicana. A missa também está inserida em um conjunto de atividades promovidas no âmbito das comemorações do aniversário da Guarda, que ocorrem anualmente por volta da quarta semana do mês de abril e nas três primeiras de maio. Todas as entrevistas foram gravadas, mediante autorização prévia do entrevistado e da instituição (esse foi um dos requisitos da GNR).

Essa fase se mostrou decisiva, especialmente como forma de compreensão da realidade em análise durante ensaios, convívio diário e apresentações dos grupos musicais da GNR. Durante os seis meses em campo e diversas visitas após esse período foi possível compreender aspectos particulares da Banda e de suas inter-relações socioculturais com o público com que interage. A partir dessa imersão no terreno pude observar as particularidades existentes no quotidiano do grupo, como: a flexibilização da hierarquia militar durante a *performance* musical. Na observação fiz uso de gravações de áudio e vídeo, além da realização de registo fotográficos.

1.2.5 Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico sobre os conceitos que conduziram este trabalho foi realizado no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), no banco de dissertações e teses no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nas seguintes bases de periódicos: pesquisa integrada da Universidade de Aveiro (UA), Scopus, Jstor e *Web of Science Core Collection* para levantamento da literatura referente às funções da música e das bandas militares.

Na Biblioteca Nacional, na Biblioteca Municipal de Lisboa em Belém, na Biblioteca da Universidade Nova de Lisboa, e nas Bibliotecas de Coimbra e Aveiro. Além disso, pesquisei também publicações periódicas de âmbito nacional, como a *Revista Militar* e a *Revista da GNR*.

O Arquivo Histórico e Biblioteca da GNR em Lisboa, que centralizam e salvaguardam o património documental e bibliográfico da instituição, proveniente dos quartéis existentes em todo o território nacional, facultou-me o acesso aos livros, ao espólio fotográfico e informações sobre

os recursos humanos da Banda. Esses registos, além de ampliarem as possibilidades analíticas, serviram como ferramenta para ilustrar e complementar aspectos musicais descritos no texto.

A pesquisa foi facilitada pelo acesso às entradas da *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, especialmente no verbete “bandas militares”.

Após a imersão nas bases de dados e estudos científicos sentimos a necessidade de dar um maior contributo e contextualizar a área de investigação desta pesquisa. Para isto a seguir, situaremos historicamente e discutiremos a função da música e o papel da banda no contexto militar, para compreendermos o fazer musical e as práticas dessas instituições, especialmente o nosso objeto de estudo, a BMGNR.

2. HISTORIOGRAFIA SOBRE BANDAS MILITARES

A música militar é um propulsor activo dos sentimentos heróicos e excelente conservador das energias, o soldado que marcha derreado, apruma o corpo, ergue a cabeça e acerta o passo quando rompe a música.

Capitão David Magno (1923, pp. 592-595).

Neste capítulo será apresentada uma historiografia a partir de publicações sobre a música e as bandas militares. Para compreender a *performance* musical dessas instituições na contemporaneidade, bem como as relações estabelecidas com a sociedade e o Estado, o estudo foi delimitado em categorias: a) literatura internacional; b) literatura ‘nacional’ no âmbito português; c) estudos académicos e não académicos. Além disso, criaram-se tipologias que permitiram agrupar as publicações segundo aspectos comuns, tendo-se, depois, apresentado as especificidades de cada contributo. Ainda neste capítulo, apresento o uso político da *performance* musical das bandas militares pelo Estado, principalmente ao longo do século XX, consequências dessa prática em Portugal e o papel das bandas militares após as transformações do 25 de Abril de 1974.

2.1 Processo de importação e disseminação de um modelo performativo europeu de Banda militar

A música está presente nos momentos mais significativos dos indivíduos. Ela contribui para que factos históricos sejam lembrados, revoluciona e marca momentos especiais, motiva as ações diversas, bem como contribui para moldar ideias e a conduta das pessoas (Turino, 2008). No universo militar, a utilização da música remonta aos primórdios da antiguidade clássica. A sua função nesse contexto estava diretamente associada à sinalização das atividades no campo de batalha e no quartel, contribuindo para marcha e movimentação de tropas, ou como elemento de representação simbólica do poder do Estado (Pereira, 2008). Para Ernesto Vieira (1899), a música parece ter um papel decisivo na vida militar, pois “[...] tanto no quartel como no campo é ela que dá alegria ao soldado, animando-o na marcha, entusiasmando-o no combate, distraíndo-o nos ócios, tornando mais brilhante o seu desfilar, contribuindo com a parte mais importante nas festas e solenidades” (Vieira, 1899, pp. 80-81).

Essas funções podemos constatar-las nas primeiras historiografias sobre a música no contexto militar, que datam do final do século XIX e início do século XX e foram redigidas por músicos militares, principalmente europeus e norte-americanos e têm em comum aspetos que enfocam,

sobretudo, a origem e a funcionalidade das práticas musicais nos mais variados contextos militares. O militar alemão Jacob Kappey³⁸ (2003 [1894]), no estudo pioneiro *Military Music-A History of Wind-Instrumental Bands*, descreveu o desenvolvimento da música e da banda militar ao longo do tempo, incluindo os seus músicos e os seus instrumentos. Ele se referiu à origem das primeiras bandas militares européias, indicando como suas precursoras as formações musicais conhecidas como ‘bandas turcas’, visto que o Império Otomano tinha tradição no uso de músicos na movimentação das tropas (Kappey, 2003 [1894]). Todavia, essa narrativa é contestada por Trevor Herbert (2000), o qual defende em sua análise que as bandas militares como as conhecemos hoje surgiram a partir da utilização do sistema de válvula, isto é, em meados do século XIX, quando os instrumentos musicais passaram a ser produzidos em larga escala. Tal facto revolucionou o *design* dos metais, bem como a sua disseminação pelos continentes.

Ainda em relação ao surgimento e desenvolvimento dos agrupamentos musicais, o musicólogo militar inglês Henry Farmer³⁹ (1912), em seu relato histórico *The rise & development of military music*, destacou especialmente a realidade britânica, principalmente as transformações ocorridas nos instrumentos, nas atividades exercidas pelos músicos, bem como nos acontecimentos acerca das formações musicais militares na Europa continental no mesmo período. O referido autor atribuiu a convergência de duas tradições que já vinham a explorar instrumentos de sopro e de percussão: uma, na qual esses instrumentos desempenhavam um papel de comunicação à distância, a partir de um conjunto de sinais sonoros com significado entre os elementos pertencentes à tropa; outra, no contexto das festas populares da esfera pública que emerge no século XIX nos centros urbanos (Farmer, 1912 *apud* Suzel, 2008, p. 24).

O estudo do Henry Farmer apresenta informações que contribuem sobremaneira para a compreensão do universo das primeiras formações dos agrupamentos musicais militares, principalmente na Europa. No entanto, o autor não explorou em seu estudo, o modo como os músicos se inter-relacionavam no ambiente do quartel, bem como, o contributo particular desses elementos para na vida musical britânica. De acordo com a literatura produzida, percebemos que os autores referidos, deram mais destaque a funcionalidade da música militar no campo de batalha como elemento de comunicação ou como recurso para auxiliar na movimentação das tropas. Outro

³⁸ O maestro Jacob Adam Kappey, iniciou sua formação musical e militar na Alemanha nas primeiras décadas do século XIX. Em 1848, deixou a Alemanha para participar no Segundo Batalhão do “The Royal Irish Fusiliers, Princess Victoria’s”. Disponível em: http://www.royalmarinesbands.co.uk/history/Kappey_Significantimpact.html/. Acesso em: 20 dez. 2013.

³⁹ O músico militar, Henry George Farmer, pertenceu ao Exército Britânico, onde desenvolveu atividades artísticas na “Royal Artillery Orchestra” até 1911. Além das funções de músico e militar pesquisou sobre música e bandas militares. Disponível em: <http://www.universitystory.gla.ac.uk/biography/?id=WH24569&type=P/>. Acesso em: 20 dez. 2013.

aspecto que merece destaque está relacionado com a busca de teorias para explicar a origem e o desenvolvimento da música e de seus agrupamentos musicais militares.

Nesse sentido, na busca de respostas para explicar tais teorias, o maestro militar inglês George Miller⁴⁰ (1912) no trabalho historiográfico intitulado *The Military Band*, tentou relatar o desenvolvimento da música e da banda militar de forma cronológica. Na ótica do autor, apesar de existir literatura acerca da música e evolução das formações musicais militares, os relatos históricos são apresentados de forma fragmentada e desconecta afirmando que *It is very interesting to trace the evolution of the open-air band, particularly as historic material is so fragmentary and disconnected* (Miller, 1912, p. 10).

Assim, para situar o leitor historicamente, George Miller tomou como ponto de partida descrições de certas passagens bíblicas, apesar de as considerar limitadas. Conforme referiu o autor, *Moreover, the musical vocabulary of the English Bible is very limited, and the terms applied to musical instruments are applied to prove misleading* (*Ibid*, p. 9). Assim, na suposta indagação acerca da origem da música militar, o autor também vai à Grécia Antiga procurar esses modelos iniciais e referiu que, durante a realização dos seus exercícios ginásticos e marciais, os “Espartanos eram acompanhados da música, tanto vocal e instrumental, sendo que na sua perspectiva essa prática contribuiu para o sucesso na guerra, uma vez que lhes permitiu realizar suas evoluções de forma coordenada⁴¹” (*Ibid*, p. 9).

A partir da realização de uma revisão sistemática da literatura internacional sobre as bandas militares nas bases de dados citadas no capítulo anterior, percebermos que os trabalhos publicados, principalmente por musicólogos, a partir da década de 1970, foram escritos de forma mais crítica e os autores incluíram nas suas análises, o papel das bandas militares na vida social. Isso é o que podemos vislumbrar no estudo do musicólogo e militar americano Raoul Camus⁴² (1976), o qual teve como ponto de partida a *Military Music of the American Revolution*. Nesse estudo o autor abordou as tradições europeias em especial atenção o papel da música militar e a distinção entre dois grupos instrumentais dos exércitos que atuavam no século XVIII no meio militar europeu: *band of music* e

⁴⁰ O maestro militar George Miller pertenceu a um Regimento de Infantaria no Exército inglês, onde exerceu a função de “Bandmaster of the Portsmouth Division of the Royal Marine”. Disponível em: http://www.royalmarinesbands.co.uk/history/Kapppy_Significantimpact.html/. Acesso em: 20 dez. 2013.

⁴¹ The Spartans performed their gymnastic and martial exercises to music, both vocal and instrumental, and it is stated that this practice contributed very much to their success in war, as it enabled them to perform their evolutions simultaneously and in good order (Miller, 1912, p. 10).

⁴² O americano Raoul Camus, exerceu a função de maestro militar no Regimento de Infantaria do Exército conhecido por “42d (Rainbow) Division Band” na cidade de Nova York. Disponível em: <http://www.raoulcamus.com/> Acesso em: 19 dez. 2013.

a *field music*. Além dos aspectos históricos concernentes à origem da música militar, o autor destacou a história da música militar nos Estados Unidos da América, tendo por base as influências europeias no panorama musical do período da Revolução Americana. Ainda, ao referir-se ao papel da música dentro do contexto das Forças Armadas atribuiu-lhe quatro funções inter-relacionadas: primeira, desenvolver o espírito de corpo e o moral da tropa; segunda, auxiliar nas tarefas de campo; terceira, prover com música as cerimônias militares e a última, utilização da música em atividades sociais e recreativas (Camus, 1976, p. 3). Todavia, o autor não esclarece de que forma ou em que medida a música funciona como elemento capaz de ‘desenvolver o moral da tropa’, nem exemplifica em que consistia a utilização da música nas atividades sociais e recreativas.

A investigação do militar e etnomusicólogo Roland Bannister (1996), denominada *An ethnomusicological study of music makers in an Australian Military Band*, investigou o fazer musical da banda *Army Kapooka Band* pertencente ao exército Australiano. Semelhantemente aos autores citados anteriormente, Roland Bannister, tentou sistematizar a trajetória histórica da música e dos agrupamentos ao longo do tempo, incluindo a história da música militar na Austrália. Através da pesquisa de campo, o autor revelou particularidades relacionadas com a instituição, como a patente militar e a disciplina, assim como a natureza do trabalho dos soldados músicos em contextos cerimoniais militares e entretenimento com o público civil. As conclusões apresentadas pelo autor salientaram que enquanto a música militar pode ter limitado interesse, principalmente em certos ambientes cerimoniais, ela pode, no entanto, vincular-se com outros sistemas de símbolos visuais e auditivos que, na perspectiva do autor, podem gerar “profundo significado”, tanto para os próprios soldados músicos da *Army Kapooka Band*, bem como para o público ouvinte. Além disso, destacou a participação dos soldados músicos militares como um poderoso agente na formação das tradições patrióticas australianas.

A pesquisa do militar e musicólogo brasileiro Vinícius de Carvalho (2006)⁴³ no estudo *História e Tradição da Música Militar*, concluiu que a música está ligada às ações militares desde ‘tempos remotos’ e sua função no contexto militar não se restringe, apenas, como meio de comunicação no campo de batalha, como suporte para a movimentação da tropa ou como elemento que proporciona animação, pois, na sua perspectiva, a música também pode causar profundas “influências psicológicas”, principalmente com o objetivo de “amedrontar” os inimigos através dos sons dos instrumentos (Carvalho, 2006, p. 1). Assim, para servir como referência da função

⁴³ Vinícius Mariano de Carvalho foi Oficial Técnico Temporário do Exército Brasileiro, servindo como professor do Colégio Militar de Juiz de Fora - Brasil.

“amedrontadora” que a música pode causar em um contexto específico, Vinícius de Carvalho, bem como outros autores citados neste trabalho – sem base empírica sólida, recorreram a descrições de certas passagens bíblicas para justificar tais argumentos. No caso de Vinícius de Carvalho, ao citar as “influências psicológicas” remete-nos a seguinte passagem: “ao som das trompas construídas com chifres de carneiros, o *shofar*, as muralhas de Jericó, com mais de 7 metros de altura cedem, ao som destas trompas, e Josué conduz seus homens à vitória” (*Ibid*). Ainda sobre as bandas, o referido autor, destaca que diferentemente de outros grupos musicais, as bandas militares têm um compromisso duplo. Um com a música enquanto arte, como mantenedores e atualizadores da prática de banda, mostrando um repertório que demonstre sua atualidade e capacidade de sobrevivência no tempo. Outro com a tradição da música militar, construída na história militar. Ainda conforme as análises do autor, “[...] a música militar sempre encontrou uma ressonância imensa entre os compositores e sobre as audiências” (*Ibid*, p. 7). Para esclarecer essa ressonância, Vinícius de Carvalho destaca que muitos dos compositores da “música erudita” escreveram para banda militar e muitos desses foram músicos militares. Entre os exemplos, cita o russo Rimsky-Korsakov, o húngaro Franz Lehár e o inglês Gustav Holst. Esse trabalho, apesar de não refletir sobre o convívio social dos músicos dentro dos quartéis, se mostra significativo para esta tese, pois destaca a relação de compositores da “música erudita” com o ambiente militar.

Com fundamento de análise etnomusicológica, há o trabalho *A Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade*, de cujo trabalho sou autor (Fontoura, 2011). A pesquisa teve como objetivo compreender a Banda de música da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte através das suas características socioculturais, bem como os aspectos definidores de sua prática musical e sua relação com a cidade de Natal. Neste trabalho, apontei os principais marcos históricos da referida banda, bem como, as transformações estruturais ocorridas na orgânica da instituição, que possibilitou, sobremaneira, a inserção de novos elementos e instrumentos, especialmente no século XX e início do século XXI. Em relação à prática musical do grupo, evidenciei as ações ritualizadas no cotidiano dos policiais militares músicos, no âmbito interno da corporação PMRN, onde foi constatada a interação entre o fazer musical e a hierarquia militar. Apresentei também, os principais espaços de atuação da banda, principalmente na cidade de Natal, e entre eles, fiz a descrição etnográfica do Dia da Pátria (sete de setembro), que considerei ser um dos eventos mais significativos e interativos entre a banda e a sociedade local. Entre os principais achados deste trabalho, destaco que as inter-relações da Banda com o público tem se constituído durante as apresentações, as quais propiciam aos ouvintes um contato com o fazer musical do grupo, sendo

que nessa prática os músicos são recebidos não como agentes da lei, com a finalidade de oferecer segurança e combater o crime, e sim, como policiais músicos.

Na próxima secção, é possível observar que estudos acerca das bandas militares realizados em Portugal, principalmente no século XX e XXI, evidencia-se o envolvimento de músicos militares como Manuel Joaquim⁴⁴ (1937); Pedro de Freitas⁴⁵ (1946) e Pedro de Sousa⁴⁶ (2008), entre outros. O assunto será abordado no decorrer do texto.

2.1.1 *Literatura publicada em Portugal acerca da história da música militar*

Os estudos expostos no decorrer desta secção permitirão observar que as atividades dos agrupamentos musicais militares em Portugal estão documentados em dicionários e enciclopédias desde finais do século XIX. Contudo, nas narrativas historiográficas sobre a música em Portugal, o domínio em que emergem os agrupamentos militares não aparece representado, pelo menos com a dimensão correspondente ao seu real impacto na vida musical. As duas principais publicações sobre história da música em Portugal editadas nas duas últimas décadas do século XX - refiro-me aos trabalhos de Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira de Castro (1991), Luísa Cymbron e Manuel Carlos de Brito (1992), - revelam um enfoque particular na música erudita, excluindo desse âmbito o estudo sistemático da atividade musical das bandas. Todavia, essa característica parece já estar presente nas primeiras publicações da musicologia histórica portuguesa, de Ernesto Vieira (1899; 1900)⁴⁷, Joaquim de Vasconcellos (1870) e Sousa Viterbo (1932), nos quais denota-se a “pouca” atenção dispensada aos grupos de instrumentos de sopro existentes nessa época. Essa “pouca” atenção terá decorrido da *performance* musical dessas formações, que para os padrões eruditos da época era considerada como um desvio da música dita “erudita” (Lourosa, 1012). Esses grupos são referenciados por estes autores, “apenas” pela função do entretenimento que exerciam no cenário musical Português (*Ibid*).

Em se tratando de compilações e estudos não sistemáticos sobre música e bandas militares, foco deste trabalho, especificamente em solo português, vale a pena destacar os contributos de alguns estudiosos, que publicaram sobre esses grupos.

⁴⁴ O maestro militar português Tenente Manuel Joaquim, exerceu o cargo de chefe da banda de música do Regimento de Infantaria do Exército nº 14 (Lourosa, 2012).

⁴⁵ Pedro de Freitas exerceu a função de contramestre de clarins do Exército português (Ribeiro, 1939).

⁴⁶ O militar português, Pedro Marquês de Sousa (2008) é referenciado em sua obra *História da Música Militar Portuguesa* como Tenente-Coronel de Artilharia do Exército.

⁴⁷ No trabalho de Ernesto Vieira há uma entrada ‘banda’ e outra para ‘músicos de banda’, no entanto esse autor não esclarece o contributo dos músicos e das *performances* musicais das bandas militares para a vida musical portuguesa.

Dá-nos Ernesto Vieira (1899) na Entrada ‘banda’ publicado no seu *Dicionário Musical* uma ideia do contexto de emergência da música militar. Assim, ao referir-se às bandas, já nesse ano, o autor identificou falta de conhecimentos ou dados fidedignos sobre o passado da música ao afirmar que: “a música militar nos tempos antigos pouco se pode avaliar pelas dispersas alusões da história” (Vieira, 1899, p. 81). Apesar das ‘dispersas alusões da história’, Ernesto Vieira na altura, buscou expressar seu entendimento sobre a música militar, com a seguinte afirmação:

Sabe-se que a música exerceu sempre um papel importante na vida militar; tanto no quartel como no campo é ella que dá alegria ao soldado, animando-o na marcha, entusiasmando-o no combate, destrahindo-o nos ócios, tornando mais brilhante o seu desfilar, contribuindo com a parte mais importante nas festas e solenidades, emfim, unindo com o accento de um só rythimo a ação de muitas centenas de companheiros agrupados sob a sagrada bandeira da pátria (Vieira, 1899, pp. 80-81).

Pode observar-se que, na perspectiva do autor, a música está presente em diferentes momentos e com usos e funções particulares no ambiente militar. Essa realidade pode ser constatada dentro do espaço interno [Quartel], principalmente durante as interações sociais, nomeadamente: as festas e solenidades militares, onde a música tem papel relevante como elemento estruturante dos indivíduos, notadamente durante o ritual de reverência à bandeira, como referido. Vale salientar que a ‘sagrada bandeira’, conforme expressou Ernesto Vieira, constitui-se elemento indispensável nas solenidades militares, onde os militares prestam juramentos e cantam hinos alusivos ao contexto militar que estão inseridos como: o hino da pátria, canções da própria unidade, hino à bandeira entre outros. Já no espaço externo [campo], na ótica do autor, a música militar também proporcionava alegria e entusiasmo aos soldados que citou como exemplo, o campo de batalha, além de ser fundamental para a manutenção do ritmo na movimentação/marcha da tropa.

Seguindo essa perspectiva, o Tenente Manuel Joaquim⁴⁸ (1937), a convite da Câmara Municipal de Viseu, proferiu uma palestra intitulada *A Música Militar através dos tempos*. O trabalho consiste numa versão impressa, edição única, em que apresentou de forma sistematizada e cronológica aspectos

⁴⁸ O Tenente Manuel Joaquim (1894 -1986) na altura da palestra (1937), era Tenente chefe da Banda de Música do Regimento de Infantaria nº 14. Além das atividades ligadas as bandas militares, também foi investigador na área da música em Portugal (Lourosa, 2012, p. 134).

históricos acerca da função da música nos agrupamentos militares através do tempo. Manuel Joaquim, ao referir-se à origem da música e das funções a ela atribuídas, justificou que:

O primitivo estado da música guerreira encontra-se, em épocas longínquas da actual civilização, no facto de se fazer assustar o inimigo por gritos ameaçadores juntos a alarido de engenhos ruidosos aos quais se juntou também, mais tarde, o som de instrumentos feitos de chifres e de conchas, em forma espiral ou cônica, que sob o nome de búzios ainda hoje são utilizados nalgumas terras portuguesas para dar o sinal de reunião do pessoal que trabalha nos campos (um exemplo a citar: a apanha da azeitona no Alentejo) (Joaquim, 1937, p. 9).

A abordagem feita por Manuel Joaquim à música militar parte de supostas origens situadas anteriormente à “actual civilização” não revelando com precisão os dados em que, na sua perspectiva, era atribuída, “a música guerreira” a função de “assustar ao inimigo” através do ruído dos instrumentos no campo de batalha (Joaquim, 1937, p. 9). Para reforçar o seu argumento da importância de instrumentos musicais cuja projecção sonora permita comunicar à distância, lembra um facto que presenciou no Alentejo em Portugal, onde citou um instrumento conhecido por “búzios” utilizado como elemento de comunicação entre os camponeses durante a colheita da azeitona (*Ibidem*).

Dois anos depois da publicação assinada por Manuel Joaquim, Manuel Ribeiro (1939) publicou a obra *Quadros Históricos da Vida Musical Portuguesa*. Nela, o autor inclui um capítulo intitulado “Música Militar” onde, também, relatou a sua suposta origem e abordou numa perspectiva diacrónica o seu desenvolvimento, os seus usos e funções, incluindo, também, uma descrição dos instrumentos musicais ao longo da história. Referindo-se à função que a música desempenhava em Portugal no período conhecido como Idade Média, o autor apontou que a música foi um forte elemento de comunicação e sinalização. Citou como exemplo as corporações musicais que “[...] davam então poderoso auxílio ao Exército, instigando o soldado e transmitindo sinais de comando” (Ribeiro, 1939, p. 245). Além de citar a música como elemento de comunicação e sinalização, já no século XX, o autor mencionou que a sonoridade transmitida pelas bandas militares, provoca entusiasmo nos ouvintes [civis], sobretudo, o “espírito marcial”, “ousadia e pundonor que incita a grandes efeitos” e afirma que: “Só quem não tenha ouvido os cânticos guerreiros e patrióticos, executados pelos nossos soldados da Marinha e do Exército com as suas bandas à frente, porá em dúvida a excitação experimentada pelo povo à passagem dos regimentos” (*Ibid*, p. 238).

Dois anos depois da publicação assinada por Manuel Ribeiro, Albino Lapa (1941) publicou a obra *Subsídios para a história das bandas militares portuguesas*. A relevância deste trabalho consiste na compreensão da trajetória histórica da atual banda de música da GNR até a sua publicação em 1941. Diferentemente dos autores referidos anteriormente, Albino Lapa não apresentou uma historiografia da origem e desenvolvimento da música militar e dos instrumentos musicais ao longo da história. O autor, através de um estudo de caso, direcionou o foco para o percurso histórico de um grupo musical pertencente a uma instituição militar responsável pela segurança pública em Portugal. O primeiro nome que essa instituição recebeu, ainda no século XIX foi *Guarda Real da Polícia* (GRP); a segunda, *Guarda Municipal* (GM) e já no século XX, especificamente em 1910, com a implantação da República portuguesa, passou a atual denominação, *Guarda Nacional Republicana* (GNR). Adiante este estudo de caso será explorado, tendo em vista versar sobre a Banda da GNR.

Cinco anos depois, o militar Pedro de Freitas (1946) assinou a obra *História da Música Popular em Portugal*. O trabalho teve como foco o cenário musical português, onde apresentou especialmente o ambiente das bandas civis e militares. Para situar historicamente os dados fornecidos, Pedro de Freitas mencionou fontes a partir do final do século XVIII até à publicação do livro em 1946. Em relação às bandas, incluindo a música militar, o autor apresentou uma série de nomes de instrumentos por ordem cronológica de aparecimento a partir da Idade Média, bem como as respectivas funções, entre eles os utilizados no ambiente militar como a trombeta, charamela, clarim e corneta.

Acerca da história da música e das bandas militares em Portugal, Pedro de Freitas (1946) mencionou que:

[...] os nossos antigos monarcas tiveram ao seu serviço pequenas bandas dotadas de característicos instrumentos consoante as respectivas épocas [...]. Ora umas e outras, dadas a quantidade de executantes e qualidade de instrumentos, nunca poderiam ter passado de simples agrupamentos musicais de caráter privado, de funções restritas, ou melhor dizendo: quartetos, quintetos, sextetos ou mesmo grupos de oito ou dez músicos, se tanto, a deliciarem saraus, solenes paradas, brilhantes representações e cerimônias religiosas. Muito de longe, infere-se do que são e valem hoje as nossas bandas oficiais (Freitas, 1946, p. 52).

O autor também citou o “tratado de Londres de 1793” estabelecido quando as Forças militares portuguesas e espanholas se juntaram para combater os franceses “a Divisão auxiliar portuguesa à campanha de Roussillon já levou consigo um mestre diretor de música do exército” (*Ibid*). Além disso, o autor fez menção aos Quadros Oficiais de Divisão em Portugal e aos instrumentos musicais utilizados que consistiam em “vinte e dois pífaros, tambores e um tambor-mor, para cada regimento de infantaria: oito trombetas e um timbaleiro para cada regimento de cavalaria; oito tambores para a brigada de artilharia” (*Ibid*). Em relação à importação do modelo de banda militar europeu, o autor mencionou o retorno do exército português da Guerra Peninsular em 1814, em que os oficiais que lá participaram foram impactados pelo “brio militar das suas organizações musicais que em muito excedias as nossas deficiências e imperfeitas organizações de pífaros, tambores, trombetas e timbaleiros” (*Ibid*, p. 54). Diante dessa realidade, quando os comandantes militares retornaram a Portugal “capricharam e trouxeram à frente dos seus regimentos brilhantes bandas de música onde predominava artistas contratados, especialmente espanhóis e alemães” (*ibidem*).

Trinta e cinco anos depois, o pintor Alberto Cutileiro (1981) escreveu o livro *Alguns subsídios para a história da Banda da Armada*. Nele, o autor, dá-nos informações acerca da música militar em Portugal a partir de meados do século XVIII, focando principalmente na trajetória do agrupamento musical pertencente à Marinha portuguesa⁴⁹. Em relação às influências recebidas de um modelo performativo de bandas militares, o autor mencionou que, com o retorno do rei D. João VI do Brasil em 1821, e com o restabelecimento da Corte, em 1837, foi criado o Batalhão Naval. Esse batalhão utilizou uniformes similares aos modelos utilizados pelos germânicos. Para a direção do grupo foi designado o Maestro Alemão Mark Holzel, que introduziu em Portugal o modelo de banda já conhecido na Alemanha:

[...] viera dum regimento prussiano a pedido de D. Fernando. Este músico trouxe para Portugal novas ideias ao gosto germânico, introduzindo novos instrumentos musicais, serpentões, corne inglês, e mantendo o chapéu chinês⁵⁰ com campainhas e marimbas, que o executante percutia com baquetas. O maestro Holzel introduziu ainda os pratinhos de farda rica de dourados e alamares encordados pelos braços (Cutileiro, 1981, p. 8).

⁴⁹ O trabalho de Cutileiro foi baseado nos registros históricos do Padre Ernesto Salles. Os dados foram recolhidos por Alberto Cutileiro, incluídas na rubrica “Músicas Militares” do caderno de bolso do Padre Ernesto Pereira de Salles que desempenhou a função de Capelão militar - Adjunto da antiga Biblioteca do Ministério da Guerra (Cutileiro, 1981, p. 5).

⁵⁰ Segundo Cutileiro (1981), “foi o rei D. Manuel I que no seu curto reinado, 1828-1834, introduziu nas músicas marciais logo após o seu regresso de Viena de Áustria o chamado ‘Chapéu Chinês’ (Cutileiro, 1981, p. 8).

As inovações implementadas por Mark Holzel tiveram uma boa receptividade, pois como apontou Cutileiro, a população apreciava sobremaneira a “charanga” quando em desfile: “O povo de Lisboa corria a ver passar o Batalhão Naval sempre que desfilava em passo dobrado pela Rua dos Ourives do Ouro” (Cutileiro, 1981, p. 9). Além da participação nesse desfile, onde os músicos exibiam o poder do Estado através da “farda rica de dourados”, o autor também mencionou o papel de representação do poder, desta feita durante um episódio que ocorreu no século XIX, em que o grupo acompanhou o rei D. Fernando à cidade de Bordéus em França. O responsável pela direção da charanga foi o maestro Belga Artur Frederico Reinhardt “[...] que com 27 executantes a encheu de prestígio numa série de concertos realizado em Bordéus em 1863, quando a corveta *Mindelo* acompanhou a viagem do rei D. Fernando. A charanga foi muito aplaudida” (*Ibid*, p. 10). Ainda conforme Alberto Cutileiro, com o aperfeiçoamento dos instrumentos de sopro no século XIX, os grupos musicais passaram por uma alteração substancial em sua estrutura, principalmente com a inclusão dos instrumentos de válvulas e em especial a família dos saxofones. Ademais, o autor citou as reformas ocorridas no regulamento da Armada portuguesa (1889) e a aquisição de novos instrumentos (principalmente os de palhetas). Com isso, a charanga recebeu uma nova formação e passou a ser denominada “Banda” (*Ibid*).

O Tenente Coronel do exército Pedro de Sousa⁵¹ (2008) no livro *História da Música Militar Portuguesa*, abordou, dentro de uma perspectiva historiográfica, a atividade musical e suas inter-relações com o contexto das Forças Armadas e de Segurança em Portugal e no ultramar, principalmente entre os séculos XVII e XX. Pedro de Sousa sistematizou a história da música militar desde a função operacional, ainda na antiguidade clássica, à utilidade funcional artística no século XX, incluindo o desenvolvimento dos instrumentos musicais, a organização dos grupos militares e as mudanças ocorridas nos regulamentos das organizações militares em Portugal e nas ex-colónias. O contributo e diferencial deste trabalho em relação aos demais apresentados, está na relação entre música militar e sociedade, que, na perspectiva de Pedro de Sousa passou a ocorrer no final do século XIX e início do XX, principalmente com a implantação da República em Portugal, em que a música militar assumiu nova função, especialmente no contato mais permanente junto da sociedade civil através dos inúmeros concertos. Segundo Pedro de Sousa, “As bandas do Exército mantinham uma forte

⁵¹ Em 2014, Pedro de Sousa defendeu a tese de doutoramento na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa sobre *As Bandas de Música no distrito de Lisboa entre a Regeneração e a República (1850-1910): História, organologia, repertórios e práticas interpretativas*. Entre os resultados do estudo, o autor destaca que a origem e o desenvolvimento do modelo organológico do agrupamento musical designado por banda, criado no meio militar no século XVIII e que no século XIX adquiriu uma identidade própria, em termos orgânicos e de repertório, dando origem na sociedade civil ao desenvolvimento do designado “movimento filarmónico”, com a criação de dezenas de bandas civis (filarmónicas), evoluindo do meio urbano para a periferia.

presença em diversas festividades no seio da sociedade civil, pelo que muitas vezes os comandos militares tinham que determinar as regras para esse tipo de atuação” (Sousa, 2008, p. 62). No entanto, o autor mencionou reformas governamentais com impacto nas bandas militares, entre elas, a Lei Orgânica do Exército (Dec lei 28/401 de 31 de Dezembro 1937 publicado na OE nº 12 de 31 Dec de 1937), que reduziu a quantidade de 32 bandas militares para 8 (*Ibid*, p. 93). Entre as bandas militares atuantes no início do século XX, Pedro de Sousa destacou a BMGNR como sendo a única a ter a orgânica de Banda Sinfónica, ao citar que “Logo no início da década de 20, já a Banda do Comando Geral em Lisboa tinha mais de uma centena de músicos e dispunha de violoncelos e Rabecões” (*Ibid*, p. 81).

O capitão Vasco Flamino ao se referir à *performance* musical da Banda da GNR ressalta que, em meados do século XX, os meios de radiodifusão foram um dos principais responsáveis para a popularização desse grupo, na medida em que este teve o seu trabalho divulgado por esses meios de comunicação de massa. Ainda conforme esse militar, o grupo alcançava, especialmente, um público que não tinha acesso às principais salas de concertos e outros espaços onde a Banda atuava no país (Flamino, 1995, p. 30). Nas palavras desse autor, “[...] a Banda se vinculou profundamente em laços de grande amizade à população civil” (*Ibid*).

2.1.2 *Dissertações de mestrado acerca das bandas militares em Portugal*

A partir de meados da década de 1990, o universo das bandas de música vem a ser criticamente explorado no quadro dos estudos académicos em Portugal. O recente interesse pela temática justifica-se por uma mudança de paradigma, em particular no âmbito da etnomusicologia, em que o centro dos estudos passou da análise dos produtos musicais para os processos em que esses ganham sentido (Myers, 1992). Esta mudança de paradigma alargou o interesse da etnomusicologia – até aí muito centrado, segundo Bruno Nettl (1992), no estudo das chamadas músicas exóticas – a domínios como a música urbana.

Relativamente à produção científica acerca das bandas em Portugal, constata-se a tendência para a construção de olhares a partir de dentro das instituições em estudo, ou seja, por indivíduos “insiders”. Esta prática – que no quadro das bandas militares se configura como sendo recorrente e com raras exceções –, dificilmente seria levada a cabo no âmbito dos estudos académicos que preconizavam, até aos anos 1990, a separação sujeito-objeto, como prerrogativa do necessário distanciamento que asseguraria a objetividade do investigador (Herndon, 1993). Essa postura é já criticamente abordada em artigos seminais como “Insiders, Outsiders: Knowing Our Limits,

Limeting Our Knowing”, de Márcia Herndon (1993). A constatação de que a objetividade do investigador é mais uma pretensão, ou um requisito acadêmico, do que uma realidade, tal como foi exemplarmente exposto nos artigos publicados em *Writing Culture the Poetics and Politics of Ethnography* (Clifford & Marcus, 1984), abriu espaço para que a realidade em estudo pudesse ser estudada por alguém de dentro. Esta recorrência marcou a historiografia dos agrupamentos musicais militares e o mesmo pode ser dito em relação à produção científica sobre as bandas.

Essas pesquisas acadêmicas, especificamente no âmbito do mestrado, abordaram temáticas atinentes às bandas militares e foram levadas a cabo nos últimos anos em diversas universidades, como por exemplo: A dissertação de mestrado do militar Luiz Correia (2006) *Bandas e músicos militares em Portugal: do século XIX ao XXI* evidenciou a função da banda e a constante presença do músico militar no desenvolvimento da música portuguesa. Luiz Correia descreveu os principais marcos históricos da música militar na Europa, incluindo as correlações e especificidades do caso Português, onde apresentou um historial das principais bandas militares, nomeadamente: a banda da Armada, a banda do Exército e a Banda da GNR. Relativamente ao que diz respeito aos músicos militares, o autor patenteou vários exemplos biográficos de algumas das figuras que mais se destacaram, bem como a “forte interação social” entre esses músicos militares e a sociedade civil, principalmente nos fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Ainda no trabalho, foi-nos apresentado uma vasta fonte bibliográfica primária, contendo particularmente, regulamentos e legislação militar, notícias da participação de músicos na Primeira Guerra Mundial e um glossário com termos utilizados no ambiente musical militar.

Os três próximos trabalhos trataram especificamente da prática musical em bandas militares, em especial a BMGNR. Cabe destacar que foram produzidas por músicos da própria Banda. A dissertação de mestrado *A banda da Guarda Nacional Republicana e os seus fagotistas* foi defendida pelo músico militar João de Brito em 2006. Esta dissertação também nos ofereceu um panorama histórico das bandas militares em Portugal, particularizando através de um estudo de caso as atividades da Banda da GNR em diferentes momentos, obtidos principalmente em digressões pelo estrangeiro, onde destacou especialmente a *performance* musical do grupo na cidade do Rio de Janeiro em 1965. Além da contribuição historiográfica, João de Brito deu-nos a conhecer as histórias de vida dos vários músicos (fagotistas) que exerceram atividades artísticas na Banda da GNR, os quais na perspectiva do autor foram “excelentes executantes e, ao mesmo tempo, testemunhas vivas dos êxitos desta banda” (Brito, 2006, p. 2).

A dissertação de mestrado de João Aires da Silva (2010) teve como objetivo principal o estudo da vida e obra de um dos integrantes que exerceu, nomeadamente, a função de compositor e maestro da Banda da GNR - Joaquim Fernandes Fão (1911 – 1935) -, que se destacou no cenário Português no final século XIX e na primeira metade do século XX. O ponto de destaque deste estudo são as mudanças geradas a partir da ação do maestro Fão que incluiu novos instrumentos, alterou o repertório e que resultou num melhoramento da sonoridade do grupo. O autor concluiu que, em verdade, o trabalho do maestro Fão ultrapassou os limites da GNR e alastrou para o universo musical das bandas civis, podendo, como tal ser considerado “importante para a história da música portuguesa” no século XX (Silva, 2010, p. 65).

O estudo de José Ribeiro (2011) teve como universo de estudo a atividade musical de Joaquim Luiz Gomes (1914-2009), que exerceu suas atividades como músico/compositor e maestro da Banda da GNR. Nesse estudo é dado a conhecer o contributo da obra do maestro e compositor, assim como as diversas atividades que desempenhou ao longo da sua vida ativa. Além dos trabalhos desenvolvidos na GNR, Joaquim Luiz Gomes contribuiu para o universo da música ligeira⁵² portuguesa com obras que foram disseminadas, tanto em Portugal como no exterior, através de intérpretes como, por exemplo, a fadista Amália Rodrigues. Além da trajetória histórica do compositor, o autor apresentou ao longo do trabalho um catálogo com mais de 500 composições para as mais variadas formações musicais e com indicação dos locais onde as obras estão depositadas. Conforme José Ribeiro, a maior parte das composições de Joaquim Luiz Gomes está arquivada nas bandas portuguesas – militares e civis. As conclusões apontaram que o compositor e maestro teve uma vida dedicada à arte musical tendo, inclusive, reconhecimento nacional por parte do Presidente da República portuguesa, Jorge Sampaio, quando em 2004, lhe atribuiu um diploma do grau de Oficial da Ordem de Mérito.

O estudo de caso “Caras mas boas” – música e poder simbólico (*a partir da análise da Banda de Armada*) da musicista militar Vera Pereira⁵³ (2008), também teve como universo de investigação seu contexto de trabalho. Diferentemente do trabalho anterior (Brito, 2006), que particularizou a

⁵² No que se refere à categoria “música ligeira”, no caso português, Fernando Lopes-Graça e Tomás Borba (1958) afirmam que: “Em música entende-se por género ligeiro o que tem de mais a agradar que despertar emoções estéticas de ordem superior” (Lopes-Graça & Borba, 1958, p. 119). Nesse caso, pelo facto da categoria “música ligeira” estar associada às massas, com menos “complexidade” e afastada da concepção do prazer estético associado à “música erudita” (Middleton, 1991), adquiriu uma conotação negativa, principalmente por discursos produzidos por intelectuais ligados ao campo da música erudita (*Ibid.*).

⁵³ Vera Lúcia Pereira concluiu mestrado na Universidade de Aveiro em 2008 com a dissertação intitulada “Caras mas boas” - *música e poder simbólico (a partir da análise da Banda da Armada Portuguesa)*. No ano de 2010, o referido trabalho foi publicado em um livro com o seguinte título: *Música e poder simbólico – A Banda da Armada como paradigma nacional*.

vida e obra dos fagotistas que exerceram e exercem atividades na Banda da GNR, a pesquisa realizada por Vera Pereira (2008) no âmbito da etnomusicologia e sociologia buscou compreender a trajetória histórica dos agrupamentos musicais militares em Portugal. Essa contextualização visou justificar a manutenção da Banda da Armada e até que ponto ela representava estruturas simbólicas de poder. As conclusões da autora apontaram que a Banda da Armada não é mais um instrumento de representação de poder perante a ameaça de guerra, num quadro de colonização ou de demonstração de supremacia da nação perante os outros, como aconteceu durante a história da banda (Pereira, 2008, p. 115). O grupo, na atualidade, é, sobretudo, um instrumento de prestígio social e militar, sendo, portanto, um guardião da memória da nação, razão pela qual justifica sua manutenção. Na perspectiva de Vera Pereira é:

A partir da própria história da Banda é possível contar a própria história do país, nos seus diferentes momentos, uma vez que em todos eles a música por ela interpretada esteve presente fosse em situação de guerra, de colonização, de representação ou de educação para a liberdade (Pereira, 2008, p. 115).

Apesar da autora afirmar que a Banda da Armada não é mais um instrumento de representação de poder, deixou claro no seu pensamento que “[...] não se pode ignorar o facto de que uma banda desta dimensão e qualidade acaba por ter um impacte visual e sonoro arrebatador, o que, implicitamente, difunde uma representação simbólica de maior poder por parte da instituição à qual pertence” [...] (*Ibid*). Além disso, conforme a autora, o compromisso entre música e poder observa-se não só dentro da própria instituição da Marinha, mas também na relação desta com o Estado (relação essa estabelecida desde a monarquia). E, apesar das mudanças políticas, sociais e militares, as bandas militares portuguesas conseguiram sobreviver até aos nossos dias (*Ibid*).

O trabalho de perfil historiográfico redigido pelo Sargento músico da GNR Franck Alferes (2012), centrou-se no estudo dos *Hinos e Marchas, do período de 1933-1958, e no seu contributo para a História da Música Militar*. A pesquisa teve como objetivo “sistematizar toda a informação encontrada sobre a História do Estado Novo” tendo como referência os Hinos e Marchas deste período, permitindo reconhecer a sua influência e a possibilidade de reflexão da sua orientação propagandística do regime vigente neste quadro da História. As conclusões do autor apontaram que as propagandas veiculadas pelo regime do Estado Novo foram eminentemente de carácter nacionalista e que se dirigiram a essas dimensões sociais como a Educação Nacional, destacando-se na música e também nas instituições militares, facto que na perspectiva do autor contribuiu para a História da Música

Militar portuguesa. Destacou, ainda, que a música militar durante o período estabeleceu forte relação com a população através das suas atuações públicas realizadas pelas bandas de música, em especial as militares, o que motivou o “povo” à progressiva aquisição de hábitos, conhecimentos e ideias do referido regime político.

O músico militar Bruno Lopes (2013), pertencente à Banda da Armada portuguesa, apresentou na sua dissertação *O Percuso do compositor Jorge Salgueiro na Banda da Armada*. O trabalho teve com foco o percurso histórico do ex-compositor residente na Banda da Armada, o Português Jorge Salgueiro (2000 a 2010). Essa obra é particularizada em relação às demais referidas anteriormente por (Silva, 2010; Ribeiro, 2011) pelo facto da Armada portuguesa ser a primeira e a única instituição, conforme Vera Pereira (2008) e Bruno Lopes (2013), a dispor desse cargo em relação às congéneres militares (Lopes, 2013, p. 10). Também foi explorado o modo como se deu o percurso do compositor na instituição e a importância da temática do Mar para ambos. Na perspectiva do autor, seu trabalho composicional “[...] contribuiu (e continua a contribuir) para a afirmação e reforço da sua identidade enquanto agrupamento musical, bem como da identidade da própria Marinha, mormente mediante a alusão a questões de natureza marítima e náutica” (Lopes, 2013, p. 37). Na próxima secção apresento a *performance* musical das bandas militares como um recurso que auxilia na construção de uma representação simbólica de que o Estado detém o poder.

2.2 O uso político da *performance* musical das bandas militares pelo Estado

Os relatos históricos apresentados na secção anterior dão conta que a *performance* musical das bandas militares constitui uma ferramenta imprescindível para atividades rotineiras ou extraordinárias do Quartel, entre elas destaco o acompanhamento da tropa em desfiles, a execução de toques específicos que anunciam autoridades civis ou militares, entusiasmo os militares em solenidades como: a conclusão de cursos de formação, aniversário de Unidades e no auxílio da liturgia de eventos religiosos. No espaço público, principalmente a partir do século XX, podemos constatar a presença das bandas nas paradas ao redor do globo, executando hinos pátrios e marchas. A *performance* musical desses grupos produz um impacto visual e emocional em sua audiência, refletindo, portanto, a organização social interna que caracteriza a vida militar, - a qual representa “a incorporação de um conjunto de valores e atitudes orientados por uma disciplina rigorosa e a uma forte unidade corporativa” (Souza, 2004, p. 161). Nesses momentos, o movimento corporal e as coreografias dos homens uniformizados e armados ao som da banda se intensificam, criando situações ímpares de expressão dos militares frente aos espectadores do ritual e gerando, “muitas

vezes”, na audiência um sentimento de nacionalismo. O impacto sonoro nos espectadores e a reação desses ouvintes em relação à *performance* musical da banda são sempre aspectos determinantes, auxiliando na construção de uma representação simbólica de que o Estado detém o poder⁵⁴.

Bob Boonzajer Flaes, ao estudar os agrupamentos de sopros e percussão na Holanda, concluiu que essa forma de evidenciar o poder do Estado não parece ser recente no ocidente, ressaltando em sua análise que o projeto colonial europeu é geralmente visto como o principal agente na disseminação das bandas de música em todo o mundo (Flaes, 2000 *cit. in* Brucher, 2013, p. 19). O autor apresentou a banda militar europeia como uma metáfora para o colonialismo europeu, alegando que tais conjuntos foram enviados para as colônias com o objetivo explícito de promover uma sensação de espanto entre os “nativos”. Sua “beleza terrível” foi capaz de unir, em uma única fórmula, uma hierarquia clara e estrutural de trabalho, um retrato ordenado de poder, de força militar e a tecnologia moderna deslumbrante em forma de brilhantes instrumentos musicais, indestrutíveis. Ainda para esse autor, a *performance* musical das bandas militares nos ritos de poder explícitos, como as paradas, ter-se-á mostrado decisiva para evidenciar a superioridade europeia no âmbito cultural, tecnológico e militar (*Ibid*).

A maneira como a banda militar se mostra como elemento de representação simbólica de poder do Estado também foi estudada por Fernando Binder (2006). Para ele, desde os meados do século XVII “era um índice de classe característico da nobreza europeia” a utilização de agrupamentos musicais nas festas reais, bem como nas cerimônias militares, onde possuía parte destinada a paradas e desfiles das tropas. Binder documentou ainda que essa forma de representação simbólica, ou seja, “simbolizar *status* de poder é uma das mais antigas funções associadas aos instrumentos de sopro” (Binder, 2006, p. 35). Como exemplo, esse autor dá-nos o caso da corte real portuguesa que, desde 1724, contava com um grupo de dezasseis músicos, contratados pelo conde de Tarouca⁵⁵ por ordem de dom João V⁵⁶.

Com a expansão colonial, as bandas militares europeias foram disseminadas por diversas partes do mundo. Em muitos países, sua popularidade se deu por serem vistos como símbolos da

⁵⁴ O conceito de Poder parece está vinculado a uma multiplicidade de definições. Norberto Bobbio (2000) o classifica em esferas distintas: poder social, poder político, poder constituinte, poder moderador, poder potencial, poder coordenador, entre outros (Bobbio, 2000, p. 933).

⁵⁵ Segundo Binder (2006), Tarouca era o embaixador português em Haia, Holanda. Documentos sobre a contratação dos músicos podem ser encontrados em Doderer, 2001 (Binder, 2006, p. 35).

⁵⁶ Para ver os detalhes dessa forma de representação simbólica de poder, a partir do século XVIII, consultar o segundo capítulo da dissertação de Binder, cujo título é “*bandas militares: os brasões sonoros da aristocracia*”.

modernidade, como na Índia, onde existe um grande movimento de bandas (Reily, 2008). Segundo Suzel Reily:

[...] as bandas de sopro na Índia, afirma que ali o poder colonial recrutou indianos, especialmente na região do Punjab, para integrar as bandas militares. Como meio de se identificarem com a modernidade, as famílias de castas altas passaram a contratar esses músicos para suas celebrações de casamento. Embora a instrumentação fosse vista como ‘moderna’, os músicos, de modo geral, provinham – como no período pré-colonial – das castas baixas, devido ao seu contato com domínios impuros: o cuspe (no caso dos instrumentos de sopro) e o couro (no caso dos tambores). O papel principal dessas bandas era – como ainda é – o de acompanhar o noivo a caminho da casa da noiva e depois para proporcionar a música para o baile. Se no início do século XX o repertório desses conjuntos ‘modernos’ era composto predominantemente por marchas militares inglesas, hoje uma banda de casamento indiana terá dificuldade em achar contratos se não souber tocar os últimos sucessos de Bollywood. Este exemplo demonstra bem como o fenômeno global da banda de sopro pode se ‘localizar’ de forma a se tornar efetivamente uma tradição cujo vínculo com a matriz colonial se ofusca quase totalmente (Booth, 2005 *cit. in* Reily, 2008, p. 30).

Suzel Reily em sua análise sobre as *Bandas de Música – um diálogo transcultural*, destaca ainda que a *performance* musical das bandas militares nas paradas militares (eventos em que o Estado demonstra o seu poder), pela capacidade da projeção sonora desses grupos, trata-se de “[...] um espetáculo do poder, organizado com o intuito de promover emoções fortes e não deixa margem de erro ao comunicar a quem pertence o espaço público, ao menos naquele momento” (Reily, 2008, p. 27). Reily dá-nos exemplo de países que utilizam a música como recurso que contribui para a integração e socialização dos indivíduos em espaços públicos, mencionando as comemorações do dia da Independência no Brasil, que envolvem uma parada militar, como um exemplo particular de como a representação simbólica cria uma unidade nacional. Conforme Roberto DaMatta (1977), a parada militar alusiva a independência do Brasil é organizada pelas Forças Armadas e o evento em si reflete a propagação da ordem social e política vigente (DaMatta, 1977, p. 247). Para ele, o motivo unificador é a comemoração da “independência política” do Brasil em relação ao colonialismo português. Este evento vai trazer para a cena das ruas os aspectos cruciais de uma sociedade ampla, complexa e total, reunindo através das *performances* das bandas parte de seus membros, em um

evento com data fixa, com local predeterminado e com horário de começo e fim. Roberto DaMatta (1997) destaca ainda que no desfile do Dia da Pátria, “as corporações são ordenadas segundo um eixo hierárquico, o ritual assume explicitamente tal princípio organizatório” (DaMatta, 1997, p. 56). Nesse ritual há uma clara separação entre quem assiste ao evento e as autoridades colocadas em um lugar de destaque, para as quais o evento acontece. As pessoas sabem exatamente que lugar ocupar nesse “dispositivo” especial regulatório (*Ibid*). Ainda conforme Roberto DaMatta (1986), “todos os Estados nacionais modernos têm essas formas de desfile, embora apresentem importantes variações que denunciam diversidades políticas e sociais significativas” (DaMatta, 1986, p. 59).

O espaço reservado para a parada militar é um lugar que deve ficar aberto ao ritual e, em consequência, fechado às atividades de rotina do cotidiano. Em geral, as paradas comemoram ou celebram uma ocorrência real que justificam a importância da data. No caso da Rússia, por exemplo, as paradas militares se realizam em várias cidades pelo país, a principal acontece na Praça Vermelha em Moscovo. O motivo principal dessa parada é a celebração da vitória soviética sobre a Alemanha Nazi em 1945 (Morris, 2011). Essa data é comemorada no dia 9 de maio e se exibe recheada de demonstrações explícitas de poder militar e político, onde os militares se apresentam com suas armas, demonstrando obediência, disciplina e ordem, bem como a exposição no espaço público, do arsenal de militar Russo como que a revelar à sua audiência e o poderio de defender a Pátria a qualquer custo, se isso for realmente necessário. Essa forma de exibição do poder do Estado também pode ser vista numa parada militar na China, em comemoração do aniversário da vitória chinesa contra a agressão japonesa e da Guerra Mundial Antifascista, celebrada no dia 3 de setembro.

Em Portugal, a parada militar que celebra o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas é realizada em 10 de junho por todo o país. Todavia, a principal parada acontece em Lisboa, com as presenças do Presidente da República e de muitas outras individualidades, como o Presidente da Assembleia da República, o Primeiro-ministro, os Ministros, os Embaixadores e outras autoridades. As comemorações envolvem diversas cerimónias militares e a presença das bandas militares, incluindo a da GNR se mostra decisiva para a realização dos concertos, cortejos e desfiles (Loff & Pereira, 2006). Conforme esses autores, o dia 10 de Junho começou a ser particularmente exaltado a nível nacional a partir da idealização do Estado Novo em 1933, por António Salazar, o qual gerou um sentimento de pertença e nacionalismo mais acentuado nos cidadãos portugueses. Outros países como as Coreias do sul e do norte, África do sul, Índia, entre

outros, anualmente comemoram ou celebram uma ocorrência real que justifica a importância da data. Nessas paradas, as *performances* musicais das bandas militares, executando marchas e hinos, parecem contribuir para que o ritual tenha vida, dando-lhe uma forma exterior solene, demonstrando o poder do Estado.

As exposições públicas que evidenciam o poder do Estado nem sempre seguem um padrão estrutural determinado. Todavia, um aspecto comum nesses eventos é a projeção sonora dos instrumentos musicais e o repertório executados pelas Bandas que partilham uma linhagem militar. Assim, há uma preocupação eminente para que cada Banda possa ter uma sonoridade específica e que essa expressão sonora tenha destaque nos desfiles. Para Suzel Reily (2008), “o próprio repertório da banda traz, para o evento, as associações simbólicas a ele atribuídas na sociedade em questão” (Reily, 2008, p. 26). Como muitas manifestações públicas são acompanhadas por bandas militares, Gordon Ramsey (2011), em seu estudo *Music, Emotion and Identity in Ulster Marching Bands: Flutes, Drums and Loyal Sons* sobre as bandas de flauta e percussão da Irlanda do Norte, ressalta que embora a instrumentação desses grupos se diferencie daquela utilizada em bandas de música, esses conjuntos partilham uma linhagem militar europeia comum como seja: incorporação de instrumentação de uso militar, a adaptação de melodias de danças populares, em desfiles conjuntos, associando tradição e modernidade e, da mesma forma, apresentam um repertório que ressoa poderosamente nos espaços públicos das comunidades nas quais se desempenham suas atividades. Para ele, estes conjuntos também envolvem a sociabilidade entre seus membros, gerando sentimento de pertença em todos os presentes, executantes e público.

Essa forma de saber como a *performance* musical das bandas militares pode influenciar diretamente uma sociedade em questão, principalmente no que diz respeito ao papel de representação do poder militar e político também foi analisada pela pesquisadora Sarah McClimon (2013), no estudo *Western Challenge, Japanese Musical Response: Military Bands in Modern Japan* no qual oferece uma visão geral do desenvolvimento da música militar no Japão a partir do final do século XIX para o século XX (McClimon, 2013, p. 92). Através de uma análise do repertório, ela mostra como as bandas militares articularam as tensões decorrentes do impulso para a modernização e ocidentalização, de um lado, e o desejo de preservar uma visão do Japão como um império antigo e duradouro, de outro. Para essa autora, a influência do repertório e instrumentos musicais, a partir do projeto colonial europeu, também foi decisivo para a ocidentalização da música militar no Japão. Ainda Para Sarah McClimon, durante o período em que o Japão não esteve em Guerra as bandas militares forneceram entretenimento para a sociedade local e participaram de exposições no exterior para

realçar a imagem do país como uma potência moderna. Nesses eventos internacionais, principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América, conforme essa autora, aumentou o prestígio do Japão como uma potência imperial e militar, o que o deixou em pé de igualdade com os outros países no mundo ocidental (*Ibid*, p. 94).

A partir dos exemplos citados, especialmente do papel da *performance* musical das bandas militares na representação do poder militar e político em alguns países, não se pode negar que, à sua maneira, esses grupos podem ser encontrados em diversas partes do mundo, com características diferentes, conforme defendeu Suzel Reily (2008, p. 26). Assim, interessa-me aqui compreender também como o Estado português tem feito uso desses agrupamentos instrumentais, principalmente no século XX, para conquistar as pessoas, e até que ponto, a *performance* musical das bandas militares pode contribuir como um elemento de controlo social.

2.2.1 *A performance musical das bandas militares como um recurso de controlo social em Portugal*

A *performance* musical das bandas militares constitui uma prática multifacetada que pode ser utilizada para diversos usos e funções. Em virtude dessa abrangência, estudos como os de (Alferes, 2012; Brucher, 2005; Sousa, 2008; Pereira, 2008) dão conta de que a música militar pode ser considerada um poderoso ingrediente para que o Estado transmita os seus ideais, como o ocorrido durante o Estado Novo (1933 a 1974) em Portugal. Esse regime autoritário foi instaurado por António de Oliveira Salazar com a aprovação da Constituição de 1933 e manteve uma forte propaganda política, de modo a aplicar o seu carácter acentuadamente nacionalista, impondo-se na Educação Nacional, nas instituições militares, tendo as *performances* musicais das bandas militares como um dos meios de organização social e política (Alferes, 2012).

David Birmingham (1993) defendeu que o Estado Novo tinha como preceitos:

Patriotism was epitomized by a rejection of the republic and all its values and by a new enthusiasm for Portugal's role as one of the "great powers" in the African colonies. Paternalism involved an absolute and unquestioning respect for authority and all its agents, including the restored Catholic church. Prudence was enshrined in the virtues of the thrift and fortitude of workers and peasants but did not apply to the leisured class who dined well and slept late (Birmingham, 1993, p. 160).

A formação do Estado Novo teve como objetivo buscar harmonia social entre as diferentes classes sociais através de uma articulação que tinha o Estado como mediador. Através do *Slogan* “Nada contra a Nação, Tudo pela Nação” e “Deus, Família e Nação”, aproxima-se da igreja, defendendo de todas as maneiras a nação, o seu património e a sua história, assim como, os valores tradicionais da família portuguesa.

Para o historiador Fernando Rosas (2001), o Estado Novo, à semelhança de outros regimes totalitários na Europa, sobretudo das suas periferias do Leste e do Sul, alimentou e procurou executar, a partir de órgãos do Estado, um projeto de criação de um novo tipo de cidadão português. Esse novo cidadão (novo homem), conforme designa o autor, surge a partir da criação de uma ideologia programada e um plano de execução que envolveu todos os diferentes componentes do Estado numa estratégia convergente, numa tentativa de “reeducação dos espíritos”, tendo como ponto de partida um ideário genuinamente nacional de que o regime se considerava portador (Rosas, 2001, p. 1032). Ainda para o autor, esse “novo homem” “[...] foi levado autoritariamente ao espaço e às sociabilidades privadas de massa, procurando modificar de raiz, e em extensão, os comportamentos, as atitudes e as condições sociais e metas da sua gestação” (Ibid).

Nessa perspectiva, com a finalidade de modelar o pensamento e qualquer tipo de expressão individual, Salazar criou a força paramilitar Mocidade Portuguesa em 1936. Essa organização oficial juvenil, à época, era integrada ao Ministério da Educação Nacional e era administrada por um Comissário Nacional. Conforme Rómulo de Carvalho (1996), o objetivo dessa organização era enquadrar na mente dos mais jovens os valores morais e cívicos do regime autoritário. Segundo esse autor, todos os membros da Mocidade Portuguesa tinham que cumprir as obrigações da organização, as quais eram respaldadas em práticas cívico-militar, “[...] adoptada como sinal de subordinação hierárquica e patriótica [...]”, tais como hastear a bandeira, cantar o hino nacional, exercícios físicos e marchas militares (Carvalho, 1996, p. 756). Esse modelo de “reeducação de espíritos”, conforme defendeu Fernando Rosas, tinha como princípios disciplinares: a força, a ordem, a coragem e a disciplina, os quais estavam embutidos no pensamento militar e deveriam servir de exemplo para a sociedade portuguesa. Essa organização, em consonância com o regime vigente, foi, durante o período da sua existência, um elemento essencial na preparação da juventude, já que ela ocupou e ajudou na formação desses como homens e mulheres (Ibid).

Além da Mocidade Portuguesa, o Estado Novo criou outros mecanismos institucionais e administrativos, destinados a moldar os comportamentos dos portugueses e as manifestações artísticas e literárias, como é o caso da Organização das Mães para a Educação Nacional, da Federação Nacional para a Alegria do Trabalho (FNAT). Isso quer dizer que o Estado Novo tentou moldar ideologicamente a cultura e a sociedade portuguesa para o citado modelo. Em relação a isso, Salazar deixou pouco espaço para a liberdade política e de expressão, conforme Katherine Brucher (2005) cita em: “[...] sought to manage portuguese peasants and workers leisure time, suggesting why such organizations as bands or folklore groups had to register with the government” (Brucher, 2005, p. 125). Isso comprova que o controlo das manifestações culturais, durante o regime, exerceu-se efetivamente com uma violência absolutamente inusitada e nunca vista em Portugal. Cabe destacar que nesse período, a música foi utilizada com uma perspectiva de resistência, cito como exemplo, as obras do compositor e maestro Fernando Lopes Graças como provas de uma expressão da reação às imposições de regulação instauradas pelo regime.

Nesta época, em Portugal, o contributo dos músicos militares era decisivo para a formação e manutenção/sobrevivência de diversas bandas no país, tanto civis como das Forças Armadas (Sousa, 2008, p. 92). Para Marquês de Sousa, na década de 1930, existiam mais de trinta bandas militares. Particularmente em 1937, em virtude de uma forte austeridade e um rigoroso controlo de contas, o então ministro António Salazar determinou, através do Decreto Lei⁵⁷, a redução de trinta e duas para oito bandas militares do Exército (*Ibid*). No entanto, mesmo diante da extinção desses vinte e quatro grupos do Exército, as oito bandas remanescentes continuaram exercendo as suas funções junto da sociedade portuguesa, as quais performavam em diferentes partes do país, tirando proveito dos recursos sonoros da música militar para expressar os ideais do regime do Salazar (*Ibid*, p. 92).

Acerca dos reflexos desse Decreto Lei, Victorino D’Almeida (2008) aponta que:

Durante a Guerra Colonial, muitos foram os soldados que se inscreveram nas Bandas do Exército, na esperança de escapar do indesejável recrutamento para campanhas do capim africano, onde os seus dotes musicais teriam pouco ou nenhum cabimento. Infelizmente, para os músicos e para as fanfarras, vigoraram os princípios de certo ministro da Defesa que proclamava a necessidade de

⁵⁷ Decreto-lei 28/401 de 31 de Dezembro 1937, publicado na OE nº 12 de 31 Dezembro 1937.

“mais canhões e menos trombones” – pelo que a atividade filarmónica não ficou muito enriquecida com aquelas inspirações pacifistas (D’Alemida, 2008, p. 25).

Para Marquês de Sousa, a apropriação da música militar, pelo regime, refletiu a política do Estado Novo em relação à sociedade civil e à instituição militar. Especialmente em 1954, o então Ministro da Defesa Santos Costa, com o intuito de utilizar a música como um componente ideológico, decidiu dotar as unidades militares de Fanfarras de Corneteiros e Clarins, com a finalidade de

[...] imprimir um modelo mais marcial [...] para revigoração do espírito de disciplina e de corpo, como também para que na população civil em geral se fomentasse o espírito militar e o prestígio da força armada. [...] Uma das justificações apresentadas foi a participação das fanfarras nas cerimónias militares (Sousa, 2008, p. 103).

Nesse cenário, os hinos e as marchas, executadas pelas bandas militares, foram decisivos na imposição do regime, o qual tinha como objetivo a defesa da identidade histórica nacional, idealizada a partir do carácter conservador das instituições militares. Curioso notar que estamos falando de uma realidade, como observou Piero Leirner (2009), que segue claramente o modelo adotado pelas instituições militares, que prezam pelo revigoração do “espírito da disciplina de corpo” aos seus integrantes, o que corresponde ao controlo da postura corporal, a qual procura-se sempre convergir para o estabelecimento da ordem social no quotidiano do quartel (Leirner, 2009, p. 42). É nesse contexto, portanto, que a *performance* musical das bandas se mostra decisiva para a homogeneização dos gestos e comportamentos, fazendo com que todos presentes se tornem um. Todavia, como se percebe, parece que o regime tentou influenciar os cidadãos portugueses, imprimindo um modelo de controlo corporal adotado na vida militar e a *performance* musical das bandas que tiveram maior protagonismo no regime.

Vale destacar que, durante o Estado Novo, as bandas militares atuavam junto da sociedade com certa regularidade. Marquês de Sousa ressalta que “[...] eram frequentes os concertos públicos semanais em todas as localidades onde existia banda militar [...]”. Entre os concertos, o autor destaca, em particular, a *performance* musical das bandas nas festividades religiosas do país, e, em especial, a tradicional procissão da Senhora da Saúde, “[...] onde se encontram todas as bandas militares e das Forças de Segurança, desfilando briosamente ao som de marchas graves, solenemente interpretando com a qualidade e o timbre próprio daqueles agrupamentos musicais”

(Sousa, 2008, p. 101). Vasco Flamino (1995) também destaca que a *performance* musical das bandas, em meados do século XX, era transmitida com certa frequência nos meios de radiodifusão. Segundo esse autor, os grupos alcançavam especialmente um público que não tinha acesso às principais salas de concertos do país (Flamino, 1995, p. 30).

Com a queda do regime autoritário, em 25 de Abril de 1974, as bandas militares em geral deixam de executar hinos e marchas ligados ao regime antigo para dar lugar a outros repertórios que transmitiam o sentimento de liberdade e igualdade. Nas palavras de Vera Pereira (2008):

Em relação às marchas, é de salientar, nesta altura, a presença assídua nos concertos da marcha A “Life On the Ocean Wave” (conhecida como a marcha do M.F.A.) de Henry Russell, para além de novas composições, tais como: Alvorada do 25 de Abril (Cirilo Coutinho), Portugal Livre (José Chaveiro) e Cravo Vermelho (Fernando Matos Simões). Esta última, escrita em Luanda logo após a Revolução pelo então tenente chefe de banda, Fernando Simões, possui na partitura a seguinte dedicatória: “Ao generoso povo da minha Pátria que na gloriosa manhã do dia 25 de Abril de 1974, ao lado das Forças Armadas, possibilitou o nascimento de uma nova era para Portugal, empenhando, como sua arma, a flor nacional: o Cravo Vermelho” (Pereira, 2008, pp. 100-101).

A partir de então, o Governo anunciou as Campanhas de Dinamização Cultural, com o objetivo de “cumprir integralmente o programa do Movimento das Forças Armadas (MFA) e colocar as Forças Armadas ao serviço de um projeto de desenvolvimento do Povo Português” (*Ibid.*, p. 102). Para isso, as *performances* musicais das bandas militares mostraram-se como um recurso fundamental, pois esses grupos cumpriam uma prática social significativa, sendo responsáveis pela interação entre a sociedade e a banda, representando um fator que agrega experiências culturais diversas, aos seus participantes, no universo social que os rodeia (Fontoura, 2011).

Marquês de Sousa ainda destaca que, com o fim do regime autoritário, o ambiente social e cultural vivido no país abandonou a tradicional atitude formal, outrora respaldada na disciplina e no “espírito militar”, o que também se refletiu no repertório das bandas, as quais “adotaram um repertório mais ligeiro, percorrendo o interior de Portugal em ações de divulgação da cultura [...]” e ainda segundo esse autor, durante a *performance* musical, as bandas “eram muito acarinhadas pelo povo português, em resultado do papel dos militares na transição para o regime democrático” (Sousa, 2008, p. 117). Dessa forma, parece que a *performance* musical das bandas militares, após as

transformações do 25 de Abril de 1974, contribuiu para a “desmilitarização” da sociedade civil, sendo principalmente um elemento responsável *pela e para* ordem social e política.

Já na democracia, especialmente a partir das décadas de 1980-90, as bandas militares e de Segurança participaram em diversas atuações, tanto ao ar livre ou nas salas de concertos, incluindo os arquipélagos dos Açores e da Madeira, “divulgando a arte da música e prestigiando a instituição militar” (*Ibid*). O Novo Governo investiu nas orgânicas e nos recursos humanos das bandas militares, o que elevou o nível artístico desses grupos; bem como melhorou o sistema de ensino do país, contribuindo para a formação musical e académica em nível superior dos músicos militares (*Ibid*, p. 118). Essa ação do Governo contribuiu, sobremaneira, para uma mudança de paradigma no perfil dos músicos militares, uma vez que, com a expansão e oferta de escolas especializadas em música, principalmente Conservatórios e Universidades, a partir da década de 1990, os jovens músicos, que antes eram admitidos nas bandas na qualidade de soldado aprendiz de música, passaram a ingressar nas bandas com uma formação musical mais sólida, configurando-se, portanto, conforme ressalta António Durão (2010), numa mudança no âmbito interno da corporação, que inverteu a forma de transmissão de conhecimentos, os quais antes eram “de dentro [da Banda] para fora” e hoje tem sido “de fora [das instituições especializadas em música] para dentro da banda”. Assim, essa mudança de paradigma no ensino tem-se refletido também nas relações hierárquicas dos músicos militares no quotidiano do quartel.

Em síntese

Deste estudo podemos perceber que as bandas militares tiveram e têm uma efetiva presença nos rituais do Quartel, bem como em eventos extraordinários na esfera pública. É também possível constatar que em virtude do perfil hierarquizante e fechado das instituições militares, as publicações sobre esse universo, foram escritas por indivíduos ligados a esse contereitiraxto. Essa realidade também é perceptível na literatura publicada em Portugal.

Um ponto em destaque abordado nos estudos realizados em Portugal diz respeito ao impacto no cenário musical militar, ocasionado principalmente pela importação de instrumentos musicais e contratação de maestros militares, especialmente alemães, que implantaram um modelo performativo de bandas militares já conhecido na Alemanha.

Outra particularidade começa a partir da década de 30 do século XX, em que é evidenciado um certo “bairrismo” por parte dos autores, principalmente entre os estudos realizados em Portugal. Essa prática, também é percebida no início do século XXI, mais precisamente a partir de 2006, em pesquisas de perfil historiográfico ou crítico, realizadas no âmbito do mestrado, em que os autores deram principal enfoque aos seus respectivos grupos militares. Acredito, portanto, que essa prática caracteriza-se, sobretudo, por haver uma intenção de construir a identidade da própria instituição a que pertence o pesquisador.

Em relação à BMGNR, os trabalhos publicados anteriormente apontam-na como a Banda mais estudada entre as congêneres militares em Portugal. A primeira publicação de cunho historiográfico sobre o grupo foi realizada por Albino Lapa em 1941. Os demais trabalhos foram publicações acadêmicas produzidas a partir de 2006 por músicos que pertencem à BMGNR, nomeadamente João de Brito (2006), João Silva (2010) e José Ribeiro (2011). Esses trabalhos tornam-se relevantes para a minha pesquisa, pois os autores, deram-nos a conhecer particularidades da instituição, como desde os primeiros regulamentos militares que preconizavam as regras para os componentes da Banda, os quantitativos dos músicos, postos hierárquicos, até os instrumentos musicais utilizados. Além disso, os autores evidenciaram no decorrer da trajetória histórica do grupo a ampliação do efetivo e inclusão de instrumentos, como os contrabaixos, violoncelos e harpa, entre outros. Como fruto dessa ampliação e inclusão de instrumentos, conforme os autores, novos grupos surgiram dentro da Banda, possibilitando assim, agrupamentos musicais específicos para atuarem em diferentes espaços, como exemplo: a Banda Sinfónica e Orquestra de Câmara, em teatros, igrejas e em ambientes com estrutura para comportar esses grupos.

Já as demais formações musicais como a Fanfarra e a Banda Marcial para atuarem especialmente em eventos abertos, como o Render da Guarda, Concertos em Escolas, eventos religiosos, bem como nos protocolos do Estado, entre eles a utilização dos músicos na recepção de autoridades estrangeiras, ou em eventos comemorativos, conclusão de cursos entre outros. Ademais, os autores apresentaram digressões da Banda ao estrangeiro, principalmente na Europa e na América do Sul, como a que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro em 1965. Através de estudos de caso, as publicações acadêmicas deram especial enfoque, além dos aspectos apresentados acima, principalmente à vida e obras de músicos que se destacaram na história do grupo, entre eles: Joaquim Fernandes Fão (1911–1935) e Joaquim Luiz Gomes (1914-2009). Essas informações são essenciais para entender o fazer musical da BMGNR, bem como as relações estabelecidas com a sociedade e o Estado na contemporaneidade.

Entretanto, há lacunas nos estudos publicados, principalmente no modo como a *performance* musical da BMG NR estrutura e reformula de contextos sociais, tais como os rituais internos do quartel ou os eventos ditos “extraordinários” para a sociedade. Além disso, os trabalhos realizados não evidenciam o cotidiano dos músicos, especialmente as relações hierárquicas estabelecidas entre seus integrantes nos ensaios, reuniões, apresentações. Há também uma lacuna acerca de informações no âmbito monográfico sobre o processo de ensino e aprendizagem utilizado na instituição e sobre o conhecimento do papel sociocultural que a BMG NR desempenha na cidade de Lisboa, nomeadamente através do estudo da música como fenómeno sonoro e social.

3. A BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA: PROTAGONISMO DE LONGA DATA

A Banda da Guarda foi a primeira e a única em Portugal durante muitos anos, a ter a orgânica de Banda Sinfónica. Logo no início da década de 1920, já a Banda do Comando Geral em Lisboa tinha mais de uma centena de músicos e dispunha de violoncelos e rabeções [...].

Tenente Coronel Pedro Marquês de Sousa (2008).

A Banda da Guarda é a única Banda [em Portugal] que consegue executar repertório de transcrição [de obras da música erudita] das grandes orquestras para banda [...]. [...] é a única Banda que tem essas transcrições em seu arquivo e que nos permite levar ao público em geral aquilo que não se pode ouvir nas grandes salas de espetáculos, como a obra *Sagração da Primavera* de Igor Stravinsky. Para assistir a uma orquestra [sinfónica interpretando essa obra] o bilhete [pode] custar muito caro.

Sargento-Ajudante Jorge Ferreira (14/2/2013).

Neste capítulo apresento o espaço social onde está inserida a BMGNR, objeto deste estudo. Para isso, parto de uma contextualização da GNR entre as Forças Armadas e as Forças de Segurança em Portugal, mais especificamente na cidade de Lisboa. Apresento as particularidades que definem o funcionamento dessa instituição, como a sua missão, a sua dimensão estrutural e seus atuais regulamentos, os quais gerem o quotidiano dos militares, incluindo os músicos. Em seguida, evidencio aspectos singulares que definem a prática musical da BMGNR em Lisboa, pois é nesse contexto sociocultural que o grupo teve origem e onde suas *performances* musicais fizeram e vêm fazendo, desde o final do século XIX, a história do grupo ser diferente em relação às demais bandas militares. Por isso, aqui também serão evidenciados, a partir da memória dos atuais elementos da BMGNR em entrevistas, na galeria de figuras e momentos notáveis, nas conversas informais e na literatura específica sobre o grupo, os principais eventos com impacto na trajetória da Banda, bem como os diversos protagonistas que fizeram ou fazem parte dessa caminhada.

3.1 A Guarda Nacional Republicana

As Forças Armadas e as Forças de Segurança portuguesas, bem como as suas respectivas bandas militares estão sediadas na cidade de Lisboa. Essa localização em Lisboa pode ser explicada em razão da cidade situar-se na costa do Oceano Atlântico, sendo, portanto, a capital mais Ocidental da Europa. Assim, pela posição geográfica privilegiada que ocupa, e por estar situada na margem norte do Rio Tejo, que desagua no Oceano Atlântico, a cidade destaca-se especialmente por sediar o centro militar, político, económico e cultural do país (Marques, 2003).

Cabe aqui mencionar que, além das Forças Armadas e suas respectivas bandas, também há os órgãos responsáveis pela Segurança pública interna, que são constituídos pela Polícia de Segurança Pública (PSP), a Guarda Nacional Republicana (GNR), a Polícia Judiciária (PJ), o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e outras instituições direcionadas para situações particulares, como a Polícia Marítima (PM) e a Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica (ASAE) (Andrade, 2011). Entre os órgãos de segurança pública citados anteriormente nos atermos adiante, apenas à GNR, por acolher em sua orgânica, a BMGNR, foco deste estudo.

3.1.1 Dimensão estrutural e papel da Guarda Nacional Republicana junto ao Estado

Para iniciar a breve reflexão acerca da Guarda Nacional Republicana, vale evocar o músico militar Português Albino Lapa (1941), que afirma:

[A GNR] Foi a primeira organização militar armada que existiu para manter a segurança pública [...]. Dada a grandeza que usufruía, não podia, por isso, deixar de ter uma Banda de música, e assim deu motivo a que por muitos anos fosse tolerada uma banda que tinha a sua sede na Costa do Castelo – e que acompanhava a Guarda quando regressava ao quartel. (Lapa, 1941, p. 27).

A GNR é uma instituição nacional e permanente, cujo efetivo em 2013 era de 23.191 militares⁵⁸, dos quais 173 têm o estatuto de músicos (cf. Anexo i). Nessa instituição, o individuo é enquadrado numa carreira que tem como trajetória única o pertencimento a uma cadeia de comando-obediência pela qual cada militar tem o direito de realizar uma escalada hierárquica. Essa cadeia é formada por um quadro efetivo de Oficiais, Sargentos e Guardas, (conforme explicitado no Plano de Atividade da GNR, 2013) que atuam conjuntamente com Forças militares (Exército, Força Aérea e Armada) como em Forças internas de Segurança nacionais (PM - militarizados e PSP - civis) e em Forças internacionais. Com as atribuições tanto de Forças Armadas de proteção externa como de proteção interna, a GNR constui-se como um ponto de interseção, pois torna-se inevitável que suas ações converjam para as mais diversas atividades, tanto militares como de prestação de serviços a entidades públicas e privadas.

⁵⁸ Em dezembro de 2013, os efetivos militares dos quadros permanentes, na situação de ativo, integrados na estrutura orgânica da Marinha, do Exército e da Força Aérea, era composto por 36.000 militares.

A instituição conhecida hoje como GNR teve a sua origem em 10 de dezembro de 1801, quando foi decretada a criação da Guarda Real da Polícia de Lisboa, pelo então ministro Rodrigo de Sousa Coutinho (Lapa, 1941). Esse corpo policial militar foi instituído com o objetivo de garantir a ordem e tranquilidade pública. Ao longo da sua história tem recebido denominações diversas, como Guarda Real de Polícia, Guarda Municipal (1834) e com o fim da monarquia, chega-se à atual designação – Guarda Nacional Republicana (1911) (Andrade, 2011). Uma vez que não é objetivo desta pesquisa descrever a trajetória da Guarda, irei destacar especialmente as particularidades que definem o funcionamento dessa instituição, como a sua missão, a sua dimensão estrutural e seus atuais regulamentos, principalmente no século XXI, os quais gerem o quotidiano dos militares. Esta abordagem irá permitir uma melhor compreensão do espaço social onde está inserido a BMGNR.

Com o objetivo de prestar serviços de segurança pública qualificada à sociedade portuguesa, bem como contribuir para a manutenção dos direitos e deveres que lhe foram conferidos, a GNR tem passado nos últimos tempos, mais precisamente a partir do início do séc. XXI, por uma série de reestruturações, geradas a partir de leis oficiais que determinam as ações a serem por ela implementadas, em uma tentativa de melhor atender aos anseios de uma “sociedade plural” e dinâmica que se modifica constantemente (Andrade, 2011). Entre essas leis destaco a Lei Orgânica (Lei nº 63/2007), o Estatuto dos Militares da Guarda Nacional Republicana (DL nº 297/2009) e o Regulamento Geral do Serviço da Guarda Nacional Republicana (Despacho nº 10393/2010).

Deste modo, transcrevo abaixo um trecho da Lei Orgânica nº 63/2007 de seis de novembro, o qual designa a missão da Guarda Nacional Republicana junto da sociedade:

A Guarda Nacional, adiante designada por Guarda, é uma força de segurança de natureza militar, constituída por militares organizados num corpo especial de tropas e dotada de autonomia administrativa. A Guarda tem por missão, no âmbito dos sistemas nacionais de segurança e proteção, assegurar a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos, bem como colaborar na execução da política de defesa nacional, nos termos da Constituição e da Lei. (Artigo 1.º cap. 1).

Além dos documentos especificadamente direcionados à ação das Forças Armadas e de Segurança, se constituem como pilares das suas existências as seguintes leis:

[...] A Constituição da República Portuguesa, a Lei de Segurança Interna, a Lei da Organização da Investigação Criminal, a Lei da Defesa Nacional e das Forças Armadas, a Lei das Bases Gerais do Estatuto da Condição Militar e o Regime do Estado de Sítio e do Estado de Emergência (Plano de atividade da GNR, 2013, p. 20).

Como parte da reestruturação que a GNR tem passado, em uma tentativa de dispor de uma regulamentação mais sólida e que abrangesse pontos referentes à realidade que se apresenta na contemporaneidade, a Lei nº 63/2007⁵⁹, dividiu a estrutura organizacional GNR em duas secções: o Comando Geral e as Unidades (Andrade, 2011).

O Comando Geral é composto pelos órgãos de conselho, órgãos de inspeção, órgãos superiores de comando. As Unidades podem ser de cinco tipos, a saber: i) unidades territoriais; ii) unidades especializadas; iii) unidades de intervenção e reserva; iv) unidades de estabelecimento de ensino; e v) unidade de representação. Nesse último grupo está inserida a Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE⁶⁰), que é responsável pela representação e pela proteção e segurança das instalações dos órgãos de soberania e de outras entidades que lhes sejam confiadas, bem como pela prestação de Honras do Estado Português. A unidade localiza-se no Quartel da Cavalaria da GNR (4º Esquadrão), no bairro histórico da Ajuda⁶¹, na cidade de Lisboa. É aí que a BMG NR tem a atual sede, para aperfeiçoar suas atividades musicais, como ensaios, reuniões e instruções.

Além da Lei nº 63/2007, que definiu a estrutura organizacional da GNR, a instituição regulamentou, através do Estatuto dos Militares da GNR, aprovado pelo Decreto-Lei nº 297/2009, de 14 de Outubro, com as alterações introduzidas pela Declaração de Retificação nº 92/2009, de 27 de Novembro, a organização de seus recursos humanos. Assim, em virtude desta regulamentação, os civis interessados em seguir carreira militar na GNR são submetidos a exames

⁵⁹ Esta lei não teve impacto no quadro da Banda. Em toda a lei, a Banda da Guarda é citada no Art. 43, como parte integrante da USHE.

⁶⁰ Conforme a GNR: A USHE é fiel depositária das nobres tradições da Cavalaria Portuguesa, sendo herdeira das unidades de cavalaria da Guarda Real de Polícia, Guarda Municipal e do Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, unidades que têm tomado parte ativa nos acontecimentos políticos e sociais da história de Portugal. Disponível em: <http://www.gnr.pt/> acesso em 18 de novembro de 2015.

⁶¹ Essa freguesia situa-se entre a praia de Belém e a serra de Monsanto e nela estão presentes importantes monumentos turísticos da cidade, como o Palácio Nacional da Ajuda, a Igreja da Memória ou (diocese das Formas Armadas), o Miradouro dos Moinhos de Santana, o Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, o Conjunto dos Fornos de El-Rei, o Paço Velho, a Torre da Ajuda, a Vila Pedro Teixeira, o Jardim Botânico, o Palácio dos Condes da Ega e o Monumento a D. Carlos I.

de admissão de acordo com as habilitações dos candidatos, podendo concorrer a carreira de Oficial ou a de Guarda.

Os que optam pela carreira de Oficial passam por um curso com duração de 5 anos. Nesse período são designados como aspirantes e usam o galão correspondente ao posto almejado. Ao concluir o período na Academia Militar ou nos Cursos especiais de Formação de Oficiais ministrados na Escola da Guarda, o formando recebe o Diploma de Licenciatura ou de Mestrado⁶², a Carta de Curso e a Espada de Oficial, como símbolo das funções de comando que institucionalmente lhe são conferidas⁶³. Após essa etapa é elevado ao grau de alferes e posteriormente segue a carreira pelos postos, podendo chegar até tenente-general, sendo possível ser elevado ao cargo de Comandante Geral da Instituição. Vale salientar que até dezembro de 2016 a Escola da GNR ainda não tinha formado oficiais músicos⁶⁴. Conforme o Sargento Marco Ferreira “os estatutos da GNR não previam oficiais do Quadro Honorífico músico. Não os formava, por isso, eram requisitados ao Exército, embora os dois anteriores chefes da Banda (Major Vasco Flamino e o Tenente Coronel Jacinto Montezo), ingressaram como soldados na Banda e, já como Sargentos, concorreram ao curso de oficiais do Exército”. Ainda conforme esse militar, “findo o curso de 2 anos ficaram a pertencer ao quadro de oficiais do Exército. Quando regressaram à GNR foram requisitados ao Exército”. Ao questionar esse militar como se processam estas transferências para a GNR, o mesmo afirmou não há testes específicos para selecionar o candidato, “são requisitados pela GNR. Os músicos [da Banda da GNR] não têm voto na matéria. São convidados” (entr. Sargento Marco Ferreira, 8/2/2013).

Os que decidem ingressar como Guardas, como normalmente acontece com todos os membros da Banda, iniciam o Curso de Formação de Guardas e são designados como “Guarda Provisório”. O período de formação tem duração de nove meses com carga horária de 1.200 (mil e duzentas) horas. Concluída essa primeira fase, o instruendo é promovido ao posto de Guarda, podendo, com o passar dos anos e através dos Cursos de Formação e Promoção, chegar ao posto de Sargento-Mor (último posto na graduação dos Sargentos). Esse assunto será aprofundado no capítulo V. Existe, ainda, a possibilidade do Sargento, desde que preencha os requisitos estabelecidos pela instituição ser aprovado no exame de admissão e ingressar na carreira dos Oficiais, como ocorreu

⁶² Conforme o Estatuto dos Militares da GNR, o mestrado é equiparado à licenciatura obtida antes do Processo de Bolonha (Artigo, 281º: 58).

⁶³ Disponível em: <http://www.academiamilitar.pt/ensino.html/>. Acesso em: 09 jan. 2014.

⁶⁴ Segundo o Sargento Marco Ferreira, “[...] o novo Estatuto da GNR está para ser aprovado na Assembleia da República [em 2017]. Este já prevê a formação de oficial chefe de Banda. Falta depois a regulamentação. Ainda não sabemos todas as premissas necessárias. Parece que uma delas é possuir a licenciatura em direção de orquestra. Temos cerca 12 camaradas com habilitações” (Entr. Sargento Marco Ferreira, 8/2/2013).

com os dois anteriores chefes da Banda (Major Vasco Flamino e o Tenente Coronel Jacinto Montezo), citados pelo Sargento Marco Ferreira. Essa possibilidade de mudança de quadro pode ser observada no Quadro Orgânico da Banda aprovado em 2009. Nele podemos constatar que o músico que ingressa na GNR como Guarda pode chegar ao posto de Tenente-coronel, no entanto, essa forma de migração dos Sargentos para o quadro de Oficiais na GNR ainda está para ser regulamentada. Ao consultar o Sargento Marco Ferreira sobre a efetivação dessa Lei, o mesmo afirmou que “[...] o novo Estatuto da GNR está para ser aprovado na Assembleia da República [em 2017]. Este já prevê a formação de oficial chefe de Banda. Falta depois a regulamentação. Ainda não sabemos todas as premissas necessárias. Parece que uma delas é possuir a licenciatura em direção de Orquestra. Temos cerca de 12 camaradas com habilitações” (entr. 15/3/2017).

No Decreto-Lei n° 297/2009 também foram definidos os graus hierárquicos e as designações das carreiras, bem como suas respectivas funções. Podemos constatar nos artigos 200° e 229° do referido Estatuto, como os Oficiais e Sargentos da Guarda são distribuídos pelo quadro das Armas e Serviços. Compõe o quadro das Armas, a infantaria e a cavalaria. Os postos podem ser ocupados por Oficiais detentores dos postos de Coronel, Tenente-coronel, Major, Capitão, Tenente e Alferes.

Já o quadro de Serviços é formado pelas especialidades: administração militar; transmissões, informática e eletrónica; material; engenharia; medicina; medicina veterinária; farmácia; juristas; técnicos superiores de apoio; técnicos de enfermagem, diagnóstico e terapêutica; técnicos de pessoal e secretariado. Ainda no quadro de Serviço, encontra-se a especialidade chefe de Banda de música (grifo nosso), que pode ser preenchido pelos seguintes oficiais: Tenente-coronel, Major, Capitão, Tenente e Alferes. Embora haja a especialidade chefe de Banda de música nessa Lei, nenhum músico foi formado até 2016, na Escola da Formação de Guardas para essa função, conforme anteriormente citado. Durante a realização desta pesquisa (2012 a 2016), o maestro João Cerqueira ocupava o posto de Capitão, sendo promovido a Major em 2016. O Major João Cerqueira iniciou a carreira militar no Exército em 1985 e, em 2007 foi nomeado através de Despacho proferido pelo General Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana para exercer a função de chefe-adjunto da Banda. Cabe frisar que, mesmo desenvolvendo funções artísticas na Banda da GNR, o referido maestro progride hierarquicamente no quadro de oficiais músicos negrito do Exército.

Os Sargentos da Guarda são distribuídos, como referido antes, por Armas e Serviços. O quadro das Armas é formado pela infantaria e cavalaria; já o quadro de Serviços é composto pelas

especialidades: administração militar, exploração, manutenção, medicina, farmácia, veterinária, armamento, auto, artífice, músico, corneteiro e clarim (grifo nosso).

Com isso, podemos observar a diversidade de Serviços ofertados no âmbito da GNR, a qual dispõe de um amplo quadro de especialidades, que atende aos seus militares. Ou seja, existe um sistema de proteção entre os seus membros, reconhecendo-se, portanto, como um grupo distinto do resto da sociedade, conforme apontou Celso de Castro em situação similar em sua análise sobre o cotidiano da Academia Militar das Agulhas Negras, no Brasil (Castro, 1990).

Para que o funcionamento da instituição ocorra em perfeita harmonia, a GNR adota uma constelação de símbolos⁶⁵ que remetem para a manutenção da ordem social dos seus membros e, a música exerce uma função decisiva para a concretização desses atos, como exemplo: os toques indicativos de ações ou de informação, uso das bandeiras das unidades, dos uniformes específicos, dos *distintivos* que indicam as graduações e os postos hierárquicos dos Guardas.

Conforme David Kertzer (1988), os símbolos podem ser slogans, canções, gritos, gestos expressivos e uniformes. Estes símbolos adquirem um significado sentimental no contexto militar, produzindo uma espécie de sentimento de pertença dos indivíduos ao grupo, exaltando a ação coletiva. Seu uso serve como um reviver constante e reforço desses sentimentos mútuos (Kertzer, 1988, cit. in Blumer, 1974, pp. 9-11). Tal é sua importância para a vida militar que é quotidianamente reforçada através das ações, comportamentos e discursos.

Thomas Turino (2008), quando se refere aos símbolos, afirma que “Precisamos de símbolos para generalizar e teorizar generalidades, ou seja, para dar sentido à vasta gama de fenômenos específicos que encontramos⁶⁶” (Turino, 2008, p. 11). Turino recorre à categorização de Pierce, simplificando-a em três tipos principais de comunicação: icônica, indexal e simbólica. Nessa categorização os *distintivos* utilizados pelos Guardas poder ser classificados a luz da análise desse autor como ícones, pois destinam-se a identificar a graduação dos militares na escala hierárquica da instituição, os seus quadros, especialidades, cursos, funções especiais, pessoal de serviço e unidades conforme

⁶⁵ Conforme o artigo 20.º do RUGNR, os símbolos identificativos são utilizados desde que devidamente autorizado, de acordo com o estabelecido e nas condições em que houver direito ao seu uso (2013, p. 2648).

⁶⁶ We need symbols to generalize and theorize generalities, that is, to make sense of the vast array of specific phenomena that we encounter. Each sign type does a different type of semiotic work and has a propensity to create different types of effects (Turino, 2008, p. 11).

podemos verificar no Regulamento de Uniforme da GNR (2013, p. 2638)⁶⁷ e através deles podemos dar sentido a esse contexto. Para o militar, o *distintivo* evidencia as suas conquistas ao longo da carreira e, quanto mais alto o posto, esse passa a desfrutar de um estatuto social diferenciado, que o permite acesso a determinados espaços dentro e fora do Quartel, tomada de decisões, prestígio social entre outros.

Para Piero Leirner (2009), cada militar ocupa um lugar singular na cadeia hierárquica das Forças Armadas e usa um distintivo que define a graduação ou o posto. Nas suas palavras “[...] duas pessoas [militares] jamais estão na mesma posição, sempre há alguém que comanda e alguém que obedece imediatamente “antes” e “depois de cada um. Quando a cadeia de comando “se move” – por exemplo na época das promoções -, seus indivíduos se movem juntos, trocando de posto” (Leirner, 2009, p. 40). Miriam Lima (2000) acrescenta que “[...] a profissão militar é carregada de simbolismo e manipula isso de forma muito intensa por meio do uniforme, das insígnias e das atitudes que são resultado de várias gerações de militares e todas trazem em si uma carga de significados muito forte” (Lima, 2000, p. 23).

Desde modo, para compreendermos este universo militar da GNR, especialmente o ambiente dos músicos, torna-se necessário conhecer estes símbolos, neste caso, os *distintivos*. E, para identificar o posto e a especialidade na corporação, se for oficial, o símbolo/*distintivo* que representa o posto fica sobre os ombros. Se for o Guarda, o *distintivo* é fixado, dependendo do uniforme, sobre os ombros ou nos antebraços (cf Anexo ii).

Vale ressaltar que a especialidade do militar da GNR não o impede de desenvolver as atividades de polícia, caso seja solicitado, incluindo os músicos. Por isso a corporação oferece aos seus militares, periodicamente, independente de especialidade ou função desenvolvida, Cursos de qualificação, Cursos de Formação e Promoção para que seus recursos humanos estejam preparados e atualizados, tanto fisicamente, como psicologicamente. Esse assunto será retomado no capítulo 5 que versa sobre o processo de ensino na BMGNR.

Feita esta discussão sobre a dimensão estrutural e o papel da Guarda Nacional Republicana junto ao Estado, no próximo tópico vou analisar as particularidades que definem as práticas musicais da Banda realizadas ao longo da sua trajetória, quer seja no cenário nacional, principalmente em

⁶⁷ O RUGNR define os uniformes, os seus artigos, símbolos identificativos, distintivos e insígnias, as condições de utilização e as normas referentes à dotação, duração e confecção em qualidade, dimensões, cores e modelos (2013, p. 2640).

Lisboa, ou durante as *performances* no estrangeiro, principalmente a partir de eventos e protagonistas significativos que seus elementos elegem como representativos da sua história.

3.2 Breve percurso histórico da Banda

Em 1838, por decreto de D. Maria II, foi instituída a Banda da Guarda Municipal que, mais tarde, com a implantação da República em 1911, passou a designar-se Banda de Música da Guarda Nacional Republicana. As atividades musicais desenvolvidas pela Banda têm ganho uma significativa importância, desde sua criação até os dias de hoje⁶⁸. Durante sua existência, esse grupo tem-se mantido ativo, performando internamente nas atividades inerentes ao quartel, assim como em eventos públicos de órgãos de soberania do Estado Português. Cabe ressaltar que este trabalho não tem como objetivo principal descrever toda a história da Banda. Estudos publicados sobre a banda da GNR, como os anteriormente citados (vide cap. 2) já se encarregaram dessa função. Entre as atividades externas ao Quartel, destaco as relacionadas com as festividades religiosas de grande impacto na cidade de Lisboa, (não documentado nos trabalhos citados), como por exemplo: a procissão da Senhora da Saúde iniciada em 1569, além das atuações em diferentes partes no país desde meados do século XX e em diversas viagens ao estrangeiro: a primeira ocorreu em 1892 para Badajoz em Espanha (Silva, 2010).

O grupo também vem conquistando importante função sócio-educacional e cultural, pois ao longo desses anos a instituição tem ofertado Cursos de Formação aos músicos militares, dos quais muitos deles vieram a integrar as principais orquestras em Portugal ou dirigir bandas civis (*ibidem*). Outro aspecto que não podemos deixar de ressaltar é a disseminação do repertório musical pelo universo das bandas civis através dos músicos da BMGNR (Ribeiro, 2011)⁶⁹. Os benefícios para a comunidade, como para os próprios músicos, podem ser constatados na entrevista concedida pelo Sargento-Ajudante Jorge Ferreira da BMGNR. Esse músico dirige a Banda dos bombeiros Voluntários da cidade de Ílhavo nos períodos não laborais na GNR. Nas suas palavras afirmou que:

⁶⁸ Somente no ano de 1826 é que o termo banda de música passou a denominar o que antes se conhecia como “A música” da Guarda Real de Polícia Lapa (1941). Ao três de julho de 1834 é criada a Guarda Municipal de Lisboa, permitindo que alguns músicos que haviam feito parte da Guarda Real Porto passassem a integrá-la. Em dezoito de outubro de 1837, a banda foi instituída, sendo efetivada um mês depois. Em 1838, por decreto de D. Maria II, foi dada existência legal à BMGNR (*Ibid*).

⁶⁹ O repertório, segundo José Ribeiro, é disseminado pelos músicos da Banda, através do contacto destes com os grupos civis de instrumentos de sopros ou percussão, os quais atuam principalmente como maestros ou instrumentistas.

A Banda da GNR foi e é importante para a minha vida profissional e me dá alento para trabalhar com a filarmónica [Banda dos bombeiros Voluntários da cidade de Ílhavo] ao fim de semana. Dá-me muita experiência para saber trabalhar com a filarmónica. Eles [os músicos] veem que eu tenho uma visão de muitos repertórios para trabalhar com eles, e eles veem o mundo da música como um mundo enorme e que nós com a música podemos transportar e fazer-los transportar [...] para um plano transcendental (ent. Sargento-Ajudante Jorge Ferreira da BMGNR, 14/2/2013).

Desse modo, a partir do depoimento desse militar torna-se notório o impacto da BMGNR no domínio da música filarmónica ou civil, ou seja, fora da esfera restrita da música militar. Quanto a isto, o Capitão Vasco Flamino fez referência em seu estudo ao impacto sociocultural que o grupo tem sobre os ouvintes que interagem com a *performance* musical da Banda, quando mencionou a relevância desta na sociedade: “Durante todo este século [XX] quase tudo que é música tem uma forte conotação com a Guarda Republicana. Os seus músicos eram e continuam a ser, genericamente, o motor de quase todas as iniciativas musicais em todo o país” (Flamino, 1995, p. 30).

Para justificar esta afirmação, cito como exemplo, um dos relatos do Capitão Vasco Flamino: “[...] a primeira Orquestra Sinfónica, a da Emissora Nacional, reestruturada para a Orquestra da Radiofusão Portuguesa (recentemente extinta⁷⁰) só podia funcionar com os músicos da Guarda e esta por sua vez, conscientemente, apoiava-a chegando mesmo e por ordem do Comandante Geral, a cancelar os seus concertos para não inviabilizar as atuações da dita Orquestra” (*Ibid*). O Capitão Vasco Flamino menciona uma situação em que foi publicada em relatório no dia 3 de maio de 1937, que é do seguinte teor: “No dia 3 de maio de 1937 não se realizou o concerto no Quartel das Janelas Verdes que deveria ser rádio-fundido pela Emissora Nacional por motivo da dispensa concedida aos músicos da Guarda para irem ao Porto com a Orquestra Sinfónica da Emissora” (*Ibid*). Cabe informe aqui que esse autor não documenta em seu estudo que, à época [1937], os portugueses vivenciavam o regime autoritário idealizado António Salazar, onde a música militar se mostrou, conforme Alferes (2012), como um dos meios de organização social e política.

Como é possível perceber nas análises desse militar, a Banda da GNR ao longo do século XX galgou através dos seus músicos e *performances* musicais no seio da comunidade portuguesa, a uma

⁷⁰ A Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, posteriormente Orquestra Sinfónica da RDP foi fundada em 1934 e extinta em 1989, contava à época da sua criação 95 instrumentistas.

condição de destaque no cenário musical português. No depoimento do Sargento Marco Ferreira da BMGNR, esse militar particularizou o grupo da seguinte maneira:

A Banda, nos meados do século passado, era um dos veículos de apresentar o grande repertório que existia na altura, com concertos regulares em certos locais de Lisboa ou outros e foi muito importante. Hoje em dia tem também seu papel importante de apresentar o grande repertório que se escreve para bandas (entr. Sargento Marco Ferreira da BMGNR, 8/2/2013).

Numa outra entrevista, o Sargento-Ajudante Jorge Ferreira da BMGNR também fez referência aos “bons maestros e músicos” que fizeram ou fazem parte do grupo. Além disso, o militar mencionou que a BMGNR tem permitido ao “público em geral”, ou seja, aos menos favorecidos financeiramente, que não têm condições de pagar para assistir a uma orquestra, acesso às *performances* musicais dos grupos pertencentes à Banda, na qual são executadas as principais obras do repertório erudito ocidental. Vide em (anexo iii) a relação dos serviços realizados pelos grupos da Banda em 2013/2014/2015/2016 e as obras executadas pela Banda Sinfónica e pela Orquestra de Câmara em 2013 (cf. Anexo iv). No capítulo IV apresento uma breve análise das obras interpretadas pela Banda Sinfónica em 2013.

A cada vez em Portugal, infelizmente tem menos orquestras e a cultura de nosso país está dessa forma. Então a Banda da Guarda porque teve maestros e músicos bons que fizeram muitas transcrições para banda das orquestras, que é a única que tem essas transcrições em seu arquivo que nos permite levar ao público em geral aquilo que o público não pode ouvir nas grandes salas de espetáculos porque custa 50 ou 60 euros para assistir um concerto. Então, a Banda da Guarda permite e faz este trabalho e leva ao público em geral onde as pessoas não ouvem uma orquestra de cordas, mas ouvem uma banda com qualidade com diferentes grupos (entr. Sargento-Ajudante Jorge Ferreira da BMGNR, 14/2/2013).

Faço só um acréscimo à análise do SAJ Jorge Ferreira referida acima. Refiro-me ao sentimento de auto satisfação, à alegria que o músico militar sente (me incluo nesse universo) quando a banda se apresenta em público, especialmente quando se trata de indivíduos, os quais não têm acesso a teatros ou outros espaços culturais para assistirem grupos musicais instrumentais de referência por questões particulares diversas que os impedem. Como foi possível observar no trabalho de campo,

frequentemente, os grupos da GNR atuam em concertos didáticos ou de ação social, como afirma o Sargento Marco Ferreira: “Por vezes existem esses concertos didáticos e ensaios abertos às escolas que os pedem. Onde se dão a conhecer todas as famílias de instrumentos e os seus timbres, bem como convidar alunos e professores a terem a experiência de dirigir o agrupamento que está à sua frente”. Durante a minha pesquisa de campo, a convite do maestro da Banda Marcial SCH José Ribeiro participei de um concerto didático. A atuação da Banda Marcial ocorreu no dia 29 de abril de 2013, na Escola D. Pedro IV em Queluz. Nesse concerto foi possível vislumbrar a interação entre os músicos da Banda e os alunos da referida escola. Naquele momento foram apresentadas as famílias dos instrumentos, o timbre, a sua função e, por último, alguns alunos foram convidados a dirigir a Banda. Anda conforme o SCH Marco Ferreira, “Também se fazem concertos com agrupamentos mais pequenos como a Orquestra de Cordas em instituições como lares de 3ª idade entre outros” (entr. Sargento Marco Ferreira, 8/2/2013). Na imagem abaixo destaco a *performance* musical da Orquestra de Câmara, sob a direção no Sargento-Chefe Rui Pereira no Instituto Português de Oncologia em Lisboa.



Figura 2: *Performance* musical da Orquestra de Câmara no Instituto Português de Oncologia em Lisboa, 2016.

Fonte: arquivo particular da Banda.

Em relação ao quantitativo e a radiação dos serviços realizados pelos grupos da Banda no país entre os anos de 2013 e 2016, podemos observar um crescente aumento destes a partir de 2013 (relação ano – nº de serviços: 2013 – 274; 2014 – 308; 2015 – 359; 2016 – 331) (Figura 3).

Em 2013, período da minha incursão etnográfica, o governo passava por uma crise económica mundial desencadeada nos Estados Unidos em 2008, a qual teve repercussões na Europa atingindo Portugal.

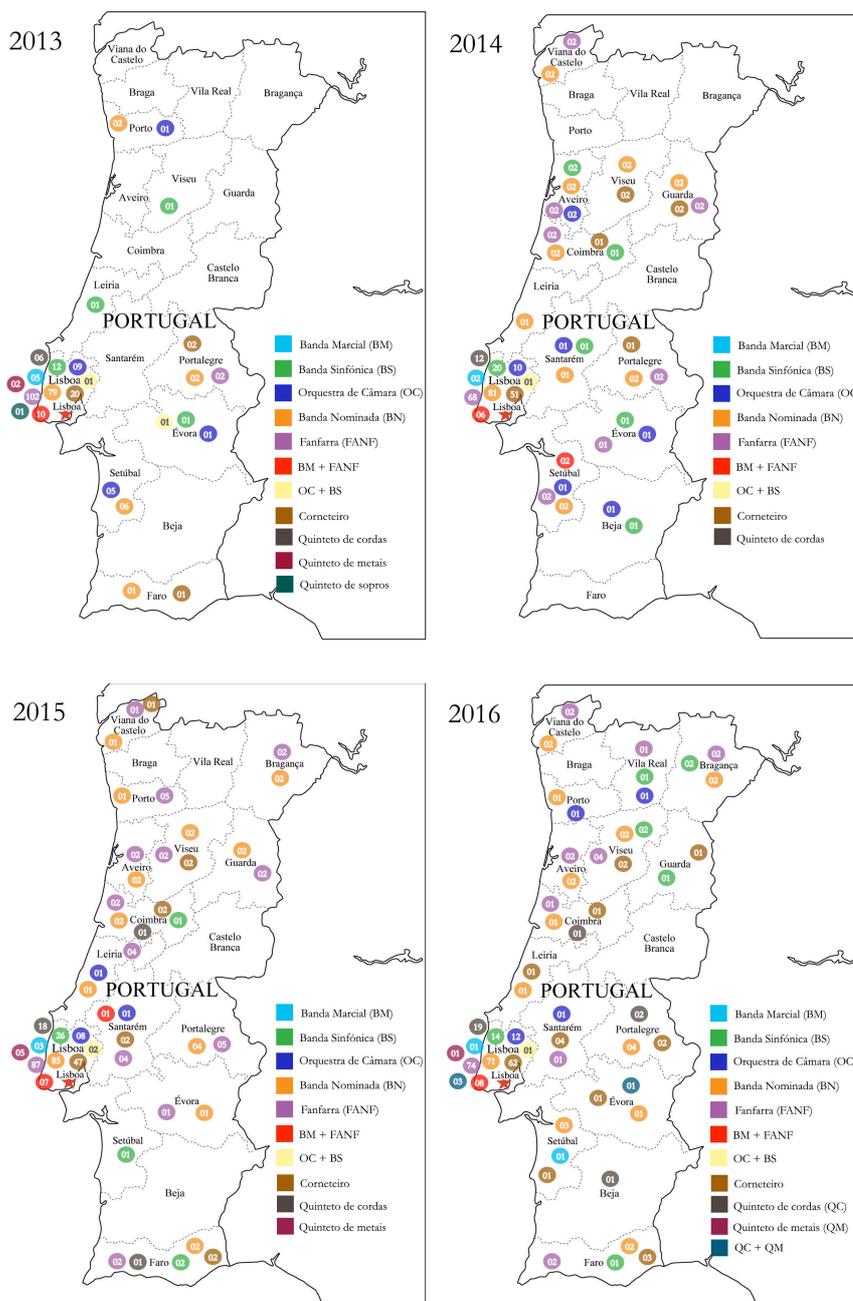


Figura 3: Mapas com a radiação dos serviços realizados pelos grupos da BMGNR em 2013/2014/2015/2016

Fonte: pesquisa de campo, 2013.

O governo fez cumprir um plano de austeridade para reduzir o seu *déficit* orçamental, refletindo também na contratação de novos músicos⁷¹ e nos serviços prestados pela GNR⁷². A esse respeito o SAR Marco Ferreria revelou que:

[...] acho que nesse momento não pode ser por razões de política e orçamentária, mas eu acho que esta Banda deveria ter um subsídio e estar orçamentada para fazer “x” concertos no país todo, portanto não é ao pé de Lisboa, a um raio de 50km de Lisboa, onde temos praticamente 70 a 80% dos concertos, onde as pessoas de Algarve, Bragança, De Trás-os-Montes, ouvem a Banda, se calhar, de 20 em 20 anos. Por exemplo, a Almada vai custar despesas de 40 a 50 euros e a Bragança são, se calhar, cerca de 5.000 euros. Eu acho que as pessoas de Bragança são portuguesas como nós” (entr. SCH Marco Ferreira da BMG NR, 8/2/2013).

Os mapas com a radiação dos serviços realizados pelos grupos da Banda (Figura 3) dão conta também que a Fanfarra e a Banda Nominada destacaram-se no número de atuações no distrito de Lisboa entre os anos de 2013-2016. Esses grupos apresentam algumas especificidades que os caracterizaram. De um modo geral, esses grupos se apresentam ao ar livre para um público não pagante e têm a possibilidade de movimentar-se durante sua *performance* musical em marcha. Tocam um repertório musical diversificado, de forma que, muitas vezes, também são usados como um meio de propagar sentimento patriótico-nacionalista. As atribuições da Fanfarra são variadas, estando mais vocacionadas para missões no âmbito interno da instituição como as de participar em Guardas de Honra, no Render Solene da Guarda ao Palácio Nacional de Belém, atuar conjuntamente com a Banda Marcial em Honras Militares e de Estado, fazer parte em formaturas da Unidade, *Tatoos* Militares, procissões ou missas. Já a Banda Nominada, como referi antes, é constituída pelos músicos da Banda Sinfónica, Banda Marcial, Orquestra de Câmara e Fanfarra, com um campo de atuação mais amplo (cf Anexo iii); cabe frizar que na *Lei Orgânica da Guarda* não há a designação “Banda Nominada”. O Sargento-Chefe António Durão destacou em seu inquérito *Banda e Fanfarra um Sistema de Acção* que o atual Quadro de Referência que classifica os músicos entrou em vigor no dia 01 dezembro de 2010 (Durão, 2010, p. 19). Nele, os músicos são distribuídos da seguinte maneira: Chefia 7; Secretaria e arquivo 4; Secção de instrução e formação

⁷¹ No período desta investigação (2012-16), a GNR não contratou novos músicos. Esse assunto será discutido no cap. V.

⁷² Conforme podemos observar no primeiro mapa acima (Figura 3), os grupos realizaram duzentos e setenta e quatro serviços, sendo que duzentos e quarenta e nove desses foram no distrito de Lisboa e os vinte e cinco restantes foram executados fora de Lisboa (cf. Anexo iii).

4; Banda Sinfónica 121; Orquestra de Câmara 22; Banda Marcial de Lisboa 51 e Fanfarras 39, totalizando 248 elementos. Conforme foi possível observar no terreno, a designação Banda Nominada foi uma solução encontrada pelo maestro João Cerqueira (durante a crise económica) para solucionar a falta de músicos no Quadro de Referência da Banda. Em dezembro de 2016 o *déficit* no Quadro da Banda já era de 79 músicos (cf. Anexo i).

Segundo os dados fornecidos pela Secretaria da Banda podemos perceber que, a partir de 2010 (ano que foi instituído o Quadro da Banda) o número de músicos passou a decrescer, de tal modo que em 2012 era de duzentos; em 2013 era de cento e setenta e três; em 2014 era de cento e setenta e um; em 2015 cento e setenta e dois; e em 2016 cento e sessenta e seis. Na contramão do *déficit* de músicos nos últimos 4 anos, os dados coligidos neste estudo revelam que houve um crescente aumento dos serviços a partir de 2013, principalmente fora do distrito de Lisboa (cf Anexo iii). Ainda conforme a Secretaria da Banda, nesse período os grupos da BMG NR não atuaram nas Regiões Autónomas. Por meio de conversas informais com meus interlocutores, o aumento dos serviços realizados parece ser um reflexo de que Portugal está superando a crise económica. Prova disso é que em junho deste ano, foi publicado no Diário da República nº 135/2017 um procedimento concursal comum, para admissão de 8 músicos ao Curso de Formação de Guardas da GNR - 2017/2018.

A relação dos serviços realizados pelos grupos da Banda não é divulgada para o público geral, fica arquivada na Secretaria da Banda, o que pode gerar, na minha opinião, indagação por parte dos cidadãos civis, tal como: o que justifica uma instituição militar como a GNR ter em sua orgânica um efetivo com quase 200 músicos militares? Essa questão poderia ser esclarecida através de publicação anual desses serviços no site da GNR. Outros autores que escreveram sobre a Banda, particularmente a Banda Sinfónica, entre eles Lapa (1941), Flamino (1995), Brito (2006), Silva (2010) e Alferes (2012) se referiram aos serviços do grupo de forma mais ampla, principalmente em momentos significativos do país ou em viagens para a Europa e para a América do Sul, não divulgaram o quantitativo dos serviços realizados pelos diferentes grupos, bem como os espaços e contextos de atuação.

Nesse viés, serão apresentados na próxima secção – de forma cronológica – os serviços com impacto na história da BMG NR, a partir do último quartel do século XIX e ao longo do século XX. Esses serviços – quer sejam na Europa, quer sejam na América do Sul, ou em Portugal – destacaram-se, de acordo com os meus interlocutores e da memória dos elementos que escreveram

sobre a Banda, pela sua importância cultural e social, evidenciando-se também o sentimento de pertencimento pelos expectadores que apreciam a *performance* musical do grupo.

3.2.1. *Eventos com impacte na história da Banda*

O primeiro evento registado com impacte na história da BMGNR, segundo o Sargento músico João Aires da Silva, ocorreu na última década do século XIX no Concurso Internacional de bandas militares ocorrido no ano de 1892 na cidade de Badajoz, em Espanha (Silva, 2010). Conforme o referido autor, apesar de a Banda ter ficado em segundo lugar no concurso, quando regressaram a Lisboa foram recebidos efusivamente pela população, que exigiu⁷³ a mesma apresentação no coreto da Avenida da Liberdade e comemorou tanto quanto se tivessem sido campeões do evento oficialmente (*Ibid*). Diante desse facto, é possível inferir que houve neste evento uma demonstração de sentimento de pertença coletiva, principalmente pelos espectadores da *performance* musical do grupo, pois esta permite consolidar relações sociais de modo a assegurar laços afetivos de solidariedade entre os indivíduos e a Banda, como tratado por Nora (1993).

Outro evento notável na história da BMGNR foi a sua visita à cidade do Rio de Janeiro no ano de 1930⁷⁴. Liderada pelo Maestro Joaquim Fernandes Fão, a Banda teve uma ampla divulgação nos jornais locais (Silva, 2010, p. 44). As notícias exaltaram a *performance* musical da Banda, com elogios tanto para a postura dos seus componentes, bem como para os êxitos artísticos de seu maestro (*Ibid*). Ainda segundo Silva (2010), entre as manchetes dos jornais foi publicada pelo *Jornal do Brasil* a seguinte matéria: “[...] Não se pode fazer uma ideia justa do que é esse agrupamento artístico sem que o veja e ouça. Depois disso fica-se-nos forçosamente o dever de o aplaudir, estendendo as nossas palmas ao bravo maestro Fernandes Fão pelo seu incontestável valor [...]” (*Jornal da Manhã* 16/11/1930, cit, Silva, 2010, p. 44).

Outro evento marcante foi a participação da Banda no Festival de música militar na Holanda em 1963, a convite do Comité do NATO PAPTÖE. Cabe frisar que esse evento, estava ligado a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN ou NATO)⁷⁵. Segundo o capitão Vasco Flamino (1995),

⁷³ O autor não evidenciou no seu estudo o modo (se foi enviando documento escrito a instituição ou manifestou-se na rua) como a população exigiu a mesma apresentação no coreto da Avenida Liberdade.

⁷⁴ Na galeria de figuras e momentos significativos da BMGNR, existe uma fotografia dessa *performance* musical no Rio de Janeiro.

⁷⁵ Esta Organização compreende uma aliança político-militar criada no dia 4 de abril de 1949, durante a Guerra Fria, que reunia países ocidentais e capitalistas, liderados pelos Estados Unidos, que tinha como objetivos inibir o avanço

[...] deslocou-se este mês à Holanda a excelente Banda da Guarda Nacional Republicana, do comando do tenente Silva Dionísio, que, com justiça é considerada a primeira Banda de música do nosso país, tanto de militares como de civis, e um agrupamento musical de primeiro plano que é justo orgulho nacional (Diário da Manhã de 06/08/1963, Crónica da Holanda, cit, Flaminio, 1995, p. 33).

Em uma outra viagem ao Brasil ocorrida em 1965, a Banda teve uma atuação bastante intensa. O grupo iniciou sua excursão pela região sudeste, performando nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos, deslocando-se, posteriormente, para a região nordeste, apresentando-se em Salvador, Aracaju e Recife (Martins & Santos, 2010, p. 116).

Ao longo de um mês e meio a Banda da GNR percorreu cerca de 4.000 quilómetros [...]. Realizou 22 concertos, participou em 6 desfiles militares, interpretando, no total, 49 obras de autores portugueses, 37 de compositores brasileiros e 46 de música diversa, o que demonstra a permanente preocupação manifestada pelo maestro Silva Dionísio em interpretar e divulgar a música portuguesa além-fronteiras (Madureira, 2013, p. 247).

Conforme o músico militar Bruno Madureira (2013), “a presença da banda não passou despercebida a ninguém e o seu desempenho foi muito bem divulgado” (Madureira, 2013, p. 248). Entre os vários registos efetuados na ocasião pela imprensa escrita, vale mencionar o do periódico carioca que publicou a seguinte notícia:

O espetáculo de quinta-feira no Teatro Municipal constituiu, por todos os títulos, uma das mais expressivas manifestações de cultura musical portuguesa no Brasil, nos últimos tempos. Se bem que famosa, esta banda ultrapassou todas as expectativas [...] Os mais conhecedores de música equipararam a Banda da GNR a uma autêntica orquestra sinfónica e reconheciam, sem a menor dúvida, que esta era a melhor banda da Europa, superior às que aqui se exibiam no ano do IV centenário (A voz de Portugal 26/09/1965 cit, Madureira, 2013, p. 248).

do bloco socialista no continente europeu, fazendo frente a União Soviética e seus aliados da Europa oriental e fornecer ajuda mútua a todos os países membros.

O mesmo jornal publicou a 10/10/1965,

[...] A banda conquistou gloriosamente o Brasil. O seu êxito não teve precedentes em realizações semelhantes, chegando a arrebataram os milhares de pessoas que compareceram em todas as suas exibições. [...] O êxito foi absoluto, consagrador, glorioso. O extraordinário maestro Silva Dionísio [...] conseguiu superar as exibições anteriores da banda que dirige, coroando-as com o maior brilhantismo na noite de despedida. Os adjetivos e as expressões de admiração que ouvimos à nossa volta, esgotam todo o vocabulário e definem claramente o invulgar triunfo que a Banda da GNR está alcançando no Brasil (*Ibid*).

O músico militar Domingos Teixeira (2007), além do destaque das *performances* musicais da BMGNR realizados para além das fronteiras de Portugal, mencionou a participação do grupo ao longo do século XX e início do XXI nos concertos de Gala no Teatro Nacional de S. Carlos, nas Ruínas do Convento do Carmo, nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores, Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa e no “memorável” concerto para a juventude na Torre de Belém, em 2004, que conforme esse autor, os espectadores que prestigiaram a esse evento tiveram uma assistência estimada em 30.000 pessoas (Teixeira, 2007, p. 15). Podemos constatar nos serviços realizados pelos grupos da Banda entre os anos de 2012 e 2016, a recorrência anual de algumas atuações como o concerto de Ano Novo na primeira semana de janeiro. Além dos concertos mencionados, o grupo, também se apresentou no Teatro da Trindade, Teatro de S. Luís, Coliseu dos Recreios, Convento de Mafra, para além de dezenas de concertos anuais em todo o país e nos mais diversos locais como Sociedades Filarmónicas, Associações de Bombeiros e Igrejas (*Ibid*).

Ainda conforme Domingos Teixeira (2007), a BMGNR ao longo de sua trajetória, acumulou distinções e reconhecimentos, sendo considerado um dos agrupamentos musicais militares mais conceituados no seu género em todo o país, e também o de maior referência em digressões ao estrangeiro. Entre as distinções recebidas pelo grupo, mais recentemente, no início do séc. XXI, destaque o Prémio Amália na categoria de música clássica concedido pela Fundação Amália Rodrigues, em 2005. Em 5 de Janeiro de 2006 foi conferido a BMGNR, por S. Ex.^a o Sr. Presidente da República, o título de membro-honorário da Ordem do Infante D. Henrique.

Diante dos factos apresentados pelos autores, é possível constatar que os principais eventos registados com impacte na história da BMGNR foram em sua maioria fora de Portugal. Deste modo, vale citar que os autores mencionaram os eventos internos, contudo não deram a estes o mesmo grau de importância daqueles realizados externamente, referindo-se apenas, a participações do grupo em salas de concertos e em eventos diversos.

A partir dos dados coletados no terreno entre 2012 e 2016, e o constante acompanhamento das atividades dos grupos pelos *media* de comunicação social, mesmo estando do outro lado do Atlântico, posso afirmar com base nos estudos presentes neste trabalho que poucas instituições portuguesas em atividade apresentam relatos como a BMGNR. Todavia, não se trata de uma instituição que se aproveita da função que exerce na Representação do Estado, nem do contributo sociocultural e educacional para a vida musical portuguesa. Pelo contrário, a trajetória da Banda revela uma instituição de tal modo multifacetada que se coloca a serviço da sociedade, performando com agrupamentos musicais específicos em diferentes espaços, como exemplo: a Banda Sinfónica e Orquestra de Câmara, em teatros, igrejas e em ambientes com estrutura para comportar esses grupos. Já as demais formações musicais como a Fanfara e a Banda marcial atuam especialmente em eventos abertos, como o Rendimento da Guarda, Concertos em Escolas, eventos religiosos, bem como nos protocolos do Estado, entre eles a utilização dos músicos na recepção de autoridades estrangeiras, além disso em eventos comemorativos, conclusão de cursos entre outros.

Como toda instituição, a BMGNR teve durante a sua existência protagonistas de proa que a elevaram à condição hoje alcançada. No próximo tópico, irei fazer um recorte temporal para salientar o contributo de figuras que contribuíram para que a BMGNR atingisse o patamar que hoje se encontra. Esses profissionais destacaram-se e receberam reconhecimento, tanto no âmbito do GNR, como no cenário da música portuguesa e no estrangeiro. O que afirmo pode ser constatado nos trabalhos de Flamino (1995), Brito (2006), Figueiredo (2007), Silva (2010), Alferes (2012), Madureira (2013) e através dos dados coletados nas entrevistas no terreno sobre a BMGNR, na galeria de figuras notáveis na Sede da Banda, concertos alusivos a esses músicos, bem como nas conversas informais, onde foram evidenciados nomes desses elementos que se destacaram ou destacam no desempenho das suas atividades musicais durante o período ativo no grupo.

3.2.2 Figuras com impacte na história da Banda

Para iniciar esta secção recorro ao texto *Quadros Históricos da Vida Musical Portuguesa* do escritor e militar português Manuel Ribeiro que explica de forma bem clara as singularidades dos músicos no âmbito interno e externo dos quartéis. Esse autor atribui três papéis principais na vida do músico militar. O primeiro seria o de cidadão. Para cumpri-lo, o músico militar “procura sair da obscuridade instruindo-se, lendo, convivendo e prestando-se ao desempenho de missões alheias à sua especialidade” (Ribeiro, 1939, p. 238). Como artista, é confiada a ele a “honrosa e importante missão educativa, da qual o povo beneficia grandemente, como se prova pela afluência aos concertos nos passeios públicos; é ainda um dos principais ornamentos das grandes demonstrações patrióticas, como sejam cortejos, paradas e outras solenidades que tenham de ser representadas pelo Chefe de Estado ou pela alta magistratura” (*Ibid*, p. 238). Finalmente, como militar, “representa um dos principais fatores que simbolizam o incitamento à fé, ao poder resolutivo, à heroicidade etc., desempenhando ainda, fora da sua missão especial, vários serviços de fileira, para os quais lhe são exigidas certas habilitações. Da sua instrução militar constam factos de certa importância, como seja, o de muitos serem classificados em primeiro lugar nos concursos de tiro, ganhando prémios e outras honrarias” (*Ibid*, p. 239).

As singularidades da vida de um músico militar apontadas por esse autor, descrevem, na essência, os mesmos papéis que os músicos da BMGMR desempenharam ou desempenham em Portugal, destacando-se quer como cidadão, quer como artista, quer, enfim, como militar no âmbito da instituição.

Cabe destacar ainda que os músicos que optam pela carreira de maestro de uma banda militar, em regra geral não se deparam com algo simples de desenvolver, pois além de conduzir as atividades artísticas do grupo, como a escolha de repertórios e treinamentos específicos para cada ocasião no âmbito militar ou civil, também administram o quotidiano do grupo, a fim de que tudo siga em plena harmonia, principalmente quando se trata de um efetivo como o da GNR de quase duzentos músicos em 2013. Normalmente o maestro de banda militar goza de certo prestígio social na corporação, especialmente pela natureza do serviço qualificado que presta, podendo ter acesso direto ao Comandante Geral para tratar de assuntos ligados à banda, entre outros, e costuma ser alvo de atenção e consideração pelos civis, em virtude do viés artístico por onde o grupo atua, principalmente por executar repertórios que agradam aos diferentes públicos. Nesse sentido, o papel do maestro se mostra decisivo para que a *performance* musical se concretize nos rituais militares internos, bem como para se evidenciar o lado cultural da instituição, desfazendo portanto, por alguns momentos, o estereótipo negativo que costuma ser aplicado ao Guarda da GNR que exerce

a função de polícia, responsável pela árdua tarefa do controlo da ordem social e garantia da segurança pública.

Os dados coletados no terreno dão conta de que diversos músicos da BMGNR se destacaram no fazer musical. Entre essas figuras com impacto na história da Banda, início pelo músico, compositor e maestro Duarte Ferreira Pestana⁷⁶ (1911 – 1974)⁷⁷. Pestana⁷⁸, nasceu em Tões, distrito de Viseu. É proveniente de família de músicos, teve acesso ao ensino da música pelo seu avô paterno Manuel Ferreira na banda de música local, em Gouveães (Concelho de Tarouca) aos 7 anos de idade. Em 1926, aos 15 anos, ingressou como músico aprendiz (clarinetista) na Banda de Música dos Bombeiros do Porto e em 1928 foi admitido, como aprendiz na Banda da GNR na referida cidade (Figueiredo, 2007). Com a supressão das atividades do grupo no Porto ocorrido naquela altura (o autor não explica a razão da extinção da banda), os músicos foram remanejados para outras bandas militares da região e Duarte Pestana foi servir na Banda do Regimento de Infantaria do Porto, onde permaneceu até 1934 (*Ibid*). No mesmo ano, aos 23 anos, após realização de concurso, ingressou como segundo Sargento Clarinetista na BMGNR em Lisboa, onde prestou serviços por 20 anos e tornou-se solista (*Ibid*).

Vasco Flamino (1995, p. 31), referiu-se a Duarte Ferreira Pestana como “um admirável músico e compositor que fez uma brilhante carreira na Banda da Guarda Nacional Republicana”. Corroborando com esse pensamento, principalmente quando se refere ao músico como instrumentista, Figueiredo (2007, p. 27) afirma que “[...] com mais dois companheiros: Carlos Saraiva e Agostinho Romero. Os três clarinetistas eram considerados na altura “os três leões⁷⁹”. Toda esta fama alastrou-se às orquestras de Lisboa onde se destacou nas óperas realizadas no Coliseu dos Recreios”. Pelo prestígio técnico que possuía, atuou como clarinetista na Orquestra da Emissora Nacional, na Orquestra do Teatro Nacional São Carlos, bem como na Orquestra Sinfónica que fazia temporada no Coliseu (Flamino, 2005, p. 31).

⁷⁶ Em 2007, Hernâni António Petiz Figueiredo defendeu a dissertação de mestrado na Universidade de Aveiro com o seguinte título: Análise das fantasias para orquestra de sopros de Duarte Ferreira Pestana. Nesse trabalho, o autor, divulga a obra de Duarte Ferreira Pestana, principalmente a composição musical em Portugal para um conjunto instrumental específico – A Orquestra de Sopros. A dissertação é composta por uma contextualização da obra do autor e pela análise das suas seis Fantasias para Orquestra de Sopros. Além disso, o Hernâni realizou um paralelo destes dois aspectos com a música popular portuguesa.

⁷⁷ Segundo Figueiredo (2007), Duarte Pestana faleceu na cidade de Lisboa em 1974 (Figueiredo, 2007, p. 30).

⁷⁸ Duarte Pestana, além de ser referenciado nos trabalhos dos músicos militares Figueiredo (2007) e Flamino (1995), em maio de 2012, a orquestra de Câmara da GNR, partindo de uma iniciativa da Junta da Freguesia de Tarouca, realizou um concerto em homenagem aos irmãos Pestana: Duarte e Adácio Pestana.

⁷⁹ Os três leões, em entrevista concedida pelo professor Adácio Pestana (irmão), referem-se “O som do Saraiva, a dicção do Duarte e a técnica do Romero – os três num só eram considerados únicos no mundo” (Figueiredo, 2007, p. 27).

Segundo o Sargento músico da BMGNR Franck Alferes, Duarte Pestana destacou-se também como compositor de diversos géneros, especialmente música ligeira para teatro, cinema e rádio. Para a BMGNR, especialmente, compôs diversas obras, entre elas: “Arco-íris” (Fantasia nº 2), “Abraço a Portugal” (Fantasia nº 3), “Cartão de Visita” (Divertimento), “Fado Sem Palavras” (Fado de Concerto), “Flocos de Neve” (Divertimento), “Improviso” (Divertimento), “Lisboa, Coisa Boa” (Fantasia nº4), “Paisagem Ribatejana” (Fantasia nº5), “Saudades da Aldeia” (Quadro Sinfónico), “Templo de Diana” (Fantasia nº 6), “Uvas do Douro” (Fantasia nº1), “Angola é Nossa” (Marcha) e “Voluntários da Guiné” (Marcha) (BMGNR, 2012, p. 153). Entre as obras mencionadas, especificamente a marcha “Angola é Nossa” foi composta por Duarte Pestana em 1961, no momento em que Portugal estava sob o regime do Estado Novo. Segundo Hernâni Figueiredo (2007),

[...] o facto de ele ter escrito a marcha “Angola é Nossa” (resultado de uma encomenda, e não tendo qualquer relação política dado que Duarte Ferreira Pestana não tinha qualquer afinidade com o regime ou contra regime) conotou-o de fascista por muitos no pós 25 de Abril e este total abandono originou um isolamento que lentamente acabou com a sua vida (Figueiredo, 2007, p. 29).

Conforme Frank Alferes (2012), “[...] as suas obras revelam-se fascinantes pelo seu valor musical intrínseco e espalham um sabor popular genuinamente luso que se torna contagiante” (Alferes, 2012, p. 153).

Como maestro, dirigiu bandas civis e orquestras, entre elas: a Orquestra do Coliseu dos Recreios (por treze anos) e Coro e Orquestra da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), (Alferes, 2012, p. 102). Encerrou a carreira militar como primeiro Sargento⁸⁰, na função de chefe da Banda de Música do Regimento de Caçadores nº 5 do exército e quando foi reformado, permaneceu na direção da Orquestra da FNAT até próximo à sua morte, que ocorreu em 13 de dezembro de 1974. Em 2011 foi realizado no auditório do Conservatório de Música do Porto um concerto em homenagem aos Cem anos do nascimento de Duarte Pestana, ocasião em que a Orquestra de Sopros do referido Conservatório executou exclusivamente obras do autor⁸¹.

⁸⁰ Segundo relata Figueiredo (2007), “naquela altura, a regra dizia que quando um militar era promovido tinha que mudar de posto. Acabou por ir para o Exército (onde tinha começado a sua vida militar)” (Figueiredo, 2007, p. 28).

⁸¹ Informação disponível em: http://www.bandasfilarmonicas.com/cpt_noticias/concerto-de-homenagem-do-100o- aniversario-do-nascimento-de-duarte-ferreira-pestana-2/ Acesso em: 23 jan. 2014.

Manuel da Silva Dionísio é outro expoente que faz parte da galeria dos maestros da Banda. Nasceu no concelho de Abrantes em 1912 e faleceu em Lisboa em 2000. Iniciou o aprendizado musical com o pai, que era militar músico do Exército. Seguindo os passos do pai, foi admitido, aos 16 anos, no Exército Português, vindo a prestar serviços nas bandas dos Regimentos de Infantaria (RI) de Abrantes, de Évora, de Leiria, de Lamego, na Banda do Regimento de Sapadores dos Caminhos de Ferro, na Banda do RI de Lagos e na Banda do Batalhão de Caçadores nº 5 em Lisboa. Sua experiência como membro da BMGNR iniciou-se em 1938 na condição de instrumentista. Promovido a Oficial Chefe de Banda, foi nomeado para chefiar a Banda do RI do Exército, em Évora entre 1956 e 1958, a Banda Militar de Luanda de 1958 a 1960, quando regressou para a chefia da Banda da GNR, onde permaneceu até à sua reforma em Dezembro de 1973 (Madureira, 2012).

A experiência musical adquirida por Silva Dionísio, como instrumentista e posteriormente como oficial chefe das bandas militares que dirigiu, foi decisiva para a sua atuação impactante na direção musical da BMGNR, “no entanto, foi como maestro da Banda Sinfónica do GNR que Silva Dionísio se consagrou e atingiu o seu auge como maestro” (Madureira, 2012, p. 166). Assim, durante o período que o maestro Silva Dionísio dirigiu a Banda, “foi determinante na condução dos destinos da formação, projetando-a definitivamente para as grandes salas musicais do país, especialmente a capital, onde passou a ser habitual [...]” (Martins & Santos, 2010, p. 115). Além da projeção da Banda no cenário musical nacional e internacional e relevantes serviços prestados, especialmente a música em Portugal, para Bruno Madureira (2012), Silva Dionísio é:

Considerado uma das personalidades mais relevantes e influentes do século XX no âmbito da história da música para sopros em Portugal, foi maestro, compositor, promotor, professor e clarinetista. Foi sob a sua direção (1960-1973) que a **Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana** (grifo nosso) atingiu um dos seus períodos mais áureos, tendo obtido inúmeros êxitos, não só em Portugal, mas também na Holanda, na França, em Espanha e no Brasil. Pertenceu também aos quadros da Fnac/Inatel e foi durante a sua passagem por este organismo, que o mesmo teve a sua fase mais profícua e relevante no âmbito do apoio à música amadora, particularmente às bandas filarmónicas (Madureira, 2012, p. 164).

A atuação do maestro Dionísio foi fundamental para sucesso da BMG NR. Ele também foi responsável por promover a Banda e sua integração com a comunidade através de suas *performances* musicais e diversificação do repertório. Em 1969 ele dirigiu uma série de concertos integrados no “XIII Festival Gulbenkian”. Nesse ano dirigiu também um concerto de música contemporânea integrado na “Semana da Música Americana” organizada pela Embaixada dos EUA e o concerto de encerramento do “Festival Internacional de Sintra”, que teve como expectador o Presidente da República. Dionísio permaneceu no cargo de 1960 a 1973 (*Ibid*, p. 167).

Além das atividades exercidas como músico na carreira militar, Silva Dionísio atuou na Orquestra do Instituto de Angola (de 1958 a 1960), colaborou também, com a Fundação Calouste Gulbenkian (em 1962 e 1963), com a Orquestra Filarmónica de Lisboa (dirigiu concertos em 1969 e 1970), como Diretor do sector de Música do Inatel (de 1973 a 1987), com o Departamento de Orquestras da RDP (entre 1978 e 1979). Além desses, também cooperou com o Conselho Português da Música⁸² (década de 80), com a Academia de Música de Luanda (de 1958 a 1960), com o Montepio Filarmónico (de 1993 a 1995), com a Secretaria de Estado da Cultura (década de 80), com a Associação Portuguesa de Educação Musical (décadas de 1970 e 1980), com a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio (décadas de 1970 e 1980) e com várias bandas filarmónicas entre elas, a Banda da Humanitária de Palmela (de 1938? a 1956) e a Banda da Incrível Almadense (de 1946 a 1958). É autor de uma vasta obra musical e literária, parte dela ainda hoje consultada e executada frequentemente (Madureira, 2013, pp. 164-165).

Ainda conforme Bruno Madeira, Silva Dionísio, durante a sua carreira como músico militar recebeu diversos louvores, condecorações e medalhas, entre elas: No dia 5 de Maio de 1967, no intervalo de um concerto no São Carlos, o Presidente da República condecorou Silva Dionísio com o Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Sant’Iago da Espada. O maestro Silva Dionísio foi também condecorado com a Medalha de Louvor da Cruz Vermelha Portuguesa, com as Medalhas de Bronze, de Prata e de Ouro de Comportamento Exemplar, com a Medalha de Cobre de Filantropia e Caridade, com a Medalha de Assiduidade de segurança pública, com as Medalhas de Mérito Militar de 3ª e 4ª classe, com a Medalha de Ouro de Instrução e Arte, galardão máximo atribuído pela FPCCR, entre muitas outras. Foi condecorado pela República da Argentina, do Brasil e do Grão Ducado do Luxemburgo. Em Março de 1984 foi-lhe ofertado, em homenagem pública no

⁸² Em relação ao Conselho Português da Música, à Secretaria de Estado da Cultura, à Associação Portuguesa de Educação Musical e à Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, Silva Dionísio não foi propriamente um funcionário, mas sim um colaborador ou consultor. Nestas instituições deu pareceres, colaborou na organização e leccionação de cursos e concursos, entre outras atividades. Na SEC foi sobretudo um consultor, que dava a sua opinião em vários assuntos relacionados com bandas, nomeadamente a distribuição de instrumentos musicais.

Teatro da Trindade, o Escudete da Armada, por ter sido o pioneiro e o grande defensor dos concertos dominicais neste teatro pelas bandas militares e, durante a sua vida profissional, um grande incentivador da elevação musical do país. No dia 1 de Outubro de 1987, Dia Mundial da Música, foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Secretaria de Estado da Cultura, juntamente com João de Freitas Branco, Joaquim da Silva Pereira, Maria Augusta Barbosa, entre outros (Madureira, 2013, p. 173).

Mais recentemente, e como forma de reconhecer o contributo dado por Silva Dionísio à música para sopros em Portugal, foi criado na Escola Superior de Música de Lisboa um agrupamento denominado “Camerata de Sopros Silva Dionísio”, uma iniciativa do Maestro Alberto Roque.

Outro músico da BMG NR de destaque no cenário Português foi o trompista Adácio Ferreira Pestana. Nasceu em 1925, em Tões, no distrito de Viseu. Adácio foi o irmão mais novo de Duarte Pestana, anteriormente citado. Também iniciou a aprendizagem musical ainda criança com o seu avô paterno, Manuel Ferreira na banda de música local, em Gouviães no Concelho de Tarouca (Figueiredo, 2007). Conforme artigo publicado na *Revista Da Capo*⁸³, Adácio Pestana (2013) em 1942 “a pedido de seu irmão Duarte, membro da Guarda Nacional Republicana, foi admitido nos “Pupilos da Guarda”, após prestação de provas”. Segundo o autor do texto, o período que passou como aprendiz no “Pupilos da Guarda” e em seguida, a experiência vivenciada entre os músicos da GNR, possibilitou a ampliação dos conhecimentos musicais, que proporcionou a ascensão técnica como trompista, vindo a destacar-se nos serviços concernentes a BMG NR, bem como no cenário civil⁸⁴. Conforme testemunho da Sra Elsa, filha de Adácio Pestana:

Aos 16 anos, ingressou na Banda de Música da Guarda Nacional Republicana, onde tomou contacto com a trompa. Foi amor à primeira vista. Apaixonado pelo som do instrumento dedicou-se-lhe de alma e coração e tornando-se no intérprete brilhante que se sabe. Foi vivendo esta imensa emoção que venceu o prémio “Del Nero”, atraindo sobre si a atenção do Maestro Pedro de Freitas Branco. Nesta sequência, concorreu à Orquestra Sinfónica Nacional que passou a integrar em seguida. A sua vida estava determinada como intérprete e professor. Criando a verdadeira escola de trompa em Portugal, foi o mestre exigente, alegre e amigo dos que receberam suas aulas. Sua veia

⁸³ *Da Capo* - Revista musical portuguesa – Disponível em <http://www.dacapo.pt/seccao-Compositores&-Concerto-para-Trompa-de-Luis-Tinoco/>. Acesso em: 25 jan. 2014.

⁸⁴ Além dos conhecimentos musicais iniciais adquiridos na Filarmónica da sua terra natal e na escola de Pupilos da Guarda, também estudou no Conservatório Nacional de Música em Portugal e na Suíça frequentou o curso de aperfeiçoamento de trompa no Conservatório de Zurique, como bolsista da Fundação Gulbenkian (*Revista da Capo*).

interpretativa **descobriu-a na Banda da GNR** (grifo nosso), onde ao longo dos anos a foi desenvolvendo, bem como na OSN, enquanto que a formação musical académica fê-la no Conservatório Nacional de Música, formação essa que concluiu com elevada distinção. E foi ao Conservatório que dedicou grande parte da sua vida e carreira como professor (entr. Elsa Pestana Magalhães, 2013).

Pelo nível técnico que disponha em seu instrumento, paralelamente a BMG NR, e “pela mão de seu irmão [Duarte Pestana]” que era conceituado no mercado musical Português, passou a atuar nos principais grupos musicais em Lisboa, entre eles, o naipe de trompa da Orquestra que acompanhava as temporadas de óperas no Coliseu dos Recreios em Lisboa nos anos de 1944 e 1948. Em ocasiões eventuais, participava da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional⁸⁵, vindo em 1948 tornar-se membro efetivo (Revista da Capo, 2013). Através de concurso, em 1950, foi agraciado com o prémio “Del Nero” para trompa, promovido por aquela estação radiofónica (*Ibid*). Como trompista solista destacou-se na execução de grandes obras do repertório erudito. Como exemplo, em 1952 apresentou-se como solista na primeira audição em Portugal do concerto nº 1 opus 11 para trompa de Richard Strauss. Também fez parte do repertório solo executado por Adácio Pestana os quatro concertos para trompa de Mozart (Revista da Capo, 2013).

Em entrevista concedida a Figueiredo, o sobrinho de Adácio Pestana, revelou o prestígio que o tio alcançou junto aos expectadores: “Ouvi uma vez o tio Adácio dar um concerto no Tivoli com a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Era um concerto de trompa. A meio do concerto parou, pediu um copo de água à assistência, bebeu e depois continuou” (Figueiredo, 2007, p. 264). Esse acontecimento não é comum nas *performances* musicais nos teatros. Possivelmente se o Adácio Pestana fosse um outro músico menos conceituado no mercado musical português teria sido alvo críticas pela imprensa da época. Dessa forma, por destacar-se como trompista, era frequentemente requisitado para atuar nas principais salas de concertos em Lisboa, como a Orquestra Filarmónica de Lisboa, Orquestra Gulbenkian, entre outras.

Numa entrevista com o Sargento Pedro Oliveira, trompista da BMG NR, ao ser questionado acerca das figuras com impacte na história da banda, o mesmo afirmou:

⁸⁵ A Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, posteriormente Orquestra Sinfónica da RDP foi fundada em 1934 e extinta em 1989, contava à época da sua criação 95 instrumentistas, um Maestro Titular - Pedro de Freitas Branco e 3 Maestros Sub-Directores - Frederico de Freitas, Pedro Blanch e Wenceslau Pinto. Disponível em: <http://www.rtp.pt/antena2/?t=Orquestra-Sinfonica-da-RDP.rtp&article=1792&visual=2&layout=5&tm=10/>. Acesso em: 24 jan. 2014.

[...] muitos elementos já passaram pela Banda e outros cá estão, foram membros de orquestras e tem aqui o caso de um trompista **Adácio Pestana**, que as agendas da banda e da orquestra eram dependentes da agenda dele. As vezes atrasavam ou adiantavam os concertos, porque ele não conseguia estar dos dois lados, porque era uma pessoa de influência até em nível nacional. Era um trompista de referência, tanto em âmbito nacional como internacional, o próprio Stravinsky quando veio cá em Portugal fez uma referência que penso que fez um desenho na partitura de um trompista e entregou-lhe (entr. Sargento Pedro Oliveira da BMGNR, 18/2/2013, grifo nosso).

O testemunho do Sgt Pedro Oliveira se mostra revelador do potencial técnico do Adácio Pestana que, mesmo pertencendo a um ambiente militar permeado por regras de condutas bem definidas que gerem o quotidiano dos militares, o tratamento dado a esse músico vai de encontro a uma estrutura solidada e tradicional como a GNR, denotando assim que, no âmbito da Banda, a música se mostra como recurso que contribui para a reformulação do espaço social, diluindo a rígida hierarquia militar, principalmente quando “as agendas da Banda e da orquestra eram dependentes da agenda dele [Adácio]”.

Assim, além da intensa atividade musical juntos aos grupos que participava em Portugal, também atuou como instrumentista na “Alemanha, Bélgica, Brasil, Dinamarca, Espanha, Holanda, Itália, Marrocos, Suíça e na então Província de Angola”, conforme o (site oficial da Prefeitura Municipal da cidade de Tarouca⁸⁶, onde é posto juntamente com o irmão Duarte Pestana, no rol das personalidades existentes no município). Somadas as atividades como músico, também exerceu a docência (professor de trompa) no Conservatório Nacional de Lisboa, na Academia de Música Eboreense e no Conservatório de Setúbal (*Ibid*).

Na biografia das pessoas de modo geral não existe apenas momentos de glória e satisfação. No dia 21 de abril de 2004, o músico Adácio Pestana e sua esposa Maria da Glória foram vítimas fatais em acidente automobilístico na região de Penacova. Diante da fatalidade e da perda, como forma de reconhecimento pelo legado musical deixado por Adácio Pestana, principalmente por ser músico da terra, o Município de Tarouca homenageou-o com a construção do “Auditório Municipal Adácio Pestana”. Em 2012, no mesmo Auditório, a Orquestra de Câmara da GNR apresentou

⁸⁶ Disponível em <http://tarouca.com.sapo.pt/Pestana.htm/>. Acesso em: 31 jan. 2014.

concerto em homenagem aos irmãos Pestana, sob direção do maestro Armindo Pereira Luiz⁸⁷ (Junta de Freguesia de Tarouca, 2012).

Ainda, em memória ao músico, em 2013 a Televisão Independente Portuguesa (TVI 24), divulgou em rede nacional a estreia do Concerto para Trompa do compositor português Luís Tinoco em homenagem a Adácio Pestana, com interpretação de Abel Pereira. O concerto foi realizado no *Rose Theatre*, em Memphis, no *Tennessee*, USA, durante o 45.º Simpósio Internacional de Trompa (TVI 24, 2013). A matéria foi publicada com o seguinte texto:

O Concerto para trompa e orquestra, de Luís Tinoco, é estreado na sexta-feira, no *Rose Theatre*, em Memphis, no *Tennessee*, Estados Unidos da América, no âmbito do 45.º Simpósio Internacional de Trompa, por Abel Pereira, como solista. Abel Pereira irá ser acompanhado pela orquestra *Eroica Ensemble* de Memphis, dirigida pelo maestro Michael Gilbert. Em declarações à Lusa, o compositor Luís Tinoco afirmou que se trata de um concerto num andamento único, com cerca de 13 minutos de duração, escrito para trompa solista e uma orquestra clássica - oito madeiras, seis metais, um timpaneiro e um percussionista. A inspiração, revelou Tinoco - foi a própria sonoridade da trompa como instrumento, que tem enormes potencialidades tímbricas, dinâmicas e expressivas. Tratando-se de um concerto, a peça foi também construída a pensar nas características do solista, Abel Pereira, que bem conheço e com quem pude trabalhar na finalização da partitura, corrigindo, acrescentando ou alterando alguns detalhes, tornando a escrita mais idiomática para o instrumento e para o intérprete em questão, acrescentou o compositor. A peça é dedicada ao Abel [Pereira], mas é um concerto escrito '*In memoriam* Adácio Pestana', um músico elogiado por tantos colegas, maestros e compositores nacionais e internacionais, que infelizmente, não tive o privilégio de conhecer. Relativamente ao músico Adácio Pestana, que tocou, entre outras, na Orquestra Sinfónica Nacional, na Orquestra Gulbenkian e na Nova Filarmonia Portuguesa, Tinoco afirmou que teve o cuidado de recolher informação biográfica, gravações, depoimentos, falar com familiares e ex-colegas que com ele tocaram nas nossas orquestras. A pouco e pouco, fui sentindo que estava a descobrir um músico excepcional e se, por um lado, não posso dizer que o repertório que celebrou Adácio Pestana tenha

⁸⁷ O Sargento-Chefe da Banda da GNR Armindo Pereira Luís é natural da cidade de Tarouca, e assim como Adácio Pestana, iniciou os seus estudos musicais na Banda Filarmónica local. Disponível em <http://tarouca.com.sapo.pt/ArmindoLuis.htm/>. Acesso em: 31 jan. 2014.

tido influência na escrita do meu concerto, posso, no entanto, confessar que ao perceber a dimensão do músico homenageado, o peso da responsabilidade tornou-se cada vez maior durante o processo de escrita, afirmou. O concerto resultou de um desafio do Abel Pereira, que queria estrear um concerto no 45.º Simpósio Internacional de Trompa, no qual se encontra a participar como artista convidado, contou Luís Tinoco. À Lusa, o compositor salientou que a coincidência de datas com as homenagens a Adácio Pestana - que têm estado a ser promovidas, e que se prolongarão até 2014, ano que assinala os 10 anos do falecimento - deram origem a uma relação com os familiares do músico e, em particular, da sua filha Elsa Pestana Magalhães, que patrocinou a escrita do concerto (...). (Televisão Independente Portuguesa - TVI 24, 2013).

Outro músico selecionado para compor esta lista de figuras com impacte na história da BMGNR foi o maestro Jacinto Coito Abrantes Montezo. Nasceu em 1957, em Santo Amador, no concelho da Moura. Semelhantemente aos demais músicos militares citados neste trabalho, ele também iniciou a aprendizagem musical numa banda civil, desta feita na Sociedade Musical 5 de Outubro na Aldeia de Paio Pires. Conforme biografia do autor, aos 18 anos foi admitido na BMGNR e durante a carreira militar passou pelas diversas graduações existentes na instituição, sendo, portanto, reformado no posto de Tenente Coronel⁸⁸. Segundo nos evidencia Manuel Teixeira, durante os primeiros anos o militar Jacinto Montezo exerceu atividades como instrumentista na Banda, e na medida que ascendeu entre os postos, após exames, em 1995 assumiu pela primeira vez a função de chefe da BMGNR (2007).

Como forma de aprimorar o seu conhecimento, especificamente no contexto militar, ao longo da carreira frequentou diversos Festivais Militares como o de Mons (Bélgica) em 1980, e em 1995 em Modena (Itália). Ainda na década de 80, em 1986, deslocou-se a Londres como responsável pela preparação artística da Charanga do Regimento de Cavalaria da GNR. Em 1996, a convite da Polícia de Basileia e do Consulado Geral de Portugal em Zurique, dirigiu um concerto no Casino de Basileia integrado no 5º Festival Internacional de Bandas de Polícia. Um marco significativo, conforme a memória do músico Manuel Teixeira, foi a gravação de diversos CDs por esse maestro

⁸⁸Além das experiências musicais vivenciada inicialmente na Sociedade Musical 5 de Outubro e profissionalmente na Banda da GNR, também estudou no Conservatório Nacional, em Lisboa, onde cursou acústica, história da música, composição, trombone, cravo, educação musical e música de câmara. Fora de Portugal em 1978, estudou na Polónia na Jeunesse Musicale, sob orientação de Ernest Maes. Entre os vários professores em Portugal, também foi orientado pelo Italiano Franco Pezullo. Informação disponível em http://www.bandasfilarmônicas.com/cpt_maestros/tenente-coronel-jacinto-montezo/. Acesso em: 06 fev. 2014.

durante a sua gestão na Banda. Destaco, entre eles, o CD gravado em 1996, exclusivamente com obras do compositor Joaquim Luís Gomes (ex-músico e maestro da BMGNR), contendo as seguintes obras: *Abídís* (Poema Ribatejano), *Pérolas Soltas* e *Abertura Scalabitana* (Teixeira, 2007).

O militar músico Jacinto Montezo, seguindo o bom exemplo dos maestros da BMGNR citados, também foi agraciado com medalhas e louvores. Em 2003, conforme o Boletim Municipal Seixal suplemento⁸⁹ – edição promovida pela Câmara Municipal do Seixal n.º 378 de novembro de 2003, fez menção ao maestro Jacinto Coito Abrantes Montezo que fez jus a Medalha de Mérito Cultural, em prata, entregue pelo presidente da Assembleia Municipal, Eufrázio Filipe. Segundo o referido boletim:

A Medalha de Mérito Cultural, em prata, é atribuída a pessoas individuais ou colectivas que se tenham notabilizado nas artes e na cultura, ou ao serviço do movimento associativo ou comunidade educativa, e que, de forma perseverante, tenham contribuído para o desenvolvimento destas nas suas variadas expressões no Concelho do Seixal.

Pelo reconhecimento alcançado no decorrer da sua carreira militar, em 2004, conforme edição especial da *Revue musicale*⁹⁰ foi membro do júri do Concurso Internacional de Jovens Solistas a realizar anualmente no Luxemburgo, onde avaliou os seguintes instrumentos: eufónio, trombone e tuba. Ademais, seguem os membros do júri com as suas respectivas instituições que pertencem:

Guillaume ACKERMANS (B), président, professeur au Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles
Jacinto Coito ABRANTES MONTEZO (P), major de la “Banda de Música da Guarda Nacional Republicana”
Hervé BRISSE (F), tuba-solo à l’Orchestre National de Lille, professeur au Conservatoire de Roubaix
Secrétaire: Gilbert Girsch, délégué régional de l’UGDA (*Revue musicale*, 2004, p. 11).

⁸⁹ Disponível em: <http://srvweb.cm-seixal.pt/seixalboletim/378/temas/suplemento/10.html/>. Acesso em: 06 fev. 2014.

⁹⁰ Disponível em: <http://www.ugda.lu/Portals/57ad7180-c5e7-49f5-b282-c6475cdb7ee7/RM-2004-Spec.pdf/>. Acesso em: 06 fev. 2014.

Em 2009, o literário e coronel reformado do Exército António José Barradas Barroso⁹¹, publicou uma Crónica no *Boletim da Associação dos Pupilos do Exército*, ano XLV, n.º 215 de outubro a dezembro de 2009, acerca do Concerto de Gala realizado no Teatro São Carlos. Na publicação, António Barroso (nome literário) fez alusão a BMGNR como “uma das mais conceituadas do mundo” (Barroso, 2009, p. 20). Ainda segundo o autor, a BMGNR sob a batuta do major Jacinto Coito Abrantes Montezoz:

[...] interpretou ainda obras de Jorge Enesco, James Moody, Gioachino Rossini e Dirk Brossé para, finalmente, depois de largos aplausos, nos brindar, extra programa, com uma fabulosa execução do “Voo do Moscardo” do grande compositor Russo Rimsky-Korsakof (Barroso, 2009, p. 21).

Além dos serviços prestados à GNR como músico e maestro, também exerceu a função de adjunto à Banda do Exército, bem como a direção da Banda da Região Militar Sul, Banda da Zona Militar da Madeira e Orquestra Ligeira do Exército. Antes da reforma, conforme a Ordem do Exército 1.ª série n.º 9/30 de setembro de 2008, foi “presidente do Conselho do Serviço de Bandas e Fanfarras” (Ordem do Exército n.º 9 – 2.ª Série, p. 696)⁹².

A função de maestro no âmbito das bandas militares, encerrou-se quando passou à situação de reserva⁹³ em 13 de Janeiro de 2009, através do seguinte Despacho n.º 8560/2009, com o seguinte texto: “TCOR CBMUS NIM 13264078 Jacinto Coito Abrantes Montezoz, nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 152.º do EMFAR, conjugado com o n.º 2 do artigo 3.º do DL 166/05 de 23 Set, devendo ser considerado nesta situação desde 31 de Outubro de 2008”. Além do texto publicar à situação da reserva, informou que “Fica com a remuneração mensal de (euro) 2.832,56. Conta 40 anos, 04 meses e 00 dias de serviço, nos termos do artigo 45.º do EMFAR”.

Após passagem à situação de reserva, em 2010 foi homenageado pelos relevantes serviços prestados GNR, tendo sido agraciado pelo Comandante Geral da GNR com a Medalha de Prata, conforme publicação no Diário da República, 2.ª série - N.º 119 - 22 de Junho de 2010, através do seguinte Despacho n.º 10391/2010⁹⁴.

⁹¹Biografia do autor. Disponível em: <http://www.osconfradesdapoesia.com/Biografia/AntonioBarroso.htm/>. Acesso em: 06 fev. 2014.

⁹² Disponível em: [http://www.exercito.pt/sites/DARH/Publicacoes/Documents/OESET08\(4\).pdf/](http://www.exercito.pt/sites/DARH/Publicacoes/Documents/OESET08(4).pdf/). Acesso em 06 jan. 2014.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.legislacao.org/segunda-serie/despacho-n-o-8560-2009-situacao-emfar-termos-exercito-870143/> Acesso em: 06 jan. 2014.

⁹⁴ Disponível em: <http://www.gnr.pt/documentos/Legislacao/RGSGNR.pdf/>. Acesso em: 06 fev. 2014.

Por despacho de S. Ex.^a o Ministro da Administração Interna, de 09/12/2009, é concedida a Medalha de Prata de Serviços Distintos, ao Tenente - Coronel CBM n.º 1761573, Jacinto Coito Abrantes Montezo, do Comando - Geral da Guarda Nacional Republicana, nos termos dos artigos 7.º e 10.º do Decreto -Lei n.º 177/82, de 12 de Maio.

No âmbito civil, dirigiu as bandas das seguintes localidades: Alenquer, Carris, Palmela (Loureiros), Lapa, Pinhal Novo e a banda e coral da Sociedade Filarmónica Humanitária de Palmela. Fez parte de diversos grupos de música ligeira e trabalhou com as orquestras da RDP, Teatro Nacional de S. Carlos e Ligeira do Seixal (da qual foi um dos fundadores) (Bandas filarmónicas de Portugal, 2014).

Conforme os dados apresentados, é possível perceber que no quadro da GNR diversos elementos, ao longo dos tempos, foram premiados e se distinguiram no desempenho das suas funções. A mais recente conquista foi conferida ao Guarda Nelson de Jesus, componente da Banda Sinfónica. Ele venceu o 1.º Concurso Ibero-americano de Composição para Banda Sinfónica – “IBERMUSICAS – OAXACA 2014”, com a obra “Concertino para Bombo e Banda Sinfónica”. Esse concurso foi organizado pela Secretaria da Cultura e Artes de Oaxaca e Centro das Artes de San Agustín Etna da Argentina, com o objetivo de estimular a composição musical contemporânea, ao qual concorreram 45 compositores Ibero-americanos. Conforme destacou o Guarda Nelson de Jesus numa conversa informal sobre o prémio, a obra vencedora do concurso recebeu críticas por parte do júri da prova que descreveu a música como “arrojada e original e de forte impacte, dotada de uma linguagem palpitante e atrevida que se sustenta dentro de um diálogo expressivo entre o instrumento solista e a banda sinfónica”.

Ainda entre as figuras com impacte na histórica da BMG NR, não posso deixar de mencionar o atual maestro Major João Afonso Cerqueira, principalmente pelos relevantes serviços prestados à instituição, bem como à sociedade portuguesa através das centenas de apresentações a cada ano, conforme presenciei durante a minha incursão no campo em 2013 e as diversas visitas ao grupo ao longo da investigação. Cabe destacar o apoio por parte desse maestro para a concretização deste trabalho. Durante as várias visitas à Banda ao longo da pesquisa, o Major sempre se colocou a disposição para esclarecer as minhas dúvidas.

Conforme os dados coletados em campo em 2013, o referido maestro tem-se destacado entre os ex-maestros pela consolidação do naipe das cordas em 2009, o que tem possibilitado a formação

interna de vários grupos musicais como: trios, quartetos, quintetos, quer seja de cordas ou metais para atuarem em diversos espaços e contextos, bem como por convidar frequentemente solistas ou maestros civis para atuarem com os grupos que compõem a Banda.

Como referi no início deste capítulo, os oficiais que dirigiram a Banda da GNR fizeram curso no Exército, uma vez que a GNR até dezembro de 2016 não formou nenhum músico para tal cargo. No caso do Major João Cerqueira, esse oficial foi designado para assumir a direção do grupo em 2007. Semelhantemente aos demais oficiais que desenvolveram atividades junto à BMGNR, o Major João Cerqueira, como é conhecido hoje, também iniciou a aprendizagem musical ainda na adolescência, onde aprendeu a executar a clarinete. Na qualidade de músico profissional, iniciou sua carreira na banda do Exército Português e posteriormente na função de maestro da banda do exército e da GNR.

No exército, em 1985, foi admitido como clarinetista na Banda Militar da Escola Prática de Infantaria. No ano posterior foi selecionado para o Curso de Formação de Sargentos Músicos. Ao concluir o curso, em 1988, foi promovido e nomeado para exercer a função de 1º Clarinete na Banda Sinfónica do Exército. Além da função de músico, na referida instituição também fez parte do corpo docente do curso de música, abrangendo os cursos integrados na Cooperação Técnico Militar com os Países de Língua Oficial Portuguesa. Em 2001, após finalizar o Curso Superior de Direção Musical, foi promovido ao posto de Alferes Chefe de Banda de Música. Como oficial músico, exerceu as funções de Chefe da Banda Militar da Madeira entre os anos de 2001 a 2005 e de Chefe Adjunto na Banda Sinfónica do Exército em 2006. Ainda em 2006, finalizou o Curso de Promoção a Capitão Chefe de Banda de Música. Em 2007, foi nomeado através de Despacho proferido pelo General Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana para exercer a função de chefe da Banda Sinfónica da GNR, cargo que ocupa até a presente data. Em 2016 foi promovido ao posto de Major.

No âmbito civil, tem dividido a sua atividade musical entre a direção de grupos diversos, o ensino e a composição. Como maestro de Bandas e Orquestras de Sopros dirigiu nos anos de 2004 e 2005, a Orquestra de Sopros do Gabinete Coordenador de Educação Artística da Região Autónoma da Madeira e em conjunto com a Banda Militar da Zona Militar da Madeira executou concertos que foram transmitidos pela emissora Rádio e Televisão de Portugal (RTP) na ilha da Madeira e a (RTP) Internacional. Além da função de maestro, participou como membro do Júri dos Concursos para Jovens Músicos promovido pela Secretaria Regional da Educação na Região Autónoma da Madeira

nos de 2003 e 2004, assim como foi palestrante em vários seminários realizados nesta Região entre os anos de 2004 e 2005. Em 2008 frequentou o Curso de Pós-Graduação em Direção de Orquestra de Sopros no Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares em Almada. Desde 2007 é maestro da Banda de Música da Associação Recreativa Musical 1º de Maio do Catujal, e no âmbito externo a Portugal é membro da *International Military Music Society*.

Durante os diversos encontros com o maestro, foi possível perceber que desde seu ingresso BMGNR em 2007, o mesmo vem buscando estruturar os grupos musicais existentes, principalmente a Orquestra de Câmara, solicitando ao Comandante Geral da GNR a contratação de instrumentistas de cordas, principalmente violinistas e violistas. Portanto, como resultado dessa contratação nos últimos 5 anos, tem havido um fortalecimento no naipe das cordas, refletindo na possibilidade de execução do repertório erudito original, resultando assim na projeção musical do grupo nos concertos realizados nas principais salas de concertos de Lisboa como o Teatro São Carlos, apesar das dificuldades financeiras pelas quais Portugal tem passado nos últimos anos.

Em síntese

Neste capítulo foi possível inferir acerca das particularidades que dão sentido ao funcionamento da GNR, pela compreensão de sua missão e de sua dimensão estrutural na atualidade. Para isso, apresentei os principais regulamentos, onde foram evidenciados: as formas de ingresso na carreira militar, postos e os símbolos que cooperam para a manutenção da ordem social dos militares e, particularmente os *distintivos* que identificam os músicos dentro da GNR. Além disso, expus as diversas especialidades que existem atualmente na instituição, entre elas, a de música. Essa especialidade, pode ser considerada uma das mais antigas, pois a presença de músicos nas atividades militares nesta instituição remota a segunda parte do século XIX, conforme aponta Albino Lapa (1941:8).

A BMGNR se particulariza entre as bandas militares portuguesas por desenvolver no âmbito das ações da prática do Protocolo do Estado a ordem social dos presentes nas cerimónias e ocasiões especiais em que chefes de Estados, autoridades civis, militares e eclesiásticas são anunciadas e recepcionadas pelos toques da Banda. Além dessa função, os grupos da Banda atuam frequentemente em eventos públicos de órgãos de soberania do Estado Português, em festividades religiosas como a procissão da Senhora da Saúde, de grande impacto na cidade de Lisboa, em missas e em diversas salas de concerto, em Portugal.

Além disso, foi possível constatar que diversos músicos que pertenceram e pertencem ao efetivo da GNR, em diferentes momentos, contribuíram e contribuem para a vida musical portuguesa, pois além das atividades militares concernentes à GNR também desenvolveram práticas musicais, quer seja como músico nas orquestras, quer seja como maestros ou como professores de música em conservatórios ou na iniciação de músicos na filarmónica em seus lugares de origem.

Foi possível entender, também, através dos fatos apresentados, que desde a fundação da Banda, ainda no período imperial em Portugal, o grupo comportou personalidades musicais em seu quadro, caracterizando desse modo a referida Banda, enquanto parte importante de uma instituição pública de primoroso valor social e cultural, especialmente para os portugueses.

Por fim, defendo que a partir da implantação da República em 1910, a história da BMGNR intersecta-se com a própria história de Portugal em seus diferentes momentos, posto que a música executada pelos grupos que compõem a Banda esteve presente durante os principais acontecimentos políticos do país. Entre eles cito a exéquias do ex-presidente de Portugal Mário Soares⁹⁵ que ocorreu no dia no dia 09/01/2017, no Mosteiro dos Jerónimos. Conforme matéria publicada no *RTP Notícias*, em 10 de janeiro de 2017 “Realizou-se esta tarde uma sessão solene evocativa no Mosteiro dos Jerónimos. De seguida o armão da GNR percorreu as ruas de Lisboa, passando pelo Palácio de Belém, a Assembleia da República e a sede do Partido Socialista”⁹⁶. Para essa cerimónia foram convocados 49 músicos da BMGNR e estiveram sob a direção do SCH Carlos Oliveira. Na ocasião o grupo executou o hino Nacional português e a marcha fúnebre de Chopin.

⁹⁵ Mário Soares é considerado por muitos um dos grandes nomes da democracia em Portugal da segunda metade do século XX. Foi advogado, fundou o Partido Socialista, lutou contra a ditadura de Salazar, foi preso e exilou-se em Paris. De volta a Portugal, foi Ministro dos Negócios Estrangeiros, Primeiro-ministro e Presidente da República. Morreu no dia 07-01-17, em Lisboa, aos 92 anos.

⁹⁶Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/o-segundo-dia-das-cerimonias-funebres-de-mario-soares_e974841/. Acesso em: 13 mar. 2017.

4. A VIDA MUSICAL NA BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

“[...] antes de ser músico, o indivíduo que ingressa na GNR é militar”.

Neste capítulo reflito sobre a vida musical no âmbito do Quartel da GNR, situado no Bairro da Ajuda, em Lisboa. Esse espaço é caracterizado por um sistema de crenças e valores, hierarquizado e formalizado, onde existem regras específicas para cada ocasião. Nesse ambiente social militar está inserida a Sede da BMGNR onde os seus músicos quotidianamente cumprem uma rotina de ensaios, participam de cursos de Formação e Promoção, reuniões, condicionamento físico e apresentações, entre outras atividades. Entre as atividades do quotidiano, destaco a minha incursão na primeira semana de 2013, onde evidencio a preparação e a *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra da Câmara, grupos selecionados pelo maestro João Cerqueira, para o concerto de Ano Novo no Teatro de São Carlos em Lisboa, que é considerado pelos meus interlocutores como o mais importante do calendário anual de atividades do grupo.

Sustento que apesar do esforço da instituição para quotidianamente padronizar o comportamento dos seus militares através dos diversos “manuais”, o espaço social que constitui a Banda da GNR tem se mostrado diferenciado, uma vez que a atividade musical tem sido um elemento reformulador das relações hierárquicas. Este capítulo, tem como objetivo compreender a vida musical da BMGNR no âmbito interno (ensaios, aulas, reuniões, apresentações) da Guarda Nacional Republicana.

4.1 A ritualização do quotidiano da Banda

O quotidiano militar se realiza por meio de condutas ritualizadas, constituídas por ordem de atos e discursos que devem ser incorporados e rigorosamente observados pelos membros da corporação. Desde o ingresso na instituição, o militar está sujeito às normas que organizam as rotinas do quotidiano, numa tentativa de homogeneizar um modo de se comportar dentro dos quartéis. Esse treino organiza-se numa aprendizagem que é sobretudo corporal, numa espécie de adestramento dos movimentos que devem ser incorporados a fundo pelos militares, tendo como ponto base a hierarquia e a disciplina. Como afirma Eurides Santos (2001):

No contexto de um ritual as categorias conceituais e a própria ação formam um conjunto de conhecimentos compartilhados por um grupo social, os quais são providos de significados

convencionais. Tais significados possibilitam aos indivíduos uma compreensão geral do universo simbólico que compartilham. No entanto, ainda que comumente tomados por certos, os significados convencionais vão depender dos atos de interpretação para que se tornem significado particular (Santos, 2001, p. 120).

Considerando que em qualquer grupo humano a experiência da coletividade implica em reunião de subjetividades, onde estão presentes os entendimentos compartilhados, as ações rituais na vida militar objetivam o reforço das normas internas e preceitos, como forma de aproximação dos atos de interpretação e padronização dos comportamentos. Na prática, o indivíduo que ingressa na vida militar, mesmo vindo de um mundo permeado de normas e rituais, se depara com uma nova realidade.

O reforço das normas internas, como o comportamento dos militares, é marcado desde o ingresso na instituição pela rigidez dos gestos e por formas obrigatórias de gesticulação, cuja função é marcar a contenção e promover a uniformidade e obediência dos militares nas atividades do quotidiano do quartel. Tais formas de ritualização no quotidiano da Banda, como prestar a continência⁹⁷ diariamente, levantar quando o maestro entra na sala de ensaio, cumprir os horários das atividades, são formas típicas de assegurar o respeito pela autoridade instituída pela instituição e o controlo social.

Segundo Piero Leirner (2009), o espaço social do quartel é gerido por regulamentos militares que “[...] preveem rigor tanto para uma formação de combate, para um desfile, para entrar em um elevador, sentar à mesa ou cumprimentar um colega passa pelo mesmo regime prescrito” (Leirner, 2009, p. 42). Dessa forma, o controlo do corpo e a uniformização dos gestos são princípios na construção do modelo militar hegemónico das Forças Armadas, independentemente do ramo, Marinha, Exército ou Força Aérea. A GNR, como é uma força auxiliar do Exército português, e sobretudo pelo facto dos seus Comandantes Gerais serem oriundos dessa força, bem como o atual maestro João Cerqueira da BMGNR, segue, portanto, em alguns aspectos, os mesmos preceitos concernentes às atividades quotidianas das Forças Armadas. Assim explica Cristina Silva (2009):

⁹⁷ Para Roberto DaMatta (1984), a palavra “continência” significa um ato cujo sentido profundo é precisamente o de conter-se, controlar-se, dominar-se... (DaMatta, 1984, p. 87).

De modo geral, a vida militar é regida por todo um sistema de crenças e valores específicos da instituição militar: um grupo considerado “fechado⁹⁸”, tradicional e altamente hierárquico, no qual se configura a preeminência da coletividade sobre os indivíduos como fundamental para o bom desempenho das atividades no quartel e nas demais organizações militares. A corporação militar, portanto, detém certo controle e conhecimento da vida do indivíduo que nela está inserido e, ao condicioná-lo a uma série de regras e condutas próprias, acaba definindo a construção das relações e a formação da identidade desses indivíduos (Silva, 2009, p. 108).

A instituição aqui em análise partilha esta característica, visto que o espaço social da GNR também é gerido por regulamentos⁹⁹ que controlam os Guardas, os quais determinam o modo de comportamento dos seus membros, peculiaridade comum ao meio militar conforme revelou Cristina Silva, como forma de atender aos objectivos oficiais da instituição, tentando-se rotinizar a vida diária de forma a proporcionar um quotidiano estável e sem desordem social.

Na banda de música, todas as tarefas da vida diária dos músicos são regradas e são igualmente estabelecidos horários para as executarem. Essa normatização das atividades controla pois até os mais insignificantes pormenores do quotidiano, os quais, são regulamentados tendo em conta um único critério: condicionar os músicos para a existência de um plano racional único para atender a uma série de regras e condutas próprias da instituição. A primeira destas regras está relacionada com o expediente no quartel onde está inserida a Sede da Banda, que começa para os músicos às 9h, estendendo-se até às 17h, de segunda à sexta. Apesar desses limites de horários para alguns sectores como a Banda, a estrutura da GNR funciona 24 horas por dia com Guardas de prontidão para eventuais ocorrências relacionadas com a segurança pública.

Na Sede da BMGNR, o horário do expediente é reservado para o ensaio do repertório dos grupos, reuniões, condicionamento físico, aulas entre outras atividades. Assim, para o maestro João Cerqueira estabelecer um certo controlo das ações dos músicos dos diferentes grupos musicais,

⁹⁸ Para Erving Goffman (1999), toda instituição da sociedade ocidental tem tendência de “fechamento” e, há algumas que são mais “fechadas” do que outras. Em tais estabelecimentos, ou mais especificamente nas “Instituições Totais”, esse “fechamento” é simbolicamente evidenciado pela barreira a relação social com o mundo externo – por exemplo, paredes altas, arrames farpado, fossos, água, portas fechadas, entre outros (Goffman, 1999, p. 16).

⁹⁹ Regulamento Geral do Serviço da Guarda Nacional Republicana. Conforme consta no Artigo 1.º esse regulamento tem por finalidade “[...] garantir o cumprimento da missão que lhe está atribuída, bem como o respectivo funcionamento interno” (Diário da República, 2.ª série - n.º 119 - 22 de Junho de 2010).

semanalmente são fixados no *hall* de entrada da Sede da Banda os horários das atividades (cf. Anexo v).

Os ensaios da Banda Sinfônica e da Orquestra de Câmara ocorrem pela manhã das 9h às 12h. O horário da tarde, das 14h às 17h, é reservado para o ensaio da Banda Marcial e Fanfarras¹⁰⁰, bem como para as aulas de música individuais e coletivas do Curso de Formação e Promoção: de que falarei no capítulo VI. Vale destacar que, de acordo com as necessidades do serviço, as atividades do dia, e até mesmo da semana podem ser modificadas, podendo um dos grupos da Banda vir tocar à noite como regularmente ocorre nos teatros e/ou aos finais de semana, como por exemplo: na procissão da Senhora da Saúde e no *Render Solene* da Guarda que se concretiza, no 3.º domingo de cada mês, às 11 horas da manhã, realizado pela Guarda de Honra do Palácio Nacional de Belém, a cargo do Esquadrão Presidencial da Unidade de Segurança e Honras de Estado da Guarda Nacional Republicana.

Com o efetivo da BMGNR de cento e setenta e três músicos em 2013, tornou-se impossível agrupar todos os elementos na mesma sala de ensaio, que comporta no máximo 100 pessoas. Por isso, os grupos foram distribuídos durante o expediente para que não houvesse conflito de horário.

Ao questionar o Segundo-Sargento Pedro Oliveira sobre os horários de ensaios dos grupos musicais e a atividade profissional dos músicos extra quartel, para esse militar, não se justifica, por exemplo, a Banda Sinfônica e a Orquestra de Câmara [grupos de referência da instituição] permanecerem todo o expediente no Quartel, pois muitos desses músicos atuam no mercado profissional, bem como aproveitam o horário que não estão no Quartel para aperfeiçoarem os conhecimentos musicais, o que “enriquece” a *performance* musical da Banda, destacou esse militar. Conforme evidencia esse Sargento:

A banda da Força Aérea, por exemplo, quem não é Sargento - os que ainda estão em contrato - é obrigado a estar até às 17h. Nós aqui temos este horário pela manhã e pela tarde muitos vão dar aulas, vão ficar com as Orquestras, outros vão estudar e isto faz em termos musicais a Banda enriquecer. Não ser só mais uma [banda militar] e estarmos aqui só por estar, não só a despachar música, mas quando vimos para cá tentamos por em prática tudo aquilo que nos é ensinado e nos

¹⁰⁰ Cabe destacar que quando os músicos da Banda Marcial e Fanfarras estão participando das aulas de música nos Cursos de Formação e Promoção, são dispensados dos ensaios e das atividades dos referidos grupos.

é dado através da formação exterior a banda. Há muito cuidado com a música (entr. Segundo-Sargento Pedro Oliveira, 18/2/2013).

Conforme os estudos realizados pelos músicos da BMGNR (Silva, 2010; Ribeiro, 2011 e Alferes, 2012), historicamente uma parcela considerável de músicos da GNR têm contribuído para a vida musical portuguesa, quer seja tocando em Orquestras, quer seja como diretores de bandas civis, ou como professores das escolas de ensino de música especializado, como os Conservatórios de música. Dessa forma, por mais que a instituição detenha o controlo das ações dos militares e exija exclusividade do serviço, na realidade, o que se observa na prática é uma certa flexibilidade com a atividade profissional, possibilitando conciliação de trabalhos na Banda e fora dela.

Para o Sargento-Chefe Manuel Luís Cochofel:

Temos de estar ao serviço e sempre disponíveis, 24 horas por dia. Essa é uma das condições militares. Mas a verdade é que quase todos temos outras actividades ligadas à música no exterior da Banda, como sejam o ensino ou a regência de bandas ou orquestras. Ora quando por exemplo o ensaio se alonga para além da hora normal, começamos todos a olhar para o relógio e a ver que podemos chegar atrasados aos nossos compromissos no exterior e a dizer que 'a nossa vida particular não nos permite ali continuar muito mais tempo', como se fosse mais importante do que a própria Banda. Que não é, nem pode ser! (ent. Sargento-Chefe reformado Manuel Luís Cochofel, 11/1/2013).

A esse respeito, o Sargento-Chefe José Ribeiro, que em 2013 desenvolvia a função de maestro da Banda Marcial, esclarece que para o músico da GNR desempenhar actividades artísticas fora do âmbito do Quartel, como por exemplo: a docência em escolas especializadas de música ou Conservatórios, tocar em Orquestras e em outros espaços, precisa pedir autorização ao chefe responsável pela Banda, que por sua vez envia uma minuta ao General informando tal atividade (entr. Sargento-Chefe José Ribeiro, 13/4/2015).

A observação do quotidiano dos músicos na Sede da BMNGR permitiu-me perceber que, por mais que existam regras formais rígidas que controlem a rotina dos militares do quartel da GNR, há uma certa flexibilidade na atividade profissional dos músicos, para que atuem na vida musical portuguesa

em suas mais diversificadas expressões. Seria essa flexibilização de horários para atividades extra um “direito especial e privilégio numa determinada coletividade”, como afirma Howard Becker (2010, p. 38) em *Mundos da Arte*? Na referida obra, o autor vê o artista de modo geral como portador de habilidades especiais que lhe conferem distinção nos ambientes nos quais está inserido ou nos grupos a que pertence. Foi essa distinção que percebi na visualização dos fluxos de atividades dos militares da GNR.

Dessa forma, apesar dos regulamentos militares deterem certo controlo da vida dos seus membros, ao condicioná-los a uma série de regras e condutas próprias (Silva, 2009), a atividade profissional de músico militar pode ser considerada, de certa forma mais flexível, pelo facto dos elementos da Banda demonstrarem a capacidade técnica no instrumento musical, de fornecerem “serviços artísticos” considerados importantes para a sociedade e para a instituição e, por isso obterem um estatuto social diferenciado na caserna, conforme observei no terreno.

Essa conduta, aparentemente contraditória, por outro lado, pode trazer muitos benefícios para a instituição militar, pois a vivência quotidiana dos músicos junto aos diversos grupos de referência no país¹⁰¹ e, os conhecimentos técnicos adquiridos em universidades e escolas especializadas de música parece contribuir para o “enriquecimento musical” das *performances* dos grupos, refletindo positivamente a cada apresentação, o nome da Guarda e seguidamente o nome do Estado português.

Na próxima secção, passo a documentar o início da minha incursão na BMG NR na primeira semana janeiro de 2013, reflito sobre a realidade interna da corporação, com ênfase no quotidiano dos músicos, sobre as relações hierárquicas estabelecidas entre seus integrantes, bem como sobre o desenrolar da vida musical dos grupos, principalmente na cidade de Lisboa. Entre os duzentos e setenta e quatro serviços realizados pelos grupos que compõem a Banda em 2013 (cf. Anexo iii), selecionei para realizar etnografia neste capítulo, o Concerto de Ano Novo, o que é considerado pelos meus interlocutores como o mais importante do calendário anual de atividades da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara, e a Missa em ação de graças pela passagem do aniversário da GNR, que consiste de um ritual particular da instituição composto por militares e poucos civis que prestam serviços nas Unidades da GNR em Lisboa. Nesses eventos extraordinários que se realizam anualmente em Lisboa, a *performance* musical da Banda Sinfónica e Orquestra de Câmara, bem como

¹⁰¹ Cito como exemplo o SCH Joaquim Ribeiro exerce a função de clarinetista solo na Orquestras Sinfónicas do teatro São Carlos.

a atuação dos músicos da Banda Marcial e Fanfara, através da formação de um Coro acompanhado por um sexteto de madeira e um Terno de Corneteiros se mostra um elemento definidor e estruturante desses contextos sociais.

4.2 Desenrolar da *performance* musical da Banda

O prédio central que serve de Sede da Banda de música localiza-se no Bairro da Ajuda em Lisboa. Para se ter acesso às instalações da Banda, logo à entrada, há uma guarita com Guardas cuidadosamente armados e fardados, que garantem e também anunciam a segurança daquele lugar. Esse prédio situado logo à frente sugere que a hierarquia espacial é também indicativa da hierarquia social desse espaço.



Figura 4: Sede da BMGNR no Quartel da Ajuda

Fonte: arquivo particular, 2017.

O imóvel que abriga a Sede da Banda é estruturado em dois andares. No térreo, há um *hall* de entrada, onde são fixadas as atividades diárias da Banda e uma grande sala de ensaio que comporta cerca de cem músicos. Na parte superior funciona a Administração, com pequenas salas, divididas hierarquicamente por graduações militares, como a do Chefe (maestro), do subchefe, da Secretaria, a qual inclui a Secção de Instrução e Formação, Refeitório, Bar, as salas de aulas e um espaço onde são produzidas cópias, impressões, transcrições de partituras e depositadas as principais obras¹⁰²

¹⁰² O Arquivo musical não está inserido no mesmo prédio da Banda. O espaço está edificado em um espaço ao lado direito da Sede da Banda. Conforme destacou o SMOR António Saraiva, responsável pelo Arquivo em 2013, o acervo é composto por cerca de 3.000 obras, transcritas em sua maioria por ex-músicos da Banda. Entre elas citou as

que os grupos executam com mais frequência. Para Celso de Castro (2009), “Os ambientes militares são formal e explicitamente separados em “círculos hierárquicos”, que regulam a sociabilidade possível na vida quotidiana” (Castro, 2009, p. 28). As salas são divididas por um longo corredor, onde são fixados nas paredes, na parte superior, de forma diacrónica, a galeria dos ex-maestros da Banda, devidamente uniformizados, que sugere ao visitante a existência de um panteão de músicos divinizados, bem como fotos da Banda em momentos que marcaram a história do grupo, como a viagem ao Brasil na década de 1930.

Os grupos musicais da Banda da GNR cumprem uma rotina de ensaios no quotidiano do Quartel que são consonantes com o calendário da instituição, bem como com o dia oficial do país¹⁰³, com o concerto de Ano Novo, o qual se realiza no mesmo dia do aniversário da Banda, no dia 4 de janeiro e o Dia da Guarda, em 3 de maio. Há também o treinamento realizado na terceira sexta-feira de cada mês¹⁰⁴ pela Banda Marcial e Fanfarras no pátio do 4º Esquadrão no Quartel da Ajuda para o Render Solene da Guarda¹⁰⁵ entre outros¹⁰⁶.

A interação com o meu orientador militar SCH António Durão, me permitiu logo na primeira semana no terreno, participar como observador de uma série de ensaios para as atividades do início do ano, sendo de relatar que naquela data 04/01/2013, a Banda da Guarda estava comemorando 175 anos. O ensaio no dia 4 da Banda Sinfónica, para os concertos em Évora no dia 5 e o de Ano Novo no Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa no dia 8 de janeiro (Programas dos concertos cf. Anexo vi e vii), foi dirigido pelo maestro João Cerqueira.

A figura 4 abaixo ilustra a estrutura da Banda Sinfónica daquele ensaio. Deve salientar-se que a estrutura do grupo é formada consoante o repertório do concerto a ser executado.

transcrições de algumas obras de Richard Wagner e Piotr Tchaikovsky para Banda Sinfónica pelo maestro Joaquim Fão na década de 1930 do século passado.

¹⁰³ A Banda anualmente participa na Assembleia da República executando o hino nacional nas comemorações alusivas ao dia de Portugal, comemorado em 10 de junho.

¹⁰⁴ O Render Solene da Guarda ocorre no terceiro domingo de cada mês por volta das 11h, em frente ao edifício da Presidência da República em Belém.

¹⁰⁵ Nesse treinamento participa também a cavalaria do 4º Esquadrão Presidencial. Por exemplo, cito o que ocorreu no dia 21 de abril de 2013. Nele estiveram presentes 41 músicos (Banda Marcial mais Fanfarras). Pelo que foi possível observar no terreno, as obras musicais ensaiadas na sala de ensaio e, posteriormente no treinamento no pátio e no dia do Render foram: *Bajo la doble águila* de Josef Franz Wagner e *Europe Mars* de Robert Allmend pela Fanfarras. *Verónica* de L. Grisolia e D. Mastrulo, *Hino Nacional* de Alfred Keil, *Trombones Triunfantes* de Don Keller, *Latin Trumpets* de Win Laseroms e *Cidade Invicta* de Amílcar Morais pela Banda Marcial. Esses treinamentos a cada mês são idênticos no tempo e na duração e no processo de desenvolvimento. O repertório quase sempre é o mesmo.

¹⁰⁶ Além desses, há os ensaios para os eventos de protocolo de Estado, bem como, os religiosos como a procissão da Senhora da Saúde, no mês de maio (esse assunto será discutido no cap. 6), e para a missa em ação de graças pela passagem do aniversário da Guarda (na última secção deste capítulo).

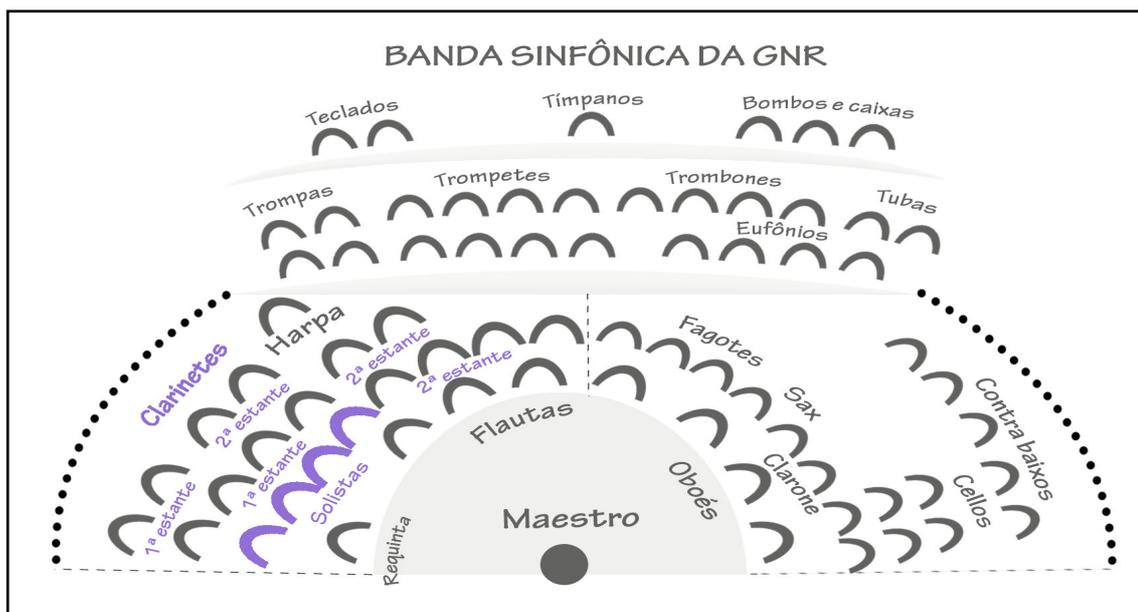


Figura 5: Estrutura da Banda Sinfônica para os concertos em Évora e Lisboa

Conforme a nota de serviço fixada no quadro de avisos, o horário de expediente da manhã no dia 04/01/2013 foi reservado para a Banda Sinfônica e, na parte da tarde para a Orquestra de Câmara. Durante a realização do ensaio da Banda Sinfônica duas coisas despertaram a minha atenção: a primeira, diz respeito à formalização do espaço social, no sentido de determinar o modelo de comportamento coletivo. Cito como exemplo, o momento em que o Major João Cerqueira entrou a sala, os músicos automática e energicamente ficaram na posição de sentido. Cristina Silva (2009), em sua análise *Explorando o “mundo do quartel”*, defende que a vida militar é regida por todo um sistema de crenças e valores específicos da instituição militar (Silva, 2009, p. 108). Para essa autora, o ambiente social do Quartel é altamente hierárquico, com regras de condutas próprias, que acabam por definir a construção de relações e a formação da identidade dos militares (*Ibid*). Assim, foi possível observar no início do ensaio que, a partir do momento que o maestro sobe ao pódio para executar o repertório selecionado para os concertos não se ouve conversa, tampouco circulação de pessoas no recinto, apenas os sons dos instrumentos e em alguns momentos pontuais a fala do maestro, a fim de ajustar pequenos trechos das obras, configurando-se, portanto, como um espaço altamente hierárquico.

Conforme pude observar no terreno, há todo um cuidado por parte do maestro João Cerqueira e dos músicos para que a *performance* musical da Banda alcance um alto nível de excelência. Uma maneira encontrada pelo referido maestro para avaliar o resultado dos ensaios, é realizar o registo sonoro dos mesmos. Essa função foi exercida pelo CABO músico arquivista Manuel Freire. Esse

militar ficou posicionado no lado esquerdo da sala de ensaio, próximo ao maestro. Em conversa posterior com esse militar, foi-me relatado que não só os ensaios da Banda Sinfónica e Orquestra de Câmara, em sua maioria são gravados, como também os concertos realizados por esses grupos. Para esse CABO, “essa prática possibilita, tanto ao maestro como aos músicos ouvirem as gravações e perceberem o que precisa melhorar” (Anotações do caderno de campo, 2013).

Outro ponto a ser refletido, diz respeito aos músicos da Banda Sinfónica que executaram durante a *performance* musical os principais solos e ocuparam as primeiras estantes dos naipes. Coloco como exemplo a estante dos clarinetes (destacado na Figura 4 acima, na cor roxa). Observei que os 4 solistas dessa estante eram os menos graduados do naipe, constituído por 4 Segundos-Sargentos, a saber: Hélder Gonçalves, Hugo Figueiredo, André Santos e Ricardo Torres. Essa prática no espaço social da Banda revela que há uma clivagem entre o estatuto associado a uma determinada hierarquia militar e uma competência musical relacionada com a necessidade de ser músico no ambiente do quartel. Essa ambivalência, entre ser militar e ser músico, comprova que a competência musical se mostra como um fator decisivo para a *performance* musical dos grupos, em que a desenvoltura técnica dos Segundos-Sargentos permite que estes desempenhem papéis de destaque que, devido à hierarquia, deveriam ser desempenhados pelos militares mais agraduados.

Para esclarecer essa questão, o SMOR António Saraiva ressalta que a escolha do músico menos graduado para realizar os solos mais complexos parte de um entendimento entre o chefe de naipe e o maestro da Banda. Segundo esse militar:

Isso tem tudo a ver com a qualidade [do músico], falando assim, que esse militar apresenta. Porque, se calhar, esse militar já tem um mestrado e, é um profissional excelente, um músico de alta qualidade e isso tudo passa a ser tudo normal. E se ele está dentro do naipe, o chefe do naipe entende, junto com o maestro que para aquele concerto, aquele elemento será indicado para fazer os solos. Existe uma conjugação entre o chefe de naipe e o maestro, onde eles escolhem os melhores para aquela situação (entr. o Sargento-Mor António Saraiva, 12/6/2015).

Ao questionar o Cabo trombonista Hélder Rodrigues que executou o solo do Bolero de Ravel no ensaio sobre a distribuição dos principais solos entre os trombonistas e, como eram tratadas as relações hierárquicas dentro do naipe, pois acabara de ver no ensaio outros militares mais

graduados que não tinham executado as partes mais complexas¹⁰⁷. O cabo respondeu que “[...] é comum existir negociação entre os trombonistas para definir quem irá fazer o solo”. Ainda conforme esse militar, “antes o Sargento mais antigo era quem determinava quem faria o solo. Hoje, todos do naipe em comum acordo escolhem previamente quem pode fazer os principais solos” (Anotações do caderno de campo, 2013). Cabe destacar que o elemento mais graduado do naipe SCH Mário Vicente executa o trombone baixo, sendo, portanto, o chefe de naipe. Essa prática no âmbito das orquestras ou bandas sinfónicas, normalmente seria desempenhada pelo músico que toca na primeira estante.

Nesse sentido, o testemunho do Cabo Hélder Rodrigues se mostra revelador, pois fica claro que durante a *performance* musical da Banda, nos ensaios ou nas apresentações, há uma espécie de reformulação do espaço social interno do grupo, diluindo a rígida hierarquia peculiar ao ambiente militar, mesmo em estruturas sólidas e tradicionalmente mantidas como a GNR. Assim, no momento em que a *performance* musical cessa, as relações hierárquicas se (re)estabelecem em seu devido lugar.

Às 12h, o maestro João Cerqueira desceu do pódio, o Sargento-Mor António Saraiva, à época, o militar mais antigo, reforçou os avisos referentes aos concertos que estavam por vir nos próximos dias, bem como, o ensaio da Orquestra de Câmara que estava agendado para iniciar às 15h. À tarde, o ensaio começou pontualmente às 15h, conforme publicado no quadro de avisos. O *modus operandi* seguiu a mesma rotina do ensaio realizado pela manhã. A diferença estava na estrutura dos instrumentos utilizados na Orquestra de Câmara¹⁰⁸ com um número menor de músicos.

¹⁰⁷ Através da minha experiência como militar músico, posso afirmar que, essa inversão de papéis dentro do naipe, ou seja, o militar de menor posto hierárquico em desempenhar uma função de um mais graduado, estando esse presente, dificilmente aconteceria noutra secção. Posso citar como exemplo: o posto da Guarda. Nesse ambiente, dificilmente um soldado assumiria o comando estando presente seu superior hierárquico. No caso da banda, a escolha de quem realiza o solo é determinada por uma questão de qualificação e não de capacidade ou habilitação para o comando, que continua reservada ao maestro e ao chefe de naipe.

¹⁰⁸ Conforme o programa do Concerto: “Num esforço pioneiro em Portugal (ao nível das Banda militares) de modernização e versatilidade e para melhor cumprimento da missão, em 2008, o Comando da Guarda Nacional Republicana decidiu alargar a composição instrumental aos napes das cordas que ainda não existiam: violinos e violas de arco. Criado, nesse ano, um pequeno Grupo de Câmara, tem vindo a ser construída, ano após ano” (Programa do concerto de Ano Novo, Teatro Nacional São Carlos – 08 de janeiro de 2013).

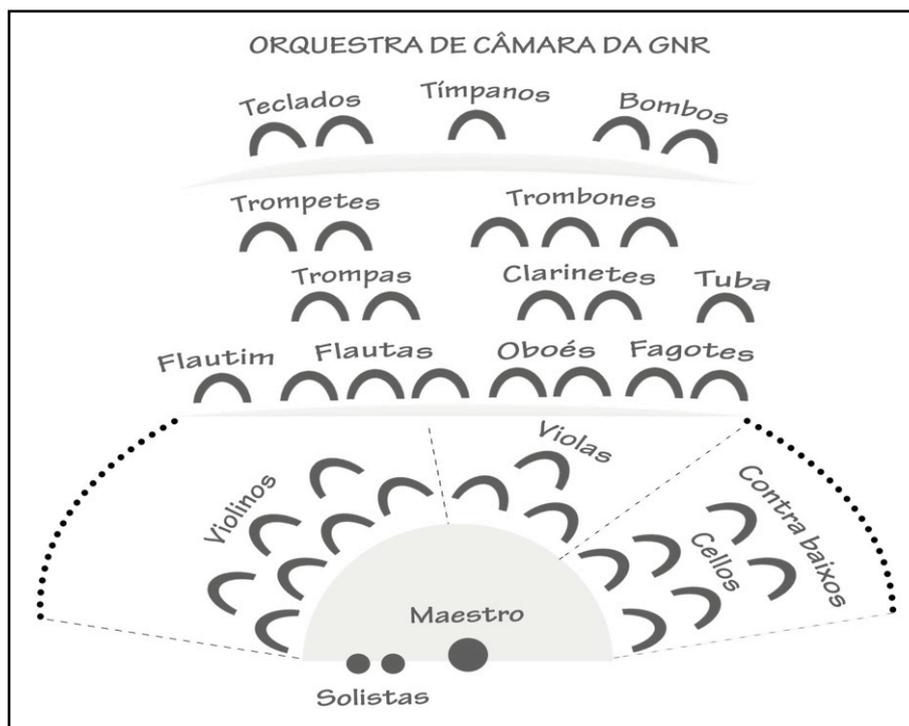


Figura 6: Estrutura da Orquestra de Câmara para os concertos em Évora e Lisboa

A Orquestra de Câmara (Figura 5) constituía-se basicamente pelos mesmos músicos e instrumentos da Banda da Sinfónica do horário da manhã, com exceção dos violinos e violas de arcos. Para o Sargento-Chefe António Durão (2010), essa circulação de músicos entre os grupos da BMGNR, ocorre pela falta de recursos humanos em quase todos os grupos, o que força a chefia da Banda a realizar o que se pode chamar de “ginástica organizacional”, socorrendo-se da complementaridade entre os vários grupos. Ainda para esse militar, “O caminho a seguir é apostar na criatividade e na inovação nas suas apresentações perante o público” (Durão, 2010, p. 34). Cabe destacar que o último concurso para a admissão de Guardas músicos foi realizado em 2010. Esse assunto será aprofundado no capítulo V.

O repertório selecionado pelo maestro para o concerto de Ano Novo, quer seja da Banda Sinfónica quer seja da Orquestra de Câmara, tinha predominância de obras eruditas (cf. Anexo vii). Segundo informações do Sargento Jorge Ferreira, essas obras foram transcritas e adaptadas à instrumentação para Banda Sinfónica. Nesse mesmo tom, afirma que: “[...] a Banda da Guarda é a única Banda no país que consegue executar repertório de transcrição das grandes orquestras para Banda” (entr. Sargento músico Jorge Ferreira, 14/2/2013). Na verdade, o discurso do referido SAR pode ser ouvido com muita intensidade pelos membros da Banda, bem como, pelos apreciadores da prática musical dos grupos. Todavia há em Lisboa outras bandas militares, como: a Banda Sinfónica da

PSP, a Banda Sinfónica do Exército, a Banda Sinfónica da Armada, com características sinfónicas que poderiam de igual modo executar também essas transcrições.

Conforme a secretaria da BMGNR, em 2013, a banda sinfónica realizou 10 concertos. As apresentações foram em diferentes partes do país¹⁰⁹, principalmente, em salas de concertos, em teatros, em museus, em embaixadas, em bibliotecas e em outros espaços (cf. Anexo iii). A banda interpretou obras de compositores da “música erudita”, a saber: *Danúbio Azul* de Johann Strauss II (1825-1899), 3 vezes; *Bolero de Ravel* de Maurice Ravel (1875-1937), 3 vezes; *Sinfonia Novo Mundo* de Antonin Dvorak (1841-1904), 2 vezes; *Voo do moscardo e A grande páscoa Russa* de Rimsky-Korsakov (1844-1909), 2 vezes; *La gazza lada* de G. Rossini (1792-1868), 2 vezes; *Fanfarra para um homem comum* de Aaron Copland (1900-1990), 1 vez; *Pomp and circumstance* de Edward Elgar (1857-1934), 1 vez; *Rudolph the red nosed reindeer* de Johnny Marks (1909-1985), 1 vez; *Coro dos escravos - Ópera Nabucco* de Verdi (1813-1901), 1 vez; *Je veux vivre – boyau Julieta-* de Charles Gounod (1818-1893), 1 vez; *Danse Bacchanale* de C. Saint-Saens (1835-1921), 1 vez; *Danzon n° 2* de Arturo Marquez (1950), 1 vez; e *Rapsódia Húngara n° 2* de Franz Liszt (1811-1886), 1 vez. Além disso, foram interpretadas peças de compositores portugueses, como, por exemplo: *Flocos de Neve, Arco Íris*, 2 vezes e *Abraço a Portugal*, 1 vez, de Duarte Pestana (1911-1974); *Pela lei e pela grei* (hino da GNR), de Raul dos Santos Cardoso, 2 vezes; *Variações sinfónicas* de Joly Braga. Santos (1924-1988), 1 vez; *Rapsódia em fado* de J. Luiz Gomes (1914-2009), 1 vez; *Sinfonietta n° 1* de Alexandre de Almeida, 1 vez; e *Fanfarra para a Banda da Guarda* de Nelson de Jesus (1986), 1 vez.

Cabe destacar que dos concertos realizados pela banda sinfónica, em 2 deles não foi interpretada nenhuma obra de compositores portugueses. Todavia, um deles foi dedicado exclusivamente a compositores portugueses, sendo todos esses músicos da BMGNR (cf. Anexo iii). Tal facto reflete a valorização desses compositores pela instituição, como forma de preservar a sua identidade no cenário musical português. A respeito disso, cito o depoimento do major João Cerqueira sobre o concerto alusivo *aos 25 anos da banda sinfónica do exército*, ocorrido em 25 de outubro de 2013, o qual afirma que:

Atendendo ao local do concerto, decidi apresentar um programa constituído apenas por compositores portugueses e todos eles músicos da banda da Guarda. Grande expectativa!!!

¹⁰⁹ Os concertos foram realizados nas seguintes cidades: Lisboa, Leiria, Viseu e Évora.

Concerto de muita elevada qualidade para uma assistência “entendida” e que muito aplaudiu o nosso trabalho (cf. Anexo iii).

Segundo os programas de concertos 2013, as obras mais interpretadas foram de compositores de meados do século XIX até à contemporaneidade. Com exceção dos compositores portugueses¹¹⁰, todos os outros conquistaram um lugar no *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. O lugar que esses compositores conquistaram nessa enciclopédia reforça a relação do repertório da banda com o cânone da música erudita “ocidental”. Esta constatação está em consonância com a terminologia que os próprios músicos da BMGNR usam para categorizar a música que tocam: “música erudita” ou “o grande repertório”. Os compositores portugueses tocados em 2013 são laterais a esse dicionário e apesar de serem integrados num ou noutro programa, não constituem o centro da atividade musical desta instituição. Inclusive, o concerto dedicado à música portuguesa foi, na verdade, dedicado aos músicos da BMGNR. O depoimento do Sargento Marco Ferreira representa essa relação, a partir da afirmação de que:

A Banda, nos meados do século passado, era um dos veículos de apresentar o grande repertório que existia na altura, com concertos regulares em certos locais de Lisboa ou outros e foi muito importante. Hoje em dia tem também seu papel importante de apresentar o grande repertório que se escreve para bandas (entr. Sargento Marco Ferreira da BMGNR, 8/2/2013).

A categoria “música erudita” (ou “grande repertório”) visa legitimar e distinguir a instituição e a música que fazem. Todavia, estas categorias, como referem Manuel Deniz Silva e Maria José Artiaga (2010) não designam realidades estanques e são frequentemente o cruzamento de repertórios e práticas (Silva & Artiaga, 2010, p. 854). Para os autores, duas dimensões permitem enquadrar a “música erudita”, enquanto categoria no séc. XX, elas são: a sua condição técnica com regras formais, géneros e estilos, bem como a rede social que a estrutura e a autonomiza. Essa última, na ótica dos autores, pode ser entendida como modalidades de criação, de transmissão e recepção e de formas de sociabilidade específicas, que engloba as relações com o poder e com as instituições que a configuram, sejam elas de aprendizagem, de difusão ou de legitimação (*Ibid*).

O etnomusicólogo Bruno Nettl (1995), escrevendo sobre escolas de música superiores dos Estados Unidos, constatou que essas instituições se dedicam quase que exclusivamente à “música erudita” (Nettl, 1995, p. 5). Na ótica desse autor, essas instituições são governadas por “deuses”, os quais

¹¹⁰ Exceto o compositor Joly Braga.

Bruno Nettle denomina como os grandes mestres da música, e elas têm seus textos sagrados (um repertório canônico), rituais e corpo de sacerdotes (*Ibid*). A leitura da etnografia do Bruno Nettle sugere que os compositores da “música erudita” ocupam uma posição central nessas escolas. Tomando como ponto de partida as obras mais interpretadas pela banda sinfônica em 2013, percebemos que há uma preponderância de compositores da música erudita nesse tipo de instituições.

Outro ponto que despertou a minha atenção no ensaio, bem como em outras atuações dos grupos da Banda ao longo desta investigação foi a participação de músicos civis nas *performances* musicais, da Banda Sinfônica e da Orquestra de Câmara. Para o SAR António Durão, essa interação entre músicos civis convidados na qualidade de solistas e/ou regentes com os músicos da Banda tem sido constante¹¹¹. Conforme se pode observar no programa do concerto de Ano Novo (cf. Anexo vii), as músicas da primeira parte, quase em sua plenitude, foram ensaiadas e cantadas no concerto por duas cantoras líricas civis. Foi a soprano Ana Sêro Ferreira [esposa do SAR músico Marco Ferreira] e Natália Carvalho de Brito, que é contralto. Ambas cantoras do Teatro Nacional de São Carlos.

A presença das referidas cantoras no espaço social da Banda não alterou a forma de comportamento coletivo dos militares no ensaio. Seguiu-se, portanto, pelos músicos a reprodução das crenças e dos valores militares no quotidiano da Banda. A interação dos músicos com as cantoras, parece ser muito familiar, pois como referi antes, a soprano Ana Ferreira é esposa do SAR Marcos Ferreira, mas apesar dessa condição, a cada vez que a *performance* musical das cantoras chegava ao fim, os músicos as avaliavam pelo viés estritamente profissional.

As atividades diárias na Sede da Banda foram encerradas naquela tarde com as palavras de agradecimento do maestro João Cerqueira aos presentes pela dedicação às atividades de início de ano. Este aproveitou também a ocasião para dar os parabéns aos solistas, mencionando em particular, o cabo trombonista Hélder Rodrigues pelo excelente solo do Bolero de Ravel. Além disso, reforçou a importância do Concerto de Ano Novo para a Banda e para a GNR e, acrescentou que nesse evento normalmente estão presentes autoridades civis, militares e eclesiásticas, bem como familiares dos militares.

¹¹¹ Segundo o meu orientador militar, SCH António Durão, essa prática de convidar artistas civis para atuarem na banda se intensificou a partir da gestão do atual maestro MAJ António Cerqueira, por volta de 2007, só para citar alguns, como: Steven Mead, Carlos Alves, Sérgio Charrinho, Manuela Moriz, Ângela Silva e o maestro Francês Jean Sébastien Béreau.

Portanto, as ações praticadas pelos músicos durante o ensaio dos grupos não se restringem “apenas” a executar repertórios. Nesses encontros formais e hierarquizados também são discutidos assuntos diversos, principalmente os alusivos à corporação e de interesse dos componentes da Banda de música. Além disso, destaco o esforço quotidiano, principalmente da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara, ensaiando repertórios ecléticos que agradem a diferentes públicos. Esses grupos estão vocacionados para atuarem junto ao público em diferentes contextos, executando principalmente obras da música erudita ocidental, como será possível vislumbrar na secção a seguir, onde será apresentada a *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara no concerto de Ano Novo no Teatro Nacional São Carlos em 2013. Esta incursão não pôde contar com mais detalhes de bastidores e/ou das subjetividades dos participantes e convidados, porque não conseguir autorização para circular no ambiente interno do Teatro. A própria estrutura do evento não permitia transpor certas formalidades¹¹².

4.2.1 A performance musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara no concerto de Ano Novo no Teatro Nacional de São Carlos

O concerto de Ano Novo¹¹³ é um evento no qual se celebra o aniversário da BMGNR. Essa *performance* musical é considerada pelos meus interlocutores como a mais importante no calendário de atividades da Banda, pois nela tradicionalmente estão presentes as principais autoridades civis e militares do país, bem como convidados que se inter-relacionam com a prática musical da Banda. Esse concerto representa para o organizador da parte artística, o Major João Cerqueira, bem como para os músicos da GNR, como o momento de apresentar em público o que a Banda tem de mais expressivo do ponto de vista artístico.

Para o Cabo músico Abel Gomes,

O concerto de Ano Novo é para nós o concerto que consideramos o mais importante porque se realiza quase todos os anos no dia 4 de janeiro que é o dia de aniversário da Banda. Para além disso

¹¹² No dia anterior ao concerto fui convidado pelo maestro João Cerqueira para prestigiar o evento. Assim que recebi o convite fui orientado pelo SCH António Durão a ir vestido de fato com gravata.

¹¹³ O concerto de Ano Novo realizado no teatro São Carlos, em 8 de janeiro de 2013, teve início às 21h30. Os militares da GNR, bem como os das Forças Armadas, estavam devidamente fardados, com os seus respectivos uniformes de gala, e os convidados civis em traje formal. No dia anterior ao concerto fui convidado pelo maestro João Cerqueira para prestigiar o evento.

também temos sempre convidados ilustres tais como: o Presidente da República, a Ministra da Administração interna que nos tutela, o Ministro da Cultura, vemos como o Primeiro Ministro. Neste concerto de Ano Novo é também uma ocasião em que aproveitamos para apresentar em concerto os nossos solistas. Eu, por exemplo, tive a oportunidade de tocar com um camarada um concerto para dois violoncelos e orquestra de Vivaldi, o que para mim foi muito especial, pois o teatro nacional de São Carlos é um dos nossos mais emblemáticos teatros (entr. Cabo músico Abel Gomes, 17/3/2017).

Para a GNR, que desenvolve uma rotina diária de trabalho de segurança pública no país, a participação no Teatro de São Carlos através da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara representa um momento singular, quando pode se mostrar à sociedade sob um perfil pouco conhecido em relação à experiência quotidiana.

Enquanto as apresentações sistemáticas dos grupos musicais que pertencem à BMGNR ao longo do ano proporcionam a possibilidade de um encontro amplo em diferentes espaços com grupos específicos da sociedade portuguesa, como religiosos, estudantes, funcionários públicos e turistas que visitam Lisboa, o concerto de Ano Novo no Teatro de São Carlos permite um contato parcial com o público, constituído não só de músicos militares, mas de membros das Forças Armadas portuguesas, autoridades diversas e convidados especiais, conforme evidenciou anteriormente o Cabo Abel Gomes. Nesse concerto, a *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara vai proporcionar aos “[...] participantes uma experiência que produz uma intensa interação comunicativa e que une a audiência ao executante [...]” (Bauman, 1975, p. 305). Essa interação se dá articulada com a audiência, através da visibilidade do requinte musical dos grupos em seu mais alto nível de refinação para aquele universo militar.

Em 2013, ano em que testemunhei o concerto, estiveram presentes autoridades que no dia-a-dia regem e decidem sobre a vida dos cidadãos, através dos sectores ali representados, como o Ministro da Administração Interna¹¹⁴ Miguel Macedo, o Comandante-Geral da GNR Tenente General Luís Newton Pereira e o 2.º Comandante-Geral Tenente General Samuel Marques Mota. Ao questionar

¹¹⁴ O Ministério da Administração Interna define e executa as políticas que asseguram, no território nacional, a autoridade do Estado, a segurança dos cidadãos e dos seus bens, a paz e ordem públicas, a livre participação política dos cidadãos, e o socorro às populações em caso de acidente grave ou catástrofe. Essa função também tutela as Forças de Segurança (PSP e GNR) a Proteção Civil, a Segurança Rodoviária, e fiscalização de Estrangeiros e das Fronteiras, e a administração eleitoral. Disponível em: <http://www.portugal.gov.pt/pt/>. Acesso em: 3 mar. 2017.

o Cabo Abel Gomes acerca da ausência do presidente Cavaco Silva nesse concerto, o mesmo não souber responder o motivo do não comparecimento desse político (entr. Cabo músico Abel Gomes, 17/3/2017).

Essas presenças reconhecidamente ilustres fazem aumentar a responsabilidade dos músicos nomeados pelo maestro João Cerqueira para o concerto de Ano Novo, que marca uma das principais aberturas na rotina hierarquizada do quartel. De acordo com Juliana Cavilha (2009: 142) “no âmbito da vida militar, os rituais abertos ao público, muito além de apenas modificarem a rotina do quartel, são espetáculos que alimentam e colaboram para a eficácia da rotina interna ritualizada”. Para o concerto de Ano Novo se realizar a cada ano há uma soma de esforços que envolve a participação dos diversos sectores da GNR; conferindo-lhes a função de seleccionar os convidados¹¹⁵, enviar os convites, reservar a pauta no teatro.

A *performance* musical da Banda no concerto de Ano Novo apresenta especificidades a cada ano. O repertório, os solistas militares e civis e convidados nem sempre são os mesmos. Cito como exemplo, o concerto que testemunhei em 2013. O programa foi dividido em duas partes. A primeira parte foi interpretado pela Orquestra de Câmara com a participação de duas solistas, a soprano Ana Sêrro e a Mezzo Soprano Natália Carvalho Brito (Figura 7), conforme referi atrás (cf. Anexo vii). A segunda parte foi composta pela Banda Sinfónica que executou três obras clássicas de autoria de Antonín Dvorak, Maurice Ravel e Franz Liszt (cf. Anexo vii).

¹¹⁵ Infelizmente eu não tive acesso a lista de convidados para o concerto de Ano Novo em 2013. Em conversas informais com os meus interlocutores, foi informado que todos os anos a instituição envia convite ao presidente da República, aos Ministros, oficiais militares da Formas Armadas e pessoas (familiares, músicos, maestros de filarmónicas, entre outros) que se inter-relacionam com a prática musical da Banda.



Figura 7: *Performance* musical da Orquestra de Câmara no teatro São Carlos, 2013

Fonte: Arquivo particular da Banda de música.



Figura 8: *Performance* musical da Banda Sinfónica no Teatro de São Carlos, 2013

Fonte: Arquivo particular da Banda de música.

O concerto de Ano Novo apresenta símbolos que apontam para a possibilidade de seus participantes experimentarem, por um momento, o sentimento de pertencimento a uma nação que se une através de elementos comuns: o hino da GNR, o Brasão que identifica a instituição, as autoridades máximas do país, a língua nacional, representantes do poder nacional. Isso, porém, não significa que nesse tipo de discurso ou perspectiva não se esteja criando um momento liminar e/ou

sentimentos de forte solidariedade e fraternidade entre os participantes do rito (DaMatta, 1997: 67). Portanto, são fatores que, reunidos no ritual, podem propiciar ao participante que assiste a experiência de viver o sentimento de pertencimento à nação portuguesa. A *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara da GNR, neste conjunto, contribuem de forma crucial para a concretização desta experiência, bem como a de estarem em harmonia com a sociedade.

O concerto de Ano novo tem seu ponto terminal na dispersão informal, onde músicos, convidados e autoridades civis e militares retomam seus lugares no universo do mundo diário. Portanto, o ritual constitui uma tentativa de restabelecer o diálogo entre autoridades e sociedade. Isso se dá através da ação conjunta e participativa na encenação dos valores sociais e individuais, através do concerto de aniversário da BMG NR que acontece anualmente, e renova seus propósitos a cada novo evento.

Na próxima secção, apresento os principais aspectos que definem a celebração litúrgica da missa em ação de graças pela passagem do 102º aniversário da GNR, refletindo sobre o contributo particular que a *performance* musical do Coro e do Terno de Cornetas, constituídos pelos músicos da Banda Marcial e Fanfarra exercem dentro do ritual.

4.2.2 *A participação da Banda na missa do 102º aniversário da Guarda Nacional Republicana*

A *performance* musical das bandas militares também está associada ao espaço público, seja nos tradicionais desfiles cívicos, procissões ou em momentos significativos de um país (Reily, 2008). Em países cuja religião predominante é o Catolicismo Romano, como no Sul da Europa e nas Américas Central e do Sul, a prática musical desses grupos ocupa um lugar de destaque nas celebrações litúrgicas (*Ibid*).

Em Portugal, principalmente em Lisboa, a presença que as bandas militares ainda hoje têm nas procissões, é familiar e conhecida, especialmente dos devotos que costumam participar das celebrações da igreja católica como a festa da Senhora da Saúde, e nas procissões do Corpo de Deus, Santo António, Senhor dos Passos, executando as marchas e hinos, enquanto os milhares de fiéis seguem ordeiramente o cortejo religioso, ritmados pelos sons desses grupos (Saboya, 1950; Amaro & Soares, 1991). Esse assunto será aprofundado no capítulo VI. As bandas militares também exercem uma efetiva participação nas missas solenes no âmbito das instituições militares, executando repertórios e toques específicos, exclusivas para militares. Essa participação na GNR se concretiza anualmente nas celebrações eucarísticas de Natal, missa de corpo presente em

funerais e crismal, aniversários de Unidades e da Instituição e em eventos que necessitem da presença de um capelão militar¹¹⁶. A análise desses rituais, particularmente no contexto interno do quartel, restrito ao público civil, pode contribuir para uma melhor compreensão não só da liturgia em si, como do contributo da música como um fenómeno sonoro e social para a definição e estruturação da celebração litúrgica no contexto militar.

Durante a minha inserção no terreno em 2013, participei da missa crismal, a qual segundo a religião Católica é tradicionalmente celebrada na quinta feira Santa e consiste em alguns pontos fundamentais: o primeiro bênção dos óleos pelo Bispo Dom Januário Torgal Ferreira, que são os óleos do crisma, dos enfermos e do batismo e, o segundo, da renovação das promessas sacerdotais por parte dos capelães militares das Forças Armadas e de Segurança diante do Bispo Castrense. O ritual foi realizado no dia 27 de março de 2013, às 11 horas, na Igreja da Memória (também conhecida como Diocese das Forças Armadas e das Forças de Segurança), composto exclusivamente por militares. A segunda missa que observei e será objeto de análise a seguir foi a celebração litúrgica do 102º aniversário da GNR, na Basílica dos Mártires, no dia 2 de maio do mesmo ano, às 16 horas.

Não se conhece uma data precisa quanto ao início da atuação dos músicos da GNR nas missas da instituição. O SCH músico Luís Mendes,¹¹⁷ que participa desses eventos religiosos há quase 30 anos, nos conta que quando foi admitido na GNR em 1988, o Coro já existia no Quartel do Carmo e era constituído por militares do referido Quartel e tinha como maestro o Tenente Coronel Franco Sá. Ainda segundo esse militar, nesses anos o suporte musical do grupo era realizado pelo órgão. Quando o Coronel José Manuel da Costa Pereira passou pelo Carmo, na década de 1990, integrou pela primeira vez os elementos da Fanfarra na qualidade de coristas e de executantes dos toques de Cornetas nas missas. Em 1993, os músicos da extinta banda da Guarda-Fiscal foram integrados na GNR e juntaram-se aos elementos da Fanfarra para atuarem nas missas, através da formação de um sexteto de madeira (substituindo o órgão), bem como no reforço das vozes do Coro. Desde então, o Coro passou a ter a constituição que apresenta hoje nas missas.

¹¹⁶ Conforme a secretaria da BMGNR, em 2013, os grupos atuaram nas seguintes missas: Crismal, na igreja da Memória; Celebração Litúrgica pela passagem de aniversário da GNR, na basílica dos Mártires; missa do dia da UI/GNR, na Capela da Academia Militar; missa do dia da UNT/GNR; nas Janelas Verdes; missa do dia da Senhora da Carmo, na basílica dos Mártires.

¹¹⁷ Atualmente, o SCH Luís Mendes é o responsável pelas atividades da Fanfarra e pela organização dos arranjos e, orientação dos ensaios dos grupos que participam das missas.

Conforme foi possível observar no terreno, foram programados três ensaios do grupo¹¹⁸ para a celebração litúrgica do 102º aniversário da GNR. Para os mesmos foram reunidos os músicos da Banda Marcial e Fanfarra nos dias 25, 26 e 30 de abril de 2013, na Sede da Banda, das 14h às 15h, sob o Comando do maestro SCH José Ribeiro com o auxílio do maestro da Fanfarra SCH Luís Mendes.

A celebração litúrgica da missa está inserida em um conjunto de atividades promovidas no âmbito das comemorações do aniversário da Guarda, que ocorrem anualmente por volta da quarta semana do mês de abril e as três primeiras de maio. Nesse período, as portas do Quartel do Comando Geral da GNR no Carmo são abertas, permitindo ao público civil visitar os espaços do Quartel, os quais incluem o museu da instituição, e assistir ao conjunto de atividades, de que se destacam ações de sensibilização para a segurança pelos militares da GNR, bem como concertos realizados pela Banda Sinfónica e Marcial, Orquestra de Câmara e Fanfarra.

Entre as atividades alusivas ao aniversário da Guarda foi celebrada a missa, na Basílica dos Mártires. O espaço sagrado selecionado pela instituição para a realização do ritual situa-se na rua Garrett, no centro da cidade de Lisboa. A basílica dos Mártires, como é conhecida, tem origens bem antigas. Diz-se que foi erguida a mando do primeiro rei de português, Dom Afonso Henriques, em honra a todos os cruzados martirizados na tomada de Lisboa em 1147, podendo-se ler no interior a seguinte inscrição “Nesta paróquia se administrou o primeiro batismo depois da tomada de Lisboa aos Mouros no ano de 1147”. A arquitetura da igreja evidencia aos presentes uma constelação de símbolos que remetem para momentos de êxitos em batalhas dos militares portugueses, como mostra a decoração da abóbada em arco com alegorias dedicadas ao rei Dom Afonso Henriques e à tomada de Lisboa, de autoria de Pedro Alexandrino. Hoje essa basílica é mais conhecida pelos turistas que visitam a cidade por ter sido onde o poeta Fernando Pessoa foi batizado, em 21 de julho de 1888.

A basílica também tem uma relação muito particular com a vida musical portuguesa e a BMGNR, pois abriga em seu anexo a Sede da Real Irmandade de Santa Cecília, padroeira dos músicos e ainda, no seio da Irmandade, também está acolhido, desde 1834, o Montepio Filarmónico, que consiste em “uma proto-seguradora de origem laica, com propósitos sociais, que chegou até aos nossos dias”, conforme revela o músico reformado da Banda da GNR 1SAR Luciano Franco que também

¹¹⁸ Conforme a ordem de serviço publicada no *Hall* da Banda, em 2013, foram convocados para a missa trinta e cinco músicos, sendo: vinte e oito cantores e seis instrumentistas e o maestro. Esse efetivo pertence à Banda Marcial e Fanfarra (cf. Anexo viii).

faz parte da Real Irmandade, exercendo a função de Tesoureiro do Montepio Filarmónico. Para esse militar, “é a mutual mais antiga do país e a classe de músicos que sobreviveu a ela associada foi essencialmente a dos músicos das bandas filarmónicas e militares”. Em particular, Luciano Franco ressalta que “[...] esta instituição foi criada e foi constituída, maioritariamente por músicos da Banda da Guarda. O fundador do Montepio [Jerónimo Soller], por exemplo, foi chefe da Banda da Guarda. Portanto, quase todos os maestros da Banda da Guarda eram sócios, aliás, era corrente ser-se sócio do Montepio Filarmónico”. Ainda conforme Luciano Franco,

Era o verdadeiro sindicato dos músicos. Ninguém dava uma nota de música em Portugal, sem vir aqui ser irmão e pagar a quota. Aliás, toda a atividade musical era exercida. Por isso é que este espólio que está aqui, quem quiser contar a história de Portugal, do século dezoito, princípios do século dezanove, não conta a história toda se não vier. O Franz Liszt veio fazer dois concertos de beneficência a Portugal, e não o pôde fazer sem assinar este livro que está aqui (entr. Primeiro Sargento reformado Luciano Franco, 25/3/2015).

Nesse sentido, o espaço sagrado para a realização da missa se constitui a partir da relação entre o mundo religioso e fatos históricos que caracterizam ocasiões significantes do país. A seguir apresento a estrutura da missa, destacando em particular os elementos constituintes da *performance* musical dos grupos da GNR nesse contexto.

4.2.2.1 A liturgia da missa

A celebração litúrgica da missa em ação de graças pela passagem do aniversário da GNR na basílica dos Mártires, em 2013, foi presidida pelo Bispo Castrense e Capelão Chefe das Forças Armadas e de Segurança Dom Januário Torgal Ferreira, com o auxílio do capelão Agostinho Freitas, responsável pelo serviço de assistência religiosa da instituição.

A missa de ação de graças constitui-se como um momento especial da instituição, restrito aos militares convocados¹¹⁹ e poucos convidados¹²⁰ (Figura 7), onde são rememorados eventos significativos do quotidiano do Quartel que a GNR considera importantes como: homenagens aos mortos, livramentos, agradecimentos. Essa prática ritualística permite, principalmente aos militares da GNR, o que Roberto DaMatta (1997) define para os ritos, como “momentos de convivência social” (DaMatta, 1997, p. 76). Nesse ritual a *performance* musical do Coro e do Terno de Cornetas, constituídos pelos músicos da Banda Marcial e Fanfarra, se mostra como um dos elementos que contribui para a concretização da liturgia, pois todo o rito é acompanhado pelos músicos.

A estrutura da missa normalmente é construída sobre dois grandes pilares: a liturgia da palavra, precedida dos ritos iniciais¹²¹, e a liturgia eucarística, seguida dos ritos finais. Todavia, o ritual em análise apresenta características distintas, as quais evidenciam elementos de representação simbólica da GNR, como a bandeira e os uniformes que identificam a instituição, a imagem da Senhora do Carmo, padroeira da GNR, armas e toques de ordenança militar, que serão apresentados em seguida.

¹¹⁹ Pelo que foi possível observar no terreno, o espaço físico da Basílica estava completamente ocupado pelos militares convocados para aquela Celebração Litúrgica. Pela experiência que detenho há 20 anos na caserna, posso afirmar que dificilmente um militar estando de folga, ou férias, queira participar de uma cerimónia por iniciativa própria. Conforme os meus interlocutores, a Chefia dos serviços religiosos da GNR, através do Sr. Capelão Agostinho Freitas envia um memorando aos diferentes sectores do Quartel, convocando (um número pré-determinado de patentes) para tal ocasião. Ainda conforme os meus interlocutores, nas missas no âmbito da Guarda não participam autoridades civis.

¹²⁰ Os dados coletados no campo evidenciam que a missa contou com a presença do Comandante-Geral Luís Newton Pereira, do 2.º Comandante-Geral Samuel Marques Mota, de vários oficiais generais, de muitos oficiais, Sargentos, Guardas e funcionários civis pertencentes a unidades sediadas na área de Lisboa. Não foi possível coletar os nomes dos militares e dos convidados civis.

¹²¹ No culto católico, os ritos iniciais se constituem de um momento particular da liturgia, no qual os participantes são acolhidos e preparados pelo Clérigo para as outras partes da missa. Na prática, os ritos iniciais são compostos por: sinal da cruz, saudação, ato penitencial, glória e a oração da coleta (tem esse nome em virtude da função de coletar, reunir, todas as intenções da assembleia e apresentá-las a Deus).



Figura 9: Militares da Guarda na missa de ação de graças pela passagem do 102º aniversário da GNR¹²²

A hierarquia e a disciplina militar também se mostram como determinantes da composição do espaço social da basílica, que, de forma geral, “enquadra” todos os envolvidos no ritual, que vai desde o Bispo Castrense até ao elemento menos graduado, especialmente no que diz respeito ao controlo do comportamento coletivo dos militares, que segue, portanto, o mesmo rigor, do espaço do quartel, como: o lugar onde devem sentar-se, a forma de como cumprimentar um militar, entre outros. Tais formas de assegurar o respeito pela autoridade instituída, bem como a maneira de agir, estão registados nos regulamentos dos quartéis (Leiner, 2009, p. 42).

A junção das ações, dos comportamentos, do envolvimento social, das hierarquias militares, do repertório executado, das situações de *performance* dos participantes do ritual, dá forma à missa de aniversário da GNR. Juliana Cavilha (2009) afirma que nos rituais militares:

Configura-se uma total uniformização de gestos e de vestes, tornando-os guerreiros iguais; as verbalizações devem ter um tom uníssono. [...] nessas “solenidades” ritualísticas, muito além dos indivíduos envolvidos diretamente, todos se transformam em um só corpo, em um só gesto, em

¹²² Fotografia publicada na Revista *Pela lei e pela grei* 2013, p. 38.

Militares do alto escalão da GNR em 2013. Dá esquerda para à direita. Comandante-Geral Tenente General Luís Newton Pereira, 2.º Comandante-Geral Tenente General Samuel Marques Mota e o Comandante operacional da GNR Tenente General Luís Botelho Miguel.

um só uniforme e, desse modo, personificado no grupo, em um só ideal de pertencimento. (Cavilha, 2009, p. 148)

Nesse viés, a prática musical do Coro acompanhado pelo sexteto de madeira¹²³ no âmbito da missa que serve de base para toda a liturgia e o Terno de Corneteiros (composto por: 2º SAR José da Cruz, CMOR Manuel Lage e CABO António Marques) executando toques de ordenança militar, desenvolve-se a partir dos diversos elementos de representação simbólica que constituem o rito como um todo. Tal como sugere Pedro de Sousa (2013), o toque de ordenança militar é caracterizado pelo “[...] ritmo bem marcado com acentuações fortes e as melodias simples e curtas em tonalidade maior produzem o efeito que qualificamos de “marcial” e cuja vocação é estimular a ação militar” (Sousa, 2013, p. 14). Ainda conforme esse autor, os toques militares também podem despertar e intensificar emoções coletivas em cerimónias diversas (*Ibid*).

Deste modo, durante a realização da missa, os toques executados pelo Terno de Corneteiros, cujos músicos fazem parte da Fanfarra, são determinantes para que os militares da USHE, que compõem a Guarda de Honra, junto ao Altar (Figura 8), possam realizar o manejo-de-armas em momentos específicos. Nesse sentido, todos os integrantes da Guarda têm o dever de conhecer as músicas e toques durante os eventos em que é executado (cf Anexo viii). Tal como foi observado por mim noutro contexto, é uma forma de “imposição” por parte da corporação que seus membros conheçam através da música e toques as particularidades, significados e fatos históricos que envolvem a instituição (Fontoura, 2011).

¹²³ Integrantes do sexteto: flautista SAJ António Silva; saxofonista alto SCH Luís Perdigão; saxofonista tenor CCH Francisco Bernardo; saxofonista barítono CCH João Lopes; 1º clarinetista SAJ João Carapinha e 2º clarinetista SAJ António Lopes. Conforme foi possível observar no terreno, os integrantes dessa formação podem ser mudados consoante a necessidade do serviço.



Figura 10: Celebração litúrgica da missa do 105º aniversário da GNR

Fonte: Ordinariato Castrense, 2016. Disponível em <http://ordinariato.castrense.pt>

O *modus operandi* dos músicos militares que compõem a Banda Marcial e Fanfarra na liturgia se realizou da seguinte maneira: os cantores, acompanhados pelo sexteto de madeira e o Terno de Corneteiros¹²⁴ nos momentos dos toques de ordenança, se posicionaram no coro da igreja (*Vide DVD anexo: exemplo musical 1*). Os solistas: SCH Luís Mendes (Barítono) que também é o maestro da Fanfarra e o FURRIEL Rodrigo Ferreira (Tenor) que executaram, respectivamente o Salmo e a Aleluia ficaram junto ao altar. Convém frisar que os músicos que fizeram parte do Terno de Corneteiros quando não estavam executando os instrumentos cantaram no Coro.

O modo como os grupos citados atuaram no espaço da basílica se mostra muito diferente de uma *performance* musical pública de uma Banda militar. Os sons que ali eram produzidos pelo coro e pelas cornetas ou o silêncio que se observava em momentos específicos delimitavam as diferentes partes da liturgia. Dessa maneira, a música e o silêncio fizeram parte da recriação daquele momento (*Vide DVD anexo: exemplo musical 2*). Para Anthony Seeger (2015), “a performance da música é uma estruturação do tempo, dos tons e das amplitudes de dada maneira, e por dado grupo de pessoas, as quais podem estruturar suas próprias interações usando princípios de organização muito semelhantes” (Seeger, 2015, p. 268). Assim, para que tudo seja recriado conforme a programação da liturgia e se concretize em perfeita harmonia, durante a realização do ritual há uma constante comunicação visual e gestual entre o regente do Coro José Ribeiro (posicionado no coro da igreja)

¹²⁴ O Terno de corneteiros foi composto por músicos da Fanfarra.

e o capelão Agostinho Freitas (junto ao altar), para que toda a celebração litúrgica, com todos os seus símbolos e suas representações, tome forma e se desenvolva a partir da *performance* musical.



Figura 11: Participação do Coro da GNR na missa do 102º de aniversário da GNR

Fonte: acervo particular do Sargento Chefe Luís Mendes

Pelo que foi possível observar, a primeira parte da música é executada pelos instrumentos de madeira, funcionando como introdução e para indicar a tonalidade, e na segunda vez as vozes entram. Todavia, se a estrutura da obra possuir um recitativo, a flauta transversal exerce essa função. Ao questionar o maestro SCH José Ribeiro por que razão não é o saxofone barítono a realizar esse papel, por ser um instrumento grave, o mesmo ressaltou que a flauta transversal assume essa posição de destaque durante a execução das obras, pois se identifica com as vozes mais agudas, especialmente nos recitativos (Vide vídeo em anexo).

Em cada parte da celebração litúrgica, a música exerce uma função específica, como por exemplo no cântico de entrada, em que o Coro cantou *O templo de Deus* (de autoria de do Pe Carlos Silva (1928-2009), cuja finalidade é inserir os participantes no mistério do tempo litúrgico e acompanhar a procissão dos capelães até o altar, onde está a Guarda de Honra¹²⁵.

¹²⁵ Nos ritos iniciais, o coro executou: *Senhor tende piedade de nós* (de Frei Acílio Mendes) e *Glória a Deus* (de P. Ferreira dos Santos). Na liturgia da palavra, no Salmo responsorial, o grupo executou *O Senhor é clemente e compassivo e Aleluia, Aleluia, Aleluia* (autor: Karen Lafferty). Na parte da eucaristia, o coro cantou a música *Misericordes sicut pater* (letra do Pe. Eugênio Costa e música de Paul Inwood) e *Santo, Santo, Santo* (A. Cartageno), e em seguida, executa os toques: Marcha de continência, Silêncio, Mortos falecidos em nome da pátria e Alvorada.

Alan Merriam (1964), seguido por Bruno Nettl (2005) discutem dez funções da música que podem estar presentes no fazer musical das sociedades: função de expressão emocional; gozo estético; entretenimento; comunicação; representação simbólica; resposta física; reforço e conformidade para as normas sociais; validação das instituições sociais e rituais religiosos; contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura e integração social. Para citar algumas dessas funções relacionadas com o contexto da celebração litúrgica, sem pretender engessar um processo que pode ser dinâmico, podemos destacar a função de representação simbólica e validação das instituições sociais e rituais religiosos, as quais através da manutenção do repertório a cada ano, não só reflete a confirmação do sentido de ser militar, como aponta para uma profunda relação entre a GNR e a Igreja Católica.

O momento da eucaristia se mostra como o ápice da missa, do ponto de vista litúrgico, pois contém na sua parte central a “consagração”, que consiste na oferta e comunhão do pão e do vinho, que segundo a fé católica se tornam o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Esse momento tem um sentido muito importante na celebração litúrgica da missa, pois o toque dos Corneteiros sinaliza um evento extraordinário em curso que é a materialização física de Jesus Cristo (simbolicamente representado no ritual pelo pão e o vinho), transformando-se em um importante meio de conexão do “mundo material” com o “mundo sagrado”. Conforme confidencia o Sargento-Chefe Luís Mendes, esse momento místico é concretizado quando “os Corneteiros, aquando da consagração, depois da elevação do cálice, quando o clérigo declama “Mistério da Fé”, e depois dos militares responderem “Anunciamos Senhor a vossa morte, proclamamos a vossa Ressurreição, vinde Senhor Jesus”, o Terno de Corneteiros, executa a marcha de continência” (entr. Sargento-Chefe músico Luís Mendes, 17/3/2017).



Figura 12: Exemplo musical 1: Marcha de continência

Fonte: Manual de toques de ordenança militar do Exército.

Após a execução da marcha de continência, o Clérigo faz uma reflexão sobre a vida e morte de Cristo e, menciona em particular, a lembrança de todos os militares da GNR que já de junto de nós

partiram. Após as palavras do religioso, a Guarda de Honra postada junto ao Altar faz o manejo de armas para ombro/perfilar armas e, o Terno de Corneteiros executa o toque de Silêncio.



Figura 13: Exemplo musical 2: Toque de silêncio

Fonte: Manual de toques de ordenança militar do Exército.

Após o toque, a Guarda de Honra executa o movimento de apresentar armas e o Terno de Corneteiros toca a segunda música, o toque de homenagem aos mortos falecidos em nome da Pátria. Esse momento se mostra muito marcante na liturgia, principalmente para quem exerce a função militar, me incluo nesse universo, pois foram lembrados pelo Capelão Agostinho Freitas, os militares mortos no cumprimento do dever, os quais pagaram o mais alto preço para a preservação da ordem pública.



Figura 14: Exemplo musical 3: Toque em homenagem aos mortos em defesa da pátria

Fonte: Manual de toques de ordenança militar do Exército.

Conforme o Sargento Luís Mendes, após esse toque, a Guarda de Honra volta à posição de ombro/perfilar armas, e o Terno de Corneteiros executa “o toque de Alvorada, finalizando, assim, com a memória dos que faleceram e um dia haverão de acordar para a eternidade” (entr. Sargento-Chefe músico Luís Mendes, 17/3/2017).



Figura 15: Exemplo musical 4: Toque de alvorada

Fonte: Manual de toques de ordenança militar do Exército.

Após os toques, a celebração litúrgica da missa de ação de graças pela passagem do aniversário da GNR, segue com o Coro executando as músicas *Quando te encontro* (letra e música de Baixo Alentejo/A. Aparício e A. Cartagena), *Ave verum corpus* de (W. A. Mozart) e, nos ritos de conclusão, o grupo encerra a sua participação com o hino da *Senhora do Carmo* (autor: J. Coelho).

A utilização da música nos cultos promovidos pela assistência religiosa da GNR, tem sido uma prática recorrente no calendário anual da instituição. Nesses espaços sociais em que a música serve a princípios religiosos, é possível perceber que a *performance* musical, realizada pelos músicos da Banda Marcial e Fanfara, através da formação de um Coro acompanhado por um sexteto de madeira e um Terno de Cometeiros, executando repertório composto por músicas e toques diretamente relacionados ao contexto de atuação, ressalta como um dos elementos fundamentais para a definição e estruturação da missa.

Desse modo, a prática musical desses grupos na liturgia constitui um elemento significativo da missa, uma vez que traduz a expressão da crença religiosa, dos mitos e de outros elementos do universo do culto católico. Configura-se ainda como um fator de motivação para (re)viver e (re)atualizar a missa a cada ano, caracterizando-se como um dos mais importantes aspectos que constituem a *performance* musical desses grupos.

Em síntese

Neste capítulo apresentei uma síntese do quotidiano dos músicos da Banda no âmbito do Quartel da GNR situado no Bairro da Ajuda, em Lisboa. Desta forma foi possível constatar que desde o

ingresso na instituição, o músico está sujeito às normas que organizam as rotinas do Quartel. Assim, tal como tem vindo a ser referido ao longo deste trabalho, é possível verificar que, apesar da GNR controlar o comportamento coletivo dos músicos, a atividade profissional dos elementos que compõem os grupos da Banda pode ser considerada, de certa forma mais flexível, pelo facto de os músicos fornecerem serviços artísticos considerados importantes para vida musical portuguesa.

Além disso, os dados dão conta que há um esforço quotidiano, principalmente da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara, ensaiando repertórios ecléticos que agradem os diferentes públicos. Esses grupos estão vocacionados para atuarem em diferentes contextos, executando principalmente obras da música erudita ocidental, como ocorreu na *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara no concerto de Ano Novo no Teatro Nacional de São Carlos em 2013. Portanto, a *performance* musical desses grupos, incluindo a Banda Marcial e Fanfarra parece contribuir para a definição e estruturação de contextos sociais diversos.

No próximo capítulo sigo apresentando o quotidiano da Banda no Quartel, dando ênfase a formação dos músicos nos cursos de Formação e Promoção, os quais são decisivos para a ascensão profissional entre os postos da GNR.

5. A FORMAÇÃO DE MÚSICOS NA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Tornar-se um militar significa, acima de tudo, deixar de ser civil. [...] Ao ingressar numa academia militar, o jovem é submetido a um processo de construção de identidade militar que pressupõe e exige a desconstrução da sua identidade civil [...].

Celso de Castro (2009, p. 24).

Além da rotina de ensaios diários na Sede da Banda e apresentações extraordinárias como as evidenciadas no capítulo anterior, existe uma programação que segue o ano letivo direcionada para o ensino da música. Neste capítulo apresento todo esse processo, iniciando pela importância da formação dentro da estrutura e os requisitos exigidos para cada posto hierárquico. Esta abordagem irá permitir uma melhor compreensão do quotidiano dos militares, bem como o processo ritual a que os músicos que pretendem ascender profissionalmente devem ser submetidos.

Para realização do presente trabalho, foi feita observação num período de seis meses nos Cursos de Formação (Sargentos) e Promoção (Sargento-Ajudante) no âmbito da BMGNR. Foram observadas as aulas e atividades práticas dos alunos, bem como foi feita análise nos documentos da secção de Instrução e Formação da Banda.

5.1 O processo de ensino da música na Sede da Banda

Um dos questionamentos da etnomusicologia está relacionado com a compreensão dos valores e conteúdos aprendidos, com as relações socioculturais estabelecidas, especialmente durante a aprendizagem musical. Conforme nos apresenta Bruno Nettl (2005), “quando música é transmitida, o que realmente é aprendido? [...] Como as pessoas praticam e em que atividades elas estão engajadas quando estão ensinando música entre si?”¹²⁶ (Nettl, 2005, p. 390). Ainda, segundo o raciocínio de Bruno Nettl (1995) em relação ao ensino da música, - o modo através do qual uma sociedade ensina sua música é um fator de grande importância para o entendimento daquela música¹²⁷ (Nettl, 1995, p. 3). Partindo do princípio que a música não é som autónomo, mas envolve símbolos da experiência humana em sociedade, as situações de ensino-aprendizagem de música, para a etnomusicologia, vão além da ideia de transmissão e recepção de conteúdos acústico-sonoros

¹²⁶ *When music is transmitted, what is actually learned? [...] how people practice, in what activities they actually engage when they are teaching themselves music [...]* (Nettl, 2005, p. 390).

¹²⁷ *I do believe that the way in which a society teaches its music is a matter of enormous importance for understanding that music* (Nettl, 1995, p. 3).

para retratar valores culturais fundamentais. Para John Blacking (1995):

A disposição dos intervalos, padrões melódicos, mudanças harmônicas e desenhos contrapontísticos podem por si só ser capazes de expressar conceitos extramusicais, porque foram ordenados de acordo com um - programa social derivado da mente do compositor¹²⁸. (Blacking, 1995, p. 43)

Nessa linha, o processo de ensino e aprendizagem na Sede da Banda, enquanto construção de saberes musicais, envolve também o compartilhamento de experiências humanas, mantidas e repassadas socialmente, onde os novos Guardas músicos aprendem valores, atitudes e comportamentos concernentes ao cotidiano militar, como vigor físico e moral, disciplina e hierarquia, entre outros.

A GNR, para qualificar os militares, dispõe de centros de Formação com período letivo, Estrutura Curricular, Diretores de curso, Avaliações e Corpo docente altamente qualificado. Todos os cursos têm regulamentos próprios relativos à admissão e à sua frequência e são organizados anualmente pela instituição através do Plano Anual de Formação (PAF), que é um documento onde é publicada a formação a ministrar no ano vindouro ou em colaboração com outras entidades de Ensino Civil. Conforme a análise do General Loureiro dos Santos (2012), em seu estudo *As Forças Armadas em Portugal*, “Os diversos estabelecimentos de ensino superior militar têm instituído parcerias com outras universidades e institutos superiores politécnicos [...]” e, ainda segundo esse militar, “Esta atividade, que se reforça dia a dia, poderá representar uma importante cadeia de ligação dos militares com a sociedade civil, permitindo aos primeiros transmitir e dar a conhecer a sua realidade e beneficiar das mais-valias que os estabelecimentos civis de ensino superior lhes transmitem” (Santos, 2012, pp. 115-116).

Durante o período da minha investigação (2012-16), foram organizados pela GNR Cursos de Formação de Sargentos e Promoção para Cabos e Sargentos-Ajudantes. No entanto, em virtude da crise financeira mundial que teve início nos Estados Unidos e atingiu o auge em setembro de 2008, agravaram-se os problemas financeiros de alguns países da Europa como Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha. Em Portugal, o governo reduziu as despesas públicas de forma geral e,

¹²⁸ *Arrangements de intervals, melodic patterns, harmonics changes e contrapuntal devices may in themselves be able to express extra musical concepts because they have been ordered according to a socially derived program of the composer' mind* (Blacking, 1995, p. 43).

desde 2010 não tem contratado novos músicos para atuarem nos grupos que pertencem à Banda¹²⁹. Para o Major João Cerqueira essa situação tem sido preocupante e tem refletido diretamente na *performance* musical dos grupos, uma vez que nos últimos 5 anos (34 militares) passaram à condição de reserva e as vagas permanecem abertas (82 vagas de um universo de 245) do Quadro de Referência aprovado em 2010. Esse maestro ainda revela que uma das principais dificuldades enfrentadas para gerir as atividades artísticas dos grupos tem sido executar repertórios eruditos que têm solos ou partes importantes para alguns instrumentos, entre eles cita a harpa, e ressalta que o único elemento que executava esse instrumento passou à condição de reserva em 2016, além de muitos desfalques nos diferentes naipes dos grupos.

Os cursos oferecidos pela GNR, têm uma duração dependente da especialidade: por exemplo, o curso que possibilita a integração do posto Guarda na instituição tem a duração de nove meses (com 1200 horas), o de Cabos com quatro meses (com 240 horas) e o de Sargentos dois anos letivos (com 1075 horas), enquanto que o curso de oficiais¹³⁰ tem a duração de cinco anos¹³¹. Loureiro dos Santos referindo-se ao processo de ensino nas Forças Armadas salienta que:

Seus recursos humanos são altamente especializados, não sendo possível preparar unidades militares eficientes em períodos curtos. Há necessidade de todas as atividades militares e ações de levantamento de forças serem objeto de planeamento e programação a longo prazo. Um forças militares modernas são incompatíveis com a improvisação (Santos, 2012, p. 24).

Os recursos humanos das Forças Armadas são altamente qualificados, treinados e motivados para desempenharem atividades e tarefas inerentes a essas instituições. Possibilitam aos seus militares um perfil de formação comum, as quais permitem aprofundar laços e conhecimentos mútuos, facilitando futuras operações em ambiente conjunto (Santos, 2012).

A realidade da Guarda Nacional Republicana em Portugal não é diferente, pois com a finalidade de oferecer profissionais altamente qualificados à sociedade, tem investido nos recursos humanos,

¹²⁹ Cabe frisar que em junho de 2017, foi publicado no *Diário da República* n.º 135/2017, procedimento concursal comum, para admissão ao Curso de Formação de Guardas da GNR - Serviço de Músico 2017/2018. A instituição ofertou as seguintes vagas: a) Flauta - 2 vagas; b) Harpa - 1 vaga; c) Saxofone Alto/Tenor - 1 vaga; d) Violoncelo - 1 vaga; e) Contrabaixo de Cordas - 1 vaga; f) Percussão - 2 vagas.

¹³⁰ Terminado o curso da Academia Militar, o formando recebe o Diploma de Licenciatura ou de Mestrado, a Carta de Curso e a Espada de Oficial, como símbolo das funções de comando que institucionalmente lhe são conferidas. Disponível em <http://www.academiamilitar.pt/ensino.html/>. Acesso em: 18 fev. 2013.

¹³¹ O curso de Formação de Oficiais é feito na Academia Militar do Exército. Disponível em: <http://www.academiamilitar.pt/>. Acesso em: 18 fev 2013.

incluindo os músicos. Podemos observar nos Regulamentos de Cursos de Formação e Promoção¹³², uma recorrente preocupação por parte da GNR com a atualização dos militares, particularmente no que se refere aos avanços tecnológicos e científicos na contemporaneidade. Isso é o que revela o Regulamento do Curso de Formação de Guardas:

Atualmente, face ao elevado ritmo de transformação nos domínios científico e tecnológico, a maior parte dos processos de mudança nas organizações envolve direta ou indiretamente intervenções focalizadas na preparação dos seus recursos humanos, o que revela, que a formação profissional tem vindo a ganhar importância nas organizações (Regulamento do Curso de Formação de Guardas, 2012, p. 230).

Para gerir a formação dentro da GNR, existe o Comando de Doutrina e Formação¹³³ (CDF) que é o órgão responsável pelo ensino. Esse órgão tem como finalidade contribuir para a ampliação do conhecimento dos seus membros, inclusive os músicos nas mais diversas graduações e ainda “preparar o militar para um melhor desempenho da sua função; reforçar as suas competências e melhorar os pontos fracos e melhorar a qualidade do serviço prestado à sociedade civil¹³⁴”. Este estudo dedicar-se-á às categorias dos Sargentos, Cabos e Guardas, uma vez que a GNR não dispõe de Curso de Formação de Oficiais¹³⁵ na especialidade de música. A seguir, esclareço os passos que os músicos percorrem na GNR entre os graus hierárquicos ao longo da vida ativa.

O primeiro passo dá-se com a inscrição do músico no processo seletivo para a admissão de Guardas músicos. Após aprovação nessa fase, o músico admitido para frequência é enviado para o Curso de Formação na Escola da Guarda, para um período de adaptação e instrução com disciplinas voltadas para o fazer policial. Encerrada essa etapa, o músico é enviado à Sede da Banda de música para integrar a carga horária do curso de Formação com as disciplinas da especialidade música. Assim, o músico que concluir essas fases com aproveitamento será incluído no grupo da Banda, para o qual prestou concurso.

¹³²Regulamentos de Cursos: Formação de Guardas, Promoção de Cabos, Formação Sargentos e Promoção a Sargento-Ajudante.

¹³³O (CDF) define a “Formação como um processo global e contínuo que envolve o conjunto de atividades educacionais, pedagógicas, formativas e doutrinárias que visam a aquisição e a promoção de conhecimentos, de competências técnico-profissionais, de atitudes e formas de comportamento, exigidos para o exercício das funções próprias do militar da Guarda, nas mais diversas áreas de atuação” (Comando de Doutrina e Formação –PAF, 2010).

¹³⁴ Regulamento do Curso de Promoção a Sargentos-Ajudante (2010, p. 2).

¹³⁵ O Curso de Oficiais na especialidade música é oferecido pelo Exército português em parceria com instituições de ensino da música. O atual chefe da Banda faz parte do Quadro de Oficiais Músicos do Exército e desde de 2008 desenvolve atividades na BMGNR.

O músico que ingressa nas Forças Armadas tem a pretensão de ascender na carreira militar, pois isso lhe confere *status* diferenciado na corporação, um melhor salário e prestígio social no ambiente civil. Dessa forma, o músico militar da GNR tem a opção de realizar ao longo da carreira os cursos de Formação e Promoção, podendo chegar ao oficialato na instituição. Nas próximas secções esclareço esse caminho.

5.1.1 *Processo de admissão de Guardas*

Conforme o Sargento António Durão, ex-chefe da secção de Instrução e Formação da Banda, anualmente, dependendo dos recursos disponibilizados pelo Estado para GNR, como também das necessidades dos grupos musicais que compõem a BMGNR, são abertas vagas para admissão de Guardas músicos interessados em prestar suas capacidades artísticas com dedicação exclusiva, assim como servir na organização militar. Ainda segundo esse militar, os interessados são submetidos a provas previstas em concurso público, segundo normas especificadas no Regulamento do Concurso publicado no Diário da República.

Segundo o Sargento Durão, as vagas são abertas consoante a necessidade da Banda de determinados tipos de instrumentista. O maestro da Banda envia para a secção responsável pelo concurso o quantitativo de vagas, especificando o instrumento, bem como os Quadros (Honorífico Músico ou o Honorífico Clarim) e o grupo em que o Guarda selecionado irá participar, a saber: Banda Sinfónica e Marcial, Fanfarra e Orquestra de Câmara. Desse modo, o interessado candidata-se ao concurso consciente do Quadro e do grupo em que irá participar. Por isso, conforme o Sargento Durão, existem as especificidades dos Quadros Honoríficos.

Para uma melhor compreensão do processo de admissão e frequência dos cursos de Formação na especialidade música, apresento de seguida, como exemplo, a edição 2010/2011. De acordo com a Secção de Instrução e Formação da BMGNR, para esse concurso, foram ofertadas pela instituição quinze vagas, sendo 9 para o Quadro Honorífico Músico, a saber: duas para Saxofone alto/tenor; duas para Bombardino/barítono; uma para Violino; uma para Viola de arco; uma para Harpa; uma para Teclados/piano e uma para Percussão e 6 para o Quadro Honorífico Clarim, para os seguintes instrumentos: uma para Trompete/cornetim/fliscorne; uma para Trompa de harmonia; uma para Bombardino; uma para Trombone de pistons; uma para Tuba e uma para Percussão (cf. Anexo x).

Inscreveram-se cento e um candidatos para o Quadro Honorífico Músico e noventa e um para o Quadro Honorífico Clarim. Ainda conforme essa Secção, dos cento e um candidatos para as vagas do Quadro Honorífico Músico, apenas vinte e oito (27,7%) compareceram para a realização das provas¹³⁶ e dos noventa e um candidatos para o Quadro Honorífico Clarim, apenas vinte e seis (28,6%) (cf. Anexo xi).

Os dados coligidos revelam que houve muitos inscritos nos referidos Quadros com um total de cento e noventa e dois candidatos. Entretanto, 54 (28,1%) prestaram provas, refletindo um alto índice de desistência. Segundo o Sargento António Durão, esse facto pode ser justificado, como um caso isolado, devido ao curto prazo disponibilizado entre o período de inscrições e o período de realização das provas. Concluída a fase de admissão, os músicos aprovados, seguem para a Escola de Formação de Guardas. Na próxima secção, passo a apresentar o segundo passo dentro da GNR. Esse momento traduz-se pela separação por parte dos novos músicos da Banda entre os mundos civil e militar.

5.1.2 Passagem da vida civil para à vida militar

Quando o interessado é aprovado nas etapas iniciais do concurso para a admissão de Guardas – constituídas por provas de conhecimentos específicos, exames médicos e testes físicos – é direcionado para a Escola de Formação de Guardas¹³⁷, na qualidade de Guarda Provisório, tendo que passar por um regime de internato que pode chegar aos nove meses. Dessa forma, o ingresso do músico na Escola de Formação de Guardas marca a sua passagem da vida civil para a vida militar. A esse respeito, Cristina Silva (2009, p. 108) ressalta que, ao ser admitido na vida militar o neófito vivencia um processo de socialização profissionalizante durante o qual aprende valores, atitudes e comportamentos condizentes à vida militar, tais como hierarquia, precisão, rapidez, vigor físico, disciplina, vigor moral e etc. Essas condutas e princípios aprendidos na Escola acabam por condicionar a vida tanto profissional quanto pessoal do músico, gerando um distanciamento entre a vida militar e o mundo civil.

¹³⁶ As provas para o cargo de Guarda consistem em conhecimentos musicais teóricos e práticos no instrumento. O Júri é formado por membros da BMGNR.

¹³⁷ A Portaria n.º 777/2009, de 22 de Julho, cria as subunidades e os serviços da Escola da Guarda, bem como os Centros de Formação da Figueira da Foz e de Portalegre, e define o regime de funcionamento daqueles serviços (Ordem à Guarda, 1.ª série – N.º 5, 2010, p. 147).

Esse processo de liminaridade¹³⁸ dar-se-ia com o afastamento, ou seja, com a separação do indivíduo, quer da estrutura social, quer de um conjunto de condições sociais vividas pelos alunos nas primeiras semanas dentro da Escola de Formação. Nesse sentido, a vida militar tem início na Escola preparatória de Guardas da GNR, momento em que o aluno deve escolher seu “nome de guerra”, pelo qual será identificado pelos seus camaradas ao longo de toda a vida. Assim, todo o militar tem “seu nome de guerra”, podendo ser o de família, o sobrenome, o nome ou as combinações destes, de modo que haja o mínimo de nomes idênticos no sector de trabalho (Fontoura, 2011, p. 59).

Conforme sugere o antropólogo Gilberto Velho (1999), essa nova denominação torna-o membro de uma nova comunidade. O mesmo pode ser observado “Em grande parte das sociedades tribais, das tradicionais e das complexas, o agente empírico é basicamente valorizado enquanto parte do todo – linhagem, família, clã” e ainda: “a manipulação do nome, o nome “artístico”, a supressão de sobrenomes, os apelidos etc. São formas de enfatizar ou marcar a individualidade, de sublinhar a particularidade” (Velho, 1999, p. 25).

Na primeira parte do curso de formação, o Guarda Provisório passa por um período de adaptação para aprender através das diversas disciplinas que constituem o universo militar e civil (cf. Anexo xii), como armamento, topografia, práticas de educação física e desporto, técnica individual de combate e outras, que estão relacionadas com o convívio/adaptação na corporação. Esse período de adaptação se mostra fundamental para o recruta conhecer as regras de conduta estabelecidas pela corporação e segui-las. Para o Sargento músico Pedro Oliveira:

O curso de Formação de Guardas é o primeiro quando a gente ingressa [na GNR] para adaptar-se aos costumes da tropa. Esse período nos dedicamos aos estudos das leis, dos regulamentos da Guarda, de tudo que envolve um Guarda normal (entr. Sargento músico Pedro Oliveira, 18/2/2013).

¹³⁸ Os estudos de Victor Turner (1974), dentro do universo dos ritos dão ênfase a um tipo especial que são os rituais de passagem, os quais são responsáveis pelas mudanças dos indivíduos na estrutura social. Para o autor, Liminaridade consiste em uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente. Esse processo de passagem envolve algo como se fosse um nascimento, onde os indivíduos, para mudarem de fase ou posição na estrutura social, são distanciados do seu ambiente social, como se morressem ou deixassem de existir, e em seguida passam por uma fase liminar, onde serão colocados em estado de igualdade entre seus pares. Após esse período transitório, o indivíduo é recolocado em seu ambiente social para assumir seu novo *status*. Na prática, os músicos da Banda quando são admitidos nos cursos de Formação ou Promoção, recebem a denominação de alunos durante a formação e, após o curso são promovidos em solenidade pública, passando a assumir sua nova graduação.

Assim, todos os Guardas provisórios, independentemente da especialidade para a qual prestaram o concurso, são orientados no sentido de que, caso a instituição necessite dos serviços desses militares para uma missão alheia a sua função, nesse caso a de músicos, devem estar prontos para executá-la. Desta forma, durante toda a sua carreira, o músico militar da GNR convive com risco. Seja nos treinamentos dos cursos, na sua vida diária, a possibilidade iminente de um dano físico ou da morte é um facto permanente de sua profissão. Assim, o exercício da atividade militar, por natureza, exige o comprometimento da própria vida, pois antes de ser músico, o indivíduo que ingressa na GNR é militar. Em virtude da natureza da profissão e das condições em que as funções policiais e militares são exercidas no que respeita à permanente disponibilidade e ao especial risco e perigosidade que lhes está associado, os militares portugueses gozam de um regime diferenciado de aposentação, podendo passar à condição de reforma aos 60 anos e dois meses, menos seis anos do que o regime geral.

Concluído o período de Formação na Escola militar, os músicos que cursaram a Formação Geral Militar com aproveitamento¹³⁹, seguem para a segunda parte do curso, onde são encaminhados para as unidades a que concorreram. Especificamente os que fizeram provas para o quadro de Serviços Honorífico Músico/Clarim, são enviados para a Unidade de Segurança e Honras do Estado (USHE) no Quartel do bairro da Ajuda em Lisboa, espaço social de estudo da BMGNR. No edifício da Banda de música, os alunos são assistidos durante um período letivo de três meses com uma carga horária de 252h. Conforme a Secção de Instrução e Formação da BMGNR da Banda, a estrutura Curricular dessa nova etapa contempla disciplinas com encontros coletivos, como: informática, organologia, história da música militar¹⁴⁰, prática instrumental com a Banda (ensaios) (cf. Anexo xiii) e aula individual com o professor de instrumento.

Segundo a Secção de Instrução e Formação da Banda, o maestro João Cerqueira, nomeia os professores que irão ministrar as disciplinas no curso. Os professores são selecionados mediante conteúdos que serão transmitidos ao aluno, bem como pelo instrumento musical que executa. Esses militares são os chefes de naipes dos grupos da Banda. Por exemplo, no ano de 2012 participaram como docentes, o maestro Banda, João Cerqueira (Licenciado em música), o Subchefe da Banda, Armino Manuel Pereira Luiz e os chefes de naipe dos seguintes instrumentos: Flauta –

¹³⁹ A avaliação dos Blocos de Formação resulta das provas orais, provas escritas, provas práticas, provas de aptidão física, tabelas de tiro, trabalhos escritos, observação direta ou outros instrumentos considerados relevantes pela EG (Regulamento do Curso de Formação de Guardas, 2012). Todos os alunos músicos da edição 2010/2011 concluíram a primeira fase com aproveitamento e seguiram para a segunda fase.

¹⁴⁰ A prova de avaliação desta disciplina - história da música militar - consiste na realização de um trabalho escrito com temáticas voltadas para a BMGNR, como percurso histórico, compositores e maestro que se destacaram, análise de obras, entre outros.

SCH Manuel Luís Sintra de Sousa Pinto Cochofeos I (Licenciado em música); Oboé – Sargento-Mor Francisco Luís da Costa Vieira; Clarinete - SCH António Joaquim Ribeiro Pereira (Licenciado em música) e SAJ Jorge Oliveira; Trompete - SCH Rui Miguel Matoso Borba; Trompa - Cabo-Mor António Augusto Ferreira Rodrigues; Trombone - SAJ Mário João Faria Gonçalves Vicente; Violoncelo - SCH João José de Sousa Pires Antunes Rola e Percussão - 1º SAR Francisco José Pereira Sequeira; História da música e Organologia, SCH Marco Ferreria (Licenciado em música) (Secção de Instrução e Formação da Banda de Música da GNR, 2013).

Nas aulas individuais são transmitidas técnicas específicas dos instrumentos, como melhorar sonoridade, respiração, afinação, postura. Para o Sargento músico Jorge Ferreira que faz parte do corpo docente da Banda:

Tudo que nós passamos a absorver e aprender - eu costumo dizer que, aprendemos com quem sabe, mais de nós, com quem sabe menos de nós. Tudo que contribui para aperfeiçoamento musical, como também profissional, nós aprendemos coisas aqui na Banda que em outro lugar não conseguiria obter. Eu penso que esta é a escola das escolas, porque temos muita gente licenciada, com mestrado, com capacidade e músicos dos melhores, que podem existir mesmo. Músicos que trabalham em orquestras, são eles que nos ajudam e nos ensinam. E é aquilo que nós devemos fazer com os mais novos [Guardas Provisórios] do que eu. E agora isso tudo contribui para que quando estejamos na frente de outro grupo [bandas civis] damos a escola da vida a experiência. Eu acho que é muito bom poder estar e pertencer a uma instituição que como esta não é para todos (ent. Sargento-Ajudante Jorge Ferreira, 14/2/2013).

Assim, quando o Guarda provisório músico chega à Sede da Banda para cursar as disciplinas específicas, passa a vivenciar um universo de saberes musicais e profissionais, o qual determina o modo de comportamento durante toda a vida ativa, uma vez que envolve o compartilhamento de experiências humanas, mantidas e repassadas socialmente não só pelo professor, mas também pelos elementos que estão à sua volta. Um dos aspectos cruciais na construção de saberes musicais entre as diversas culturas diz respeito à prática do compartilhamento de experiências, que em geral se dá pela observação do fazer dos mais experientes (Merriam, 1964; Blacking, 1976).

Essa forma de transmitir saberes musicais e compartilhar experiências pelos músicos mais graduados parece não ser recente na Banda da GNR. Esse modelo também foi vivenciado pelo

então Sargento-Mor António Saraiva (músico mais antigo em 2015) que ingressou como Soldado aprendiz de música no início da década de 80. Nas suas palavras:

Eu quando entrei [na BMGNR], nós éramos sempre colocados ao lado do elemento que já fazia parte da Banda. Para nos sentirmos apoiados, protegidos, para irmos aprendendo o que é saber a Banda da Guarda. Porque esses indivíduos já eram pessoas de idade, já tinham 20 anos ou mais (entr. Sargento-Mor António Saraiva, 12/6/2015).

O Sargento-Chefe Marco Ferreira revela que quando entrou para a Banda da Guarda, também como soldado aprendiz na década de 1990, o ensino da música era muito parecido com o oferecido pelos Conservatórios. Conforme esse militar:

A música em Portugal evoluiu muito nesses últimos 25 anos. Quando eu entrei para a Banda, a Banda da Guarda ainda era uma Escola, Conservatório. O professor aqui era diferente, nós entrávamos como soldados aprendizes de música, portanto a maior parte dos indivíduos que entravam na Banda com 17 anos, que era a idade mínima para entrar, uns ainda faziam exame com 16 anos, como eu, e já começava com 17. Portanto, a nossa formação, da maioria dos músicos, era a formação trazida das bandas amadoras [filarmónicas], um ou outro que estava no conservatório, era essa a formação. Tínhamos aqui nossas aulas e isto era quase um conservatório. Era uma escola. Hoje em dia, houve uma grande evolução, continua a vir músicos dos conservatórios, das bandas filarmónicas de todo o país, mas há indivíduos que já têm uma maior formação musical, entretanto começam a estudar muito mais novos, quando eu comecei a estudar música já tinha 13 anos, quando comecei a aprender contrabaixo já tinha quase 20 anos, hoje meu filho fez 14 anos, já está no violino há 7 ou 8 anos (entr. Sargento-Chefe Marco Ferreira, 8/2/2013).

Nos encontros coletivos do quotidiano da Sede da Banda, os Guardas provisórios músicos são destinados aos grupos musicais [Banda Sinfónica ou Marcial, Orquestra de Câmara ou Fanfarra] para aprimorarem os conhecimentos adquiridos com os professores do instrumento. A esse respeito, o Sargento Pedro Oliveira destaca que, durante prática coletiva na Banda, há um (...) cuidado que se tem pela música ou pretende ter pela música e é o pouco do que se pede na formação

das pessoas que concorrem prá cá”. Ainda para Pedro Oliveira, nos ensaios, os novos músicos são ensinados a:

[...] tocar os repertórios da banda como um solista e não de forma acomodada [...]. [...] o cuidado que se tem para se fazer as articulações, os fraseados, como se faz nos grandes grupos da música europeia e mundial. Tentar também aproximar [a sonoridade da banda] a da orquestra e não tentar tocar como uma orquestra de sopro (entr. Sargento músico Pedro Oliveira, 18/2/2013).

Nesse sentido, após o aluno vivenciar um processo de socialização durante o curso de Formação da Escala da Guarda, o qual influencia o modo de comportamento tanto profissional quanto pessoal na corporação, bem como, compreender a vida diária do quartel, o novo Guarda passa a atuar definitivamente na Banda.

Ao longo da vida profissional, o Guarda músico da GNR, passa por um sistema de educação continuada que lhe permite adquirir as capacitações específicas dos diversos níveis de exercício da carreira militar e realiza reciclagens periódicas para fins de atualização e manutenção dos padrões de desempenho. Para isso, a GNR exige uma rigorosa e diferenciada formação entre as graduações, com o plano de carreira profissional militar bem definido. Isso é o que veremos na próxima secção que versa sobre os Cursos de Formação e Promoção, os quais possibilitam a ascensão profissional dentro da corporação. Cabe ressaltar que, em todos os cursos oferecidos pela instituição ao longo da carreira ativa, os músicos selecionados e admitidos para frequência, retornam à Escola da Guarda para cursarem matérias relacionadas com a atividade policial.

5.2 Cursos de Formação e Promoção como requisitos para a ascensão profissional dos músicos

5.2.1 Curso de Promoção de Cabos

O posto de Cabo é o segundo degrau na estrutura hierárquica da GNR. Para ter acesso ao Curso de Promoção de Cabos (CPCB), os interessados precisam preencher os requisitos do (Regulamento de Admissão do Curso de Promoção a Cabos)¹⁴¹, que vão desde pertencer à instituição no posto de Guarda ou Guarda Principal no período mínimo de três anos, serem aprovado nos testes de

¹⁴¹ O último Curso de Promoção de Cabos aconteceu no período letivo de 2011/2012.

admissão técnico-profissionais e da especialidade (música – teórico e prática instrumental), testes físicos e por fim, exames médicos e psicológicos. O candidato, sendo aprovado nos testes iniciais, é encaminhado para a Escola de Formação para cursar a Componente Formativa Comum, distribuída em três módulos, totalizando uma carga horária de 160h/aula. Essa recomendação em cursar as mesmas disciplinas dos Guardas das Armas parte da missão da instituição, pois, de um modo geral, considera que a atividade exercida pelo Guarda, independente da graduação e função, é de alto risco, uma vez que esses militares lidam diariamente com a segurança dos cidadãos. Essas atribuições dos Guardas são definidas no artigo da Lei Orgânica 63/2007 de seis de novembro, o qual designa a missão da Guarda Nacional Republicana. Segundo essa lei, a principal missão da GNR é assegurar a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos, bem como colaborar na execução da política de defesa nacional.

Para o Sargento músico Pedro Oliveira,

[...] no curso de Cabos, passamos mais tempo fora da Banda, 6 ou 7 semanas, são mais ou menos 2 meses afastados do nosso meio, que é o meio da música, onde nós estamos normalmente a tentar ter um sitiozinho para estudar e tocar. Então são mais ou menos 2 meses afastados da Banda e das nossas escolas lá fora, há normalmente uma regressão nos nossos estudos, nos nossos estados de forma, em termos musicais. Pronto, aí é mais um entrave a nossa possível evolução (entr. Sargento músico Pedro Oliveira, 18/2/2013).

Após o período de estudos na Escola de Formação, o aluno Cabo retorna à Sede da Banda, para frequentar as disciplinas do respectivo Curso de Promoção com a parte específica [música] na modalidade teórica e prática. A Componente Formativa da Especialidade [presencial] e a Componente Formativa da Especialidade [autoformação] é constituída por carga horária de 64h/aula (Secção de Instrução e Formação da Banda de Música da GNR, 2013).

Cabe reforçar aqui que todas as disciplinas específicas de música dos cursos de Formação e Promoção são ministradas por professores nomeados pelo chefe da Banda – à época, o Capitão João Cerqueira, em aulas individuais e coletivas de acordo com a habilitação musical dos instrutores como referiu o Sargento-chefe Marco Ferreira: “Geralmente quem nomeia [o professor] é o chefe da Banda, consoante as matérias que são pedidas para aquele curso”. Esse militar explica que as matérias são escolhidas de acordo com a habilitação profissional do músico, citando como exemplo

o seu caso: “[...] estou habilitado para [ministrar a disciplina] história da música, teoria musical, acústica musical, organologia, mas eu me sinto mais à vontade para [ministrar] organologia e acústica. Que são mais importantes para os músicos da Banda” (entr. Sargento músico Marco Ferreira, 8/2/2013).

Ainda conforme esse militar:

Eu tenho feito ultimamente os cursos de Cabos e Sargentos. Geralmente eu preparo as minhas aulas. Já tenho aulas feitas e há matérias que eu obrigo-os a escrever nos cadernos. Não pareceu na altura quando pensei isso, se é bom eu dar as minhas aulas que eu preparei em casa em fotocópias e então os alunos descrevem todas as características, por exemplo para fazer uma escala harmônica, rapidamente a escala geral de harmônicos, naturais, dou as características, tendo o som número 1, automaticamente você tem o som número 2, 4, 8 e 16, por exemplo. Nós só fazemos até o som número 16. Há vários truques para fazer as escalas e essa matéria é toda escrita. Eu digo-lhes para escrever e depois faço, testes com perguntas verdadeiro ou falso, em que se abarca todas as matérias, e depois posso pedir para achar o período ou fazer umas escalas dos harmônicos (entr. Sargento-Chefe músico Marco Ferreira, 8/2/2013).

As aulas teóricas e prática instrumental dos cursos de Formação e Promoção, entre elas, as do professor Marco Ferreira, são ministradas em salas que ficam no andar superior da Sede da Banda. Durante a realização do curso, as atividades dos alunos são todas programadas com antecedência pela Secção de Instrução e Formação. Normalmente essa Secção apresenta a grade de horários e atividades aos professores antes da sua realização. O conhecimento prévio da programação de atividades dos alunos Cabos ou outros cursos que estejam acontecendo, permite que os neófitos possam atuar nos eventos pré-agendados pela Banda.

Nas salas de aula, os professores seguem as diretrizes da Secção de Instrução e Formação, onde registam as presenças e ausências dos alunos, os conteúdos aplicados e alterações, caso existam. O rigor faz parte do quotidiano dos alunos, conforme ressalta Piero Leirne quando destaca que, os próprios regulamentos militares preveem rigor tanto para uma formação de combate, quanto para um desfile, sentar à mesa, dirigir a palavras a alguém (2009: 42). Assim, apesar do viés artístico dos músicos militares, o espaço social da sala de aula é inteiramente marcado por uma diagramação

constante de horários e modos de conduta, posturas corporais e etiqueta, reconhecimentos de símbolos e notações como as insígnias que estampam os uniformes dos Guardas. Todo esse processo de aprendizagem em cada curso de Formação ou Promoção na GNR, segundo sugere a análise de Piero Leirner (2009), contribui para “[...] forjar a construção de uma nova pessoa, cuja nova identidade é reconhecida a partir da ideia do pertencimento a um mundo de dentro” (Leirner, 2009, p. 42).

Para o professor Jorge Ferreira, o que diferencia o espaço onde se aprende música na GNR das demais instituições de ensino musical formal, é o rigor do ambiente militar. Nas suas palavras:

Nós relativamente temos a mesma conduta tanto aqui como lá fora [instituições formais de ensino da música] [...]. É claro que aqui nós somos uma banda militar e como tal se faltarmos somos penalizados, como nas escolas civis. Nas Universidades, se faltamos também podemos perder o ano. Mas eu penso que estão de acordo e existe uma relação entre o sistema de ensino civil e militar, é claro que o militar tem maior rigor, mas aqui é aplicado o mesmo sistema que é aplicado lá fora. Aqui para assistirmos as aulas temos que estar todos fardados. Só o fato de estarmos com uma farda não muda a pessoa, mas é muito diferente de estarmos com uma *T-shirt*, uma calça, um tênis é muito diferente de estar aqui todo uniformizado. Para mim não faz tanta importância, pois sou militar há 25 anos. Agora há colegas que não encaram bem o facto de estar aqui fardado nas aulas, mas acabam por encarar, pois também escolheram estar aqui (entr. Sargento-Ajudante Jorge Ferreira, 14/2/2013).

Após estudar as matérias do curso na Sede da Banda, o aluno Cabo é submetido a uma avaliação final que é composta por quatro módulos: o primeiro, uma prova de Formação Auditiva através de um ditado melódico e rítmico. O segundo módulo é constituído por Solfejo rítmico e entoado. A terceira avaliação (Prática do Instrumento), consiste na execução de escalas (maiores, menores e cromáticas) e de uma obra, à escolha do aluno com acompanhamento, que pode ser por: piano, Banda, *ensemble* e outras formações instrumentais. O último módulo é constituído por um trabalho escrito de Organologia, dada a importância dessa matéria para os músicos que irão ocupar essa graduação, conforme revelou acima o Sargento-Chefe Marco Ferreira.

No próximo tópico serão apresentadas as particularidades do Curso de Formação de Sargentos (CFS), o qual possibilita a ascensão do Guarda até ao posto de Sargento-Mor, o último do ciclo dos Sargentos. Conforme foi possível constatar durante o trabalho de campo, alguns músicos da Banda, entre eles, o Cabo trombonista Hélder Rodrigues que executou o solo do Bolero de Ravel no concerto de Ano Novo em 2013, optaram por não concorrer a esse Curso, pois entre os oferecidos pela instituição é o mais demorado e requer, como os demais, dedicação exclusiva por um período de dois anos letivos. Essa exclusividade, segundo os meus interlocutores, não permite que as atividades artísticas extra Quartel sejam desenvolvidas (Anotações do caderno de campo, 2013). Dessa forma, o músico que não faz o CFS, vai para a reserva no posto de Cabo Mor.

5.2.2 Admissão para o Curso de Formação de Sargentos

O músico da BMG NR que deseja realizar o Curso de Formação de Sargentos (CFS), precisa preencher os seguintes requisitos: ser Guarda, Guarda Principal ou Cabo, ter três anos a contar do alistamento na graduação e ter sido aprovado nas provas técnico-profissional (matérias militares)¹⁴² e técnico-profissional específica (matérias musicais). Quando aprovado nessas duas etapas, seguem-se as provas físicas e psicotécnicas, sendo cada uma delas de carácter eliminatório.

Conforme foi possível observar no concurso de 2012 (35º Curso de Formação de Sargentos), foram ofertadas pela instituição 7 vagas. Inscreveram-se dezoito músicos com condições para concorrer, no entanto 6 (33,33%), militares não concorreram por não se sentirem preparados para superar as provas físicas, 7 (38,90%) foram eliminados nas provas físicas e 1 militar foi reprovado na prova específica. As provas físicas condicionaram o acesso a este curso a treze músicos (72, 22%) dos militares com condições de o poder frequentar. De 7 vagas atribuídas ao serviço Honorífico/Músico apenas 4 foram preenchidas (Secção de Instrução e Formação da Banda de Música da GNR, 2013).

Segundo o Sargento António Durão, essa situação tem sido recorrente e preocupante, principalmente pelo fato de muitos candidatos músicos não serem aprovados nos exames de aptidão física como o que ocorreu em 2011/2012. Ainda conforme esse Sargento, a GNR deveria tornar mais flexível a prova física para os músicos, pois esses militares no quotidiano desenvolvem atividades de cunho artístico, não necessitando passarem pelos mesmos exames dos Guardas das Armas – a quem se exige muito mais preparo físico para lidar com o serviço de segurança (entr.

¹⁴² As cotações para as matérias militares são 50% e para as matérias musicais 50%.

Sargento António Durão, 15/2/2013). A ideia do Sargento Durão apresenta uma aparente contradição em relação à política da instituição para qualificar os seus militares, uma vez que, na prática, a principal missão da GNR é assegurar e garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos portugueses, conforme consta na Lei Orgânica da GNR nº 63/2007, bem como nos planos de cursos ofertados pela corporação. Isso também, podemos vislumbrar no modo como a GNR seleciona os seus músicos para os cursos de Formação e Promoção, priorizando em primeiro lugar, o ser militar na instituição.

O exame técnico-profissional [música] para esse concurso foi composto por dois módulos¹⁴³, o primeiro constituído pela prova de formação auditiva (ditado melódico e rítmico); o segundo, pela prova prática de instrumento que é dividida, por sua vez, em duas partes: a execução de uma obra de livre escolha pelo candidato e a execução de excertos de composições para orquestra previamente selecionados pelo júri¹⁴⁴ (cf. Anexo xiv)¹⁴⁵. Cabe destacar que os trechos demandados na audição da BMGNR estão entre os *standars* de orquestras como a Sinfónica de Montreal (Canadá), Sinfónica de São Paulo (Brasil), Orquestra das Beiras (Aveiro) entre outras. Esses excertos têm-se convertido parte corrente na seleção de Bandas e Orquestras Sinfónicas mundo afora. A partir deles pode-se rapidamente aferir destreza técnica, sonoridade, adequação estilística, musicalidade e tudo isso dentro do contexto do repertório específico que o candidato deverá vir a executar, caso seja aprovado. Vale salientar que, de acordo com os meus interlocutores, uma das particularidades que distingue a BMGNR das congéneres militares em Portugal está na execução de transcrições de obras eruditas.

Após os exames técnico-profissional específico, o militar músico é convocado para regressar à Escola de Formação de Guarda em período integral de estudo, desta feita para participar do curso mais longo da carreira. Em relação à dedicação exclusiva de estudo, Aline Atassio (2009) aponta que o período integral de estudos nas Escolas de Formação de Sargentos “[...] é uma medida com intuito disciplinador, onde as regras de comportamento, apregoadas desde a entrada do estudante

¹⁴³ Em ambos os módulos são atribuídas notas numa escala que varia entre zero e 20 valores, tendo a prova de formação auditiva coeficiente 1 e a prova de instrumento musical coeficiente 3, para o cálculo da média ponderada. Configurando assim, um peso maior para a prova prática do instrumento.

¹⁴⁴ Estando portando, a cargo do júri escolher os excertos a serem executados.

¹⁴⁵ No ano de 2012, participaram como júri das provas de admissão ao 35º (CFS), o Capitão maestro banda, João Afonso Cerqueira, o Subchefe da Banda, Armino Manuel Pereira Luiz e os chefes de naipe dos seguintes instrumentos: Flauta - Sargento-Chefe Manuel Luís Sintra de Sousa Pinto Cochofel; Oboé - Sargento-Mor Francisco Luís da Costa Vieira; Clarinete - Sargento-Chefe António Joaquim Ribeiro Pereira; Trompete - Sargento-Chefe Rui Miguel Matoso Borba; Trompa - Cabo-Mor António Augusto Ferreira Rodrigues; Trombone - Sargento-Ajudante Mário João Faria Gonçalves Vicente; Violoncelo - Sargento-Chefe João José de Sousa Pires Antunes Rola e Percussão - 1º Sargento Francisco José Pereira Sequeira (Secção de Instrução e Formação da Banda de Música da GNR, 2013).

na escola, têm um objetivo claro: formar um saber-fazer próprio das Forças Armadas” (Atassio, 2009, p. 185).

5.2.3 Curso de Formação de Sargentos

Na Escola da Guarda¹⁴⁶, o músico, mais uma vez, passa a (re)vivenciar valores morais, éticos, doutrinários, os quais definirão as suas atitudes e formas de comportamento, particularmente na nova graduação, que funcionará como uma espécie de “elo” entre os Guardas e os Oficiais da instituição. Para entendemos a distinção entre oficiais e praças nas Forças Armadas, recorremos a teoria de Samuel Huntington (1996), que a define da seguinte maneira:

[...] a oficialidade é o elemento dirigente ativo da estrutura militar e é responsável pela segurança militar da sociedade, enquanto as praças [Guardas na GNR] são os elos entre o comando e a tropa, ou seja, não exercem função de dirigentes e, sim, de comando de tropa, e estão em contato direto com o estrato mais baixo da hierarquia militar, os soldados. (Huntington, 1996, p. 13).

Outra definição pode ser dada pela leitura dos textos de Piero Leirner sobre a hierarquia nas instituições militares. Para esse antropólogo, a distinção principal entre os oficiais e praças é o que os diferencia na relação de comando e obediência, pois o primeiro é preparado para funções de comando e o segundo é treinado para executar as ordens dos oficiais (1997 e 2001). Como advertido por Leirner, os Sargentos ocupam posições inferiores na pirâmide das Forças Armadas, já que a clivagem entre oficiais e praças, existente em qualquer Exército, diferencia os dois ciclos, determinando, pelas regras da corporação (2003). Assim, essa divisão de papéis na instituição é transmitida ao músico durante o período na Escola, onde o mesmo será orientado pelos instrutores que ao fim do ano letivo retornarão às suas unidades de origem com uma nova denominação, a de Furriel, que é um posto transitório entre Cabo e 2º Sargento.

¹⁴⁶ O CFS Músicos é dividido em duas Componente Formativas, totalizando 524h/aula. A primeira é a Componente Formativa Geral, que é composta pelos módulos: Formação Militar e Policial, Formação em Direito, Formação Sociocultural e Formação de Aptidão Física e Tiro. Na Formação Militar e Policial, os músicos da Banda cursam disciplinas como Legislação Militar e Administração de Recursos Internos. Já na Formação em Direito, os instruídos adquirem conhecimentos de noções de Direito, inclusive Direito Penal e Processual. A Formação Sociocultural engloba disciplinas como Sociologia e Inglês. E ainda na Formação de Aptidão e Tiro, são reforçadas as atividades de Educação Física e Desportos e Armamento e Tiro. A segunda parte ou 2º Semestre do Curso, designada Componente Formativa de Especialidade, é composta por disciplinas quase que exclusivas da área de formação musical com exceção a de Educação Física e Desporto. A especialidade Música dispõe de disciplinas tanto de caráter teórico, como prático, totalizando 511h/aulas. A maior carga horária é da disciplina Prática Instrumental com Banda (42,6%). Disciplinas como Informática aplicada a Música e Educação Física e Desportos também são aplicadas. Assim que os músicos concluem todas as disciplinas na Escola são direcionados para à BMG NR para cumprirem as aulas teóricas e prática.

Para o Sargento músico Jorge Ferreira,

Somos Cabos, fazemos o curso de Formação a Sargento e quando terminamos o curso, temos aproveitamento, isto na Escola da Guarda, somos promovidos ao posto de Furriel - que é um posto transitório – que é um posto que faz a ponte entre Cabo e 2º Sargento. Temos que estar 1 ano nesse posto, para fazer o estágio, que é uma preparação para sermos promovidos a 2º Sargento. Depois passado esse ano, geralmente é feito – em agosto ou outubro é que se faz as promoções a 2º Sargento - depois estamos no posto de 2º Sargento por 3 anos, no final desses 3 anos, temos que ser promovidos ao posto imediato, e aí que fica o curso de Promoção sem formação, que é o posto de promoção a 1º Sargento (entr. Sargento Jorge Ferreira, 14/2/2013).

Ainda conforme esse militar:

Depois do posto de 1º Sargento - temos que estar lá 4 anos no posto de 1º Sargento – para ascender ao posto de Sargento-Ajudante, que é o meu caso, e aí assim vai existir mais um curso de Promoção, que é o (CPSA), que nos confere toda a formação até o topo da carreira de Sargento, que é até Sargento-Mor. Este curso é ministrado também na Escola da Guarda, durante meio ano, e portanto, somos informados que vamos frequentar o curso e que podemos desistir, podemos não ir, mas é claro que como militar que somos, temos que ascender sempre ao posto imediato. Desistir jamais, está fora de questão! Essa é a palavra que não faz parte do meu vocabulário! E então pronto, temos que fazer o curso de meio ano, temos que ter 3 meses na Escola da Guarda, com matérias essencialmente militares (entr. Sargento-Ajudante Jorge Ferreira, 14/2/2013).

O próximo curso é o último oferecido pela instituição. As demais promoções, a saber: Sargento Chefe e Sargento-Mor são por tempo de serviços e por indicação do chefe da Banda.

5.2.4 Curso de Promoção a Sargento-Ajudante

O Curso de Promoção de Sargento-Ajudante (CPSA)¹⁴⁷ diferentemente das modalidades anteriores, é destinado aos militares que estão no serviço ativo da GNR, no posto de 1º Sargento e que tenham frequência admitida. O curso tem por finalidade:

Preparar, reforçar, desenvolver e aprofundar as capacidades práticas, as atitudes, as formas de comportamento e os conhecimentos necessários ao desempenho de funções de adjunto do comando de subunidade ou equivalente para os assuntos relacionados com a actividade operacional e de instrução, como também as funções técnicas, administrativas, logísticas e de instrução, comando de Postos dos tipos A e B e outras de natureza equivalente (Regulamento do Curso de Promoção a Sargento-Ajudante, 2012).

Nota-se que o curso está mais direcionado para os militares que irão exercer funções técnicas dentro da corporação, sendo possível observar que a estrutura curricular está dividida em três Componentes Formativas. A Componente Formativa Geral (cf. Anexo xv) contempla assuntos ligados ao universo militar da GNR, conhecimentos na área do Direito, Formação Sociocultural, Prática em Aptidão Física e Ordem Unida. O testemunho do meu interlocutor é revelador nesse aspecto:

O Curso de Sargento-Ajudante, é [constituído de várias disciplinas que vai] desde legislação rodoviária, direito, inglês, toda a parte militar, legislação militar, código de justiça militar, regulamento de disciplina militar, continências e honras militares, tudo a ver com a parte militar. Saí de lá quase como um advogado, porque essencialmente as matérias de direito, apesar de nos sermos músicos, também temos que fazer essas disciplinas. Temos direito penal, direito institucional, direito civil, direito aduaneiro, Constituição da República, temos tudo que está relacionado a parte de advocacia, das leis... A partir desse ao final de 3 meses, regressamos à Banda (entr. Sargento-Ajudante Jorge Ferreira, 14/2/2013).

Na Componente Formativa da Especialidade (cf. Anexo xvi) estão inseridos os conhecimentos particulares da área do Serviço Honorífico Músico. As disciplinas são direcionadas para os futuros Sargentos-ajudantes que irão desenvolver funções ligadas a direção e/ou ao auxílio do oficial chefe

¹⁴⁷ O último Curso de Promoção a Sargento-Ajudante aconteceu no período de 2012/2013.

da Banda. Por isso, adquirem conhecimentos que englobam desde Prática de Conjunto e Ordem Unida com a Banda, Direção musical, Análise e Técnicas de Composição a Regulamento de continência e honras militares. Durante a minha incursão no campo, participei da aula de Ordem Unida com a Banda e da aula de como manusear a espada durante a apresentação pessoal e nos desfiles, ministrada pelo Sargento-Mor António Saraiva.

Por último, a Componente Formativa Complementar (cf. Anexo xvii), que será realizada através da participação dos Sargentos-Ajudantes em seminários, palestras e visitas e à disposição do Diretor de Instrução para eventuais atividades. Na parte da especialidade música recebem aulas e são avaliados por professores nomeados pelo chefe da Banda. Ainda conforme o Sargento-Ajudante Jorge Ferreira:

Aqui na Banda, temos aulas de tudo relacionado com música, que é nosso mundo, nossa especialização. Temos Harmonia, temos Composição, temos Instrumentação, temos Prática de Direção, temos também [a disciplina de] Instrumento. A parte [individual] de técnica instrumental e a parte dos ensaios do *ensemble* [no qual tocamos] em conjunto. Nós já somos músicos da Banda, mas estamos a ser avaliados durante os ensaios (ent. Sargento-Ajudante Jorge Ferreira, 14/2/2013).

Para conclusão deste curso de Promoção é preciso dirigir um dos grupos da Banda em um concerto público, bem como ser avaliado na disciplina Técnica de Direção e Análise de uma partitura. Jorge Ferreira destaca ainda que quando fez o CPSA foi avaliado pelo chefe e o subchefe da Banda e, na ocasião dirigiu “[...] o andamento da 1ª Suíte de Gustavo Holst, que era *intermezzo* da 1ª Suíte em Mi bemol” (Ibid. 2013). Observamos que o CPSA, por estar na categoria dos cursos de Promoção funciona como uma espécie de reciclagem e tem uma carga horária menor que os demais cursos citados, com tempo total escolar de 480h/aulas.

Em suma, essa forma particular de transmissão de conhecimentos na GNR pode também ser observada em qualquer instituição militar, no sentido de determinar o modelo de comportamento coletivo. Isso se mostra possível, pois as instituições militares são organizadas com base na hierarquia e na disciplina, tal como tem vindo a ser referido ao longo deste trabalho, onde os seus membros adquirem apreciável grau de aceitação comum, que se cristaliza segundo padrões de conduta bem definidos. Esses padrões de conduta são transmitidos e definidos aos militares, possibilitando o aprimoramento intelectual dos seus membros, dando ênfase principalmente à

conscientização do cumprimento dos valores morais e éticos, e, sobretudo, ao dever de subordinação às autoridades superiores entre os diferentes postos e graduações.

Nessa realidade insere-se a BMGNR, que através de processos específicos de ensino que são ministrados nos Cursos de Formação e Promoção se mostram indispensáveis para os músicos da Banda ascenderem na estrutura hierárquica da GNR e, conseqüentemente, atuarem nas escolas de música e filarmónicas, como também no fornecimento de profissionais altamente qualificados para o mercado musical Português.

Os dados do trabalho de campo revelam que, alguns músicos da Banda, entre eles cito o Cabo trombonista Hélder Rodrigues, optaram por não concorrer ao curso de Formação de Sargentos, pois entre os oferecidos pela instituição é o mais demorado e, requer como os demais, dedicação exclusiva por um período de dois anos letivos. Essa exclusividade, segundo os meus interlocutores, como referi atrás, não permite que as atividades artísticas extra Quartel sejam desenvolvidas. Dessa forma, o músico que não faz o CFS, vai para a reserva no posto de Cabo Mor. Assim, os músicos que não pretendem progredir para a graduação de Sargento não terão aulas de música na GNR ao longo da carreira.

Por fim, apesar de a GNR oferecer os mais variados níveis através dos Cursos de Formação e Promoção, uma parcela considerável dos seus militares músicos têm buscado aperfeiçoamento musical externo, principalmente nos Conservatórios e Universidades. Os conhecimentos musicais adquiridos fora da instituição por esses militares são aplicados nas atividades da Banda, reflectindo-se, portanto, no refinamento técnico das *performances* musicais dos grupos.

6. *PERFORMANCE* MUSICAL DA BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA NA PROCISSÃO DA SENHORA DA SAÚDE

As procissões exprimem um aspecto fundamental do povo cristão: não é um povo “instalado” num lugar, mas peregrino, um povo em marcha. As “procissões” manifestam todas estas realidades se são de verdade marcha¹⁴⁸ ordenada e piedosa de uma comunidade e não unicamente um aglomerado de pessoas ou um pretexto para a arte ou folclore (Programa das Solenidades anuais a realizar de 29 de Abril a 05 de maio de 2013 – Na igreja de Nossa Senhora da Saúde, em Lisboa).

[...] uma coisa é o que se diz, e outra coisa é o que se faz. Ora bem, na lei diz que o Estado é laico e, para todos os efeitos em termos legais é laico, mas a prática do dia-a-dia não é”.

1SAR Luciano Franco, 2015.

Neste capítulo reflito sobre a participação da BMGNR na procissão de Nossa Senhora da Saúde. Essa procissão está inserida nas festividades em louvor a Nossa Senhora da Saúde em Lisboa, que ocorrem durante a última semana de abril e na primeira semana de maio¹⁴⁹. Em 2013, a procissão saiu no primeiro domingo de maio, dia 05, por volta das 16h. Essa procissão é considerada uma das mais antigas da cidade de Lisboa em atividade (Amaro & Soares, 1991) e nela participam autoridades da Igreja católica, do Estado português e do Município, cinco bandas militares e uma charanga a cavalo de Lisboa, além de milhares de pessoas, desde residentes a turistas que visitam a cidade. Neste estudo, interessa-me explorar as relações mediadas pela BMGNR, entre o Estado (laico) português e a Igreja Católica em eventos como a procissão da Senhora da Saúde. Parto de questões como: Em que consiste a procissão? Que relações são mediadas entre o Estado e a Igreja Católica? Qual o protagonismo da *performance* musical da BMGNR nesta procissão?

A procissão da Senhora da Saúde constitui um momento de *reafirmação* dos laços entre os poderes do Estado e da Igreja Católica. Na acepção do Roberto DaMatta (1984) os ritos da ordem, como as procissões e as paradas militares, são solenidades mais legitimadoras do que comemorativas e nelas as autoridades civis, militares e eclesiásticas simbolicamente representam num ato de

¹⁴⁸ Nas procissões, como nas paradas militares, a partida é um centro físico e social de autoridade e poder religioso ou militar: uma igreja ou quartel. Seu roteiro, por outro lado, marca uma área onde se sacraliza um dado espaço da cidade que, por isso mesmo, acaba se tornando nobre ou sagrado (DaMatta, 1984, p. 89)

¹⁴⁹ Este mês tem um significado especial para os devotos do catolicismo, pois é dedicado ao culto mariano. Ainda dentro das festividades do mês de maio é comemorado o “dia da mãe” (no primeiro domingo do mês) e, nessa mesma data, também foi realizada a procissão dos Artilheiros, cuja divindade principal é Nossa Senhora da Saúde. Conforme Steffen Dix (2010), “o culto mariano, que deve ser visto como um elemento fundamental da religiosidade popular, [é], de certa forma, o pilar mais importante do catolicismo português” (Dix, 2010, pp. 21-22).

comunhão os elos sociais, reafirmando, no caso da procissão, os laços entre os poderes do Estado e da Igreja Católica.

Sustento ainda que na procissão da Senhora da Saúde a *performance* musical das bandas militares é responsável pela estrutura processional e pela sincronia dos gestos (uniformidade dos participantes durante o trajeto da procissão). Este capítulo tem como objetivo refletir sobre as razões da *reafirmação* anual desta procissão e sobre o contributo particular da *performance* musical, para a estruturação e manutenção desta procissão.

Assim, para compreendermos esta realidade, adoto para este estudo a definição de *feira*, de Roberto DaMatta (1984), que a coloca nos seguintes termos: “Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. Nelas, aquilo que passa despercebido no quotidiano, é visto como reflexão” (DaMatta, 1984, p. 83). Todavia, para compreendermos esta *feira* na atualidade torna-se necessário uma peregrinação histórica onde evocamos Marc Bloch (1941), que defende que a história não só deve permitir compreender o “presente pelo passado”, mas também o “passado pelo presente” (Bloch, 1941, pp. 44-50). Pois é precisamente o presente, ou seja, o hoje, onde reside a minha intenção em estudar esta *feira* que teve sua emergência em 1570.

O meu interesse em estudar esta *feira* iniciou-se a partir de conversas informais como os meus interlocutores, especialmente quando falávamos sobre os principais contextos de atuação da BMGNR. Ao interrogá-los sobre quais eram esses eventos, procurando saber se existia algum em particular onde se reunissem as bandas militares, fui informado de que o único evento atualmente em Portugal que agrupava as principais bandas militares sediadas em Lisboa (além de uma charanga a cavalo), era a procissão da Senhora da Saúde.

6.1 A tradição religiosa da procissão da Senhora da Saúde e os laços históricos entre o Estado português e a Igreja Católica

A tradicional procissão da Senhora da Saúde foi iniciada na segunda metade do século XVI numa época em que toda a região de Lisboa foi imensamente castigada por uma “peste grande” em 1569 (Lima, 1941, p. 3). Nos anos 1506, 1530, 1569, 1598 ocorreram outras epidemias, no entanto foi a de 1569 que causou a maior mortandade, sendo que a partir daí os Artilheiros da Corte instalados no Castelo de São Jorge (responsáveis pela guarida da cidade de Lisboa) acabaram por se constituir

em Irmandade para invocar a Nossa Senhora da Saúde como medianeira entre Deus e os homens na proteção e no combate da epidemia mortífera (Lima, 1941, p. 4)¹⁵⁰. Conforme esse autor, as preces dos artilheiros foram ouvidas e a “peste grande” cessou; como forma de agradecimento pela graça alcançada, os militares passaram a venerar a Senhora da Saúde (*Ibid*). Por esse feito “milagroso”, a procissão da Nossa Senhora da Saúde é conhecida também como procissão dos Artilheiros (Reis, 2015).

A partir da data desse “milagre”, o Senado da Câmara de Lisboa, em decisão tomada em Assento de Vereação a 10 de abril de 1570, instituiu uma procissão oferecida à Senhora da Saúde, e essa primeira *feira* realizou-se no dia 20¹⁵¹ de abril do mesmo mês (Amaro & Soares, 1991, p. 420)¹⁵². Conforme os mesmos autores, a partir de “10 de abril de 1572 foi decidido pelo Senado da Câmara” que a procissão realizar-se-ia todos os anos na quinta-feira mais próxima do dia 20, “para que, para sempre, ficasse lembrando este benefício”; em 18 de abril de 1592, o mesmo órgão deliberou que fizesse parte da procissão “uma charola, com as relíquias de Santana e São Sebastião e, após o sermão que fossem as charamelas de El-rei” (*Ibid*).

Foi assim dado início a uma tradição que atravessou mais de quatro séculos, até aos nossos dias, não obstante ter conhecido vários momentos de interrupção, especialmente em ocasiões em que o Estado português rompeu relações com a Igreja Católica. Uma vez que não é objetivo deste estudo relatar o percurso histórico desta *feira*¹⁵³, irei destacar alguns marcos importantes que evidenciaram as roturas e os enlacs entre o Estado e a Igreja no século XX. Esta abordagem irá permitir uma melhor compreensão do processo ritual da procissão em 2013 e, o contributo das *performances* musicais das bandas militares, como é o caso da BMGMR, para a *reafirmação* da ordem social e política desta procissão.

Com a proclamação da República em Portugal em 1910, as alianças entre o Estado e a Igreja Católica foram rompidas, ao ponto de a Santa Sé cortar as relações diplomáticas com Portugal, como resultado de um decreto que promulgou a separação de poderes entre a Igreja e o Estado,

¹⁵⁰ Lima, H. de C. F. (1941) *Notícia histórica acerca da procissão e Real Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião*. Lisboa: Tip. da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

¹⁵¹ Existem divergências em relação à data da primeira procissão. Segundo Lima (1941), o historiador Abade de Castro indicou em seu folheto sobre a origem da procissão de Nossa Senhora da Saúde que “é de costume celebrar-se todos os anos nesta cidade de Lisboa em 1857, e que a referida procissão teve início no dia 20 de abril de 1569”.

¹⁵² Amaro, A. M., & Soares, M. M. R. T (1991) *O trabalho e as tradições religiosas no distrito de Lisboa: exposição de etnografia*. Lisboa, PT: Governo Civil.

¹⁵³ Cabe destacar aqui que a fadista Amália Rodrigues eternizou a procissão no fado “Há festa na Mouraria” do compositor: Alfredo Marceneiro.

assente no controlo das manifestações públicas de culto e a nacionalização dos bens da Igreja¹⁵⁴ (Reis, 2015, p. 229). Segundo Joaquim Lopes (2010), a procissão decorreu com pompa religiosa e militar sem interrupções durante mais de 341 anos (1570-1910), mas com a implantação da República sofreu uma interrupção até 21 de Abril de 1940¹⁵⁵, data em que “[...] foi reativada esta antiga manifestação de fé e de religiosidade [...]” (Lopes, 2010, p. 1). Henrique de Lima (1941), que escreveu sobre a referida procissão no início da década de 40 do século XX, relatou que a *festa* “não teve a pompa dos tempos passados, mas a concorrência foi enorme” e, ainda segundo esse autor, “atraía a concorrência de muitos milhares de pessoas de todas as classes sociais” (Lima, 1941, p. 11).

Deste modo, sete anos após a implantação do Estado Novo, a relação entre o Estado e a Igreja foi *reafirmada*, oficializando-se essa ligação entre as duas partes através da *Concordata de 1940*. Conforme o tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião, Marquês de Sousa, a procissão “esteve interrompida desde 1910 a 1940, por causa da República. O regime republicano proibiu e só com o Estado Novo o governo reatou as relações com a Igreja. É a chamada *Concordata de 1940*” (entr. Ten. Cor. Marquês de Sousa 2014). Entre os trinta e um artigos que compõem esse acordo bilateral, o 18º versa especificamente sobre a oferta do Serviço Religioso no âmbito das Forças Armadas:

A República Portuguesa garante a assistência religiosa em campanha, às forças de terra, mar e ar e, para este efeito, organizará um corpo de capelães militares que serão considerados oficiais graduados. O Bispo que desempenhar as funções de Ordinário Castrense, será nomeado pela Santa Sé de acordo com o Governo. Para as expedições coloniais poderá ser nomeado Ordinário Castrense um Bispo que tenha sede na respectiva colónia. O Ordinário Castrense pode nomear, de acordo com o Governo, um Vigário Geral. Os capelães militares serão nomeados, de entre os sacerdotes apurados para os serviços auxiliares, pelo Ordinário Castrense, de acordo com o Governo. Os capelães militares têm jurisdição paroquial sobre as suas tropas, e estas gozam, quanto

¹⁵⁴ A Lei da Separação entre o Estado e a Igreja Católica foi aprovada por decreto com força de lei, em 20 de Abril de 1911 no *Diário do Governo* de 21 do mesmo mês.

¹⁵⁵ Conforme a pesquisadora Judite Reis constatou, num documento de Contas de Gerência da Irmandade (datado de 30 de junho de 1911) refere-se: “Não se tendo feito a procissão anual por não ser permitida, foi em seu lugar feita a comemoração, expondo-se aos fiéis as imagens de Nossa Senhora da Saúde e de S. Sebastião, devidamente revestidas, nos andores no dia 20, em que devia ter lugar a referida procissão, e dias seguintes como era costume, tendo havido no referido dia 20 missa à hora em que devia sair, e à noite ladainha cantada a grande instrumental” (Reis, 2015, p. 229).

aos seus deveres religiosos, dos privilégios e isenções concedidos pelo Direito Canónico (Artigo 18º da *Concordata de 1940*).

A reinstauração da democracia em Portugal (em 1974) teve grande impacto a nível social, cultural, político e económico na sociedade portuguesa (Andrade, 2011). Assim, e em particular após a elaboração da Constituição portuguesa, em 1976, de carácter democrático e assumidamente laico, tornou-se necessária uma revisão da Concordata. Durante esse período de instabilidade política a procissão dos Artilheiros foi, mais uma vez, interrompida, entre os anos de 1974 a 1980 (Reis, 2015, p. 239).

Em 1986, Portugal adere à União Europeia; em 26 de Abril de 2001, dá-se a promulgação da Lei da Liberdade Religiosa, que veio celebrar os princípios da igualdade de direitos entre todas as confissões religiosas e da Liberdade Religiosa para todos os cidadãos. Três anos mais tarde, a ainda vigente *Concordata de 1940* veio a ser substituída pela *Concordata de 2004*, *reafirmando*, conforme documentarei de seguida, os laços históricos entre a Igreja Católica e o Estado português, apesar da laicidade desse último.

Entre os trinta e três artigos da atual *Concordata de 2004*, o 17º versa sobre a assistência religiosa católica às Forças Armadas e de Segurança. Vale salientar que neste novo acordo é acrescentada no texto a menção às Forças de Segurança, cujos termos não estavam explícitos na anterior *Concordata de 1940*:

A República Portuguesa garante o livre exercício da liberdade religiosa através da assistência religiosa católica aos membros das Forças Armadas e de Segurança que a solicitarem, e bem assim através da prática dos respectivos actos de culto. A Igreja Católica assegura, nos termos do direito canónico e através da jurisdição eclesiástica de um ordinário castense, a assistência religiosa aos membros das Forças Armadas e de Segurança que a solicitarem. O órgão competente do Estado e a autoridade eclesiástica competente podem estabelecer, mediante acordo, as formas de exercício e organização da assistência religiosa nos casos referidos nos números anteriores. Os eclesiásticos podem cumprir as suas obrigações militares sob a forma de assistência religiosa católica às Forças Armadas e de Segurança, sem prejuízo do direito de objecção de consciência (*Concordata de 2004*).

A leitura cruzada deste Artigo 17º - afirmando que a “República Portuguesa garante o livre exercício da liberdade religiosa através da assistência religiosa católica aos membros das Forças Armadas e de Segurança que a solicitarem” - e do artigo 41º da *Constituição Portuguesa* (1976) – sobre a liberdade de religião e culto, declarando que “O Estado não adopta qualquer religião”¹⁵⁶, suscita algumas interrogações: sendo o Estado português um Estado laico, estaremos diante uma situação de monopólio da assistência religiosa às Forças Armadas e de Segurança¹⁵⁷? Como considerar a adoção de entidades sagradas do Catolicismo enquanto santos padroeiros(as) das Forças Armadas e de Segurança por exemplo, Santa Bárbara e São Sebastião (Artilharia – Exército), Nossa Senhora dos Navegantes (Marinha), Nossa Senhora do Loreto (Força Aérea), Nossa Senhora do Carmo (GNR) e São Miguel Arcanjo (PSP) (Lopes, 2010; Andrade, 2011).

A convivência entre o Estado e a Igreja Católica é assim compreendida por um dos meus interlocutores:

Apesar do Estado ser laico não há dúvida nenhuma que sempre houve uma proximidade maior entre o Estado português e a Igreja católica relativamente a outra, porque a história não se apaga. A história liga o Estado à Igreja [católica] de uma forma umbilical, embora na lei esteja escrito que o Estado é laico. Mas, uma coisa é o que se escreve e outra coisa é o que faz. [...] uma coisa é o que se diz, e outra coisa é o que se faz. Ora bem, na lei diz que o Estado é laico e, para todos os efeitos em termos legais é laico, mas a prática do dia-a-dia não é (entr. Sgt. Luciano, músico da BMGNR, 2015).

De facto, esta ligação “umbilical” é particularmente manifesta através da presença contínua das Forças Armadas e de Segurança na procissão da Senhora da Saúde. Ainda conforme o meu interlocutor, outro facto curioso é “o facto da própria Guarda Nacional Republicana estar inserida num espaço de um Convento (Convento do Carmo), isso por si só diz tudo!” (*Ibid*). Vale referir que a parte habitável deste Convento foi convertida em instalações militares (sede do Estado-Maior da Guarda Real de Polícia de Lisboa), atual GNR, em 1845 (Andrade, 2011, p. 8). É ainda neste

¹⁵⁶ O Diário da República – Primeira série A N° 143 - 22 de junho de 2001, reforça a condição de Laicidade do Estado. Fonte: <https://www.fct.unl.pt/>. Acesso em: 01 abr. 2015.

¹⁵⁷Dentro da Igreja Católica existe uma hierarquia específica, que é constituída por uma Diocese Militar das Forças Armadas que tem a sua Sede na denominada Igreja da Memória, localizada no Bairro da Ajuda em Lisboa, e é dirigida por um Bispo nomeado pelo Vaticano para gerir os Serviços Religiosos nas Forças Armadas e de Segurança.

Quartel que jaz o Santo Condestável, Nuno Álvares Pereira¹⁵⁸, e permanece, desde 1986, a imagem da padroeira da GNR, Nossa Senhora do Carmo¹⁵⁹ (*Ibid*, p. 181). É bem claro que o espaço físico onde se insere a sede do Quartel da GNR em Lisboa integra uma série de elementos sagrados do Catolicismo, numa manifestação evidente da ligação da Igreja com o Estado, aqui representado pela GNR.

Outro aspecto interessante diz respeito à utilização da música e dos músicos pelo serviço de assistência religiosa da Igreja, nos rituais litúrgicos da GNR e em outros eventos católicos, como a procissão dos Artilheiros, conforme referido no capítulo IV. Assim, conforme nos aponta o depoimento seguinte, sempre que o capelão da GNR necessita dos serviços dos músicos para auxiliarem na liturgia, requisita o Coro formado pelos elementos da Banda Marcial da GNR. Todavia, conforme a Lei Orgânica¹⁶⁰ da GNR, não existe oficialmente um coro, o que é corroborado pelo meu interlocutor: “Esse Coro não está na orgânica da Guarda. Ele é particular! Fazemos isso por autocriação. Nós aqui só temos a Banda Sinfónica, Marcial e Fanfarra. Temos a Charanga, mas o Coro não tem nada a ver connosco [ou seja, esse Coro não pertence a Orgânica da GNR]” (entr. SMOR Francisco Pinto, subchefe da BMGNR, 12/6/2015). Esse militar também ressalta que, regularmente, os músicos são convocados para participarem em eventos “organizados pela GNR, por exemplo: a missa da padroeira GNR ou em alguns eventos [Santuário de Fátima] ou quando o capelão entende que tem que fazer uma missa e requisita o nosso Coro e eles vão participar desses eventos” (*Ibid*). Ao questioná-lo sobre a laicidade do Estado e quais as razões que levam os elementos da banda a participarem nos eventos da Igreja, afirmou o que segue:

Apesar do Estado ser laico, a Igreja tem muito poder cá em Portugal. Não tem tanto como antigamente, mas ainda tem muito poder! Isso porque os portugueses são muito católicos. Talvez

¹⁵⁸ Conforme Nuno Andrade (2011), em Portugal, a primeira instituição de segurança pública surgiu em 1382, quando o rei Fernando I criou o Corpo de Quadrilheiros, para o exercício de funções policiais na cidade de Lisboa, cuja responsabilidade estava atribuída ao Condestável. Nuno Álvares Pereira, ocupou esse cargo e decidiu construir o Convento do Carmo em 1389 (Andrade, 2011, p. 8).

¹⁵⁹ Em 1986, a imagem de Nossa Senhora do Carmo foi instituída como a padroeira da GNR (Andrade, 2011, p. 180). Em 2014, o Papa Francisco deu a sua bênção à imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da Guarda Nacional Republicana (GNR), no Vaticano. Conforme o gabinete de Comunicação da GNR, “o Comandante Geral Manuel Couto, juntamente com o Oficial Capitão Eduardo Mendes, assistiram à missa que celebrava os 200 anos dos *Carabinieri* [nome do equivalente da GNR em Itália] e já tinham pedido, previamente, ao Papa que abençoasse a nossa Padroeira. Ele fê-lo com muito gosto e além de valorizar o trabalho da GNR, desejou muita sorte a todos os militares que prestam serviço na Instituição”. Ler mais em: <http://expresso.sapo.pt/papa-francisco-abencao-padroeira-da-gnr/>. Acesso em: 16 abr. 2015.

¹⁶⁰ Lei Orgânica da GNR disponível em: http://www.gnr.pt/documentos/Legislacao/LEI_ORGANICA. Acesso em: 17 mai. 2015. Nessa Lei consta o Quadro de Músicos, onde inclui os grupos permanentes da instituição, a saber: Banda Sinfónica e Marcial, Fanfarra e Orquestra de Câmara.

essa geração mais nova, nem tanto. Se calhar, cerca de 85% são dessa religião. E quando é necessário [a BMGNR] fazer algum evento destinado à Igreja não temos problema algum em fazê-lo. Aliás, temos alguns elementos aqui que não são católicos e, tem que fazer a procissão e não são dispensados por pertencerem a outra religião! Isso é o serviço militar! Somos convocados e toda a gente vai. Foi convocado tem que vir. Se calhar se fosse escalado para outra entidade religiosa não sei se poderia. Lembro-me que nunca fizemos nenhum evento para outra religião (entr. Sgt. Mor Francisco Pinto subchefe da BMGNR, 12/6/2015).

O testemunho do SMOR Francisco Pinto revela que independentemente das convicções religiosas de cada um dos músicos da Banda, é a lógica representativa e a disciplina que se impõem ao afirmar que quando (“Somos convocados e toda a gente vai”). Aqui está bem patente que o músico militar enquanto integrante de uma instituição militar está sujeito a uma série de normas que o obrigam a atender as demandas determinadas pela organização, independente de outros factores como as convicções religiosas.

Na próxima secção passo a refletir sobre o *modus operandi* da *feita* em louvor de Nossa Senhora da Saúde, incluindo a função das bandas militares, e em particular a *performance* musical da BMGNR, na concretização do cortejo processional. Para tal partirei principalmente da memória dos atuais elementos que compõem a Mesa Administrativa da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião, bem como dos músicos da BMGNR.

6.2 A dimensão macro da procissão: intervenientes e gestão de espaços

A procissão dos Artilheiros é (re)organizada anualmente pelos “Irmãos” que compõem a Mesa Administrativa¹⁶¹ da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e de São Sebastião¹⁶². Conforme documentarei de seguida, para a procissão sair do adro há um conjunto de preparativos que, segundo o provedor da referida Irmandade - o Tenente-General de Artilharia António Marquês

¹⁶¹ A Mesa Administrativa da Irmandade é constituída por sete elementos: Provedor e Vice-provedor, 1º secretário e 2º secretário, Tesoureiro, 1º Vogal e 2º Vogal.

¹⁶² Conforme o Tenente-Coronel Marquês de Sousa “Essa irmandade sendo a única no país e na capital há muitos anos é a única militar, cujos órgãos sociais são compostos por: oficiais tradicionalmente da Arma da Artilharia” (entr. 18/7/2014). Como é possível vislumbrar, o que tem particularizado essa Irmandade é o seu cariz militar, e a forte ligação com a Arma de Artilharia desde o século XVI. Segundo o Sr. Amadeu Rosa, a maioria dos elementos que compõem a Mesa Administrativa são militares. Para ele, isso é possível porque, conforme o estatuto da Irmandade, a mesa deve ser composta pelo menos em maioria por militares, ou seja, são sete pelo menos 4 de Artilharia, porque o histórico disso é da Artilharia (Entr. Amadeu Rosa 1º Secretário da Irmandade, 18/7/2014).

Abrantes dos Santos – “obedece a uma diretiva que se prolonga quase ao longo de todo o ano” (entr. 17/7/2014). O Primeiro Secretário, Amadeu Rosa, ajudou-me a compreender toda a estrutura processual da *feira*. Nas suas palavras, a Mesa Administrativa da Irmandade reúne-se uma vez por mês e, “[...] normalmente no mês de setembro já é decidido quando será a procissão no ano seguinte. Isto, porque, os estatutos dizem que a procissão terá que ser entre os dias 4 e 11 de maio” (entr. 18/7/2014). Conforme afirma:

Como isto é de forte cariz militar, tem de ser decidido em setembro, porque nós quando muito na reunião de outubro, nós temos que fazer um memorando para o Ministério do Exército para as coisas serem enquadradas e, principalmente para a Patriarcal. Levamos o conhecimento da procissão, o que ela vai constar - normalmente é sempre a mesma coisa -, e, pedir autorização para fazer a procissão. Normalmente essa autorização é enviada no mês de novembro e a partir daí começamos a trabalhar. Concretamente esses dois passos tem que ser feitos ainda em outubro ou no princípio de novembro. Depois, nos primeiros dias de janeiro, começa a fazer. Isso tem um envolvimento muito grande, porque tem que pedir à Polícia da Câmara, tem que se pedir aos Bombeiros, tem que pedir ajuda à Câmara Municipal de Lisboa, às bandas do Exército, dos Bombeiros e depois a banda da Marinha, e da Força Aérea, e da GNR e da PSP (entr. Amadeu Rosa 1º Secretário da Irmandade, 18/7/2014).

A partir da entrevista do Sr. Amadeu é possível constatar que para a *feira* acontecer na sua plenitude, cabe à organização do evento legitimar a sua realização por meio de instrumentos legais, através do envio de memorandos aos poderes constituídos (Autarquia, Estado e Igreja). Cabe destacar o papel de coadjuvação que a Câmara Municipal de Lisboa desempenha para a realização da procissão, principalmente por ceder recursos técnicos como (grades, som e etc), honrando (simbolicamente) o acordo que a cidade fez em 1570 de se realizar uma procissão anualmente em agradecimento ao Senhor pela saúde da cidade. Ainda de acordo com a explicação do Sr. Amadeu Rosa, esta *feira* tem início com o ato simbólico de investidura da imagem da Senhora da Saúde, que é realizado na última semana de abril. No ano de 2013, o ato foi realizado no dia 29 de abril, na capela de Nossa Senhora da Saúde, no Largo do Martim Moniz, no qual coube à primeira-dama, Maria Cavaco Silva, a tarefa de colocar simbolicamente a coroa sobre a cabeça da imagem da Senhora da Saúde. É importante sublinhar que na mesma cerimónia marcaram presença as autoridades civis (tanto do

Estado central como da Autarquia), militares (dos vários ramos das Forças Armadas e de Segurança) e um quarteto de metais pertencente à banda¹⁶³ de música do Exército.

Nesta ocasião, a primeira-dama, ao colocar a coroa sobre a cabeça da Senhora da Saúde, cumpre uma tradição que remonta ao século XVII, quando as rainhas ofereciam vestidos e mantos à Senhora da Saúde, e tinham também a incumbência de vestir a imagem; após a implantação do regime republicano em 1910, nos anos que a procissão esteve em atividade, essa função passou a ser de inteira responsabilidade da primeira-dama (Reis, 2015, p. 237)¹⁶⁴.



Figura 16: Maria Cavaco Silva na cerimónia de investidura de Nossa Senhora da Saúde em 2013

Fonte: imagem retirada do site oficial da Presidência da República (www.presidencia.pt).

Das informações colhidas junto dos meus interlocutores (Sr. Amadeu Rosa e D. Cezarina), fiquei a saber que na realidade, apesar de a primeira-dama ser responsável por “vestir” a imagem, o *modus operandi* tem-se mostrado diferente¹⁶⁵. De facto, quem veste a imagem são outras mulheres

¹⁶³ A participação do quarteto de metais na cerimónia se justifica pela ligação da Irmandade com o Exército, bem como pelo limitado espaço físico da capela da Senhora da Saúde.

¹⁶⁴ Pode visitar-se a galeria fotográfica no endereço: Fonte: <http://www.presidencia.pt>.

¹⁶⁵ Conforme o Provedor da Irmandade, houve um tempo em que a primeira-dama vestia e coroava à imagem da Senhora da Saúde, apesar de não precisar essa data. Segundo o seu depoimento “Antigamente faziam tudo isso na véspera da procissão (porque não havia outra cerimónia durante a semana) que era preparar a imagem para sair à rua. Mas, portanto, aqui o que se faz agora de ritual já com a presença da esposa do Presidente da República, a mesma da Rainha, é a colocação da coroa”. Ainda conforme o provedor: “Para essa cerimónia que vem a esposa do Presidente da República são convidadas também outras figuras, como as esposas dos chefes dos ramos (das Forças Armadas), do Presidente da Câmara, do Ministro [...]” (entr. Tenente-General de Artilharia António Marquês Abrantes dos Santos provedor da Irmandade, 17/7/2014).

conhecidas por “senhoras da mãe” que, dias antes da cerimónia, são convidadas formalmente pela direcção da Irmandade. O depoimento da D. Cezarina (que é voluntária e desempenha a função de zeladora do templo) é revelador:

As “senhoras da mãe” vêm e nos reunimos aqui. É uma senhora que mora na avenida de Roma, Dona Maria de Lurdes, outra senhora que mora nos Olivais, Dona Elvira, a mulher do senhor general também costuma vir. Vem também a esposa do senhor coronel. Juntamos nós aqui, todas a vestir a santa. Tiramos a Nossa Senhora do altar. Tiramos todas aquelas peças de roupas que ela tem vestida e vestimos outras (entr. D. Cezarina, 18/7/2014).

Portanto, o papel da primeira-dama no dia da cerimónia de investidura é um ato simbólico de colocar a coroa sobre a cabeça da imagem da Senhora da Saúde. Novamente D. Cezarina explica como este processo acontece no dia da cerimónia:

Na cerimónia, após Jorge Teles que é historiador explicar tudo, [o mestre de cerimónias] chama as senhoras. [...] A senhora que está ali, dá a coroa ao senhor general e o senhor general dá a coroa à esposa do senhor Presidente da República. Por sua vez, a esposa do Sr. Presidente da República tira a coroa que Nossa Senhora tem e dá a outra senhora, pois são duas senhoras que vão, e aceita a do senhor general e a coloca lá e fica. Tudo isso é muito bonito! (entr. D. Cezarina, 18/7/2014).

O depoimento da D. Cezarina, sobre o processo de investidura da Senhora da Saúde, ajuda-nos a colocar a ocasião da substituição das coroas da imagem da Senhora da Saúde como o momento de *reafirmação* desta *feira* “em que o mundo social é reafirmado e englobado pelo Estado e pela Igreja” (DaMatta, 1984, p. 91). O planeamento do cortejo processional é apresentado pelo Sr. Amadeu Rosa; segundo o seu depoimento “tudo é organizado consoante as bandas militares que irão participar” na procissão. Conforme o referido Secretário, caso alguma das bandas convocadas não possa participar, normalmente a direcção da procissão convida a fanfarra do Exército para substituir aquele grupo. Ainda segundo Amadeu Rosa, a preferência pelos agrupamentos musicais do Exército justifica-se por duas razões: “Pelo cariz militar que a procissão tem e pelos não custos” (entr. Sr. Amadeu Rosa, 1º Secretário da Irmandade, 2014). Ainda conforme o Sr. Amadeu Rosa, tradicionalmente a procissão é dividida em cinco secções:

Na primeira secção, que é o São Jorge e a Charanga a cavalo da GNR que vai à frente. Na segunda secção, vai Santa Ana que é transportada pelas militares femininas e logo atrás segue uma banda e depois é a Santa Bárbara e logo atrás outra banda. Depois vem Santo António e após outra banda, normalmente os bombeiros. Depois atrás de São Sebastião, normalmente outra banda. Atrás da Senhora da Saúde, normalmente a banda da Marinha e atrás do Pálio a banda da GNR. Porque conforme as bandas vão chegando vão destroçando. A banda da GNR vem atrás do Pálio porque, o Pálio entra o senhor bispo que vai abordar algumas palavras num palco, normalmente fica ao lado da capela da Senhora da Saúde, diz ali umas palavras e a banda depois toca dois hinos: o hino de Nossa Senhora da Saúde e depois o Hino Nacional (entr. Sr. Amadeu Rosa, 1º Secretário da Irmandade, 18/7/2014).

6.3 A participação das bandas militares na procissão

Na verdade, a participação de músicos nesta procissão é notória desde a sua primeira edição, ainda no século XVI (Amaro & Soares, 1991, p. 420). Conforme referido acima, da deliberação do Senado da Câmara de Lisboa constava a presença de “as **charamelas** de El-rei” (*Ibid*). De acordo com as fontes primárias consultadas por Fernando Binder, as charamelas foram formações musicais compostas por instrumentos de palhetas, nomeadamente oboés e fagotes, que atuavam basicamente nas cortes e nas igrejas da elite aristocrática (Binder, 2006, p. 8). Corroborando esta ideia, Gerhard Doderer (2001) apontou que na corte portuguesa a tradição de instrumentos de sopro vem desde o século XIV e, no reinado de D. João V (1689-1750), esse agrupamento musical (charamelas) acompanhava o monarca em procissões, exéquias ou outros eventos especiais. Ainda conforme Fernando Binder, “foi por volta da última década do século XVIII que as bandas de música, ingressaram definitivamente no exército português. Concomitantemente, a palavra charamela foi sendo substituída por música para designar as bandas” (Binder, 2006, p. 20).

Deste modo, é possível que se tenha tornado mais evidente a participação de grupos musicais militares na procissão dos Artilheiros a partir do século XVIII, com a oficialização destes agrupamentos pelo Marechal Beresford (Lapa, 1941, p. 8). A partir do início do século XX, a literatura acerca da presença destes grupos na procissão é mais abundante. Salvador Saboya¹⁶⁶ fez

¹⁶⁶ Saboya, S. (1950). *As três esplendorosas procissões que, há trinta anos, mobilizavam a maioria da população lisboeta*. Lisboa, PT: [Câmara Municipal].

menção às manifestações de cultos religiosos que aconteciam em Lisboa, enquanto atrações populares que congregavam milhares de fiéis, referenciando como “As três esplendorosas procissões” as procissões do Senhor dos Passos da Graça, de Nossa Senhora da Saúde e do Corpo de Deus, todas realizadas na primavera (Saboya, 1950). Segundo o autor, a procissão da Senhora da Saúde diferenciava-se das demais citadas pela similaridade a “um cortejo militar, onde fulgia o ouro dos galões e das dragonas dos oficiais e brilhavam ao sol as suas espadas e as baionetas dos soldados. Nenhum regimento deixava de se fazer representar nela por um contingente”. Por sua vez, as bandas militares das respectivas unidades de guarnição “incorporavam, tocando, durante o trajeto, escolhidas melodias e os contingentes militares apresentavam as suas bandeiras” (*Ibid*, p. 6).

Amaro e Soares (1991), no estudo “O Trabalho e as tradições religiosas no distrito de Lisboa” fizeram igualmente referência à procissão da Senhora da Saúde, que afirmam ser “a única das grandes procissões da Lisboa castiça que ainda sobrevive, naturalmente que sem a espontaneidade que a tornou numa das mais encantadoras, ingénuas e comovedoras festas da cidade” (Amaro & Soares, 1991, p. 482). Conforme as autoras, os participantes na procissão eram compostos por “membros da Câmara de Lisboa, o Cabido, a Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião”; além disso, a preponderância das “capas vermelhas sobre as fardas, em homenagem a São Sebastião dos artilheiros, e o som marcial executado pelas bandas de músicas religiosas e militares filarmónicas locais, muito se aproximava da componente militar” (*Ibid*).

O Tenente-General António Marquês Abrantes dos Santos – Provedor da Irmandade – refere que a participação das bandas militares na procissão da Senhora da Saúde se mostra indispensável para a manutenção da estrutura processional:

A gente acaba por cadenciar a nossa marcha pela banda! Isso é uma realidade. Acaba por aqui ter mais ordem do que se não tivesse lá a banda. Isso é inevitável. Digamos que acontece sem que as pessoas se apercebam disso. Mas a verdade é que, quando a banda dá uma certa cadência e as pessoas enquadram-se a cadência, portanto, dá uma maior movimentação mais harmônica do que se não tivesse lá uma banda. Daí a importância das bandas! Eu preocupo-me muito quando não tem uma das bandas. Quando são menos eles [os músicos] têm que se esforçar mais, porque se elas [bandas militares] vierem todas cobrem o espaço de duas. Portanto, uma quando está em descanso a outra acaba por fazer as duas. Eu me preocupo e houve aqui um ano em que houve um mal-

entendido¹⁶⁷ ali da parte do Ministério da Defesa em assumir: “não é preciso tantas bandas, vai só uma por rotação”. Eu opus-me a isso e nessa altura já não foi possível corrigir e virem todas, mas mesmo assim, há uma coisa curiosa que pouca gente sabe. Nesse ano, a banda da Marinha que, de acordo com a diretiva do Ministério da Defesa não ia participar, o chefe do Estado Maior da Armada assumiu e a banda veio. Isso é uma coisa que aconteceu e eu fiquei muito agradado, obviamente agradei ao chefe Maior da Armada, porque ele assumiu e disse: “a banda da Armada vai participar”. Imagine essa procissão só com uma banda! (entr. Tenente-General de Artilharia António Marquês Abrantes dos Santos provedor da Irmandade, 17/7/2014).

Ao colocar a *performance* musical das bandas como elemento estruturante da ordem social na procissão, o Provedor está a reproduzir uma tradição militar que liga a música às ações militares, cabendo-lhe frequentemente conduzir a movimentação da tropa, em particular durante as paradas (Carvalho, 2006). No entanto, esta construção simbólica difere de uma parada militar, pois nesta as Forças Armadas desfilam em saudação formal às autoridades constituídas (DaMatta, 1984, p. 87).

O depoimento do tesoureiro da Irmandade – o Tenente Coronel Pedro de Sousa – também confirma a principal função das bandas militares na procissão dos Artilheiros na movimentação do desfile:

Todas as bandas que integram a procissão têm um papel comum; naturalmente tocando marchas graves. Elas vão perto da representação da respectiva força, muitas vezes associando aquele andor, por exemplo: atualmente a banda do Exército vai perto do andor de São Sebastião. A banda dos bombeiros de Lisboa vai junto ao andor de Santo António (Santo António é o padroeiro de Lisboa), a delegação da câmara Municipal de Lisboa vai junto ao andor de Santo António, portanto, a banda dos bombeiros que é da Câmara do Município vai junto dessa delegação. A banda da Marinha, por exemplo, costuma ir junto do andor de Nossa Senhora da Saúde e a Banda da GNR, curiosamente, costuma ser a última em termos do desfile e, costuma ficar no final, depois de ter tocando as marchas de procissão. Tem em termos protocolares, a função de tocar o Hino Nacional. Todas as

¹⁶⁷ Por questões éticas, o Senhor General não informou o ano, nem o nome do responsável pelo Ministério da Defesa que tentou delimitar o número de bandas militares na procissão.

bandas, entretanto, deixaram a procissão e a banda que fica no final, também é a última que vai no desfile para tocar e fazer o protocolo final que é, tocar o Hino Nacional (entr. Ten. Cor. Marquês de Sousa, 17/7/2014).

Para o Sargento-Mor António Saraiva, que pertence à BMGNR, o papel da banda na procissão vai além da execução das marchas graves e do hino da Senhora da Saúde e o Hino Nacional. Para esse militar músico, o grupo destaca-se dos congéneres principalmente pela posição que ocupa no cortejo processional, pois a BMGNR está inserida na secção onde participam as autoridades, bem como a Mesa Administrativa da Irmandade:

Essa procissão da Senhora da Saúde nós chamamos a procissão dos Artilheiros, pelo cariz militar. Nós praticamente fazemos essa procissão quase todos anos. Eu participei várias vezes como músico. Nós somos considerados a banda da procissão, pois somos nós que vamos atrás do pátio, onde vai a entidade religiosa maior/máxima. Também somos nós que fazemos o encerramento e, no final executamos o hino de nossa Senhora da Saúde e acabamos por executar o Hino Nacional português (entr. Sgt Mor Saraiva, 12/6/2015).

Por outro lado, o Sargento-Mor Francisco Pinto, que foi o maestro a Banda na procissão em 2013, destacou que a procissão dos Artilheiros se enquadra na categoria de “serviço marcial” e, na sua perspectiva, o protagonismo da BMGNR neste acontecimento cumpre um papel de destaque, pois é o grupo de “referência” da procissão, principalmente pelo repertório marcial que executa. Esse músico militar refere que:

Ultimamente, nos últimos anos fui eu quem chefiou a banda na procissão da Senhora da Saúde. A banda tem como papel tocar as marchas em todo o trajeto, intercalando com as outras bandas militares. Desde que não interfira, em termos se elas tiveram a tocar. Em princípio, a banda está a marcar, para não interferir em termos de som. Mas quando eles pararem, começamos nós, porque o percurso é muito grande e, portanto, torna-se muito cansativo. Então, temos que participar! E a nossa banda da Guarda é considerada, a banda de referência, pois toca o hino da Senhora da Saúde e Hino Nacional no final. Portanto, somos também, a primeira banda a chegar e a última banda a sair desse evento! Para nós é um prestígio, claro! Não sei se será por sermos a banda mais antiga,

mais também, se calhar, pela qualidade também. Então, a banda da Guarda sempre fica para tocar o hino da Senhora da Saúde e o Hino Nacional no final da procissão (entr. Sgt Mor Francisco Pinto subchefe da BMGNR, 12/6/2015).

Em seguida passo a documentar essa experiência no terreno, onde descrevo desde os preparativos (ensaio) da BMGNR no Quartel da Ajuda até ao desfecho da procissão.

6.4 A BMGNR na procissão – preparação e saída

Logo após decidir que iria escrever sobre a procissão da Senhora da Saúde, fui ao encontro do chefe da Banda Marcial da GNR (Sargento-Chefe José Ribeiro) para que me esclarecesse acerca de alguns tópicos: de que forma tinha ocorrido a participação do grupo nos anos anteriores, a organização dos ensaios para o ano em curso, os critérios para a escolha do repertório, o efetivo designado nos anos anteriores e para o ano em curso, critérios para a escolha do uniforme a ser utilizado, e quais os horários e os trajectos da procissão. Assim, na semana anterior à procissão, mais precisamente, na sexta-feira pela manhã, observei que havia sido fixado no quadro de atividades da Banda a nomeação dos músicos que iriam participar¹⁶⁸ (A lista dos músicos nomeados consta em anexo xviii), com indicação dos respectivos instrumentos, horários em que eles deveriam estar prontos no quartel para o transporte até o local previamente estabelecido para o início da procissão, e qual o tipo do uniforme a ser usado. Conforme ainda observei no quadro de atividades, apenas um ensaio foi programado para a “Banda nomeada” como preparação para a procissão¹⁶⁹.

O ensaio da banda estava marcado para o domingo dia cinco de maio às 13h30 no quartel da Ajuda. Neste dia, estava muito ansioso com o que ia encontrar pela frente. Levantei cedo, coloquei as baterias das câmaras de vídeo e fotográfica para carregar, verifiquei se os cartões de memória estavam com espaço livre, organizei os equipamentos em cima da mesa, separei a câmara fotográfica para a minha esposa Déborah (que me auxiliou principalmente, nos

¹⁶⁸ Os critérios para a nomeação dos músicos da Banda para os concertos são determinados pelo chefe Major João Cerqueira, de acordo com a natureza da missão que o grupo irá participar. Normalmente, no meio militar, os menos graduados são convocados. No caso particular da procissão, como se trata de um evento de grande porte, foi determinada pelo chefe da Banda a formação da Banda Nominada (BN), constituída por sessenta e seis músicos da Banda Sinfónica e cinco violinistas (menos graduados) integrantes da Orquestra da Câmara, executando os seguintes instrumentos de sopros, a saber: 2º SAR José Frasquilho – clarinete; 2º SAR Francisco Rato – sax tenor; GUARDA Nelson Gomes – sax alto; GUARDA Nelson Nogueira – barítono e o GUARDA Sidónio Araújo - sousafone. Como é possível perceber, os músicos que executam instrumentos de cordas friccionadas na Banda ou na Orquestra de Câmara em alguns momentos são convocados para tocar instrumentos de sopros ou percussão.

¹⁶⁹ Neste estudo não me aprofundi acerca da *performance* musical da Charanga na procissão, pois esse grupo apesar de fazer parte da GNR, os seus membros não pertencem ao Quadro onde estão inseridos os músicos das Bandas Sinfónica e Marcial, Fanfarra e Orquestra de Câmara.

registos das imagens). Após organizado todo o material, nomeadamente constituído por bloco para anotações, uma câmara de vídeo e uma fotográfica, um gravador de voz, um tripé para a câmara de vídeo e uma garrafa com água, coloquei-os na bolsa e fiquei aguardando o horário da saída.

Cheguei no portão da Guarda da GNR às 13h10, saudei os dois militares de serviço e informei-os que iria assistir ao ensaio da banda. Quando cheguei na parte interna das instalações da banda estavam cerca de quinze militares. Esse espaço é dividido em três partes. No primeiro, que dá acesso à sala de ensaio da banda, existem quadros de planeamento fixados nas paredes, onde são pregadas as ordens de serviços diários, semanal e mensal dos grupos. Também são neles afixados os planeamentos das atividades dos Cursos de Formação, Promoção, Comendas e avisos diversos. Na segunda sala, existem armários onde os músicos colocam os uniformes e, na última, fica uma grande casa de banho.

Os espaços acima descritos, além do uso já mencionado, são também utilizados como recinto de convívio, aquecimento dos instrumentos antes do ensaio, bem como, já que dispõe de casa de banho, higiene pessoal e troca e retoques nos uniformes. Ao entrar na sala, saudei os músicos e o Sargento-Chefe, primeiro clarinetista, veio ter comigo. Ele estava fardado, com o clarinete na mão, a estante para as partes fixada na parte inferior do instrumento, já a postos para ensaiar. Perguntei-lhe sobre o percurso da procissão e ele falou-me que é longo e a temperatura daquele dia estaria em torno de 24°C, e que, com o sol forte teriam uma árdua missão, tendo em conta que o uniforme de gala em um dia de calor, torna-se inadequado para a ocasião. No seu entendimento os músicos deveriam usar um uniforme mais adequado ao clima da primavera, com tecidos mais leves. Mencionei que era a primeira vez que ia assistir a uma procissão que reuniria várias bandas militares e sentia-me um tanto ansioso. Após o término da conversa entrei na sala de ensaio, sentei-me numa cadeira ao lado da porta de entrada aguardando o início do ensaio. Olhei para o relógio e percebi que faltavam 15 minutos para o seu início. Alguns músicos preparavam-se aquecendo os instrumentos, outros músicos juntavam-se e, dez minutos mais tarde, o espaço já estava todo ocupado. Como estava próximo da porta de entrada os músicos a passarem por ela, cumprimentavam-me e eu os retribuía com um aperto de mão. O recinto mostrou-se pequeno para acomodar os 82 militares nomeados para a procissão, carecendo de adicionar algumas cadeiras que se encontravam no hall de entrada. Por volta das 13h25 todos já se encontravam na sala sentados em seus respectivos lugares segurando os seus instrumentos. O Guarda que toca requinta levantou-se e distribuiu a cada naipe as pastas que continham as partes do repertório a ser ensaiado. A sala estava totalmente ocupada, de maneira que fiquei posicionado entre dois clarinetistas, registando os detalhes do ensaio.

Ao lado da porta de entrada estava um Guarda que toca contrabaixo acústico na banda sinfónica e na orquestra de câmara. Perguntei ao Sargento-Ajudante clarinetista, considerando que os instrumentos de cordas que precisam de se manterem em um determinado lugar durante a performance musical, sem possibilidade de mudanças bruscas, como

acontecem nas marchas, por exemplo, como se daria a participação desses músicos nesse tipo de evento? Ele respondeu-me que:

Todos os músicos que tocam instrumentos de cordas na nossa Banda, quando em um evento que é preciso desfilar, são escalados para tocar outros instrumentos, em sua maioria os instrumentos de percussão e que no caso específico daquele músico ele iria tocar bombardino, pois apesar dele ser contrabaixista, também se mostrou apto para executar esse instrumento (Anotações do caderno de campo, 2013).

Quando todos os militares nomeados para participarem naquele evento já se encontravam na sala, precisamente às 13h29, o Sargento-Mor Francisco Pinto (Maestro) nomeado para dirigir a banda entrou na sala. Todos ficaram em pé, inclusive eu. Saudou a todos, pediu silêncio e informou que iria fazer a chamada nominal dos músicos pela ordem dos instrumentos, conforme estava escrito na lista do quadro de atividades. Após a chamada, às 13h35 o oboísta tocou um (lá4=441 Hz) de referência para a afinação dos demais instrumentos. Os músicos foram ajustando os seus instrumentos de forma quase que simultânea e em aproximadamente um minuto o grupo já estava afinado. O maestro, ao perceber que todos estavam prontos para o início, anunciou que devido ao pouco tempo disponível para o ensaio iria fazer uma leitura de todas as obras musicais que comporiam o repertório para aquela atividade de forma ininterrupta e sem repetições. Reiterou, ainda, que durante o cortejo processional poderia repetir algumas das obras quantas vezes fosse necessário. Feitas as observações, anunciou que a primeira obra a ser ensaiada seria o hino da “Nossa Senhora da Saúde” (compositor Nina Marques Pereira), mesmo que durante o evento ela fosse executada somente no encerramento. O maestro posicionou-se, articulou os braços definindo o início e seguiu dirigindo a obra até o seu final. As demais obras foram executadas na seguinte ordem: 2ª - O templo de Diana (Sousa Moraes), 3ª - Imaculada da Ajuda (Antônio Mano), 4ª - Senhora da Flores (Nelson Jesus), 5ª - Corpo Místico¹⁷⁰ (Amílcar Moraes) e 6ª - Um Raio de Luz (Fernando F. da Costa). Todo o repertório foi ensaiado e executado em andamento de marcha grave.

Quando finalizado o ensaio da primeira música, o maestro convencionou que a percussão ficaria responsável pela articulação do início de cada uma das outras obras previamente sequenciadas, definindo que o caixista proporia o andamento a ser seguido e, da mesma forma deveria acontecer durante a procissão. Assim, a partir daquele momento, o caixa executava uma célula rítmica que definia o andamento a ser seguido pelos músicos. Para os militares saberem o momento preciso da entrada da música, o instrumentista que executava o bombo tocava uma

¹⁷⁰ A música Corpo Místico está com a indicação de tempo Marcha Solene. Perguntei ao Primeiro-Sargento chefe de naípe da percussão qual a diferença entre Marcha Solene e Grave. Segundo o meu interlocutor não há diferença entre os andamentos.

mínima como sinal de atenção e, passado alguns compassos efetuava mais três mínimas e logo em seguida, após uma pausa de um tempo, toda a banda iniciava a Marcha grave¹⁷¹, conforme exemplo abaixo:

The image shows a musical score for a percussion ensemble. The top staff is labeled 'Caixa' (snare drum) and the bottom staff is labeled 'Bombo' (bass drum). The score is in 2/4 time and begins with a common time signature (C). The 'Caixa' part starts with a quarter note followed by two eighth notes, then a series of eighth notes. The 'Bombo' part starts with a quarter note followed by a series of eighth notes. The score ends with a double bar line and the word 'Banda' written vertically on the right side.

Figura 17: Exemplo musical 5: Excerto utilizado pela percussão para determinar o andamento e o início da marcha grave

Ao longo do ensaio, o maestro manteve-se em uma postura firme, já prevendo a forma que ele teria que trabalhar durante o cortejo, indicando apenas as intensidades e o término da música, principalmente para o naipe dos instrumentos de percussão. Observei que o militar que estava ao meu lado, executando o primeiro clarinete, reclamava do tamanho das partes, que por vezes eram escritas à mão e com as notas muito pequenas, tornando-se de difícil execução, notadamente as colcheias e semicolcheias. A última obra ensaiada foi “Um Raio de Luz”. Às 14h15, o maestro encerrou o encontro, e pediu para quem ainda não estivesse com o uniforme completo que se paramentasse. Os músicos saíram da sala aos poucos, deram os retoques finais no uniforme, seguiram para os autocarros da GNR e pontualmente às 14h30 as viaturas deixaram o quartel da Ajuda.

O percurso até a capela da Senhora da Saúde demorou cerca de vinte e cinco minutos. Antes de chegarmos à igreja percebi que as ruas encontravam-se interditadas e os polícias de trânsito só permitiam o acesso de veículos autorizados. Às 14h50 os autocarros da GNR pararam ao lado da igreja e os músicos começaram a descer com os instrumentos. Como o sol estava muito forte, dirigiram-se para baixo da Esplanada da Mouraria, a poucos metros da capela, onde existia sombra. Nesse espaço havia mais de cem militares das Forças Armadas e de Segurança com uniformes diversos e entre os quais era possível distinguir os músicos por estarem com os instrumentos nas mãos à espera do início da procissão. Uma parte dos músicos da GNR ficou conversando entre si e a outra foi em direção aos músicos das outras bandas militares, tornando-se portanto um ambiente de convívio militar. Perguntei ao Sargento-Ajudante, que toca trompa, quais as bandas militares que estavam nos arredores. Ele olhou para os lados e mencionou a presença dos seguintes grupos: banda da Polícia de Segurança Pública, banda do Exército e a banda da Marinha.

¹⁷¹ Uma particularidade no repertório está relacionada a execução de Marchas Graves com a marcação do tempo: (♩=60) em compasso “4”. Segundo Paulo Lameiro: “As marchas religiosas dividem-se em Graves e Fúnebres, e destinam-se a dois fins: procissões e funerais. As Marchas Fúnebres tocam-se nas procissões da Semana Santa e funerais de adultos, enquanto para as restantes procissões, bem como nos funerais de crianças, se tocam as chamadas Marchas Graves ou simplesmente Marchas de Procissão” (Lameiro, 1998). Para o meu interlocutor, Tenente Coronel Marquês de Sousa, em Portugal as “Marchas de procissão” são designadas na sua forma mais tradicional por “Marchas graves” e conforme cita esse militar “grande parte dos compositores dessas marchas tocadas na procissão eram músicos do meio militar profissional ou maestros das bandas militares, nomeadamente da Guarda Nacional Republicana, da Marinha e do Exército (entr. Ten. Cor. Marquês de Sousa 17/7/2014).

Pelo que percebi, os agrupamentos militares e de Segurança que foram escalados para a procissão, bem como suas respectivas bandas, estavam reunidos há pelo menos uma hora antes do início da procissão. À medida que se aproximava o início do evento, alguns carros transportando autoridades civis e militares eram autorizados a passar pela barreira que restringia o acesso ao “espaço sagrado” e paravam ao lado da capela, enquanto homens e mulheres desciam em direção ao templo, e os veículos deixavam o local.

Após identificar as bandas de música, segui para a frente da igreja, com intuito de encontrar o coronel Teixeira, um dos organizadores do evento, e logo compreendi que o acesso ao interior da capela, bem como à imagem de Nossa Senhora da Saúde, que estava na parte externa do templo, estava restrito aos organizadores do evento. Os fiéis que desejavam aproximar-se do lugar reservado à imagem eram impedidos pelos seguranças do evento, só restando a opção de vê-la a uma distância de pelo menos 15 metros. Havia muitas pessoas nos arredores e entre elas observei uma religiosa que enverga um hábito, perguntando a um dos fiscais se era possível entrar na capela. O senhor respondeu que “só podiam entrar pessoas autorizadas”. Assim, diante da inacessibilidade do espaço público, optei em ficar próximo das bandas, a esperar pelo início da procissão.

Às 15h40 alguns homens que estavam em frente da igreja, pertencentes à Real Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião, deslocaram-se em direção ao andor de Nossa Senhora da Saúde, levantaram-no, e seguiram em direção à rua Senhora da Saúde que fica do lado esquerdo da capela. Pude observar que o andor estava posicionado em um palco, rodeado de flores e ex-votos¹⁷². As pessoas presentes aplaudiram o início da deslocação. Quando o andor chegou no lugar indicado, os homens o colocaram sobre vários tripés e rapidamente as corporações militares ali representadas iniciaram uma “formatura” como se estivessem preparando-se para uma parada militar.

Passados uns dez minutos percebi que se aproximavam três motos da divisão de trânsito da Polícia de Segurança Pública e uma viatura da GNR – que a partir desse momento serviram como batedores – e na sequência a Escolta a cavalo da GNR; a imagem de São Jorge montada (a cavalo)¹⁷³, com a proteção de um cavaleiro a pé segurando as rédeas e na retaguarda a Charanga da GNR montada a cavalo. À medida que os cavaleiros da GNR e a Escolta se aproximavam do Largo Martim Moniz, foi possível perceber a emoção dos espectadores, que a expressavam através das palmas, bem como a movimentação de fotógrafos com o intuito de registrar o encontro das imagens que

¹⁷² A enciclopédia Itaú Cultural, designa o termo “ex-voto” como sendo “pinturas, estatuetas e variados objetos doados às divindades como forma de agradecimento por um pedido atendido. Trata-se de uma manifestação artístico-religiosa que se liga diretamente à arte religiosa e à arte popular, despertando o interesse de historiadores da arte e da cultura, de arqueólogos e antropólogos”. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbeta=5433/ Acesso em: 16 mai. 2013.

¹⁷³ Segundo os esclarecimentos do Sr. Amadeu Rosa, a procissão é dividida em dois grandes momentos; o primeiro momento consiste na saída da imagem de São Jorge, montada a cavalo, do Castelo de S. Jorge, com início às 15h. O segundo momento ocorre após a chegada da imagem de São Jorge ao Largo do Marim Moniz, e tem início com a saída da procissão, às 16h.

estava prestes a acontecer. A imagem de São Jorge sobre o cavalo, com uniforme de batalha e armado com uma lança na mão direita passou naquela rua como se estivesse “revistando a tropa”¹⁷⁴, na ocasião representados pelas instituições civis e militares incluindo as bandas.

No momento que a imagem do cavaleiro Jorge chegou em frente à imagem de Nossa Senhora da Saúde, a escolta parou e a Charanga da GNR que vinha com seus músicos todos montados nos cavalos executou uma marcha de continência, levando os militares a ficarem na posição de sentido (Vide DVD anexo: exemplo 3). Assim que encerraram as saudações, a imagem do cavaleiro continuou a revista dos presentes e destinou-se para o espaço reservado “à infantaria ou aos guerreiros” que fica na frente do cortejo.

6.5 Início da procissão dos Artilheiros

Às 16h10 a procissão iniciou o seguinte itinerário de acordo com o mapa abaixo: Concentração e partida no Largo Martim Moniz; 2 – Rua do Benfornoso, 3- Largo do Intendente Pina Manique; 4 – Travessa do Cidadão Gonçalves; 5- Avenida Almirante Reis; 6- Rua da Palma; 7- Largo Martim Moniz; 8 – Rua Duarte; 9- Praça da figueira; 10- Rua dos Condes de Monsanto; 11- Rua Poço do Borratém e Rua do Arco do Marquês do Alegrete. Conforme mapa abaixo¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Revistando a tropa é uma designação usada no meio militar quando uma autoridade ou militar com alto posto visita uma corporação militar ou durante uma parada. Após receber as honras iniciais, é acompanhado pelo militar que o recebeu até o início da tropa e prossegue até o fim. É comum nas grandes paradas, como exemplo, o dia da Independência do Brasil as autoridades serem transportadas em Jipes, em virtude da grande extensão da tropa (Fontoura, 2011).

¹⁷⁵ No dia anterior da procissão encontrei na capela o Programa das Solenidades em Louvor de Nossa Senhora da Saúde – 2013, contendo informações alusivas às festividades que iniciaram no dia 29 de abril com a Cerimónia de Investidura da Imagem, missas, e sobre as Procissões das Velas no sábado dia 04, e no domingo dia 05 da Senhora da Saúde com o término das atividades. No folheto havia um pequeno histórico do significado “procissão” para o catolicismo, bem como os itinerários e os respectivos horários dos eventos. Para mais informações consultar o seguinte sítio: disponível em http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/Noticias/ficheiros/Procissao_Nossa_Senhora_da_SAÚDE_5_Maio.pdf/. Acesso em: 12 mai. 2013.

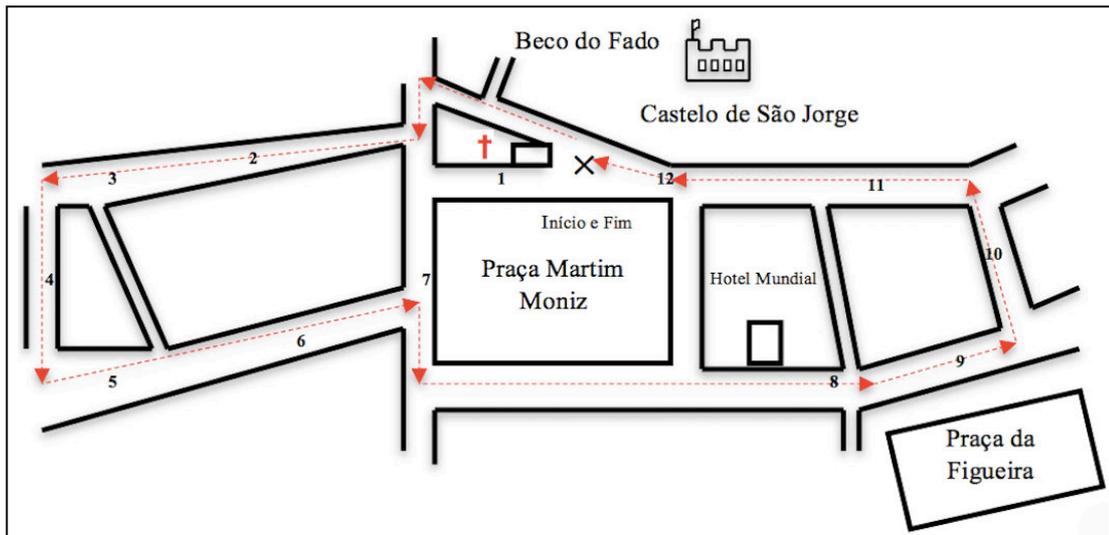


Figura 18: Itinerário da Procissão de Nossa Senhora da Saúde, Lisboa, 5 de maio de 2013

No momento que o cortejo foi iniciado, às 16h10, os cavaleiros da GNR cruzaram pela frente da capela da Senhora da Saúde e, à medida que a procissão passava, os andores eram transportados e sucessivamente incorporados na procissão por representantes das Forças Armadas e das Forças de Segurança. A última imagem a entrar na procissão foi a da Senhora da Saúde e a última banda militar foi a da GNR.

Observei que as bandas iniciavam as marchas quando ainda estavam diante da igreja e logo após seguiam o itinerário pela rua da Mouraria, conforme estava previamente definido pelos gradeamentos colocados no dia anterior no informativo na frente da capela. Nessa direção, assim como as demais, a BMG NR iniciou a execução da marcha grave O templo de Deus e os músicos deslocaram-se em passos lentos no corredor destinado para a ocasião. Logo que a procissão foi iniciada surgiu uma multidão de fiéis e pagadores de promessas que ocupavam a lateral esquerda da praça, cruzando o Largo Martim Moniz, separados dos participantes da procissão por um cordão humano composto por Policiais da PSP, onde era visível para os espectadores uma clara divisão¹⁷⁶ não admitindo, portanto, a confusão de papéis e posições entre autoridades e povo¹⁷⁷.

Em seguida, o povo juntou-se aos demais componentes da procissão. As barreiras que impediam a circulação no espaço público foram retiradas e o povo pôde acompanhar a procissão.

¹⁷⁶ Roberto DaMatta (1984) nos esclarece essa divisão ressaltando que “pular a corda ou passar por ela significa, nesse contexto simbólico, uma mudança significativa de posição social” (DaMatta, 1984, p. 88).

¹⁷⁷ O termo *povo*, na acepção de Roberto DaMatta, refere-se “a pessoa que não tem qualquer autoridade ou posição social” e faz parte dos ritos da ordem (procissões ou paradas militares) (DaMatta, 1984, p. 88).

Na rua da Mouraria, bem como nas demais ruas por onde a procissão ia passar, o espaço público foi ocupado pelos devotos, gentílicos, curiosos, turistas, que não seguiram no cortejo e queriam garantir um lugar com boa visibilidade da procissão. Nas sacadas das habitações da Mouraria, as janelas abertas foram adornadas com colchas que ocultaram com o seu colorido a fachada apagada dos velhos edifícios do Bairro.

Observei que antes da passagem da escolta a cavalo da GNR, duas motos da polícia de trânsito sinalizavam através dos intermitentes luminosos para os transeuntes deixarem a rua livre, pois a procissão aproximava-se. Na retaguarda das motos, alguns indivíduos que se encontravam sobre uma viatura lançavam rosmarinho nas ruas, pela qual o cortejo iria passar. A essência da erva tornava a rua perfumada e logo que a planta caía no solo, ligeiramente os devotos a apanhavam, de maneira que restavam poucos ramos da florzinha roxa selvagem na rua.

Ainda neste cortejo processional, começo a ouvir os sons da Charanga montada da GNR que foi o primeiro grupo de militares músicos a passar na rua da Mouraria. Os componentes estavam trajando o uniforme de gala da cavalaria, destacada pelo uso do capacete honorífico com penacho, luvas brancas e botas pretas de cano longo. Os cavalos diferenciavam-se dos demais da Escolta pela predominância da cor branca e adereços em vermelho¹⁷⁸, que consistiam de um xabraque e ligaduras em volta das patas dianteiras dos animais. A estrutura da charanga (cf. Anexo xix) distinguia-se das demais bandas envolvidas na procissão, pela inexistência de alguns instrumentos de percussão comuns às bandas militares, como as caixas e pratos. A ausência destes instrumentos, que são definidores na caracterização de uma marcha militar, imprimiu uma paisagem sonora particular a este grupo, a que se juntavam os sons emitidos pelos cascos dos cavalos nas pedras que revestiam as ruas.

A charanga estava formada por um quantitativo de dezanove elementos, assim organizados: três colunas (com seis elementos cada) e o maestro. O grupo que tocava instrumentos diversos consistia de quinze músicos, e incorporados a estes, mais três cavaleiros conduzindo as bandeiras das unidades militares a que pertencem e o comandante (maestro), que se destacava por levar um cetro na mão direita, através de cujo gestual, transmitia informações aos demais cavaleiros da Escolta. (Vide DVD anexo: exemplo 4).

No curso da procissão, a imagem de São Jorge despertava a atenção dos espectadores, principalmente por estar montada, diferenciando-se das demais imagens que estavam sobre os andores; naquele momento foi possível ouvir uma senhora com cerca de 70 anos que estava com o rosário nas mãos, comentando sobre as feições do referido santo, como muito próximas das dos seres humanos. A imagem do santo contrastava com as dos demais cavaleiros pelo uso de uma capa vermelha, armadura, bem como pelo porte de armas que consistiam de uma lança na mão direita e um

¹⁷⁸ Conforme um dos membros da Charanga da GNR, há duas cores predominantes que são utilizadas nos adereços dos cavalos durante a *performance* do grupo, a vermelha e a azul. Neste caso, conforme o meu interlocutor, a cor escolhida foi a vermelha, por se tratar de um momento solene.

escudo no braço esquerdo. A preponderância da cor vermelha foi notada durante a realização da procissão. Estava presente nos estandartes dos santos e das Irmandades, nas colchas de tecidos, nos tapetes colocados nas janelas das moradias, nos adornos dos cavalos, e foi a cor predominante nas pétalas das rosas atiradas sobre os santos e os fiéis durante a procissão.

Após a passagem da imagem de São Jorge, seguiram-se os demais membros da Escolta, que estava formada por doze cavaleiros, com as respectivas espadas desembainhadas na mão direita. Os cavalos diferenciavam-se dos demais, por não seguirem o mesmo padrão da cor, bem como pela ausência dos detalhes em vermelho nos membros anteriores e posteriores e nos xabraques abaixo das selas dos animais. Uma característica comum que observei nos cavaleiros militares da Escolta da GNR, incluindo a imagem de São Jorge, foi o uso de armas¹⁷⁹ na mão direita dos membros da Escolta, com exceção da praça que transportava o estandarte vermelho do referido santo.

Com a passagem da Escolta da GNR, seguiam-se os serviços de limpeza oferecidos pela Câmara Municipal de Lisboa, que era constituído de uma viatura e alguns colaboradores que munidos com vassouras realizavam a limpeza (de forma rápida) dos dejetos deixados pelos cavalos da GNR e os restos de rosmaninhos não coletados pelos fiéis, abriam espaço para as três viaturas vermelhas, tipo Land Rover do Regimento de Sapadores dos Bombeiros de Lisboa. A partir deste ponto inicia-se a sequência de cinco secções, já identificadas pelo Sr. Amadeu Rosa.

6.6 Secções da procissão

Primeira secção da procissão: a imagem de Santa Ana

Após a passagem das viaturas ligeiras dos Bombeiros, aproximou-se a imagem de Santa Ana colocada em um andor, ornamentado com flores brancas, amarelas e samambaias verdes. Esta foi a primeira imagem feminina da procissão que, diferentemente de São Jorge, foi transportada por agentes femininas da PSP. As polícias femininas estavam padronizadas com o uniforme de gala da instituição. Para transportar o andor durante o cortejo, revezavam-se em dois turnos, de quatro elementos cada um.

Quando o andor de Santa Ana se aproximava do ponto em que eu estava situado, foi possível ouvir a marcha grave que a Banda da PSP executava no início da rua do Benfornoso. Ao som desta marcha, as agentes que transportavam o andor, bem como os membros das irmandades desta secção, marchavam uniformemente, tendo a batida do bombo

¹⁷⁹ Embora as armas apresentadas pelos membros da escolta (as espadas e a lança) e os instrumentos musicais utilizados pela charanga possuam formatos, usos e funções diferentes, e tenham sido usados em períodos históricos distintos, no fundo, todos sem exceção, no contexto militar são revestidos de poder simbólico e são reconhecidos nesse meio como armas (Fontoura, 2011).

como referência para a pisada do pé esquerdo. Pelo que observei, e me foi posteriormente confirmado pelo Sr. Amadeu Rosa, as bandas militares foram distribuídas no cortejo processional para que os devotos pudessem ouvir a sonoridade das marchas graves, em suas respectivas secções, e conseguissem marchar sem interrupções. Nos momentos em que os grupos concluíam as marchas, as caixas continuavam marcando a cadência até iniciar a execução da próxima peça. À medida que a procissão passava, especialmente na rua da Mouraria e do Benfornoso, alguns residentes aproveitavam-se da posição elevada das sacadas dos apartamentos, para atirarem pétalas de rosas sobre a imagem de Santa Ana e os fiéis que participavam no cortejo.

Após o andor de Santa Ana, seguiam na retaguarda alguns policiais masculinos. Em seguida, vinham as crianças vestidas de anjinhos enfileiradas, cada uma com o seu acompanhante seguindo ao lado, de mão dada. Atrás dos anjos estavam posicionadas as Irmandades Religiosas com as suas vestes e pendões característicos.

Nesta secção, a banda da Polícia de Segurança Pública foi a primeira do género a desfilar na procissão. Os músicos estavam fardados com uniforme azul-escuro, quépi e sapatos pretos. Diferentemente dos instrumentistas, o maestro, bem como seu auxiliar estavam usando luvas brancas. O efetivo estava organizado em quatro colunas (com onze elementos cada), com exceção da penúltima linha onde apareciam apenas dois músicos, totalizando quarenta e dois elementos, incluindo os maestros. A banda dispunha de vários instrumentos musicais (cf. Anexo xx).

A sonoridade da banda da PSP ecoava na rua estreita do Benfornoso (Vide DVD anexo: exemplo 5). Os sousafones brancos na última linha da estrutura da banda com o símbolo da corporação e nome em letras grandes “Polícia de Segurança Pública - Portugal” foram objeto de destaque. Após a banda da PSP, passaram três homens, não uniformizados de militares, que estavam transportando objectos católicos sagrados. O do centro carregava a Cruz Processional com a imagem de Jesus Cristo ao meio, e os das laterais direita e esquerda, carregavam castiçais com velas nas pontas. Em seguida, vinham três senhores transportando o Pendão de Santo António.

Segunda secção da procissão: a imagem de Santo António

A imagem de Santo António foi a segunda transportada na procissão da Senhora da Saúde. Para o transporte, a escolta de honra do andor, foram designados doze elementos do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa, distribuídos pelos lados, em dois turnos de seis elementos. O andor estava ornamentado com flores brancas e samambaias verdes. Pelo que foi possível observar, as dimensões eram maiores do que a imagem de Santa Ana, e por isso necessitava de maior força física para o seu transporte.

A cidade de Lisboa aparecia representada pelo presidente da Câmara Municipal, acompanhado pelas demais autoridades constituídas, os vereadores e presidentes das Juntas de Freguesias. Como é possível observar na figura 17, o então presidente da CML estava protegido “no centro” por vários elementos da Polícia Municipal e alguns elementos em trajés civis. A comitiva das autoridades¹⁸⁰ constituídas, que representavam o poder político na ocasião, podia ser identificada no cortejo, através do Estandarte da Câmara Municipal de Lisboa, o qual, estava sendo transportados por um dos de três Contínuos escalados.



Figura 19: Autoridades civis na procissão da Senhora da Saúde, Lisboa, 2013

Fonte: pesquisa de campo 2013

Durante a passagem das autoridades na rua do Benfornoso, foi possível observar, que dentre os representantes do Estado e da Autarquia, destacava-se o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que por vezes seguidas acenava para os espectadores que estavam observando a passagem da procissão. Em seguida, foi a vez da passagem da delegação de Bombeiros Voluntários da área Metropolitana de Lisboa. Após a passagem dos Bombeiros Voluntários, ainda era possível ouvir-se, mesmo que distante, o som executado pela Banda da PSP, na estreita e longa rua do Benfornoso e, com maior intensidade sonora, podia-se perceber através dos sons agudos da lira e as batidas fortes das caixas a aproximação da Banda do Exército. Em seguida, o Pendão de Santa Bárbara, conduzido por dois elementos, anunciava que a imagem iria passar na procissão.

¹⁸⁰ A representação das autoridades políticas na procissão de Nossa Senhora da Saúde, fez-se notar através do presidente da Câmara Municipal da cidade de Lisboa, na pessoa de António Costa, representantes das Freguesias e da primeira dama Maria Cavaco Silva.

Terceira secção da procissão: as imagens de Santa Bárbara e São Sebastião

A imagem de Santa Bárbara foi a terceira imagem transportada em andor, e a segunda das duas do sexo feminino. Ambos os andores foram transportados por mulheres, sendo este último conduzido por militares do Pelotão Feminino de Polícia da Força Aérea, distribuídas em três turnos de quatro militares. Nas laterais do andor existia uma escolta de honra formada por doze Cadetes da Artilharia da Academia Militar.

O andor de Santa Bárbara estava ornamentado com flores amarelas, vermelhas em maior quantidade e samambaias verdes. As militares que transportaram a referida imagem estavam padronizadas com uniformes camuflados¹⁸¹ e botas pretas com destaque para os cadarços brancos. Os demais membros da escolta de honra nas laterais, estavam usando o uniforme de gala cinza claro. Pelo que percebi nesta secção, que compreende os andores de Santa Ana e São Sebastião, deveriam dispor do auxílio sonoro da banda da Força Aérea, o que não se veio a verificar¹⁸². Outra diferença que observei nessa secção, foi a pouca participação das Irmandades ou agrupamentos de militares nos intervalos dos andores de Santa Bárbara e São Sebastião, restando apenas alguns devotos e os condutores do Pendão vermelho contendo a imagem do santo.

A imagem de São Sebastião foi a quarta na ordem hierárquica e a penúltima na procissão. Os sons das marchas graves executadas pela Banda do Exército serviam como referência para a sincronização dos passos dos elementos do ritual, principalmente os que estavam próximo ao andor de São Sebastião. Na condução do andor de São Sebastião foram escalados dois turnos, formados por quatro militares cada, do Regimento de Artilharia Antiaérea e por uma escolta de honra nas laterais do andor, constituída por doze Cadetes da Academia da Força Aérea, padronizados com uniformes de gala azul escuro da instituição. A ornamentação do andor de São Sebastião apresentava similaridades ao andor de Santa Bárbara, principalmente em relação às cores das flores, sobressaindo as cores vermelhas que enfeitavam o andor.

No intervalo entre o andor de São Sebastião e a Banda do Exército seguiam diversos militares das Forças Armadas usando uniforme de gala, organizados em grupos identificados por pendões que eram conduzidos por alguns daqueles militares. Pelo que pude observar, esta secção da procissão foi a única formada exclusivamente por militares (na maioria membros do Exército).

¹⁸¹ Para conferir detalhes sobre os uniformes da Força Aérea portuguesa, vide a publicação do Diário da Republica – I Série – B nº 240. 16-10-1997. Disponível em: < <http://www.dre.pt/pdfgratis:1997:10:240B00.pdf> > Acesso em: 26 mai. 2013.

¹⁸² Com o intuito de esclarecer tal questão, na semana que aconteceu o evento, questionei o maestro da Fanfarra da GNR sobre a ausência da Banda da Força Aérea na procissão, sendo informado que a referida banda não participaria por estar envolvida em uma outra atividade.

A banda do Exército foi a segunda a desfilar na procissão. O grupo estava posicionado entre os andores de São Sebastião e de Nossa Senhora da Saúde, tornando-se de fácil identificação pelos símbolos fixados em vermelho nas partes superiores dos sousafones, contendo o nome Exército, símbolo da instituição, e o nome Portugal; esta banda também teve grande impacto em virtude do grande volume sonoro gerado (devido a um número de efetivos superior à banda anterior). Os integrantes estavam padronizados com o uniforme de gala de cor cinza, contrastando as gravatas e os sapatos pretos. Os maestros e seus auxiliares diferenciavam-se dos demais, pela posição que ocupavam na frente do grupo e pelo uso de luvas brancas. A Banda estava disposta em cinco colunas (com doze elementos cada) com um contingente de 60 militares músicos que executavam os instrumentos de sopros e percussão aditados a estes, um maestro principal e dois auxiliares, totalizando 63 elementos (cf. Anexo XXI) (Vide DVD anexo: exemplo 6).

A penúltima paragem para observar a procissão foi na extensa rua da Palma. Os organizadores pediram para a Escolta a cavalo da GNR parar e aguardar que os devotos se aproximassem, evitando-se que houvesse intervalo entre as secções. A paragem demorou cerca de dez minutos. Os músicos da charanga da GNR executavam uma peça enquanto as cinco secções se agrupavam e voltavam a marchar. A rua da Palma e a rua Almirante estavam ocupadas por fiéis que aguardavam a passagem da padroeira da festa (a Senhora da Saúde). Após a passagem da banda do Exército, surgiu um grupo de paramédicos, os médicos e enfermeiros/as dos hospitais civis de Lisboa, bem como os médicos e enfermeiros/as dos hospitais militares, com seus respectivos pendões representativos¹⁸³. Em seguida passaram os Irmãos/ãs da Real Irmandade e as delegações da Cruz Vermelha Portuguesa e os combatentes do ex-ultramar.

Quarta secção da procissão: a imagem da Senhora da Saúde

A imagem da Senhora da Saúde foi a última a passar no cortejo processional, seguindo-se por centenas de devotos e, por último, o povo. Entre eles, alguns destacavam-se por levarem velas acesas nas mãos, e outros por marcharem descalços no asfalto quente. Como já fiz referência antes, muitos fiéis optaram por não marcharem na procissão, permanecendo nas calçadas das ruas reservadas para a procissão ou nas sacadas dos antigos prédios do bairro da Mouraria. O estandarte elevado, com a figura da santa ao centro e flores estampadas nas bordas, estava sendo transportado por um membro da irmandade, de forma que anunciava a passagem da Senhora da Saúde logo em seguida. À medida que o andor da imagem passava pelo itinerário, as pessoas aplaudiam, jogavam pétalas de rosas, e muitas delas tentavam se aproximar para tirar fotografias ou tocar no andor. Pelo que observei, o andor da imagem estava ornamentado com flores naturais. A Imagem da Senhora da Saúde trazia nas mãos um ramo de rosas

¹⁸³ A representação dos profissionais da área da saúde na procissão, vestidos de branco é uma alusão aos milagres atribuídos a Senhora da Saúde em Lisboa que ao longo dos últimos cinco séculos tem protegido a cidade, principalmente em períodos de calamidades.

amarelas, e trajava um vestido e véu com flores desenhadas, e usava uma coroa com uma cruz na parte superior, sobre cabelos naturais de cor negra. Na figura abaixo podemos confirmar essas características.



Figura 20: Imagem de Nossa Senhora da Saúde, Lisboa, 2013

Fonte: pesquisa de campo, 2013

Enquanto na condução das demais imagens da procissão foram escalados militares de ambos os sexos das Forças Armadas ou das Forças de Segurança ou Bombeiros, para a condução do andor da Senhora da Saúde, que julgo a mais importante na procissão, foram nomeados civis¹⁸⁴, que formaram três grupos de oito elementos cada; apresentavam-se com uniformes padronizados, distinguindo-se dos militares pelo uso da capa branca e opa azul claro. No entanto, pelo que percebi, apesar dessa concessão aos civis, nas laterais do andor da imagem da Senhora da Saúde estava disposta uma escolta de honra composta por doze cadetes militares da Escola Naval e, na retaguarda do andor, um grupo de vinte e quatro militares provenientes das Unidades sediadas em Lisboa.

Para auxiliar na sincronia dos passos dos elementos envolvidos nesta secção, podia-se ouvir com grande intensidade os acordes das marchas graves executadas pela Banda da Marinha, que estava a uma distância de aproximadamente quinze metros na retaguarda do andor. No intervalo entre o andor da imagem e a banda da Marinha, além dos militares das Unidades sediadas em Lisboa, havia diversos adultos que pagavam promessas e que, por vezes, dificultavam o deslocamento da referida banda, principalmente nas ruas estreitas da Mouraria e do Benfornoso.

¹⁸⁴ Ao questionar o Sr. Amadeu Rosa sobre essa particularidade ele referiu que no dia anterior à procissão os interessados em transportar o andor da Senhora da Saúde inscrevem-se como voluntários para essa função.

A banda de música da Marinha foi a penúltima a desfilar na procissão da Senhora da Saúde. À semelhança das demais bandas envolvidas no evento, os sousafones brancos destacavam-se dos demais instrumentos, apesar de nestes não estarem estampados o nome e símbolo da instituição. O grupo desfilar com uniforme de gala, diferenciando-se das bandas militares de Segurança pela cor preta e quípi branco (Vide DVD anexo: exemplo 7). Pelo que observei e descrevi na página anterior, esta secção contou com maior quantitativo de membros da Marinha, que foram os responsáveis pela escolta de honra do andor da Senhora da Saúde, ao mesmo tempo que a sua banda foi a responsável pela execução das marchas. A banda da Marinha estava estruturada em seis colunas, contendo onze militares em cada, e acrescidos a esses, o maestro e dois auxiliares (cf. Anexo xxii).

Após a passagem da banda da Marinha, desfilar em três colunas o Pelotão de Fuzileiros Navais com uniforme preto, cujos militares podiam ser identificados pelas insígnias amarelas e vermelhas. Após estes, passaram alguns membros do Corpo Nacional de Escutas, uniformizados e agrupados em três colunas.

Quinta secção da procissão: autoridades eclesiásticas (Pálio)

A partir deste momento, iniciou-se uma nova secção na procissão, desde logo visível nas diferenças do traje dos seus integrantes. Na frente deste grupo estavam organizados três Acólitos, levando cruz e castiçais. Os religiosos, à semelhança dos militares envolvidos na procissão, achavam-se organizados em colunas e linhas. Durante a marcha, alguns deles estavam com a cabeça levemente baixada, como se estivessem rezando e portavam rosários entre as mãos cruzadas a frente do corpo¹⁸⁵.

No curso da procissão passaram os religiosos que estavam responsáveis pelos transportes dos turíbulos (queimadores de incenso), que são comumente utilizados nos rituais da igreja católica, e na procissão circulavam à frente do lugar reservado ao pálio¹⁸⁶. Sob o pálio, foi possível observar a presença dos representantes das autoridades católicas, através do Arcebispo de Lisboa e seus respectivos auxiliares, que se destacavam entre os demais religiosos na procissão. Para a condução do pálio, estava escalada uma guarda de honra formada por Aspirantes Tirocinantes da GNR Interna. Na retaguarda, estavam dispostos Cadetes do Instituto Superior de Ciências Policiais e de Segurança, padronizados com uniforme de gala da instituição e, no centro das colunas, alguns militares cuja corporação não foi possível identificar.

¹⁸⁵ A esse respeito, Roberto DaMatta (1984) cita que “[...] nos ritos da ordem em geral, e nos rituais religiosos em particular, o comportamento é marcado pela contrição e pela solenidade que concretizam nas contenções corporais e verbais” (DaMatta, 1984, p. 85).

¹⁸⁶ A palavra Pálio significa sobrecéu portátil, suspenso por meio de varas, que serve nas procissões para cobrir o sacerdote, a hóstia consagrada, ou imagem venerada. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/p%C3%A1lio/>> Acesso em: 27 mai. 2013.



Figura 21: Autoridades religiosas na procissão da Senhora da Saúde, Lisboa, 2013

Fonte: pesquisa de campo, 2013

Após a passagem dos religiosos, seguiram-se os membros da Mesa Administrativa da Real Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, membros das entidades civis e uma escolta formada por doze militares do Exército.

Nesta quinta e última secção a BMGNR foi a última a marchar na procissão. O grupo diferenciava-se dos congéneres por possuir o maior número de elementos 81 (oitenta e um), e por dispor de apenas uma instrumentista do sexo feminino, usando saia, que se destacava na formação. Outro ponto de destaque da instituição foi notado através no uniforme de gala da GNR, onde sobressaíram os detalhes em verde na parte superior do quépi e nas duas listras verticais da mesma cor nas calças dos músicos. A cor branca dos cordões, que estavam dependurados nos ombros esquerdos dos militares, e o bronze das agulhetas que estavam na ponta dos cordões e as charlateiras nos ombros dos músicos, contrastavam com o azul escuro do uniforme de gala (Vide DVD anexo: exemplo 9).



Figura 22: Banda da GNR na procissão da Senhora da Saúde, Lisboa, 2013

Fonte: pesquisa de campo, 2013

Diferentemente das demais bandas envolvidas no referido evento, a instituição dispunha apenas de um maestro, apesar do grupo possuir um maior quantitativo de elementos. A banda estava organizada para a performance musical na procissão em cinco colunas (com 16 elementos cada), totalizando 81 músicos, incluindo o maestro (cf. Anexo xxiv). Após a passagem da BMG NR, do lugar onde eu estava, pude observar que havia um espaço de aproximadamente cinco metros que a separava de um cordão humano de proteção formado por dez agentes da PSP, impedindo a passagem do povo que seguia a procissão. Para prestar assistência caso fosse necessária, encerrava o cortejo uma ambulância e uma viatura do Regimento de Sapadores Bombeiros.

6.7 Final da procissão

A última paragem para realizar os registos durante a realização da procissão foi efectuada na lateral direita da praça Martim Moniz. Foi o local mais próximo que consegui, pois tornava-se impossível o acesso ao espaço público reservado para a missa campal. O cenário nas adjacências da capela estava organizado para receber os elementos envolvidos na procissão, conforme a disposição inicial da estrutura, que iam parando na rua Senhora da Saúde na lateral esquerda da capela, à medida que chegavam ao Largo. Para restringir o acesso, as barreiras foram recolocadas nas calçadas do Largo Martim Moniz e nos arredores da capela da Senhora da Saúde, de maneira que a assistência não tivesse acesso às proximidades da capela, restando a opção de ficarem no Largo ou na Esplanada da Mouraria (a uma distância de aproximadamente trinta metros do dispositivo reservado à celebração da missa). À medida que as secções passavam em frente da capela, os andores iam sendo recolhidos ao seu interior, e todas as bandas foram

destroçando, à exceção da Escolta de São Jorge, onde estava a Charanga da GNR, que permaneceu formada do lado esquerdo da capela. Quando por último chegou a secção da Senhora da Saúde, com as autoridades católicas e os membros da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, a expectativa entre os presentes já era grande.

Às 17h59 avistei o Estandarte de Nossa Senhora da Saúde que se aproximava do Largo Martim Moniz, ao mesmo tempo que comecei a ouvir o som da marcha executada pela banda da Marinha, que precedia o andor da referida santa. No momento em que o andor da Senhora da Saúde chegou ao Largo Martim Moniz, foi conduzido para junto do local onde estava a imagem de São Jorge, ainda montada sobre o cavalo da GNR, para as saudações finais, que foram realizadas da seguinte maneira:

A imagem de São Jorge foi conduzida, de forma que ficou frente a frente com a imagem da Senhora da Saúde. Um dos presentes (militar) gritou “apresentar arma”, neste momento os militares da Charanga da GNR executaram uma marcha de continência (Anotações do caderno de campo, 2013).

Assim que encerraram as saudações, a imagem de São Jorge regressou ao Castelo, e o andor da Senhora da Saúde foi colocado no espaço reservado para a missa campal, onde aguardavam as autoridades civis, militares e eclesiásticas. A partir desta ocasião, iniciou-se a celebração da missa campal, presidida pelo Arcebispo. Por falhas nos equipamentos de transmissão, as pessoas que estavam na praça, inclusive eu, não ouvíamos com clareza os detalhes da cerimónia. Após o final da missa, a BMG NR iniciou a execução do hino da Senhora da Saúde e, logo em seguida, o Hino Nacional Português, que obrigou os militares a ficarem em posição de sentido, virados para a imagem da Senhora da Saúde. O Hino Nacional foi entoado em uníssono pelas autoridades eclesiásticas, pelos militares e pelos civis, bem como pela assistência.

Em síntese

Ao longo deste estudo, pude constatar então que esta tradicional procissão atravessou mais de quatro séculos até os nossos dias, não obstante ter conhecido vários momentos de interrupção, especialmente em ocasiões em que o Estado Português rompeu relações com a Igreja Católica. Nesse percurso os agrupamentos musicais militares, tiveram e têm uma importância bastante acentuada no que se refere à contribuição da manutenção da estrutura procissional, uma tradição que não se perdeu no tempo.

Durante o meu trabalho de campo, foi possível perceber que esta procissão é (re)organizada anualmente pelos “Irmãos” que compõem a Mesa Administrativa da Irmandade de Nossa Senhora

da Saúde e de São Sebastião e para sair do adro há um conjunto de preparativos que obedece a uma diretiva que se prolonga quase ao longo de todo o ano. A Banda em estudo, tal como as outras bandas militares e a Charanga a cavalo, a nível da procissão, reforça a ideia de que a *performance* musical pode ser utilizada como um elemento decisivo para a definição e estruturação social do referido ritual.

7. CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo compreender o papel da *performance* musical da BMGNR enquanto elemento estruturante e reformulador de contextos sociais. Para tanto, inicialmente foi feito um levantamento dos estudos literários e académicos produzidos sobre as bandas militares com o fito de conhecer e discutir criticamente tal produção. Em seguida, foi realizada uma contextualização histórica da BMGNR no universo das bandas militares em Portugal, desde a sua emergência até 2016. Na sequência, tentou perceber-se as razões pelas quais os elementos da BMGNR elegem figuras e acontecimentos como representativos da sua história. A partir daí, foi analisada a vida musical da BMGNR no âmbito interno da Guarda Nacional Republicana. Por fim, foi feita uma reflexão sobre a atuação da BMGNR em eventos extraordinários realizados na esfera pública.

As primeiras historiografias sobre a música no contexto militar datam do final do século XIX e início do século XX e foram redigidos por músicos militares, principalmente europeus e norte-americanos, e têm em comum aspectos que enfocam, sobretudo, a origem e a funcionalidade das práticas musicais nos mais variados contextos militares. Assim, para justificar a trajetória da música e dos agrupamentos militares, os autores referenciados (vide cap. 2) buscaram fontes nos primórdios da antiguidade clássica, fundamentando-se em dados incertos e dispersos para legitimar uma historiografia sistemática. Percebemos, portanto, que a tónica desses estudos evidencia que os autores estavam muito preocupados com a função da música e em encontrar teorias explicativas que estabelecessem a sua relação funcional com agrupamentos militares e aquilo que é desígnio das Forças Armadas, a saber: combater, marchar ou ostentar o poder do Estado (Sousa, 2008; Pereira, 2010; Lourosa, 2012; Suzel & Brucher, 2013).

No que se refere aos estudos académicos produzidos na contemporaneidade, principalmente por musicólogos e etnomusicólogos, em sua maioria ligados ao ambiente militar, demonstraram perceber-los com uma densidade muito maior, já não as referindo como antes. É possível perceber isso, na literatura publicada em Portugal acerca da história da música e das bandas militares, mais precisamente a partir de 2006, em pesquisas de perfil historiográfico ou crítico realizadas no âmbito académico, em que os autores puseram enfoque nos seus respectivos agrupamentos militares. Essa orientação advém de uma intenção de construir a identidade da instituição à qual pertence o pesquisador.

Para Suzel Reily (2008), o olhar etnomusicológico não tem dado o devido valor à prática musical das bandas militares por elas não serem vistas como manifestações ‘autênticas’ do povo. Seu legado militar liga-as ao poder e à autoridade do Estado, os quais são responsáveis pela desagregação do mundo tradicional: a modernidade e o colonialismo (Reily, 2008, p. 23). Na verdade, a relação histórica que as Bandas mantêm com o Estado torna-se evidente, persiste no século XXI, tendo como ponto mais visível a participação nas paradas militares, onde é evidenciado o poder do Estado, através da exposição da sua força bélica e por grandes números de homens uniformizados e armados, marchando com passos sincronizados, conforme ocorre a cada ano em exposições públicas de força e garbo militar em todo o mundo. Nesses rituais de poder, a *performance* musical das bandas contribui para a uniformização dos gestos dos militares, onde todos se transformam num só corpo com verbalizações e desempenho em uníssono.

Nessas paradas, a *performance* musical da banda militar, executando hinos pátrios e marchas, produz um impacto visual e emocional na audiência, facto que auxilia na construção de uma representação simbólica de que o Estado detém todo o poder. A música, nestas “solenidades” ritualísticas no espaço público, contribui para a sensação nos militares envolvidos e na audiência de que nada será capaz de alterar a trajetória da parada. Trata-se de um ritual de poder e em todos os Estados nacionais modernos essas formas de desfile são (re)apresentadas anualmente no espaço público, embora com variações associadas às diversidades políticas e sociais de cada país.

Os resultados deste trabalho apontam também que as bandas militares atuam em diferentes espaços sociais, em virtude disso, a prática musical desta pode ser um recurso decisivo para vincular as pessoas ao Estado, principalmente em regimes totalitários, como o ocorrido durante o Estado Novo (1933 e 1974) em Portugal. Como foi possível vislumbrar na literatura consultada, inscrita sobretudo nos trabalhos académicos (vide cap. 2), o modo como a *performance* musical da banda militar, mais precisamente durante o Estado Novo, foi uma ferramenta utilizada para transmitir os ideais do regime autoritário da época e para a manutenção da ordem social e política. Na verdade, essa forma como a prática musical das bandas militares acontecia veiculava um acto de “*performance* de apresentação”, referida por Thomas Turino (2008) como “[...] situações onde um grupo de pessoas, os artistas, prepara e fornece música para outro grupo, a audiência, que não participa fazendo música ou dançando” (Turino, 2008, p. 26).

Após as transformações do 25 de abril de 1974, o ambiente social e cultural vivido em Portugal abandonou a tradicional atitude formal, outrora respaldada na disciplina e no “espírito militar”, o

que também se refletiu no repertório das bandas, as quais “adotaram um repertório mais ligeiro percorrendo o interior de Portugal em ações de divulgação da cultura [...]” (Sousa, 2008).

Os integrantes da Banda da GNR são funcionários públicos e fazem parte de um corpo musical formado por quatro membros, a saber: Banda Sinfónica e Banda Marcial, Orquestra de Câmara e Fanfarra. Utilizo a palavra ‘corpo’ de forma simbólica para ilustrar a dinâmica dos grupos que compõem a Banda e a sua relação com os diferentes contextos de atuação. Assim como o corpo tem membros diferentes e cada um desempenha funções particulares, assim também é a Banda. O músico é apenas um elemento que compõe algum dos membros desse corpo. Desse modo, não substituindo outro membro do corpo, ele funciona em cooperação, uma parte complementando a outra de forma unida sob a égide da hierarquia e disciplina militar.

Na GNR, os padrões de conduta são definidos e transmitidos aos militares, incluindo os músicos, desde o início do processo de formação destes nos cursos de Formação (Guardas e Sargentos) e Promoção (Cabos e Sargento-Ajudante), cuja instituição militar possibilita a formação e o aprimoramento intelectual dos seus membros, dando ênfase, principalmente à conciençialização do cumprimento dos valores morais e éticos e, sobretudo, ao dever de subordinação às autoridades superiores entre os diferentes postos e graduações.

O modo como a realidade é socialmente construída no quotidiano da Banda, conforme sugere Berger e Luckmann (2003, p. 40), constitui-se a partir de um mundo de ações intersubjetivas em que cada sujeito participa juntamente com os outros. De acordo com análise desses autores, a realidade é um conceito altamente individualizado, o que depende do conhecimento que cada sujeito tem ou mostra ter sobre a própria realidade ou circunstância. Esses conhecimentos são adquiridos e (re)lembrados aos militares da Banda ao longo da vida ativa nos cursos de Formação e Promoção. Ainda para Berger e Luckmann, a “realidade” é entendida “como uma qualidade pertencente a fenómenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos “desejar que não existam”) [...] sendo o “conhecimento” definido como “a certeza de que os fenómenos são reais e possuem características específicas” (Berger & Luckmann, 2003, p. 11). Desse modo, ainda para Berger e Luckmann, pelo simples facto das instituições existirem, “[...] controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta” (*ibid*, p. 80).

Todavia, os dados coligidos apontam que, apesar do esforço da instituição para quotidianamente padronizar o comportamento coletivo dos seus militares, o espaço social que constitui a BMGNR tem-se mostrado diferenciado, uma vez que a atividade musical tem sido um elemento reformulador das relações hierárquicas nos ensaios, aulas, reuniões, apresentações, bem como na flexibilização da atividade profissional dos músicos para alimentarem a vida musical portuguesa.

Dessa forma, apesar dos regulamentos militares GNR deterem certo controlo da vida dos seus membros (vide cap. 4), ao condicioná-los a uma série de regras e condutas próprias, a atividade profissional de músico militar considerar-se estar sujeita a um regime mais flexível, pelo facto dos elementos da Banda demonstrarem desenvolturas técnica no instrumento, de fornecerem serviços artísticos considerados relevantes para a sociedade e para a instituição e, por isso obterem um estatuto social diferenciado na caserna, conforme observei no terreno. Cabe destacar que essa prática é muito similar na Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte, da qual faço parte desde 1997.

No que se refere ao contributo das bandas militares, especialmente na formação musical dos seus instrumentistas no âmbito dos Quartéis, foi e continua a ser uma das formas de disseminação de conhecimentos musicais mais evidenciadas (Sousa, 2008). Nesse contexto, os saberes musicais adquiridos pelos músicos da GNR através de processos específicos de ensino, que são ministrados a cada ano nos Cursos de Formação e Promoção, mostraram-se imprescindíveis para os militares da Banda que pretendem ascender na estrutura hierárquica da GNR. Entretanto, uma parcela considerável de militares, principalmente os que foram admitidos nas duas últimas décadas, foram à procura de conhecimentos musicais nas universidades (nos cursos de graduação e mestrado) para complementarem os saberes adquiridos na GNR.

Dessa forma, conforme foi possível observar no terreno, acaba por existir dentro da Banda um processo circular e dinâmico com outras instituições de ensino formal da música, em que os militares músicos que adquirem conhecimentos musicais compartilham seus saberes com os membros da Banda, refletindo-se também na *performance* musical do grupo. Configura-se, portanto, um espaço que desenvolve ensino e aprendizagem da música, possibilitando a socialização dos conhecimentos entre os seus integrantes e interlocutores envolvidos neste processo.

Na história de sua trajetória, a Banda da GNR e a cidade de Lisboa têm uma constante convivência. Os mapas com a radiação dos serviços realizados pelos grupos entre os anos de 2013-2016 (Figura

3) dão conta que o distrito de Lisboa se mostra como o mais favorecido pelos concertos dos grupos. Além disso, no decorrer do trabalho, pude perceber o quanto a *performance* musical dos grupos está imbricada com outras tradições, a saber: a religiosa, a da família, política e a da música erudita europeia. Assim, para suprir com música esses diferentes espaços e contextos, quer seja nos rituais internos, quer seja nos eventos “abertos” para o público, os grupos cumprem uma rotina de ensaios no quartel da Ajuda, ensaiando repertórios ecléticos, com o objetivo de agradar aos diferentes públicos. O repertório executado pelos grupos da Banda congrega aspectos que podem ser considerados fundamentais para dar forma e identidade à sua *performance* musical, sendo permitido certo grau de variedade, na execução instrumental e dos repertórios. Isso, desde que essa variação não comprometa a configuração básica do fenómeno musical e o resultado sonoro que particulariza os grupos da BMGNR em relação às demais congêneres militares em Portugal.

Entre os diversos serviços realizados pelos grupos, o concerto de Ano Novo, em que também é comemorado o aniversário da Banda, realizado anualmente na primeira semana de janeiro pela Banda Sinfónica e pela Orquestra de Câmara mostrou-se para os meus interlocutores como o mais importante do calendário da instituição, pois nele é apresentado o que a Banda tem de mais expressivo em termos artísticos, nas dependências do Teatro de São Carlos, o mais emblemático do país, tendo como assistência autoridades como o Presidente da República, Ministros, altas patentes da Forças Armadas e outros convidados. A *performance* musical da Banda Sinfónica e da Orquestra de Câmara (grupos de excelência da instituição) nesse evento permite um contacto diferente entre esses “poucos convidados” e a GNR, daqueles que normalmente a Banda Marcial ou a Fanfarra oferecem no espaço público para a sociedade civil.

A participação dos músicos da Banda Marcial e Fanfarra na missa de ação de graças pela passagem do aniversário da Guarda, por sua vez, também apresentou aspectos particulares. À luz da análise de Victor Turner “Os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados” (Turner, 1974: 91). Nesse sentido, na *performance* musical dos grupos na missa foi possível verificar que as características estético-estruturais da música militar (toques de ordenação), bem como elementos que caracterizam o universo da GNR (uniformes, brasão, bandeira, padroeira) foram indissociáveis dos demais aspectos litúrgicos relacionados com aquela celebração católica.

A observação do quotidiano da Banda permitiu-me aferir que, independentemente das convicções religiosas de cada um dos músicos da Banda, é a lógica representativa e a disciplina que se impõem

quando os músicos são convocados para atuarem nos serviços religiosos da GNR. Essa prática comprova que o músico militar, enquanto integrante de uma instituição militar, está sujeito a uma série de normas que o obrigam a atender às demandas determinadas pela organização, independente de outros factores, como as convicções religiosas. Sugiro que essa questão seja estudada com mais dedicação em investigações posteriores.

Além da atuação na celebração litúrgica, a Banda também participou na *feira* em louvor à Senhora da Saúde, a qual se coloca como um dos principais eventos de turismo religioso do calendário Municipal de Lisboa. A procissão da Senhora da Saúde (também conhecida por procissão dos Artilheiros – em virtude da graça alcançada por esses militares, no século XVII) mostrou-se como um dos ingredientes desta *feira*, a qual se constrói principalmente com as corporações militares, com a encenação da vida quotidiana e com as crenças dos participantes e assistentes naquilo que nela é encenado (vide cap. 6). Estes são fatores que, reunidos no processo ritual, demonstram o quanto a religião católica está indissociavelmente imbricada com o poder do Estado Português. A procissão representa uma oportunidade única, na qual as autoridades civis, militares e eclesiásticas partilham do mesmo espaço e tempo. Além das autoridades constituídas seguiam milhares de devotos para prestar culto à Senhora da Saúde pelas promessas alcançadas, uma tradição que não se perdeu no tempo.

Nessa procissão, as *performances* musicais das bandas militares e a Charanga a cavalo da GNR contribuem de forma crucial para que a estrutura processional ganhe vida nas estreitas ruas do Bairro da Mouraria. Nela, a BMGNR, em particular, ganha especial importância pelo facto de a *performance* musical da Banda contribuir para que as autoridades eclesiásticas da Igreja Católica, bem como os militares de altas patentes da GNR sejam “enquadradas” pela cadência dessa Banda. Ainda nesse ritual, a Banda é responsável pela execução do hino nacional Português no encerramento da festa. Esse momento mostrou-se revelador do papel da *performance* musical da BMGNR que, neste contexto, parece funcionar como elemento estruturante da ordem social e política. Desse modo, a função da Banda na procissão reforça a ideia de que a música se evidencia a cada ano como um elemento de construção de consenso entre os poderes do Estado e da Igreja Católica.

Conhecer de perto essa Banda militar, permitiu-me concluir que a sua *performance* tem a música como principal elemento de expressão identitária, tanto por suas estruturas quanto por outros fatores que inserem o fenómeno musical em dimensões mais abrangentes do contexto

sociocultural. Essa característica faz da música um significativo elemento de representação simbólica, a qual pode estruturar e reformular contextos sociais diversos.

Esta investigação também terá contribuído para apontar que, para o estudo de fenômenos complexos como este, torna-se necessário mobilizar os conhecimentos de múltiplas áreas disciplinares para além daquelas em que me especializei.

Por fim, espero, que este trabalho tenha contribuído para uma compreensão mais sustentada da *performance* musical da Banda militar e, além disso, para o desenvolvimento da investigação em Etnomusicologia.

REFERÊNCIAS

- Abrahams, R. (1975). The theoretical boundaries of performance. In: M. Herdon, & R. Brunyate (Ed.). *Form in performance, hard-core ethnography* (pp. 18-27). Nova York, US: McGraw-Hill.
- Alferes, F. N. da S. (2012). *Hinos e marchas militares no Estado Novo (1933-1958): contributo para a história da música militar na propaganda do Estado Português*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras).
- Amaro, A. M., & Soares, M. M. R. T. (1991). *O trabalho e as tradições religiosas no distrito de Lisboa: exposição de etnografia*. Lisboa, PT: Governo Civil.
- Andrade, N. (2011). *100 anos Guarda Nacional Republicana [1911-2011]*. Lisboa, PT: Guerra e Paz.
- Ansart, P. (1978). *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Artiaga, M. J., & Silva, M. D. (2010). Música erudita. *Enciclopédia da música em Portugal no século XX*, 50, 854-870.
- Badaró, M. (2009). Dilemas da antropologia das instituições controvertidas: reflexões a partir de uma investigação etnográfica no exército argentino. *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Bannister, R. S. (1996). *Ethnomusicological study of music makers in an Australian military band* (No. Ph. D.). Australia: Deakin University.
- Bauman, Z. (1975). Verbal art as performance. *American Anthropologist*, 7(2), 290-311.
- Becker, H. (2010). *Os mundos da arte. Sociologia do trabalho artístico*. Lisboa, PT: Livros Horizonte.
- Béhague, G. (1984). *Performance practice: ethnomusicological perspectives*. Westport, US: Greenwood Press.
- Bell, C. (1992). *Ritual Theory, Ritual Practice*. New York, US: Oxford University Press.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2003). *A Construção Social da Realidade*. (23 ed.) Petrópolis, RJ: Ed. Vozes (obra original publicada em 1966).
- Binder, F. P. (2006). *Bandas Militares no Brasil: Difusão e organização entre 1808 e 1889*. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP).
- Birmingham, D. (1993). *A Concise History of Portugal*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- Bobbio, N. (2000). *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Campus.
- Booth, G. D. (2005). *Brass baja: stories from the world of Indian wedding bands*. New York, US: Oxford University Press.
- Bowie, F. (2000). *The Anthropology of religion: an introduction*. Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Blacking, J. (1990). *Venda's children songs*. Chicago, US: University of Chicago Press. (Obra original publicada em 1967).
- Blacking, J. (1995a). *How music is man?* (5. ed.) London, UK: University of Washington Press.
- Blacking, J. (1995b). *Music, culture e experience: selected papers of John Blacking*. Chicago, US: University Press.
- Bloch, M. (1941). *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Brito, J. C. R. (2006). *A banda da Guarda Nacional Republicana e os seus fagotistas*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa).
- Brito, M. C., & Cymbron, L. (1992). *História da música portuguesa*. Lisboa, PT: Universidade Aberta.
- Brucher, K. M. (2005). *A Banda da Terra: Bandas Filarmónicas and the Performance of Place in Portugal*. (Tese de Doutoramento, University of Michigan).
- Camus, R. F. (1975). *Military Music of the American Revolution*. Chapel Hill, US: University of North Carolina Press.
- Carvalho, V. M. de. (2006). *História e tradição da música militar*. Disponível em: <http://www.defesa.ufjf.br/arq/Art429.htm>. (consultado a 06 jun. 2014).
- Carvalho, R. de. (1996). *História do Ensino em Portugal*. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castro, C. (1990). *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Jorge Zahar.
- Castro, C., & Leirner, P. (org). (2009). *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Cavilha, J. (2009). *Das entrevistas aos rituais: dialogando com os militares. Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisa de campo* (pp. 129-149). Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Correia, L. (2006). *Bandas e Músicas Militares em Portugal*. Tese de Mestrado defendida na Universidade Nova de Lisboa.

- Coutinho, C. P. & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa. *Revista Portuguesa de Educação*, 221-243.
- Clifford, J., & Marcus, G. E. (eds.) (1984). *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkely, Los Angeles, London: University of California Press.
- Cutileiro, A. (1981). *Alguns subsídios para a história da Banda da Armada*. Lisboa, PT: Centro de Estudos de Marinha.
- D'Almeida, A. V. (2008). *Toda a Música que eu Conheço* (v. 1). Alfragide, PT: Oficina do Livro.
- O Diário da República – Primeira série A Nº 143 - 22 de junho de 2001, *reforça a condição de Laicidade do Estado*. Disponível em: <https://www.fct.unl.pt> (consultado a 01 abr. 2015).
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. (6. ed). Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Dix, S. (2010). As esferas seculares e religiosas na sociedade portuguesa. *Análise Social*, (194), 5-27.
- Doderer, G. (2001). Nach Lissabon - mit Pauken und Trompeten! Die Verpflichtung eines deutschen Trompeterkorps an den Hof Johannis V (1723). *Musica instrumentalis: Zeitschrift für Organologie*, Nürnberg, III, 79-103.
- Dumont, L. (1992). *Homo hierarchicus*. São Paulo, SP: Edusp.
- Durão, A. M. M. (2010). *Banda e Fanfarras um Sistema de Acção*. Lisboa, PT: (não publicado).
- Evans-Pritchard, E. E. (1978). *Os Nuer*. São Paulo, SP: Ed. Perspectiva.
- Farmer, H. G. (1912, 1970). *The Rise and Development of Military Music*. London, UK: W. M. Reeves.
- Figueiredo, H. A. Petiz. (2007). *Análise das fantasias para orquestra de sopros de Duarte Ferreira Pestana*. (Tese de Mestrado em Música apresentada na Universidade de Aveiro).
- Flaes, B. B. (2000). *Brass Unbound: secret children of the colonial brass band*. The Netherlands, NLD: Royal Tropical Institute.
- Fontoura, M. A. (2011). *A Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte: música e sociedade*. (Tese de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba).
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (21. ed.). Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Flamino, V. da C. (1995). *A Banda da G.N.R.* Lisboa, PT: Revista Pela lei e pela grei da Guarda Nacional Republicana.

- Freitas, P. de. (1946). *História da Música Popular em Portugal*. Lisboa, PT: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.
- Freitas-Branco, J. de. (1995, 1959). *História da Música portuguesa*. Lisboa, PT: Publicações Europa-América.
- Frith, S. (1996). *Performing Rites: On the Value of Popular Music*. Cambridge, UK: Harvard University Press.
- Goffman, E. (1999). *Manicómios, Prisões e Conventos Coleção Debates*. São Paulo, SP: Editora Perspectiva.
- Guarda Nacional Republicana (2010). *Comando de Doutrina e Formação*. Lisboa, PT.
- Guarda Nacional Republicana (2011). *Regulamento do Curso de formação de Sargento*. Lisboa, PT.
- Guarda Nacional Republicana (2012). *Regulamento do Curso de formação de Guarda*. Lisboa, PT.
- Guarda Nacional Republicana (2012). *Regulamento do Curso de Promoção a Sargento-Ajudante*. Lisboa, PT.
- Guarda Nacional Republicana (2015). *Lei Orgânica da GNR*. Disponível em: http://www.gnr.pt/documentos/Legislacao/LEI_ORGANICA. (consultado a 17 mai. 2015).
- Gusterson, H. (2007). Anthropology and militarism. *Annu. Rev. Anthropol.* (36), 155-175.
- Herndon, M. (1993). Insiders, Outsiders: Knowing Our Limits, Limiting Our Knowing. *World of Music*, 35(1), 63-80.
- Herbert, T. (2000). *The British Brass Band: A Musical and Social History*. New York, US: Oxford University Press.
- Huntington, S. (1996). *O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Cívicos e Militares*. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército Editora.
- Joaquim, M. (1937). *A Música Militar através dos tempos*. Lisboa, PT: Tipografia Arte Música.
- Kertzer, D. I. (1988). *Ritual, Politics and Power*. London, UK: Yale University Press.
- King, W. R. (2005). Toward a better understanding of the hierarchical nature of police organizations: Conception and measurement. *Journal of Criminal Justice*, 33(1), 97-109.

- Lameiro, P. (1998). *Coretos sagrados: Algum repertório litúrgico das filarmónicas do concelho de Leiria* in *Revista do Centro de História e Teoria das ideias* (vol. X, 2a série, pp 255-290). Lisboa, PT: Centro de História da Cultura. (versão digital).
- Lapa, A. (1941). *Subsídio para a História das Bandas Militares portuguesas*. Lisboa. PT: Edição da Revista “Alma Nacional”.
- Leirner, P. de C. (1997). *Meia-volta, volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar*. Rio de Janeiro, RJ: FVG.
- Leirner, P. de C. (2009). Etnografia com militares: fórmula, dosagem e posologia. In: C. Castro, & P. Leirner (comps.). *Antropologia dos Militares: Reflexões sobre Pesquisas de Campo* (pp. 31-51). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.
- Loff, M., & Pereira, M. D. (2006). *Portugal, 30 anos de Democracia, 1974-2004* (v. 5). Porto, PT: Universidade do Porto.
- Lopes, B. M. G. (2013). *O percurso do compositor Jorge Salgueiro na banda da armada*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Artes).
- Lourosa, H. M. M. (2012). *À sombra de um passado por contar: Banda de música de Santiago de Riba-Ul*. (Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Artes).
- Lima, A. M. (2002). *A major da PM que tirou a farda*. Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark Editora Ltda.
- Lima, H. de C. F. (1941). *Notícia histórica acerca da procissão e Real Irmandade de Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião*. Lisboa: Tip. da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.
- Madureira, B. C. P. (2012). A acção e o contributo do maestro Silva Dionísio no âmbito da revitalização das bandas filarmónicas nos anos. In: *Actas do I Encontro Ibero-americano de Jovens Musicólogos 70 e 80* (pp. 164 -178). Lisboa, PT.
- Madureira, B. C. P. (2013). Silva Dionísio no Brasil com a Banda Sinfónica da GNR: o nascimento de uma cooperação musical? *Revista Música Hodie*, Goiânia, 13(1), 242-256.
- Marques, A. H. O. (2003). Enquadramento Histórico. In: J. A. Tenedório (dir. e coord.). *Atlas da Área Metropolitana de Lisboa* (pp. 28-43). Lisboa, PT.
- Martins, M., & Santos, L. (2010). Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana. In: S. Castelo-Branco (ed.). *Enciclopédia da música em Portugal no século XX* (v. 1 A - C, pp. 114-116). Lisboa, PT: Círculo de Leitores.
- Martins, V. F. (2006). *O papel da cultura organizacional “Milícias de Bravos” na ocorrência do assédio moral – um estudo na polícia militar da Bahia*. (Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado na Universidade Federal da Bahia, Salvador).

- McClimon, S. (2013). Western Challenge, Japanese Musical Response: Military Bands in Modern Japan. In S. A. Reily, & K. Brucher. *Brass Bands of the World: Militarism, Colonial Legacies, and Local Music Making* (pp. 77-100). London, UK: Routledge.
- Merriam, A. P. (1964). *The Anthropology of Music*. Evanston, US: Northwestern University Press.
- Morgan, G. (2006). *Imagens da organização*. São Paulo, SP: Ed. Atlas.
- Myers, H. P. (1992). Ethnomusicology. In: F. Cruces et al. *Las culturas musicales: lecturas de etnomusicología* (pp. 19-40). Madrid, ES: Trotta.
- Nery, R. V., & Castro, P. F. de (1991). *História da Música (Sínteses da Cultura Portuguesa)*. Lisboa, PT: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Nettl, B. (1992). Últimas tendencias en Etnomusicología. In: F. Cruces et al. *Las culturas musicales: lecturas de etnomusicología* (pp. 115-154). Madrid, ES: Trotta.
- Nettl, B. (2005). *The Study of Ethnomusicology: Thirty-One Issues and Concepts*. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Pereira, V. (2010). *Música e poder simbólico – A Banda da Armada como paradigma nacional*. Lisboa, PT: Comissão Cultural da Marinha.
- Pestana, M. do R. C. P. (2008). *À luz do sol, ao pé da igreja: música, identidade e género na construção do Douro Litoral*. (Tese de Doutoramento, Faculdade Ciências Sociais Humanas – UNL).
- Portugal. Assembleia Legislativa. Constituição. (2007). *Lei Orgânica nº 213, de 6 de janeiro de 2007. Lei Orgânica da Guarda Nacional Republicana* (1. Ed., pp. 1-9) Portugal: Diário da República, 6 jan. 2007. Disponível em: <<http://www.gnr.pt/default.asp?do=yrtv5ynpn1/Yrtv5ynpn1>>. (consultado a 26 dez. 2013).
- Paoline, E. (2003). Taking stock: toward a richer understanding of police culture. *Journal of Criminal Justice*, 31(3), 199-214.
- Ramsey, G. (2011). *Music, Emotion and Identity in Ulster Marching Bands*. Oxford, UK: Peter Lang.
- Reily, S. (2008). Bandas de sopro: um diálogo transcultural. In: *Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência: bandas de música no Brasil*. Ouro Preto, MG: Museu da Inconfidência.
- Reily, S. A., & Brucher, K. (2013). *Brass Bands of the World: Militarism, Colonial Legacies, and Local Music Making* (pp. 1-32). Farnham, UK: Ashgate.
- Reis, J. L. (2015). Ressignificação de um ritual secular: a procissão de nossa Senhora da Saúde em diálogo com o património imaterial. In: *O ideário patrimonial*. Lisboa, PT.

- Ribeiro, J. (2011). *O Maestro Joaquim Luíz Gomes (1914-2009) Contributo para o Estudo da Sua Vida e Obra* (Dissertação de Mestrado, Instituto Piaget, Almada).
- Ribeiro, M. A. (1939). *Quadros históricos da vida musical portuguesa*. Lisboa, PT: Sasseti.
- Rosas, F. (2001). O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Análise Social*, 35(157), 1031-1054.
- Saboya, S. (1950). *As três esplendorosas procissões que, há trinta anos, mobilizavam a maioria da população lisboeta*. Lisboa, PT: [Câmara Municipal].
- Santos, J. L. (2012). *Forças Armadas em Portugal. Fundação Francisco Manuel dos Santos*. Lisboa, PT.
- Santos, E. de S. (2001). *Sincronizando mundos diversos: um estudo do canto participativo da romaria de Canudos* (Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador).
- Seeger, A. (2015). *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. (Obra original publicada em 1987).
- Shane, J. M. (2010). Organizational stressors and police performance. *Journal of Criminal Justice*, 38(4), 807-818.
- Silva, C. R. (2009). Explorando o “mundo do quartel”. In: C. Castro, & P. Leirner (orgs.) *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Silva, J. A. da. (2011). *Joaquim Fernandes Fão e o seu Tempo*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Piaget, Almada).
- Sousa, P. M. de. (2008). *História da Música Militar Portuguesa*. (“Coleção História Militar”). Lisboa, PT: Tribuna da História.
- Sousa, P. M. de. (2013). *Toques de Ordenança militar*. Lisboa, PT: Tribuna da História.
- Souza, A. C. (2009). Etnografando militares: obstáculos, limites e desvios como parte constitutiva de visões nativas. In: C. Castro, & P. Leirner (orgs.). *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Souza, A. B. D. (2004). A serviço de Sua Majestade: a tradição militar portuguesa na composição do generalato brasileiro (1837-50). In: C. Castro, V. Izecksohn, & H. Kraay. *Nova História Militar Brasileira* (pp. 159-178). Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.
- Velho, G. (2004). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Vieira, E. (1899). *Dicionário de Música*. Lisboa, PT: Biblioteca Digital.

- Vieira, E. (1900). *Dicionario biographico de musicos portuguezes: história e bibliographia da música em Portugal* (v. 1). Lisboa, PT: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro.
- Viterbo, S. (1932). *Subsídios para a História da Música em Portugal*. Coimbra, PT: Universidade de Coimbra.
- Teixeira, D. M. V. (2007). *Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana - inventário analítico sonoro*. Lisboa, PT: Universidade Nova de Lisboa.
- Titon, J. (2008). Kwoing Fieldwork. In: *Shadows in the field New Perspectives for Fieldwork in Ethnomusicology*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Turner, V. (1969). *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Chicago, US: Aldine Publishing Company.
- Turner, V. (1988). *The anthropology of performance*. New York, US: PAJ Publications.
- Turino, T. (2008). *Music as social life: The politics of participation*. Chicago, US: University of Chicago Press.

ENTREVISTAS

GENERAL	António Marquês Abrantes dos Santos. Entrevista realizada em Lisboa, 17.7.2014.
TEN-COR	Pedro Marquês de Sousa. Entrevista realizada em Lisboa, 17.7.2014.
SMOR	José António Luís Saraiva. Entrevista realizada em Lisboa, 12.6.2015.
SMOR	Francisco Pereira Pinto. Entrevista realizada em Lisboa, 12.6.2015.
SMOR	Marco Paulo dos Santos Ferreira. Entrevista realizada em Lisboa, 8.2.2013 e em 15/3/2017.
SCH	António Manuel Moreira Durão. Entrevista realizada em Lisboa, 15.2.2013.
SCH	José Manuel Pinto Pereira Ribeiro. Entrevista realizada em Lisboa, 13.4.2015.
SCH	Luís Filipe Lúcio Mendes. Entrevista realizada em Lisboa, 17.3.2017.
SCH	Jaime Manuel Torres Correia Rego. Entrevista realizada em Lisboa, 27.3.15.
SCH (reformado)	Manuel Luís Cochofel. Entrevista realizada em Lisboa, 11.1.2013.
SAJ	Jorge Pires Ferreira. Entrevista realizada em Lisboa, 14.2.2013.
1SAR (reformado)	Luciano Filipe Alves Franco. Entrevista realizada em Lisboa, 25.3.2015.
1SAR	Francisco José Pereira Sequeira. Entrevista realizada em Lisboa, 18.2.2013.
2SAR	Pedro Dias Oliveira. Entrevista realizada em Lisboa, 18.2.2013.
CABO	Hélder Manuel de Martins Rodrigues. Entrevista realizada em Lisboa, 18.7.2014.
CABO	Abel Filipe Brás da Silva Gomes. Entrevista realizada em Lisboa, 17.3.2017.
SR.	Amadeo Rosa. Entrevista realizada em Lisboa, 18.7.2014.
SR ^a	Cezarina. Entrevista realizada em Lisboa, 18.7.2014.

ANEXOS

ANEXOS

i Lista de Antiquidades do Quadro Honorífico Músico

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
UNIDADE DE SEGURANÇA E HONRAS DE ESTADO
BANDA DE MÚSICA

LISTA DE ANTIGUIDADES QUADRO HONORÍFICO MÚSICO			
POSTO	Nº ORDEM	MATRÍCULA	NOME
SMOR	3	1820015	Armindo Manuel Pereira Luís
SMOR	5	1810001	José António Luís Saraiva
SMOR	14	1830648	Francisco Pereira Pinto
SCH	6	1820013	Carlos Luís Teixeira de Oliveira
SCH	7	1820010	Alberto Manuel de Oliveira e Sousa
SCH	11	1801174	José Eduardo Balsinha Tavares
SCH	18	1830634	Marco Paulo dos Santos Ferreira
SCH	33	1866005	Manuel Augusto Silva Carvalho
SCH	20	1866017	Rui Manuel Cosme Moreira
SCH	21	1840483	Jaime Manuel Torres Correia Rego
SCH	68	1866004	Francisco António Nunes Pinto
SCH	35	1866016	Paulo Jorge Luís Saraiva
SCH	40	1840484	João José de Sousa Pires Antunes Rola
SCH	41	1840486	Joaquim Júlio Gonçalves Hortelão
SCH	45	1860579	António Joaquim Ribeiro Pereira
SCH	46	1880171	Helder Manuel de Brito Vilela
SCH	47	1860580	João Aires Moreira da Silva
SCH	54	1870156	Franck Noel da Silva Alferes
SCH	55	1880170	Paulo Jorge Pereira Lourenço
SCH	56	1876227	Miguel Angelo Cantarino Marques
SCH	57	1870157	Manuel da Fonseca Teixeira
SCH	59	1860581	Fernando Jorge Nunes Ribeiro
SCH	61	1890004	Luís Miguel Cepeda Faria da Costa
SCH	62	1890010	Rui Miguel Matoso Borba
SAJ	34	1830647	Luís Manuel Costa Ramalho
SAJ	71	1866015	Luís Manuel Condinho Perdigão
SAJ	38	1866010	António Manuel Lavado Natário Souta
SAJ	39	1866009	Jorge Manuel Teixeira Nunes
SAJ	24	1840487	João Fernando Martins Dos Santos Silva
SAJ	42	1840485	Manuel Paulo Pires Cardoso Pereira
SAJ	43	1830635	Mário João Faria Gonçalves Vicente
SAJ	44	1866020	Belchior Reis Raminhos
SAJ	48	1840488	José António Fortunato Ricardo
SAJ	77	1880169	José Carlos Oliveira Teixeira
SAJ	49	1860583	João Manuel Roque Carapinha
SAJ	50	1830646	António Manuel Lourenço Pascoal
SAJ	52	1830636	Fernando Manuel Lopes Azevedo
SAJ	53	1830639	António Maria Catalão Labreca
SAJ	73	1886013	António Augusto Pratas Lopes
SAJ	60	1890092	Carlos Manuel da Costa Faria
SAJ	76	1890108	João Gil Seabra Pires
SAJ	63	1830641	Arlindo José Maia Arriaga
SAJ	64	1890039	Pedro Manuel da Silva Florêncio
SAJ	22	1890026	João José Pires das Neves Condesso
SAJ	65	1890079	Pedro Rui Teixeira
SAJ	66	1890003	Domingos Manuel Vaz Teixeira
SAJ	67	1890155	António Fernando Rodrigues Vales
SAJ	26	1910431	Jorge Pires Ferreira
SAJ	95	1920800	António Manuel Freire da Silva
SAJ	87	1910432	António Jorge Marques Simões
SAJ	96	1876229	Jorge Alberto Ribeiro Nunes
SAJ	97	1886014	Francisco José Caeiro Santos
SAJ	88	1890159	Alexandre Joaquim Sousa Fernandes

1º SAR	86	1920288	João Carlos Rolo Brito
1º SAR	91	1961010	João Paulo Camolas Quitato
1º SAR	92	1961008	Fernando da Conceição Pereira Pernas
1º SAR	113	1961003	Carlos Filipe Pinto da Silva
1º SAR	93	1961001	Carlos José Sequeira Mourato Costa
1º SAR	94	1961004	Nuno António Rodrigues de Carvalho
1º SAR	102	1961002	José Luís de Jesus Roseiro Oliveira
1º SAR	103	1961009	Vitor Manuel Cartaxo Bragança
1º SAR	104	1961005	João Manuel Tarú Samouqueiro
1º SAR	105	1961012	José Eduardo Félix Ferreira
1º SAR	106	1900084	Joaquim Manuel da Fonseca Teixeira
1º SAR	107	1916015	João Paulo Espírito Santo Agostinho Bernardes
1º SAR	108	1980997	Bruno Miguel Mil Homens Açucena
1º SAR	109	1961013	Francisco José Pereira Sequeira
1º SAR	110	1920287	Fernando Jorge da Fonseca Teixeira
1º SAR	111	1961006	João Francisco Rosado Medinas
2º SAR	114	1960808	Nuno Miguel Osório da Silva
2º SAR	217	2041189	Bruno Miguel Martins Nogueira
2º SAR	224	2041083	Filipe Alexandre Antunes Silva Freitas
2º SAR	221	2041071	Ricardo José Alves Torres
2º SAR	219	2041073	Tiago Manuel de Oliveira Alves
2º SAR	230	2041085	Paulo Ricardo Vieira Alves
2º SAR	216	2041188	André Alexandre Ferreira dos Santos
2º SAR	231	2041078	Hélder Tiago Pinto Madureira
2º SAR	223	2041190	Daniel Lopes Marques
2º SAR	235	2041079	Miguel Carlos Rodrigues C. da Silva
2º SAR	229	2041206	Marco Alexandre Lourenço Barroqueiro
2º SAR	236	2071460	Hugo Miguel de Oliveira Figueiredo
2º SAR	182	2041091	Ricardo João Domingues Pires
2º SAR	238	2071457	Romeu Simões Madeira
2º SAR	185	2041084	Hélder António da Silva Gonçalves
2º SAR	239	2071458	José Agostinho Simão Frasquilho
2º SAR	243	2071462	Francisco Inácio Paias Rato
2º SAR	183	2041074	Manuel João Mourão Gonçalves
2º SAR	222	2041077	Pedro Miguel Lopes Pereira
FURRIEL	240	2071456	Pedro Duarte Mesquita da Silva
FURRIEL	237	2071461	Pedro André Neto Pereira
FURRIEL	186	2041187	Sérgio Miguel Santana Ribeiro Pliz
FURRIEL	234	2050364	Nelson Miguel Roques Rodrigues
CMOR	166	1876226	José Manuel Migueis Castro
CMOR	162	1801177	Vitor Manuel Marques de Oliveira
CMOR	163	1850585	António Augusto Ferreira Rodrigues
CCH	161	1830642	Ilídio José Viegas Martinho Massacote
CCH	171	1830633	Mário Nuno de Barros Pereira
CCH	172	1880038	Manuel Joaquim Pinto Coelho
CCH	188	1876230	Francisco José Cardeira Bernardo
CCH	189	1866006	João Manuel Marques Lopes
CCH	207	1910600	Daniel Óscar Lobato Vieira
CABO	175	1900121	Nuno Miguel Caetano da Silva Batista

CABO	176	1910430	Sérgio Paulo da Silva Santos
CABO	177	1961014	Eduardo Mendes Lala
CABO	178	1896012	Augusto António Gomes Benjamim
CABO	179	1961011	Nuno Miguel Cabrita Cunha
CABO	212	1961007	João Manuel Ferraz Colaço
CABO	208	1916016	José Manuel Martins Costa
CABO	209	1920289	Mário Celso Vaz Teixeira
CABO	210	1906021	Manuel Augusto Silva Pinho
CABO	180	1906018	Manuel de Jesus Freire
CABO	211	1920799	Paulo Vergílio Jesus Rodrigues
CABO	191	1896014	Joaquim Jerónimo Juromenha Simões
CABO	214	1896013	Victor Luís Camisa Líbano
CABO	215	1906020	Luís António Almeida Paulo
CABO	192	1906017	Luís António Rodrigues Dias Ferraz
CABO	245	1916014	Artur Varela Serrandário
CABO	181	2041093	Hugo Miguel Ramos Oliveira
CABO	184	2041082	Hélder Manuel Martins Rodrigues
CABO	246	1920798	Artur Jorge Carvalho Organista
CABO	220	2041070	João Carlos Afonso Duarte
CABO	218	2041081	Carlos Eduardo Salvador Gaudêncio da Silva
CABO	227	2041075	Rodrigo Marques Pires de Lima
CABO	252	1940654	Orlando Sousa Freitas
CABO	251	1950432	Carlos Jorge Lopes Silva
CABO	226	2041072	Luís Manuel Alves Pereira
CABO	233	2041076	Abel Filipe Brás da Silva Gomes
CABO	225	2041092	Pedro Miguel Silva Fonseca Mateus Almeida
CABO	228	2041069	Carlos Perdigão Henriques
CABO	242	2071455	Artur Jorge Caixeiro Mendes
CABO	244	2071454	Miriam Cármen Diniz Talete Cardoso
CABO	190	2060481	Martinho Miguel Matos Rodrigues
GUARDA	232	2041080	Ricardo João Moreira de Carvalho
GUARDA	253	2050363	Paulo Sérgio Sales Alves
GUARDA	241	2071459	Pedro João Dias Oliveira
GUARDA	254	2091088	Vasco Alexandre de Almeida Valente
GUARDA	255	2091082	Sidónio Fernandes Rodrigues Araújo
GUARDA	256	2091086	Daniel Filipe Reis Faria
CIVIL		1905024	Maria Adelina Silva Teixeira ¹

¹ A civil Maria Teixeira é responsável pela limpeza e manutenção da Sede da Banda há mais de 20 anos.

ii Distintivos utilizados pelos músicos da Banda em 2013

Maestro



Capitão

Sargentos



Sargento-Mor

Sargento-Chefe

Sargento-Ajudante

1º Sargento

2º Sargento

Furriel

Guardas



Cabo-Mor

Cabo-Chefe

Cabo

Cabo por Antiguidade

Guarda-Principal

Guarda

Distintivos utilizados pelo chefe da banda e pelos músicos

	
Chefes de banda de música	Músico

Fonte: Regulamento de Uniformes da GNR (2013: 2683)

iii Lista dos serviços realizados pelos grupos da Banda da GNR em 2013/2014/2015/2016

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
UNIDADE DE SEGURANÇA E HONRAS DE ESTADO
BANDA DE MÚSICA

SERVIÇOS

Nº	DATA	LOCAL	SERVIÇO	CHEFIOU	Agrup.	OBS
01	02 - JAN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	
02	05 - JAN	ÉVORA - Teatro Garcia de Resende	Concerto	CAP Cerqueira	BS	
03	08 - JAN	LISBOA - Teatro Nacional S. Carlos	Concerto	CAP Cerqueira	OC + BS	Cantoras A. Serro/N. Brito
04	09 - JAN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
05	10 - JAN	LISBOA - Academia Militar Amadora	Exposição de Meios	CABO Rocha	Fanf.	
06	10 - JAN	LISBOA - Teatro S. Jorge	Concerto "900 Anos da O.S. Malta"	CAP Cerqueira	OC	Com vários Cantores
07	11 - JAN	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Presidente do Parlamento Europeu	SCH C. Oliveira	BN	
08	11 - JAN	LISBOA - Quartel de Alcantara/GNR	Concerto-Inaug. Biblioteca e S. Leitura/GNR	SAJ P. Teixeira	QC	
09	14 - JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH J. Ribeiro	BN	
10	15 - JAN	QUELUZ - Palácio de Queluz	G.H. Cumprimentos de Ano Novo ao PR	SCH A. Sousa	BN	
11	15 - JAN	LISBOA - Ministério dos Negócios Estrangeiros	Concerto	SCH J. Rola	QC	Durante o Almoço
12	16 - JAN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
13	18 - JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
14	18 - JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
15	20 - JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
16	20 - JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
17	23 - JAN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
18	25 - JAN	SETUBAL - Academia de Música Luisa Todi	Concerto	SMOR P. Luis	OC	Só Cordas
19	27 - JAN	SEIXAL - Igreja Paroquial	Concerto	SMOR P. Luis	OC	Só Cordas
20	30 - JAN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
21	05 - FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	CABO Rocha	Fanf.	
22	06 - FEV	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
23	06 - FEV	LISBOA - Assembleia da Republica	Guarda de Honra à PRepublica	CCH Arranja	Corneteiro	
24	08 - FEV	LISBOA - UCC/GNR	Treino Tomada de Posse novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
25	08 - FEV	LISBOA - UCC/GNR	Tomada de Posse novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
26	08 - FEV	LISBOA - UCC/GNR	Tomada de Posse novo CMDT	Cabo Agostinho	Corneteiro	Toque ao Novo CMDT
27	13 - FEV	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	

28	14 -FEV	PORTALEGRE- EG/CFPortalegre	Treino - Juramento Bandeira	CCH Fonseca	Corneteiro	Não Fez
29	14 -FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
30	14 -FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
31	15 -FEV	PORTALEGRE- EG/CFPortalegre	Cerimónia - Juramento Bandeira	CCH Fonseca	Corneteiro	Toques de Ordem
32	15 -FEV	PORTALEGRE- EG/CFPortalegre	Cerimónia - Juramento Bandeira	SCH C. Oliveira	BN	
33	15 -FEV	PORTALEGRE- EG/CFPortalegre	Cerimónia - Juramento Bandeira	SCH Mendes	Fanf.	
34	17 -FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	Ñ se realizou - Chuva
35	17 -FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
36	20 -FEV	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
37	27 -FEV	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
38	04 -MAR	LISBOA - USHE	Tomada de Posse novo CMDT do EP	CABO Pedro Silva	Corneteiro	Caixa
39	06 -MAR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
40	06 -MAR	LISBOA - Pavilhão Atlantico	Comemorações Dia Int. da Mulher	CABO Miriam	BS	
41	13 -MAR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
42	15 -MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
43	15 -MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
44	17 -MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
45	17 -MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
46	19 -MAR	ALMADA - Forum Romeu Correia	Concerto	CAP Cerqueira	OC	
47	20 -MAR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
48	20 -MAR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Guarda Soares	BM	
49	22 -MAR	MONTEMOR-O-NOVO - Teatro Curvo Semedo	Concerto	CAP Cerqueira	OC + BS	Cantoras A. Serro/N. Brito
50	25 -MAR	LISBOA - UCC/GNR	G.H. Ministro Int. Espanhol e MAI	SCH A. Sousa	BN	
51	25 -MAR	LISBOA - UCC/GNR	G.H. Ministro Int. Espanhol e MAI	SAJ Mota	Fanf.	
52	25 -MAR	LISBOA - UCC/GNR	G.H. Ministro Int. Espanhol e MAI	CCH Fonseca	Corneteiro	
53	27 -MAR	LISBOA - Igreja da Memória	Missa Crismal	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	
54	03 -ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Pr. Parlamento de Timor Leste	SCH C. Oliveira	BN	
55	03 -ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Pr. Parlamento de Timor Leste	SCH Mendes	Fanf.	
56	04 -ABR	LISBOA - USHE Parada do Comando	Treino dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
57	04 -ABR	LISBOA - USHE Parada do Comando	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
58	04 -ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
59	04 -ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
60	05 -ABR	LISBOA - USHE Parada do Comando	Cerimónia Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	

61	05 -ABR	LISBOA - USHE Parada do Comando	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
62	05 -ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Cerimónia Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
63	05 -ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
64	09 -ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Credênciais	SCH J. Ribeiro	BN	
65	10 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
66	17 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
67	19 -ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
68	19 -ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
69	21 -ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
70	21 -ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
71	21 -ABR	LISBOA - Centro Cultural de Belém	Concerto	J. S. Bereau	BS	
72	24 -ABR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Cabo Benjamim	BM	
73	24 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
74	24 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Abertura da Expo. do 102º"	SMOR P. Luis	BN	
75	25 -ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	Cerimónia do 39º do 25 de Abril	SCH A. Sousa	BN	
76	25 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	SMOR F. Pinto	OC	
77	26 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	2SAR P. Alves	QM	
78	27 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	SMOR F. Pinto	BN	
79	28 -ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	SCH S. Martins	QS	
80	29 -ABR	QUELUZ - Escola D. Pedro IV	Concerto	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	
81	30 -ABR	SETUBAL - Forum Luisa Todi	Concerto	SMOR P. Luis	OC	
82	01 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
83	01 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	SMOR Luis Vieira	OC	
84	02 -MAI	LISBOA - Basílica dos Martires	Missa dos 102º GNR	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	
85	03 -MAI	QUELUZ - EG/GNR	Treino Comemorações do 102º GNR	CAP Cerqueira	BN	
86	03 -MAI	QUELUZ - EG/GNR	Treino Comemorações do 102º GNR	SCH Mendes	Fanf.	
87	03 -MAI	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia Comemorações do 102º GNR	CAP Cerqueira	BN	
88	03 -MAI	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia Comemorações do 102º GNR	SCH Mendes	Fanf.	
89	04 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	SMOR F. Pinto	BN	
90	05 -MAI	LISBOA - Capela Nª Sra da Saúde	Procissão	SMOR F. Pinto	BN	
91	05 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	2SAR P. Alves	QM	
92	06 -MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Visita Presidente da Turquia	SCH J. Ribeiro	BN	
93	06 -MAI	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Presidente da Turquia	SCH C. Oliveira	BN	

94	06 -MAI	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Presidente da Turquia	SCH Mendes	Fanf.	
95	06 -MAI	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Presidente da Turquia	CCH Fonseca	Corneteiro	
96	06 -MAI	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Visita Presidente da Turquia	SCH C. Oliveira	BN	
97	06 -MAI	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Visita Presidente da Turquia	SCH Mendes	Fanf.	
98	06 -MAI	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Visita Presidente da Turquia	CCH Fonseca	Corneteiro	
99	06 -MAI	QUELUZ - Palácio de Queluz	Visita Presidente da Turquia	SCH A. Sousa	BN	
100	08 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	
101	08 -MAI	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Presidente da A.R.	Guarda M. Nobre	Corneteiro	
102	08 -MAI	LISBOA - CTER Lisboa	Comemorações Dia do CTER	1SAR Galvão	Terno	
103	10 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	SCH S. Martins	QS	
104	11 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Exposição do 102º"	SMOR Luis Vieira	OC	
105	12 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto "Encerramento Expo. do 102º"	SMOR P. Luis	BN	
106	15 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
107	16 -MAI	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	SAJ A. Rodrigues	BM	
108	16 -MAI	LISBOA - UI/GNR	Missa do dia da UI "Capela da AM"	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	
109	17 -MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
110	17 -MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
111	19 -MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
112	19 -MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
113	20 -MAI	LISBOA - UI/GNR GRAFANIL	Treino Comemorações do dia da UI	SCH C. Oliveira	BN	
114	20 -MAI	LISBOA - UI/GNR GRAFANIL	Treino Comemorações do dia da UI	SCH Mendes	Fanf.	
115	21 -MAI	LISBOA - UI/GNR GRAFANIL	Treino Comemorações do dia da UI	SCH C. Oliveira	BN	
116	21 -MAI	LISBOA - UI/GNR GRAFANIL	Treino Comemorações do dia da UI	SCH Mendes	Fanf.	
117	21 -MAI	LISBOA - UI/GNR GRAFANIL	Cerimónia Comemorações do dia da UI	SCH C. Oliveira	BN	
118	21 -MAI	LISBOA - UI/GNR GRAFANIL	Cerimónia Comemorações do dia da UI	SCH Mendes	Fanf.	
119	21 -MAI	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. PR "Prémios Norte-Sul Cons. Europa"	CMOR Lage	Corneteiro	
120	22 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Sacramento	Fanf.	Versão Verão
121	22 -MAI	LISBOA - USHE	Concerto	Furriel Frasquilho	QC	Durante o Jantar
122	26 -MAI	LISBOA - Castelo S. Jorge	Procissão Martir S. Jorge	Furriel J. Cruz	Fanf.	Terno de Corneteiros
123	28 -MAI	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	CABO Benjamim	BM	PT Cabo Rocha
124	29 -MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
125	31 -MAI	LOURES - EB2,3 Luis Sttau Monteiro	Concerto	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	
126	01 -JUN	LISBOA - Teatro Nac. S. Carlos "Exterior"	Concerto	CAP Cerqueira	OC	Dia da Criança

127	05 -JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	Furriel J. Cruz	Fanf.	Versão Verão
128	06 -JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Presidente do Senado Fed. Brasil	CCH Arranja	Corneteiro	
129	07 -JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	CABO Rocha	Fanf.	
130	07 -JUN	LISBOA - Academia Militar	Concerto " Baile de Finalistas "	SAJ C. Faria	QC	
131	10 -JUN	LISBOA - Monumento do Ultramar	XX Encontro dos Combatentes	SCH A. Sousa	BN	
132	10 -JUN	LISBOA - Monumento do Ultramar	XX Encontro dos Combatentes	SCH Mendes	Fanf.	
133	10 -JUN	LISBOA - Monumento do Ultramar	XX Encontro dos Combatentes	Guarda M. Nobre	Corneteiro	
134	10 -JUN	LISBOA - Palácio de Belem	G.H. Presidente da Rep. Fed. do Brasil	SCH A. Sousa	BN	
135	10 -JUN	QUELUZ - Palácio de Queluz	G.H. Presidente da Rep. Fed. do Brasil	SCH J. Ribeiro	BN	
136	12 -JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
137	14 -JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
138	14 -JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
139	16 -JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
140	16 -JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
141	18 -JUN	LISBOA - Palácio de Belem	G.H. Presidente da Venezuela	SCH J. Ribeiro	BN	
142	19 -JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	Versão Verão
143	23 -JUN	LISBOA - Museu Nacional de Arte Antiga	Concerto	SMOR P. Luis	BS	Sem Cordas
144	23 -JUN	LISBOA - Basílica dos Martires	Concerto "900 Anos da O.S. Malta"	CAP Cerqueira	OC	
145	26 -JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	Furriel Lourenço	Fanf.	Versão Verão
146	27 -JUN	CASCAIS - Guincho Rest. " Arriba "	Concerto - Forum Europeu de Segurança		QC	
147	28 -JUN	PORTALEGRE- EG/CFPortalegre	Cerimónia - Encerramento CFPraças	SCH C. Oliveira	BN	
148	28 -JUN	PORTALEGRE- EG/CFPortalegre	Cerimónia - Encerramento CFPraças	SCH Mendes	Fanf.	
149	01 -JUL	LISBOA - UNT/GNR Janelas Verdes	Treino Comemorações do dia da UNT	SCH Mendes	Fanf.	
150	01 -JUL	LISBOA - UNT/GNR Janelas Verdes	Treino Comemorações do dia da UNT	CCH Fonseca	Corneteiro	
151	01 -JUL	LISBOA - UNT/GNR Janelas Verdes	Missa do dia da UNT	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	
152	01 -JUL	LISBOA - UNT/GNR Janelas Verdes	Cerimónia Comemorações do dia da UNT	SCH Mendes	Fanf.	
153	01 -JUL	LISBOA - UNT/GNR Janelas Verdes	Cerimónia Comemorações do dia da UNT	CCH Fonseca	Corneteiro	
154	01 -JUL	LISBOA - Largo Jean Monnet	Entrada da Croácia na União Europeia	SCH C. Oliveira	BN	
155	03 -JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	2SAR R. Ferreira	Fanf.	Versão Verão
156	10 -JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
157	13 -JUL	SESIMBRA - Lagoa de Albufeira/Club Caravanismo	Concerto	SMOR P. Luis	BN	BS em Período de Férias
158	16 -JUL	LISBOA - Largo do Carmo/Basilica dos Martires	Procissão	Furriel Lourenço	Fanf.	
159	16 -JUL	LISBOA - Basílica dos Martires	Missa do dia Nª Sra Do Carmo	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	

160	17 -JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada		Fanf.	Versão Verão
161	18 -JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
162	18 -JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
163	18 -JUL	LISBOA - Instalações da Banda	Visita de Crianças á USHE - Verão 2013	SCH A. Sousa	BN	
164	18 -JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	CABO Rocha	Fanf.	
165	21 -JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
166	21 -JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
167	24 -JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada		Fanf.	Versão Verão
168	24 -JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	Guarda A. Jesus	BS	Facebook GNR
169	28 -JUL	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SMOR Pinto	BN	1º de 5
170	30 -JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Visita Presidente do Panamá	SCH J. Ribeiro	BN	
171	30 -JUL	LISBOA - Residência da Emb. De Marrocos	Concerto	SMOR F. Pinto	BN	
172	30 -JUL	CASCAIS - Palácio da Cidadela	Visita Presidente do Panamá	SMOR J. Saraiva	BN	
173	31 -JUL	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Presidente do Panamá	SCH C. Oliveira	BN	
174	04 -AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SCH C. Oliveira	BN	2º de 5
175	07 -AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	Versão Verão
176	11 -AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SMOR Pinto	BN	3º de 5
177	14 -AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	Versão Verão
178	16 -AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
179	16 -AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
180	18 -AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
181	18 -AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
182	21 -AGO	VILA DO BISPO - CTERFARO	Inauguração do PTER	SCH C. Oliveira	BN	
183	21 -AGO	VILA DO BISPO - CTERFARO	Inauguração do PTER	CCH Arranja	Corneteiro	
184	21 -AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
185	22 -AGO	LISBOA - Cais de Alcântara	Receção ao Veleiro "Cisne Branco"	SCH C. Oliveira	BN	
186	25 -AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SCH C. Oliveira	BN	4º de 5
187	28 -AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
188	01 -SET	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SMOR Pinto	BN	5º de 5
189	04 -SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
190	04 -SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Guarda Barata	BS	
191	05 -SET	LISBOA - Jardim do tabaco	Receção ao Veleiro " Brasil "	SCH C. Oliveira	BN	Só BS /BM Férias
192	10 -SET	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH A. Sousa	BN	Só BS /BM Férias

193	11 -SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
194	12 -SET	LISBOA - Instalações da Banda	Projeto Sementes a Crescer	SMOR P. Luis	BS	
195	13 -SET	SOBRAL DE MONTE AGRAÇO	Concerto	SMOR P. Luis	BS	
196	13 -SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
197	13 -SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
198	15 -SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
199	15 -SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
200	18 -SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
201	18 -SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Grd P. Oliveira	BS	
202	20 -SET	LISBOA - Palácio de Belem	Visita Presidente de Timor-Leste	SCH J. Ribeiro	BN	
203	20 -SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Presidente de Timor-Leste	SCH A. Sousa	BN	
204	20 -SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Presidente de Timor-Leste	SCH Mendes	Fanf.	
205	20 -SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Presidente de Timor-Leste	Cabo Rocha	Corneteiro	
206	20 -SET	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Visita Presidente de Timor-Leste	SCH A. Sousa	BN	
207	20 -SET	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Visita Presidente de Timor-Leste	SCH Mendes	Fanf.	
208	20 -SET	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Visita Presidente de Timor-Leste	Cabo Rocha	Corneteiro	
209	20 -SET	CASCAIS - Palácio da Cidadela	Visita Presidente de Timor-Leste	SMOR P. Luis	BN	Só BS
210	20 -SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Colaboração com a Junta F. Ajuda	FUR R. Madeira	QC	Foi no Picadeiro
211	21 -SET	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto dos 175 Anos da BMúsica	CAP Cerqueira	BS	Coro Do TNSCarlos
212	23 -SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Cabo N. Soares	BM	
213	25 -SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
214	27 -SET	LISBOA - Cais da Rocha Conde de Óbidos	Treino - 5º Aniversário da UAF	SCH A. Sousa	BN	Só o Chefe
215	27 -SET	LISBOA - Cais da Rocha Conde de Óbidos	Treino - 5º Aniversário da UAF	SCH Mendes	Fanf.	Só o Chefe
216	27 -SET	LISBOA - Cais da Rocha Conde de Óbidos	Treino - 5º Aniversário da UAF	CCH Fonseca	Corneteiro	
217	27 -SET	LISBOA - Cais da Rocha Conde de Óbidos	Cerimónia - 5º Aniversário da UAF	SCH A. Sousa	BN	
218	27 -SET	LISBOA - Cais da Rocha Conde de Óbidos	Cerimónia - 5º Aniversário da UAF	SCH Mendes	Fanf.	
219	27 -SET	LISBOA - Cais da Rocha Conde de Óbidos	Cerimónia - 5º Aniversário da UAF	CCH Fonseca	Corneteiro	
220	28 -SET	TAROUCA - Anfiteatro do Centro Cívico	Concerto	SMOR P. Luis	BS	
221	01 -OUT	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Cabo Benjamim	BM	Ñ se realizou - Chuva
222	01 -OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino - Entrega de Espadas	SMOR Pinto	BN	
223	01 -OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Entrega de Espadas	SMOR Pinto	BN	
224	01 -OUT	PORTO- Mosteiro S. Bento da Vitória	Concerto "900 Anos da O.S. Malta"	CAP Cerqueira	OC	Com vários Cantores
225	02 -OUT	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Inverno

226	02 -OUT	LISBOA - Assembleia da Republica	Guarda de Honra à PARepublica	CMor Lage	Corneteiro	
227	04 -OUT	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Treino do 103º Aniv. Da República	SMOR Pinto	BN	Átrio da CML/Só BS
228	05 -OUT	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Cerimónia do 103º Aniv. Da República	SMOR Pinto	BN	Átrio da CML/Só BS
229	09 -OUT	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Inverno
230	10 -OUT	LISBOA - Academia das Ciências	Concerto	Jean S. Bereau	OC	Protocolo
231	11 -OUT	PORTO- CTER	Treino Comemorações dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
232	11 -OUT	PORTO- CTER	Cerimónia C. dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
233	14 -OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	Cabo Rui Pinto	Fanf.	
234	16 -OUT	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Inverno
235	18 -OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
236	18 -OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
237	20 -OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
238	20 -OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
239	20 -OUT	LISBOA - Escola Superior de Música	Concerto	CAP Cerqueira	BS	25º Aniv. BSExército
240	23 -OUT	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Inverno
241	25 -OUT	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Grd Elmano Pereira	BS	
242	26 -OUT	PALMELA - Igreja de S. Pedro	Concerto	Jean S. Bereau	OC	
243	30 -OUT	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Inverno
244	30 -OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH A. Sousa	BN	
245	06 -NOV	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Inverno
246	06 -NOV	LISBOA - Instalações da Banda	Visita de Crianças	SMOR Pinto	BN	
247	06 -NOV	LISBOA - UCC/GNR " Capela de S. Jerónimo "	Missa do dia da UCC	2SAR R. Ferreira	Fanf.	Terno de Corneteiros
248	07 -NOV	LISBOA - UCC/GNR " Doca do Espanhol "	Treino Comemorações dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
249	07 -NOV	LISBOA - UCC/GNR " Doca do Espanhol "	Treino Comemorações dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
250	07 -NOV	LISBOA - UCC/GNR " Doca do Espanhol "	Treino Comemorações dia da Unidade	Cabo Marques	Corneteiro	
251	07 -NOV	LISBOA - UCC/GNR " Doca do Espanhol "	Cerimónia C. dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
252	07 -NOV	LISBOA - UCC/GNR " Doca do Espanhol "	Cerimónia C. dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
253	07 -NOV	LISBOA - UCC/GNR " Doca do Espanhol "	Cerimónia C. dia da Unidade	Cabo Marques	Corneteiro	
254	13 -NOV	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Inverno
255	15 -NOV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
256	15 -NOV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
257	17 -NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
258	17 -NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	

259	20 -NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH A. Sousa	BN	Só BS
260	20 -NOV	LISBOA - Esc. Sec. José Gomes Ferreira	Concerto	SCH J. Ribeiro	BM+Fanf	
261	27 -NOV	LISBOA - Palácio da Ajuda	Concerto	SMOR Pinto	OC	FISPalmela
262	02 -DEC	LISBOA - UCC/GNR	Treino - Inauguração do Sistema "SIVICC"	SCH A. Sousa	BN	
263	02 -DEC	LISBOA - UCC/GNR	Treino - Inauguração do Sistema "SIVICC"	SCH Mendes	Fanf.	
264	02 -DEC	LISBOA - UCC/GNR	Inauguração do Sistema "SIVICC"	SCH A. Sousa	BN	
265	02 -DEC	LISBOA - UCC/GNR	Inauguração do Sistema "SIVICC"	SCH Mendes	Fanf.	
266	02 -DEC	LISBOA - Teatro Tivoli	Concerto	CAP Cerqueira	BS	
267	06 -DEC	LEIRIA - Teatro José Lúcio da Silva	Concerto	SMOR P. Luis	BS	Coral adesbaChorus
268	06 -DEC	ÉVORA - Igreja da Misericórdia	Concerto	CAP Cerqueira	OC	Cantora A. Serro
269	07 -DEC	LISBOA - Feira Internacional de Lisboa	Concerto	SMOR Pinto	OC	Só Cordas
270	12 -DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
271	12 -DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
272	15 -DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
273	15 -DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
274	17 -DEC	LISBOA - USHE	Visita Universidade Sénior da Ajuda	SCH Nunes Pinto	BM+Fanf	
275	19 -DEC	LISBOA - Igreja de Sta Engrácia	Missa	SCH Nunes Pinto	BM+Fanf	

SERVIÇOS - 2014

Nº	DATA	LOCAL	SERVIÇO	CHEFIOU	Agrup.	OBS
01	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	CABO Rocha	Fanf.	
02	15-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
03	15-JAN	LISBOA - Teatro Nacional S. Carlos	Concerto	CAP Cerqueira	OC + BS	B.Barradas,C.Guilherme,Coro
04	16-JAN	QUELUZ - Palácio de Queluz	G.H. Cumprimentos de Ano Novo ao PR	SCH A. Sousa	BN	
05	16-JAN	QUELUZ - Palácio de Queluz	G.H. Cumprimentos de Ano Novo ao PR	SCH Mendes	Fanf.	
06	16-JAN	LISBOA - Ministério dos Negócios Estrangeiros	Concerto	SAJ C. Faria	QC	Durante o Almoço
07	17-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
08	17-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
09	19-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
10	19-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
11	26-JAN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH J. Arranja	Fanf.	Corneteiro
12	28-JAN	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Sidonio	OC	
13	30-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD Joel Vaz	BS	
14	02-FEV	SINTRA - Centro Cultural Olga Cadaval	Concerto	CAP Cerqueira	BS	S. Cl. Nuno Pinto
15	09-FEV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD Marco Nobre	Fanf.	Corneteiro
16	14-FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
17	14-FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ J. Mota	Fanf.	
18	15-FEV	S.JOÃO DA MADEIRA - Casa da Criatividade	Concerto	SMOR F. Pinto	BS	
19	16-FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
20	16-FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
21	23-FEV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
22	24-FEV	LISBOA - USHE Comando	Exposição de Meios	GRD M. Nobre	Fanf.	
23	25-FEV	MANIQUE - Escola Salesiana	Concerto Didático	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
24	26-FEV	LISBOA - Academia das Ciências	Concerto	Jean S. Béreau	OC	
25	02-MAR	CASCAIS - Cascaishopping Loja FNAC	Concerto	SAJ C. Faria	QC	Protecção civil
26	05-MAR	PALMELA - CTERSETUBAL	Inauguração do Posto	CMOR M. Lage	Fanf.	Terno Corneteiros
27	09-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Rui Pinto	Fanf.	Corneteiro
28	09-MAR	LISBOA - Praça do Comércio	Música durante o desfile da ModaLisboa	SMOR F. Pinto	BN	Só BS
29	13-MAR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD E. Pereira	BS	
30	14-MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	

31	14-MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ J. Mota	Fanf.	
32	16-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
33	16-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
34	17-MAR	LOURINHÃ - CTerLISBOA	Inauguração do Posto	2SAR J. Cruz	Fanf.	Terno Corneteiros
35	21-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
36	21-MAR	FIGUEIRA DA FOZ - Casino	Concerto	SMOR P. Luis	BS	
37	23-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Pedro Silva	Fanf.	Corneteiro
38	31-MAR	ALCOBAÇA - CterLEIRIA	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	Fanf.	3 Cx + Chf Fanf
39	01-ABR	ALCOBAÇA - CterLEIRIA	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
40	02-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD N. Gomes	OC	
41	03-ABR	ESTORIL - Jardins do Casino	Início Rally de Portugal	SCH A. Sousa	BN	
42	03-ABR	LISBOA - USHE 3º Esquadrão	Treino Dia da Unidade	CAP Cerqueira	BN	Só BS
43	04-ABR	LISBOA - USHE 3º Esquadrão	Treino Geral Dia da Unidade	SMOR Saraiva	BN	Só BS
44	06-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Rocha	Fanf.	Corneteiro
45	07-ABR	LISBOA - USHE 3º Esquadrão	Cerimónia Dia da Unidade	SMOR Saraiva	BN	Só BS
46	08-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Joel Vaz	BS	
47	09-ABR	PORTALEGRE - EG/GNR	Juramento de Bandeira	SCH C. Oliveira	BN	
48	09-ABR	PORTALEGRE - EG/GNR	Juramento de Bandeira	SCH Mendes	Fanf.	
49	09-ABR	PORTALEGRE - EG/GNR	Juramento de Bandeira	CABO Marques	Fanf.	Corneteiro
50	10-ABR	ESTORIL - Casino Salão Preto e Prata	Concerto	CAP Cerqueira	BS	Misericórdia de Cascais
51	11-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Ricardo Alves	BS	
52	16-ABR	ALCOBAÇA - Mosteiro	Ensaio - Com Cantor Luis Peças	SAJ P. Teixeira	QC	Disp. GCG
53	16-ABR	LISBOA - Igreja da Memória	Missa Crismal	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
54	16-ABR	LISBOA - USHE Comando	Concerto	SCH João Rola	QC	Disp. GCG
55	17-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
56	17-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
57	17-ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto - Com Cantor Luis Peças	SAJ P. Teixeira	QC	Disp. GCG
58	17-ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. P. Câmara Rep. Congresso dos EUA	SCH A. Sousa	BN	
59	17-ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. P. Câmara Rep. Congresso dos EUA	SCH Mendes	Fanf.	
60	17-ABR	LISBOA - Ministério dos Negócios Estrangeiros	Concerto	1SAR C. Costa	QC	Durante o Almoço
61	18-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Borbinha	Fanf.	Corneteiro
62	20-ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
63	20-ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
64	21-ABR	QUELUZ - EG/GNR	TreinoTomada Posse do novo GCG	SCH C. Oliveira	BN	
65	21-ABR	QUELUZ - EG/GNR	TreinoTomada Posse do novo GCG	SCH Mendes	Fanf.	
66	21-ABR	QUELUZ - EG/GNR	TreinoTomada Posse do novo GCG	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro

67	21-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia Tomada Posse do novo GCG	SCH C. Oliveira	BN	
68	21-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia Tomada Posse do novo GCG	SCH Mendes	Fanf.	
69	21-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia Tomada Posse do novo GCG	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
70	25-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
71	25-ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Comemorações dos 40º do 25ABR	SCH A. Sousa	BN	Passos Perdidos
72	26-ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	Concerto	SMOR P. Luis	OC	Salão Nobre
73	30-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
74	01-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Marques	Fanf.	Corneteiro
75	01-MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto	SMOR P. Luis	OC	103º GNR
76	02-MAI	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	CAP Cerqueira	BS	103º GNR - CoroTNSC
77	04-MAI	LISBOA - Centro Cultural de Belém	Concerto	CAP Cerqueira	BS	Enc. Dias da Música
78	05-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	G.H. Visita do P. R. De Singapura	SCH C. Oliveira	BN	
79	05-MAI	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita do P. R. De Singapura	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
80	05-MAI	LISBOA - Basílica dos Mártires	Missa do Dia do 103º GNR	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
81	05-MAI	LISBOA - Palácio da Ajuda	G.H. Visita do P. R. De Singapura	SMOR F. Pinto	BN	Hinos
82	05-MAI	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita do P. R. De Singapura	SCH João Rola	QC	
83	06-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Treino Dia da GNR	SMOR P. Luis	BN	
84	06-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Treino Dia da GNR	SCH Mendes	Fanf.	
85	06-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia Dia da GNR	SMOR P. Luis	BN	
86	06-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia Dia da GNR	SCH Mendes	Fanf.	
87	07-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
88	07-MAI	CASCAIS - Igreja Matriz	Missa do Dia do CTERLisboa	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
89	08-MAI	CASCAIS - CTERLisboa	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
90	08-MAI	CASCAIS - CTERLisboa	Treino Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
91	08-MAI	CASCAIS - CTERLisboa	Treino Dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
92	08-MAI	CASCAIS - CTERLisboa	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
93	08-MAI	CASCAIS - CTERLisboa	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
94	08-MAI	CASCAIS - CTERLisboa	Cerimónia Dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
95	08-MAI	CASCAIS - CTERLisboa - Palácio da Cidadela	Concerto	CAP Cerqueira	BS	
96	11-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M.Rodrigues	Fanf.	Corneteiro
97	11-MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto	SMOR P. Luis	OC	Enc. do 103º GNR
98	11-MAI	LISBOA - Martim Moniz	Procissão Sra da Saúde	SMOR F. Pinto	BN	Só BS
99	15-MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
100	15-MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
101	16-MAI	LISBOA - UI/GNR	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
102	16-MAI	LISBOA - UI/GNR	Treino Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	

103	16-MAI	LISBOA - UI/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
104	16-MAI	LISBOA - UI/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
105	18-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
106	18-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
107	22-MAI	LISBOA - Praça do Rossio, Praça do Comércio	Desfile Liga dos Campeões	CAP Cerqueira	BN	Só BS
108	24-MAI	CAPARICA - CFSSGNR	Dia da Criança - Exp. Material Percussão	GPrin. Verissimo	Fanf.	
109	25-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M.Rodrigues	Fanf.	Corneteiro
110	27-MAI	LISBOA - UCC/GNR	Visita do P. R. De Singapura	SCH C. Oliveira	BN	
111	28-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Nuno Soares	BM	
112	29-MAI	ALCANENA - Cine-Teatro	Concerto	SMOR F. Pinto	BN	
113	30-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
114	01-JUN	LISBOA - Parque das Nações	Concerto - Dia Mundial da Criança	SMOR F. Pinto	BN	Só BS
115	04-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
116	05-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	G.H. Visita do P. R. Do México	SMOR F. Pinto	BN	
117	05-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Visita do P. R. Do México	SCH C. Oliveira	BN	
118	05-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Visita do P. R. Do México	SCH Mendes	Fanf.	
119	05-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Visita do P. R. Do México	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
120	05-JUN	LISBOA - Palácio da Ajuda	G.H. Visita do P. R. Do México	SCH A. Sousa	BN	Hinos
121	05-JUN	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita do P. R. Do México	2SAR Frasilho	QC	
122	06-JUN	SAMOUÇO -	Concerto Didático	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
123	06-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	CCH F. Fonseca	Fanf.	
124	07-JUN	SEIXAL - União Seixalense	Concerto	SMOR P. Luis	OC + BS	
125	08-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
126	10-JUN	LISBOA - Monumento do Ultramar - Belém	XXI Encontro Nacional dos Combatentes	SCH A. Sousa	BN	
127	10-JUN	LISBOA - Monumento do Ultramar - Belém	XXI Encontro Nacional dos Combatentes	SCH Mendes	Fanf.	
128	10-JUN	LISBOA - Monumento do Ultramar - Belém	XXI Encontro Nacional dos Combatentes	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
129	11-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
130	11-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
131	11-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ J. Mota	Fanf.	Versão Verão
132	11-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Sua Alteza AGA KHAN	CMOR M. Lage	Fanf.	Corneteiro
133	12-JUN	BAIXA DA BANHEIRA - Ag. Esc. V. da Amoreira	Concerto Didático	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
134	12-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa	CABO Marques	Fanf.	Corneteiro
135	13-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Agostinho	Fanf.	Corneteiro
136	14-JUN	TORRES NOVAS - Teatro Virginia	Concerto	Jean S. Béreau	OC	Choral Phydellius
137	15-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
138	15-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	

139	18-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
140	20-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD Daniel Faria	BS	
141	22-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Rui Pinto	Fanf.	Corneteiro
142	22-JUN	LISBOA - MNA Antiga	Concerto	SMOR P. Luis	BN	
143	24-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Visita PR da Alemanha	SCH A. Sousa	BN	
144	24-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Alemanha	SCH C. Oliveira	BN	
145	24-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Alemanha	SAJ J. Mota	Fanf.	
146	24-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Alemanha	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
147	24-JUN	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Alemanha	SCH A. Sousa	BN	
148	24-JUN	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Alemanha		QC	
149	25-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ J. Mota	Fanf.	Versão Verão
150	27-JUN	FIGUEIRA DA FOZ - EG/GNR	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
151	27-JUN	FIGUEIRA DA FOZ - EG/GNR	Treino Dia da Unidade	SAJ J. Mota	Fanf.	
152	27-JUN	FIGUEIRA DA FOZ - EG/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
153	27-JUN	FIGUEIRA DA FOZ - EG/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SAJ J. Mota	Fanf.	
154	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR	Verão Seguro 2014	SCH C. Oliveira	BN	
155	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR	Verão Seguro 2014	SCH A. Sousa	BN	
156	30-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios			
157	01-JUL	QUELUZ - EG/UNT/GNR	Treino Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
158	01-JUL	QUELUZ - EG/UNT/GNR	Treino Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
159	01-JUL	QUELUZ - EG/UNT/GNR	Treino Dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
160	01-JUL	QUELUZ - EG/UNT/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
161	01-JUL	QUELUZ - EG/UNT/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
162	01-JUL	QUELUZ - EG/UNT/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
163	01-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	G.H. Visita do P. R. De Moçambique	SCH C. Oliveira	BN	
164	01-JUL	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Visita do P. R. De Moçambique	SCH C. Oliveira	BN	
165	01-JUL	LISBOA - Assembleia da Republica	G.H. Visita do P. R. De Moçambique	Cabo Agostinho	Fanf.	Corneteiro
166	01-JUL	LISBOA - Palácio da Ajuda	G.H. Visita do P. R. De Moçambique	SMOR M.Ferreira	BN	Hinos
167	01-JUL	LISBOA - Palácio da Ajuda	G.H. Visita do P. R. De Moçambique		QC	
168	02-JUL	LISBOA - C.M.Lisboa	G.H. Visita do P. R. De Moçambique	SCH A. Sousa	BN	
169	02-JUL	LISBOA - C.M.Lisboa	G.H. Visita do P. R. De Moçambique	SCH Mendes	Fanf.	
170	02-JUL	LISBOA - C.M.Lisboa	G.H. Visita do P. R. De Moçambique	Cabo Agostinho	Fanf.	Corneteiro
171	03-JUL	LISBOA - Teatro Nacional S. Carlos	Concerto	CAP Cerqueira	BS	Festival Música ao Largo
172	05-JUL	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	CAP Cerqueira	BS	GNR+GNR
173	06-JUL	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO P. Silva	Fanf.	Corneteiro
174	07-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	G.H. Visita dos Reis de Espanha	SCH A. Sousa	BN	

175	08-JUL	LISBOA - Assembleia da Republica	Pres. Parlamento da Rep. da Albania	CABO Marques	Fanf.	Corneteiro
176	09-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
177	14-JUL	LISBOA - Embaixada de França	Cerimónia do Dia Nacional de França	SCH A. Sousa	BN	Hinos
178	15-JUL	PALMELA - Cineteatro S. Pedro - FISPALMELA	Concerto	Reinaldo Guerreiro	OC	C/Vários Solistas
179	16-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
180	16-JUL	LISBOA - L. Carmo/B. dos Martires	Procissão	1SAR Galvão	Fanf.	
181	16-JUL	LISBOA - Basilica dos Mártires	Missa da Padroeira da GNR	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
182	17-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
183	17-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
184	19-JUL	MOURA - Igreja de São João Batista	Concerto	SMor Marco Ferreira	OC	C/Vários Solistas
185	20-JUL	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Rocha	Fanf.	Corneteiro
186	20-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SMOR Saraiva	BN	
187	20-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
188	23-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ J. Mota	Fanf.	Versão Verão
189	24-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD Elmano Pereira	BS	
190	29-JUL	VEISEU - CTERVEISEU	Treino Tomada de Posse novo CMD	SCH C. Oliveira	BN	
191	29-JUL	VEISEU - CTERVEISEU	Treino Tomada de Posse novo CMD	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
192	29-JUL	VEISEU - CTERVEISEU	Cerimónia Tomada de Posse novo CMDT	SCH C. Oliveira	BN	
193	29-JUL	VEISEU - CTERVEISEU	Cerimónia Tomada de Posse novo CMDT	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
194	30-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
195	31-JUL	CANTANHEDE - XXIV EXPOFACIC	Concerto	CAP Cerqueira	BS	GNR+GNR
196	03-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
197	06-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ J. Mota	Fanf.	Versão Verão
198	10-AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SMOR F. Pinto	BN	1º/2º das Férias
199	13-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ J. Mota	Fanf.	Versão Verão
200	14-AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
201	14-AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ J. Mota	Fanf.	
202	15-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Borbinha	Fanf.	Corneteiro
203	17-AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
204	17-AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
205	20-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
206	24-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CABO Marques	Fanf.	Corneteiro
207	24-AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SCH C. Oliveira	BN	2º/2º das Férias
208	27-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
209	03-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
210	07-SET	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro

211	08-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
212	10-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	Versão Verão
213	11-SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Barata	BS	
214	17-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
215	18-SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
216	18-SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
217	18-SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD P. Barbosa	BS	
218	19-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Visita PR da Indonésia	SMOR F. Pinto	BN	
219	19-SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Indonésia	SCH C. Oliveira	BN	
220	19-SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Indonésia	SCH Mendes	Fanf.	
221	19-SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Indonésia	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
222	19-SET	LISBOA - C.M.Lisboa	Visita PR da Indonésia	SCH C. Oliveira	BN	
223	19-SET	LISBOA - C.M.Lisboa	Visita PR da Indonésia	SCH Mendes	Fanf.	
224	19-SET	LISBOA - C.M.Lisboa	Visita PR da Indonésia	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
225	19-SET	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Indonésia	SMOR M.Ferreira	BN	Hinos
226	19-SET	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Indonésia		QC	
227	21-SET	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M.Rodrigues	Fanf.	Corneteiro
228	21-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
229	21-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
230	22-SET	LISBOA - UAF/GNR	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	Só Chefe	Troca SCH A.Sousa
231	22-SET	LISBOA - UAF/GNR	Treino Dia da Unidade	Cabo Agostinho	Fanf.	Corneteiro
232	22-SET	LISBOA - UAF/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
233	22-SET	LISBOA - UAF/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
234	22-SET	LISBOA - UAF/GNR	Cerimónia Dia da Unidade	Cabo Agostinho	Fanf.	Corneteiro
235	24-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ J. Mota	Fanf.	Versão Verão
236	25-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
237	26-SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Cabo Agostinho	Fanf.	
238	27-SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Concerto	SAJ P. Teixeira	QC	Jor. Eur. Património
239	30-SET	VIANA DO CASTELO - CTER	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
240	30-SET	VIANA DO CASTELO - CTER	Treino Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
241	01-OUT	VIANA DO CASTELO - CTER	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
242	01-OUT	VIANA DO CASTELO - CTER	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
243	02-OUT	LISBOA - Ruínas do Carmo	Treino - Entrega de Espadas	SMOR F. Pinto	BN	
244	02-OUT	LISBOA - Ruínas do Carmo	Entrega de Espadas	SMOR F. Pinto	BN	
245	02-OUT	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	CAP Cerqueira	BS	
246	05-OUT	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M.Nobre	Fanf.	Corneteiro

247	05-OUT	LISBOA - Camara Municipal de Lisboa	Cerimónia do 104º Aniv. Da República	SCH A. Sousa	BN	Só Banda
248	07-OUT	OEIRAS - Forte S. Julião da Barra	Concerto	SCH J. Rola	QC	Air Days 2014
249	10-OUT	QUELUZ - EG/GNR	Ação For.Amb.Destinada Países da CPLP	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
250	11-OUT	TOMAR - Auditório do Instituto Politécnico	Concerto	CAP Cerqueira	OC	
251	17-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
252	17-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ J. Mota	Fanf.	
253	17-OUT	LISBOA - Academia das Ciências	Concerto "Homenagem Maestro Béreau	CAP Cerqueira	OC	e Maestro I-Ming Huang
254	18-OUT	LISBOA - Assembleia da Republica	Concerto	SAJ P. Teixeira	QC	100º da 1ªG.Guerra
255	18-OUT	LISBOA - Assembleia da Republica	Concerto "100º da 1ª G. Guerra"	SMOR P. Luis	BN	Part. Coro da AR
256	19-OUT	COIMBRA - Igreja da Sé Nova	Missa	CMOR M. Lage	Fanf.	Corneteiro
257	19-OUT	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Agostinho	Fanf.	Corneteiro
258	19-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
259	19-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
260	22-OUT	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Sidonio	OC	
261	23-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD N. Nogueira	OC	
262	23-OUT	LISBOA - Igreja da Memória	Missa do Dia da UCC/GNR	2SAR R. Ferreira	Fanf.	Terno Corneteiros
263	23-OUT	LISBOA - Doca do Espanhol	Treino Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
264	23-OUT	LISBOA - Doca do Espanhol	Treino Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
265	23-OUT	LISBOA - Doca do Espanhol	Treino Dia da Unidade	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
266	24-OUT	LISBOA - Doca do Espanhol	Cerimónia Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
267	24-OUT	LISBOA - Doca do Espanhol	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
268	24-OUT	LISBOA - Doca do Espanhol	Cerimónia Dia da Unidade	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
269	01-NOV	LINDA-A-VELHA - Igreja do Sagrado Coração de Jesus	Concerto "Homenagem a Fontão/Teixeira"	Sérgio Fontão	OC	
270	02-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Rui Pinto	Fanf.	Corneteiro
271	07-NOV	PORTALEGRE - CFGuardas	G.H. Compromisso de Honra	SCH C. Oliveira	BN	
272	07-NOV	PORTALEGRE - CFGuardas	G.H. Compromisso de Honra	SCH Mendes	Fanf.	
273	08-NOV	MONTEMOR-O-NOVO - Igreja da Misericórdia	Concerto	CAP Cerqueira	OC	
274	10-NOV	AVEIRO - CTER	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
275	10-NOV	AVEIRO - CTER	Treino Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
276	10-NOV	AVEIRO - CTER	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
277	10-NOV	AVEIRO - CTER	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
278	14-NOV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
279	14-NOV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
280	16-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Pedro Silva	Fanf.	Corneteiro
281	16-NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
282	16-NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	

283	16-NOV	LISBOA - Museu do Oriente	Concerto	CAP Cerqueira	BS	Solista Marco Pierobon
284	19-NOV	SANTARÉM - Teatro Sá da Bandeira	Concerto "H. ao Maestro Luiz Gomes"	CAP Cerqueira	BS	
285	22-NOV	PALMELA - SFP "Loureiros"	Concerto "H. ao Maestro Luiz Gomes"	CAP Cerqueira	BS	
286	29-NOV	ALCANENA - Cine Teatro S. Pedro	Concerto	SMOR P. Luis	OC	Angela Silva, João Rodrigues
287	30-NOV	GUARDA - CTER	Treino Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
288	30-NOV	GUARDA - CTER	Treino Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
289	30-NOV	GUARDA - CTER	Treino Dia da Unidade	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
290	30-NOV	GUARDA - CTER	Cerimónia Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
291	30-NOV	GUARDA - CTER	Cerimónia Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
292	30-NOV	GUARDA - CTER	Cerimónia Dia da Unidade	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
293	30-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CMOR Lage	Fanf.	Corneteiro
294	07-DEC	LISBOA - FIL	Concerto	SMOR F. Pinto	BN	
295	08-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Borbinha	Fanf.	Corneteiro
296	10-DEC	QUELUZ - EG/GNR	G.H. S. Exa MAI	SCH A. Sousa	BN	
297	10-DEC	LISBOA - Comando Geral	Exposição de Meios	GRD C. Soares	BM	
298	11-DEC	S. JOÃO DA MADEIRA - Casa da Criatividade	Concerto	CAP Cerqueira	OC	Nuno Polvora
299	12-DEC	S. JOÃO DA MADEIRA - Casa da Criatividade	Concerto	CAP Cerqueira	OC	Nuno Polvora
300	15-DEC	LISBOA - Ministério das Finanças	Concerto	SMOR F. Pinto	BN	
301	19-DEC	LISBOA - Basílica dos Mártires	Missa	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
302	18-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD P. Barbosa	BS	
303	18-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
304	19-DEC	LISBOA - IPO	Concerto	SMOR P. Luis	OC	Só Cordas
305	21-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
306	21-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
307	21-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
308	28-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro

SERVIÇOS - 2015

Nº	DATA	LOCAL	SERVIÇO	CHEFIOU	Agrup.	OBS
01	04-JAN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro
02	06-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD Sidónio	OC	
03	07-JAN	BARCARENA - Cemitério	Cerimónia Funebre	SCH Mendes	Fanf.	TCOR Marcelino
04	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR - UNT	Treino Transf. Comando	SCH A. Sousa	BN	
05	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR - UNT	Treino Transf. Comando	SCH Mendes	Fanf.	
06	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR - UNT	Treino Transf. Comando	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
07	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR - UNT	CerimóniaTransf. Comando	SCH A. Sousa	BN	
08	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR - UNT	CerimóniaTransf. Comando	SCH Mendes	Fanf.	
09	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR - UNT	CerimóniaTransf. Comando	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
10	15-JAN	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD P. Oliveira	BS	
11	15-JAN	QUELUZ - EG/GNR - Sala de Oficiais	Concerto " Música Ambiente"	2SAR Frasquilho	QC	
12	16-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	SCH A. Sousa
13	16-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
14	16-JAN	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Nelson Jesus	BS	
15	18-JAN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M. Nobre	Fanf.	GRD M. Rodrigues
16	18-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	SCH A. Sousa
17	18-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
18	20-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Credências	SCH C. Oliveira	BN	
19	21-JAN	LISBOA - MNE	Concerto " Música Ambiente"	SAJ P. Teixeira	QC	
20	25-JAN	FARO - CTER FARO	Missa	2SAR T. Lourenço	Fanf.	Terno
21	27-JAN	FARO - Forum Algarve - FNAC	Concerto	2SAR R. Madeira	QC	Quarteto
22	29-JAN	FARO - CTER FARO	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
23	29-JAN	FARO - CTER FARO	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
24	29-JAN	FARO - CTER FARO	Treino dia da Unidade	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
25	29-JAN	FARO - CTER FARO	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
26	29-JAN	FARO - CTER FARO	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
27	29-JAN	FARO - CTER FARO	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
28	29-JAN	FARO - Teatro das Figuras	Concerto	SMOR P. Luís	BS	CTERFARO
29	01-FEV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Grd M. Rodrigues	Fanf.	GRD M. Nobre
30	05-FEV	LISBOA - Assembleia da Republica	Pres. da Câmara deputados Luxemburgo	SCH A. Sousa	BN	

31	05-FEV	LISBOA - Assembleia da Republica	Pres. da Câmara deputados Luxemburgo	SCH Mendes	Fanf.	
32	13-FEV	LEIRIA - CTER	Treino Inauguração do P. Mira de Aire	CMor Lage	Fanf.	
33	13-FEV	LEIRIA - CTER	Cerimónia I. do Posto Mira de Aire	CMor Lage	Fanf.	
34	13-FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
35	13-FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
36	15-FEV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo R. Pinto	Fanf.	Corneteiro
37	15-FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
38	15-FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
39	17-FEV	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD N. Gomes	OC	
40	19-FEV	PALMELA - Cine-Teatro S. João	Concerto	Cap Cerqueira	BS	
41	20-FEV	PORTALEGRE - CFGuardas	Treino Juramento de Bandeira	SCH C. Oliveira	BN	
42	20-FEV	PORTALEGRE - CFGuardas	Treino Juramento de Bandeira	SCH Mendes	Fanf.	
43	20-FEV	PORTALEGRE - CFGuardas	Cerimónia Juramento de Bandeira	SCH C. Oliveira	BN	
44	20-FEV	PORTALEGRE - CFGuardas	Cerimónia Juramento de Bandeira	SCH Mendes	Fanf.	
45	24-FEV	MANIQUE - Escola Salesianos	Concerto	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
46	26-FEV	LISBOA - Teatro Nacional São Carlos	Concerto de Inverno	Cap Cerqueira	OC+BS	Solistas+Coro TNSC
47	27-FEV	CASCAIS - Shopping - FNAC	Concerto	SCH Rola	QC	
48	01-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro
49	03-MAR	LISBOA - MNE	GH - Visita 1º Ministro Turco	SCH A. Sousa	BN	
50	03-MAR	LISBOA - MNE	Concerto " Música Ambiente"	SCH Rola	QC	
51	05-MAR	LISBOA - Ministério das Finanças	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
52	13-MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
53	13-MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
54	13-MAR	BARCARENA - Cemitério	Cerimónia Funebre	SCH Mendes	Fanf.	TCOR Bastos
55	15-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro
56	15-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
57	15-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
58	19-MAR	POVOA DE STA IRIA - Ag. de escolas	Concerto	SCH F. Pinto	BM+Fanf	
59	19-MAR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Nelson Jesus	BS	
60	21-MAR	BOMBARRAL - Teatro Eduardo Brazão	Concerto	SMOR F. Pinto	OC	Ana Cosme
61	29-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Borbinha	Fanf.	Corneteiro
62	01-ABR	PORTO DE MÓS - CTERLEIRIA	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
63	01-ABR	PORTO DE MÓS - CTERLEIRIA	Treino dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
64	01-ABR	PORTO DE MÓS - CTERLEIRIA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
65	01-ABR	PORTO DE MÓS - CTERLEIRIA	Cerimónia do Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
66	01-ABR	LISBOA - Igreja da Memória	Missa	SCH F. Pinto	BM+Fanf	

67	05-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
68	06-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
69	06-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
70	07-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
71	07-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
72	08-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino de encerramento do 26ºCEC	SCH Mendes	Fanf.	
73	09-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Cerimónia de encerramento 26º CEC	SCH Mendes	Fanf.	
74	10-ABR	LISBOA - Torre de Belém	" Lisboa2Baku "	SCH C. Oliveira	BN	
75	11-ABR	ALHANDRA - Soc. Euterpe Alhandrense	Concerto	SMOR P. Luís	OC	
76	12-ABR	TRAVASSÔ - Soc.Recreativa Musical 12 de Abril	Concerto	Cap Cerqueira	BS	
77	14-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD João Carvalho	BS	
78	15-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	Versão Verão
79	17-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Nuno Soares	BML	
80	17-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
81	17-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
82	19-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
83	19-ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
84	19-ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
85	19-ABR	LISBOA - Conservatório Nacional	Concerto	Amâncio Cabral	OC	Maestro Convidado
86	20-ABR	LISBOA - MNE	GH - Visita 1ºMinistro Marrocos	SCH C. Oliveira	BN	
87	20-ABR	LISBOA - MNE	Concerto " Música Ambiente"	SCH Rola	QC	
88	22-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
89	25-ABR	LISBOA - Assembleia da Republica	GH - 41º Aniversário 25ABR74	SMOR Ferreira	BN	
90	25-ABR	LISBOA - Residência Oficial 1ºMinistro	Concerto	2SAR Tiago Alves	QM	Quinteto Metais
91	26-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro
92	29-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SAJ Mota	Fanf.	
93	29-ABR	LISBOA - Basilica dos Martires	Missa	SCH F. Pinto	BM+Fanf	104º GNR
94	01-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Grd M.Rodrigues	Fanf.	Corneteiro
95	03-MAI	LISBOA - Praça do Império	Treino dia do 104º GNR	Cap Cerqueira	BN	
96	03-MAI	LISBOA - Praça do Império	Treino dia do 104º GNR	SCH Mendes	Fanf.	
97	03-MAI	LISBOA - Praça do Império	Cerimónia do 104º GNR	Cap Cerqueira	BN	
98	03-MAI	LISBOA - Praça do Império	Cerimónia do 104º GNR	SCH Mendes	Fanf.	
99	06-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	1SAR Galvão	Fanf.	
100	07-MAI	LISBOA - Comando Geral	Concerto " Abertura Museu GNR"	SCH Rola	QC	
101	07-MAI	LISBOA - FIL " Segurex"	Concerto	2SAR Tiago Alves	QM	Quinteto Metais
102	09-MAI	MAFRA - Basilica do Convento	Concerto	SMOR P. Luís	OC	Dia do Cter Lisboa

103	10-MAI	LISBOA - Martim Moniz	Procissão Sra da Saúde	SMOR P. Luís	BN	
104	13-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
105	14-MAI	MAFRA - CTERLISBOA	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
106	14-MAI	MAFRA - CTERLISBOA	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
107	14-MAI	MAFRA - CTERLISBOA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
108	14-MAI	MAFRA - CTERLISBOA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
109	14-MAI	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	Cap Cerqueira	BS	104º Aniversário GNR
110	15-MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
111	15-MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
112	17-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
113	17-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
114	17-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
115	17-MAI	TORRES NOVAS - Teatro Virginia	Concerto	João Branco	OC	Maestro Convidado
116	18-MAI	CASCAIS - Farol da Guia	Concerto " Música Ambiente"	SAJ PedroTeixeira	QC	
117	19-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD André Jesus	BS	
118	20-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH A. Sousa	BN	
119	20-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
120	21-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Vasco Valente	BS	
121	22-MAI	PONTINHA - UI/GNR	Treino dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
122	22-MAI	PONTINHA - UI/GNR	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
123	22-MAI	PONTINHA - UI/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
124	22-MAI	PONTINHA - UI/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
125	27-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SAJ Mota	Fanf.	
126	29-MAI	LISBOA - MNE	Concerto " Música Ambiente"	SAJ P. Teixeira	QC	
127	31-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo R. Pinto	Fanf.	Corneteiro
128	31-MAI	LISBOA - Belém "Jardim Vieira Portuense"	Concerto	SMOR F. Pinto	BN	Dia Mundial da Criança
129	03-JUN	COIMBRA - CTER	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
130	03-JUN	COIMBRA - CTER	Treino dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
131	03-JUN	COIMBRA - CTER	Treino dia da Unidade	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
132	03-JUN	COIMBRA - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
133	03-JUN	COIMBRA - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
134	03-JUN	COIMBRA - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
135	03-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
136	05-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD M. Herrera	BS	
137	05-JUN	LISBOA - Academia Militar	Concerto	SAJ C. Costa	QC	Baile Finalistas
138	07-JUN	COIMBRA - CTER	Concerto " Exp. 100 Anos GNR em Coimbra	ZSAR Frasquilho	QC	CC Dolce Vita

139	10-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro
140	10-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SAJ Mota	Fanf.	
141	10-JUN	LISBOA - Monumento dos Combatentes	XXII Enc. Nac. Dos Combatentes	SCH A. Sousa	BN	
142	10-JUN	LISBOA - Monumento dos Combatentes	XXII Enc. Nac. Dos Combatentes	SCH Mendes	Fanf.	
143	10-JUN	LISBOA - Monumento dos Combatentes	XXII Enc. Nac. Dos Combatentes	Grd M.Rodrigues	Fanf.	Corneteiro
144	12-JUN	LISBOA - Instituto Português de Oncologia	Concerto	SMOR F. Pinto	OC	Só Cordas
145	14-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro
146	16-JUN	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD Vasco Valente	BS	
147	17-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	1SAR Galvão	Fanf.	
148	18-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
149	18-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
150	19-JUN	FÁTIMA - 34ª Peregrinação Militar	Missa	SCH M. Carvalho	BM+Fanf	
151	21-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
152	21-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
153	24-JUN	VISEU - CTER	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
154	24-JUN	VISEU - CTER	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
155	24-JUN	VISEU - CTER	Treino dia da Unidade	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
156	24-JUN	VISEU - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
157	24-JUN	VISEU - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
158	24-JUN	VISEU - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
159	24-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	1SAR Sacramento	Fanf.	
160	25-JUN	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita Pres. Cons. Nac. Suíço	SCH A. Sousa	BN	
161	26-JUN	BARCARENA - Fábrica da Pólvora	Concerto	SMOR F. Pinto	BS	
162	28-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Borbinha	Fanf.	Corneteiro
163	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR/UNT	Treino dia da Unidade UNT	SCH C. Oliveira	BN	
164	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR/UNT	Treino dia da Unidade UNT	SAJ Mota	Fanf.	
165	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR/UNT	Treino dia da Unidade UNT	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
166	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR/UNT	Cerimónia do dia da Unidade UNT	SCH C. Oliveira	BN	
167	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR/UNT	Cerimónia do dia da Unidade UNT	SAJ Mota	Fanf.	
168	30-JUN	QUELUZ - EG/GNR/UNT	Cerimónia do dia da Unidade UNT	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
169	01-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
170	01-JUL	LISBOA - Assembleia da Republica	Prémio Norte-Sul do Cons. Da Europa	CMOR Lage	Fanf.	Corneteiro
171	02-JUL	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	SAJ P. Teixeira	QC	
172	03-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Treino dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
173	03-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Treino dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
174	03-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	

175	03-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
176	03-JUL	LISBOA - Panteão Nacional	Trasladação do Eusébio	SCH C. Oliveira	BN	
177	08-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
178	09-JUL	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	2SAR Tiago Alves	QM	Quinteto Metais
179	12-JUL	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
180	14-JUL	LISBOA - Comando Geral	Concerto " Música Ambiente"	SCH Rola	QC	
181	15-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
182	15-JUL	LISBOA - Teatro Nacional S. Carlos	Concerto	Maj. Cerqueira	BS	Festival ao Largo
183	16-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Visita PR de Moçambique	SCH C. Oliveira	BN	
184	16-JUL	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR de Moçambique	SCH A. Sousa	BN	
185	16-JUL	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR de Moçambique	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
186	16-JUL	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR de Moçambique	SCH A. Sousa	BN	
187	16-JUL	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR de Moçambique	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
188	16-JUL	LISBOA - CG - dia Nª Sra do Carmo	Procissão	SAJ Mota	Fanf.	
189	16-JUL	LISBOA - Basílica dos Martires	Missa	SCH Carvalho	BM+Fanf	Nª Sra do Carmo
190	16-JUL	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	2SAR Tiago Alves	QM	Quinteto Metais
191	16-JUL	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR de Moçambique	SMOR M. Ferreira	BN	Hinos
192	16-JUL	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR de Moçambique	SCH Rola	QC	Música Ambiente
193	17-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
194	17-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
195	19-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
196	19-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
197	22-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SAJ Mota	Fanf.	
198	23-JUL	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	2SAR F. Rato	QC	
199	26-JUL	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
200	29-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SAJ Mota	Fanf.	
201	30-JUL	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	SAJ Carlos Costa	QC	
202	02-AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SCH C. Oliveira	BN	1ª/2ª das Férias
203	05-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SAJ Mota	Fanf.	Versão Verão
204	09-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Rui Pinto	Fanf.	Corneteiro
205	12-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SAJ Mota	Fanf.	
206	13-AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
207	13-AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
208	16-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
209	16-AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
210	16-AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	

211	19-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	1SAR Sacramento	Fanf.	
212	26-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
213	30-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro
214	30-AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SMOR Pinto	BN	2º/2º das Férias
215	02-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
216	08-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Visita PR do Senegal	SMOR Pinto	BN	
217	08-SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR do Senegal	SCH C. Oliveira	BN	
218	08-SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR do Senegal	SCH Mendes	Fanf.	
219	08-SET	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR do Senegal	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro
220	08-SET	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR do Senegal	SCH C. Oliveira	BN	
221	08-SET	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR do Senegal	SCH Mendes	Fanf.	
222	08-SET	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR do Senegal	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro
223	08-SET	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR do Senegal	SMOR Pinto	BN	Hinos
224	08-SET	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR do Senegal	SCH Rola	QC	Música Ambiente
225	09-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
226	13-SET	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Borbinha	Fanf.	Corneteiro
227	15-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
228	16-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	SCH Mendes	Fanf.	
229	16-SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD E. Pereira	BS	
230	17-SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD P. Barbosa	BS	
231	18-SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
232	18-SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
233	20-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
234	20-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
235	21-SET	LISBOA - UAF/GNR	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
236	21-SET	LISBOA - UAF/GNR	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
237	21-SET	LISBOA - UAF/GNR	Treino dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
238	21-SET	LISBOA - UAF/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
239	21-SET	LISBOA - UAF/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
240	21-SET	LISBOA - UAF/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
241	23-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo		Fanf.	
242	25-SET	PORTALEGRE - CFGuardas	Treino Encerramento de Curso	SCH C. Oliveira	BN	
243	25-SET	PORTALEGRE - CFGuardas	Treino Encerramento de Curso	SCH Mendes	Fanf.	
244	25-SET	PORTALEGRE - CFGuardas	Cerimónia Encerramento de Curso	SCH C. Oliveira	BN	
245	25-SET	PORTALEGRE - CFGuardas	Cerimónia Encerramento de Curso	SCH Mendes	Fanf.	
246	27-SET	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Pedro Silva	Fanf.	Corneteiro

247	30-SET	LISBOA - Comando Geral	Render da Guarda ao Quartel do Carmo	1SAR C. Galvão	Fanf.	Versão Verão "Ultimo"
248	01-OUT	LISBOA - Ruínas do Carmo	Entrega de Espadas	SCH C. Oliveira	BN	
249	01-OUT	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto	Major Cerqueira	BS	Concerto de Outono
250	02-OUT	VIANA DO CASTELO - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
251	02-OUT	VIANA DO CASTELO - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
252	02-OUT	VIANA DO CASTELO - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
253	05-OUT	LISBOA - CMLisboa	Cerimónia Instauração da Republica	SCH C. Oliveira	BN	
254	05-OUT	LISBOA - CMLisboa	Cerimónia Instauração da Republica	SCH Mendes	Fanf.	
255	07-OUT	LISBOA - Comando Geral	Concerto " Jantar despedida CEPOL "	SCH Rola	QC	Música Ambiente
256	11-OUT	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro
257	12-OUT	SANTO TIRSO - CTERPORTO	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
258	12-OUT	SANTO TIRSO - CTERPORTO	Treino dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
259	12-OUT	SANTO TIRSO - CTERPORTO	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
260	12-OUT	SANTO TIRSO - CTERPORTO	Cerimónia do Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
261	12-OUT	LISBOA - Palácio da Mitra	Concerto	SCH Rola	QC	
262	14-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
263	14-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
264	15-OUT	ALMEIRIM - CTERSANTARÉM	Treino dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
265	15-OUT	ALMEIRIM - CTERSANTARÉM	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
266	15-OUT	ALMEIRIM - CTERSANTARÉM	Treino dia da Unidade	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
267	15-OUT	ALMEIRIM - CTERSANTARÉM	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
268	15-OUT	ALMEIRIM - CTERSANTARÉM	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
269	15-OUT	ALMEIRIM - CTERSANTARÉM	Cerimónia do Dia da Unidade	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
270	16-OUT	SINTRA - CTERLISBOA	Treino Tomada Posse novo CMDT	SCH C. Oliveira	BN	
271	16-OUT	SINTRA - CTERLISBOA	Treino Tomada Posse novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
272	16-OUT	SINTRA - CTERLISBOA	Cerimónia Tomada Posse novo CMDT	SCH C. Oliveira	BN	
273	16-OUT	SINTRA - CTERLISBOA	Cerimónia Tomada Posse novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
274	18-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
275	18-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
276	22-OUT	LISBOA - UCC/GNR	Missa	1SAR C. Galvão	Fanf.	Terno
277	23-OUT	LISBOA - UCC/GNR	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
278	23-OUT	LISBOA - UCC/GNR	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
279	23-OUT	LISBOA - UCC/GNR	Treino dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
280	23-OUT	LISBOA - UCC/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
281	23-OUT	LISBOA - UCC/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
282	23-OUT	LISBOA - UCC/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro

283	23-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH A. Sousa	BN	
284	25-OUT	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
285	28-OUT	LISBOA - Centro Social São Boaventura	Concerto	SMOR M. Paulo	OC	Só Cordas+Solistas
286	31-OUT	REGUENGOS DE MONSARAZ - CTERÉVORA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
287	31-OUT	REGUENGOS DE MONSARAZ - CTERÉVORA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
288	31-OUT	NISA - Cine Teatro	Concerto	Major Cerqueira	BS	
289	02-NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Visita PR da Bulgária	SCH C. Oliveira	BN	
290	02-NOV	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Bulgária	SCH A. Sousa	BN	
291	02-NOV	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Bulgária	SCH Mendes	Fanf.	
292	02-NOV	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Bulgária	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
293	02-NOV	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR da Bulgária	SCH A. Sousa	BN	
294	02-NOV	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR da Bulgária	SCH Mendes	Fanf.	
295	02-NOV	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR da Bulgária	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
296	02-NOV	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Bulgária	SMOR Pinto	BN	Hinos
297	02-NOV	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Bulgária	SCH Rola	QC	Música Ambiente
298	07-NOV	TOMAR - Cine Teatro Paraíso	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
299	08-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
300	10-NOV	AVEIRO - CTERAVEIRO	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
301	10-NOV	AVEIRO - CTERAVEIRO	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
302	10-NOV	AVEIRO - CTERAVEIRO	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
303	10-NOV	AVEIRO - CTERAVEIRO	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
304	12-NOV	LISBOA - Ministério das Finanças	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
305	13-NOV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
306	13-NOV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
307	15-NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
308	15-NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
309	16-NOV	LISBOA - USHE Quartel Conde Lipe GS	Reunião de Comandos da GNR	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
310	17-NOV	BRAGANÇA - CTER	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
311	17-NOV	BRAGANÇA - CTER	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
312	17-NOV	BRAGANÇA - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
313	17-NOV	BRAGANÇA - CTER	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
314	22-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro
315	22-NOV	VIDIGUEIRA - Cine Lusitano	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
316	25-NOV	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Cabo Rocha	Fanf.	
317	27-NOV	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Cabo Rui Pinto	Fanf.	
318	01-DEC	LISBOA - Assembleia da Republica	GH ao Presidente da A.R.	CMOR Lage	Fanf.	Corneteiro

319	01-DEC	PONTINHA - UI/GNR	Treino Tomada Posse novo CMDT	SCH A. Sousa	BN	
320	01-DEC	PONTINHA - UI/GNR	Treino Tomada Posse novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
321	01-DEC	PONTINHA - UI/GNR	Cerimónia Tomada Posse novo CMDT	SCH A. Sousa	BN	
322	01-DEC	PONTINHA - UI/GNR	Cerimónia Tomada Posse novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
323	02-DEC	SEIA - CTERGUARDA	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
324	02-DEC	SEIA - CTERGUARDA	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
325	02-DEC	SEIA - CTERGUARDA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
326	02-DEC	SEIA - CTERGUARDA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
327	02-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD Barata	OC	
328	03-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD V. Valente	BS	
329	05-DEC	FANHÕES - Salão Nobre dos B.V.	Concerto	SMOR F. Pinto	BS	
330	06-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
331	06-DEC	LISBOA - Igreja Nossa Sra da Ajuda	Concerto	SMOR M. Ferreira	OC	
332	09-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Visita PR da Irlanda	SCH A. Sousa	BN	
333	09-DEC	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR da Irlanda	SCH C. Oliveira	BN	
334	09-DEC	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR da Irlanda	SCH Mendes	Fanf.	
335	09-DEC	LISBOA - Camara Municipal	Visita PR da Irlanda	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
336	09-DEC	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Irlanda	SMOR P. Luís	BN	Hinos
337	09-DEC	LISBOA - Palácio da Ajuda	Visita PR da Irlanda	SCH Rola	QC	Música Ambiente
338	09-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD N. Gomes	OC	
339	10-DEC	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Irlanda	SCH A. Sousa	BN	
340	10-DEC	LISBOA - Assembleia da Republica	Visita PR da Irlanda	SCH Mendes	Fanf.	
341	10-DEC	LISBOA - Biblioteca da GNR	Concerto " Música Ambiente "	SAJ Carlos Costa	QC	
342	11-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD Nuno Soares	BML	
343	13-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Rui Pinto	Fanf.	Corneteiro
344	14-DEC	LISBOA - Comando Geral	Visita de S. Exa a MAI ao CG/GNR	GRD Elmano Pereira	BS	
345	15-DEC	PORTO - CTER	Cerimónia Tomada Posse novo CMDT	SCH A. Sousa	BN	
346	15-DEC	PORTO - CTER	Cerimónia Tomada Posse novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
347	15-DEC	LISBOA - Hotel Marriot	Concerto	SMOR P. Luís	OC	
348	16-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciais	SCH A. Sousa	BN	
349	17-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
350	17-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
351	17-DEC	LISBOA - Ministério das Finanças	Concerto	SMOR F. Pinto	BS	
352	18-DEC	LISBOA - Basílica dos Mártires	Missa	SCH Carvalho	BM+Fanf	Missa de Natal
353	20-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
354	20-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	

355	20-DEC	MOURA - Convento Nossa Sra do Carmo	Concerto	SMOR F. Pinto	BS	
356	22-DEC	QUELUZ - EG/GNR	Treino - GH MAI	SCH C. Oliveira	BN	Entrega de Viaturas
357	22-DEC	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia - GH MAI	SCH C. Oliveira	BN	Entrega de Viaturas
358	22-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Missa (USHE)	SCH Carvalho	BM+Fanf	Missa de Natal
359	25-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo Borbinha	Fanf.	Corneteiro

SERVIÇOS - 2016

Nº	DATA	LOCAL	SERVIÇO	CHEFIOU	Agrup.	OBS
01	01-JAN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo P.Silva	Fanf.	Corneteiro
02	05-JAN	LISBOA - Teatro Nacional de S. Carlos	Concerto de Ano Novo	MAJ Cerqueira	OC+BS	C/ Solista e Coro TNSC
03	07-JAN	LISBOA - Assembleia da República	GH ao Presidente da Assembleia	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
04	10-JAN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro
05	12-JAN	LISBOA - Palácio de Belém	GH - Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
06	13-JAN	SETÚBAL - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH C. Oliveira	BN	
07	13-JAN	SETÚBAL - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
08	13-JAN	QUELUZ - Palácio de Queluz	GH - Cumprimentos Ano Novo ao PR	SCH A. Sousa	BN	
09	13-JAN	LISBOA - MNE	Concerto " Música Ambiente"	SMOR Rola	QC	
10	13-JAN	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD P. Barbosa	BS	
11	14-JAN	AVEIRO - CTER	GH - Treino Tomada de Posse N/CMDT	SCH C. Oliveira	BN	
12	14-JAN	AVEIRO - CTER	GH - Treino Tomada de Posse N/CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
13	14-JAN	AVEIRO - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH C. Oliveira	BN	
14	14-JAN	AVEIRO - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
15	15-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
16	15-JAN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
17	17-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
18	17-JAN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
19	24-JAN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro
20	24-JAN	FARO - CTER	Missa	2SAR J. Cruz	Fanf.	Terno
21	25-JAN	VISEU - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH C. Oliveira	BN	Não se realizou
22	25-JAN	VISEU - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
23	25-JAN	VISEU - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
24	29-JAN	ALBUFEIRA - CTER FARO	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
25	29-JAN	ALBUFEIRA - CTER FARO	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
26	29-JAN	ALBUFEIRA - CTER FARO	Treino dia da Unidade	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
27	29-JAN	ALBUFEIRA - CTER FARO	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
28	29-JAN	ALBUFEIRA - CTER FARO	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
29	29-JAN	ALBUFEIRA - CTER FARO	Cerimónia do Dia da Unidade	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
30	30-JAN	ALHANDRA - Soc. Euterpe Alhandrense	Concerto	SMOR P. Luís	OC	C/ Cuca Roseta

31	02-FEV	VIANA DO CASTELO - CTER	GH - Treino Tomada de Posse N/CMDT	SCH C. Oliveira	BN	Não houve treino
32	02-FEV	VIANA DO CASTELO - CTER	GH - Treino Tomada de Posse N/CMDT	SCH Mendes	Fanf.	Não houve treino
33	02-FEV	VIANA DO CASTELO - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH C. Oliveira	BN	
34	02-FEV	VIANA DO CASTELO - CTER	GH - Tomada de Posse Novo CMDT	SCH Mendes	Fanf.	
35	03-FEV	LISBOA - Assembleia da República	GH - ao Presidente da Assembleia	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
36	05-FEV	PORTALEGRE - CFP/EG	Juramento de Bandeira	SCH A. Sousa	BN	
37	05-FEV	LAGOA - Centro de congressos do Arade	Concerto	MAJ Cerqueira	BS	
38	07-FEV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
39	08-FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD N. Gomes	OC	
40	11-FEV	PORTALEGRE - CFP/EG	GH - Treino Visita PR	SCH A. Sousa	BN	
41	11-FEV	PORTALEGRE - CFP/EG	GH - Cerimónia Visita PR	SCH A. Sousa	BN	
42	11-FEV	PORTALEGRE - CFP/EG	Concerto	SMOR J. Rola	QC	Música ambiente
43	19-FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
44	19-FEV	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
45	20-FEV	VILA REAL - Auditório Municipal	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
46	21-FEV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Arranja	Fanf.	Corneteiro
47	21-FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
48	21-FEV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
49	23-FEV	MACEDO CAVALEIROS - Centro Cultural	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
50	24-FEV	MACEDO CAVALEIROS - CTER Bragança	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
51	24-FEV	MACEDO CAVALEIROS - CTER Bragança	Treino dia da Unidade	SAJ J. Mota	Fanf.	
52	24-FEV	MACEDO CAVALEIROS - CTER Bragança	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
53	24-FEV	MACEDO CAVALEIROS - CTER Bragança	Cerimónia do Dia da Unidade	SAJ J. Mota	Fanf.	
54	01-MAR	MANIQUE - TIRES - Esc Salesiana	Concerto Didáctico	SMOR N. Pinto	BM+Fanf.	
55	02-MAR	LISBOA - Palácio de Belém	GH - Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
56	02-MAR	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
57	02-MAR	PONTE DE LIMA - Teatro Diogo Bernardes	Concerto	SMOR M.Ferreira	OC	C/ Solista Ana Cosme
58	05-MAR	VIMIOSO - Pavilhão Multiusos	Concerto	SMOR Pinto	BS	
59	06-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	GRD M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
60	06-MAR	CASCAIS - Cascaishoppig - FNAC	Concerto	SMOR J. Rola	QC	Semana da P. Civil
61	08-MAR	LISBOA - Comando Geral	Dia Internacional da Mulher	Cabo M. Cardoso	BS	Representação da BM
62	09-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	GH - PR Cessante	SCH A. Sousa	BN	Interior
63	09-MAR	LISBOA - Assembleia da República	GH - Tomada de Posse Novo PR	SCH C. Oliveira	BN	Interior
64	09-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	GH - PR	SCH A. Sousa	BN	Exterior
65	11-MAR	PORTO - Camara Municipal	GH - PR	SCH C. Oliveira	BN	
66	12-MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	

67	12-MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
68	12-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	GH - PR	SCH A. Sousa	BN	
69	12-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	GH - PR	SCH Mendes	Fanf.	
70	12-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
71	12-MAR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
72	16-MAR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRDN. Nogueira	OC	
73	20-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo R. Pinto	Fanf.	Corneteiro
74	20-MAR	CASCAIS - Auditório Sra da Boa Hora	Concerto	J. Sebastien Bereau	BS	
75	22-MAR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Missa	SMOR N. Pinto	BM+Fanf.	
76	23-MAR	LISBOA - Igreja da Memória	Missa Crismal	SMOR N. Pinto	BM+Fanf.	
77	23-MAR	LISBOA - UCC/GNR	Missão Frontex - SEXA a MAI	Cabo Marques	Fanf.	Corneteiro
78	27-MAR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo J. Borbinha	Fanf.	Corneteiro
79	28-MAR	FUNDÃO - Edifício da Antiga Praça	Concerto	SMOR Pinto	BS	
80	29-MAR	FUNDÃO - CTER Castelo Branco	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
81	29-MAR	FUNDÃO - CTER Castelo Branco	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
82	31-MAR	LISBOA - USHE - Conde Lippe	Treino dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
83	31-MAR	LISBOA - USHE - Conde Lippe	Treino dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
84	01-ABR	BATALHA - CTERLEIRIA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
85	01-ABR	BATALHA - CTERLEIRIA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
86	01-ABR	BATALHA - Mosteiro da Batalha CTERLEIRIA	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
87	05-ABR	LISBOA - USHE - Conde Lippe	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH C. Oliveira	BN	
88	05-ABR	LISBOA - USHE - Conde Lippe	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
89	06-ABR	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
90	10-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro
91	12-ABR	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	Cabo M- Rocha	Fanf.	
92	13-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
93	14-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	Cabo J. Borbinha	Fanf.	
94	15-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
95	15-ABR	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
96	15-ABR	LISBOA - Academia das Ciências	Concerto	J. Sebastien Bereau	OC	Homenagem a N. Mandela
97	17-ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
98	17-ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
99	17-ABR	MAMARROSA - Banda Filarmónica	Concerto	Major Cerqueira	BS	
100	20-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	1º de 2016
101	21-ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto	1SAR J. Ferreira	QC	Música ambiente
102	22-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	Início do 105º GNR

103	22-ABR	LISBOA - Comando Geral	Concerto - Sala Afonso Botelho	1SAR J. Ferreira	QC	
104	24-ABR	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro
105	25-ABR	LISBOA - Assembleia da República	GH - Interior	SMOR M.Ferreira	BN	
106	27-ABR	LISBOA - Palácio de Belem	Credenciaias	SCH A. Sousa	BN	
107	27-ABR	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
108	28-ABR	LISBOA - Assembleia da República	GH - P. Camara de deputados de Itália	SCH A. Sousa	BN	
109	28-ABR	LISBOA - Ministério das Finanças	Concerto	SMOR P. Luís	BS	
110	29-ABR	LISBOA - Basílica dos Martíres	Missa 105º Aniversário GNR	SMOR N. Pinto	BM+Fanf.	
111	01-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
112	02-MAI	SETÚBAL - CTER	Missa	1SAR R. Ferreira	Fanf.	Terno
113	03-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Treino dia da GNR	Major Cerqueira	BN	
114	03-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Treino dia da GNR	SCH Mendes	Fanf.	
115	03-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia dia da GNR	Major Cerqueira	BN	
116	03-MAI	QUELUZ - EG/GNR	Cerimónia dia da GNR	SCH Mendes	Fanf.	
117	04-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
118	04-MAI	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	CCH J. Arranja	Fanf.	Corneteiro
119	06-MAI	CASTELO DE VIDE - CTERPORTALEGRE	Inauguração de Posto	1SAR Sacramento	Fanf.	Terno
120	10-MAI	SOBRAL DE MONTE AGRAÇO - CTERLISBOA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
121	10-MAI	SOBRAL DE MONTE AGRAÇO - CTERLISBOA	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
122	10-MAI	SOBRAL DE MONTE AGRAÇO - CTERLISBOA	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
123	10-MAI	LISBOA - Campo Pequeno	Concerto de Gala 105º Aniversário GNR	Major Cerqueira	BS	C/Cuca Roseta
124	11-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
125	13-MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
126	13-MAI	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
127	15-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
128	15-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
129	15-MAI	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
130	16-MAI	LISBOA - UI/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SMOR N. Pinto	BN	
131	16-MAI	LISBOA - UI/GNR	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
132	18-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
133	21-MAI	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Atelier Musical	Cabo Organista	BM	
134	21-MAI	TORRES NOVAS - Teatro Virginia	Concerto	J. Sebastien Bereau	OC	Choral Phydellius
135	25-MAI	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
136	26-MAI	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH J. Arranja	Fanf.	Corneteiro
137	01-JUN	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
138	01-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	

139	02-JUN	LISBOA - Embaixada de Itália	Dia Nacional de Itália	SCH A. Sousa	BN	HINOS
140	02-JUN	LISBOA - Embaixada de Itália	Concerto		QC	Música ambiente
141	03-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	GH - Credênciais	SCH A. Sousa	BN	
142	03-JUN	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente do Parlamento Europeu	CCH J. Arranja	Fanf.	Corneteiro
143	03-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD Joel Vaz	BS	
144	03-JUN	LISBOA - Academia Militar	Concerto	SAJ Carlos Faria	QC	Música ambiente
145	03-JUN	CANTANHEDE - CTERCOIMBRA	Concerto	SAJ Carlos Costa	QC	
146	04-JUN	LISBOA - Belém - Jardim Vieira Portuense	Atelier Musical	CCH Duarte	Fanf.	
147	04-JUN	LISBOA - Belém - Jardim Vieira Portuense	Concerto	1SAR Tiago Alves	QM	
148	04-JUN	CANTANHEDE - CTERCOIMBRA	Cerimónia do Dia da Unidade	SMOR N. Pinto	BN	
149	04-JUN	CANTANHEDE - CTERCOIMBRA	Cerimónia do Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
150	04-JUN	CANTANHEDE - CTERCOIMBRA	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
151	04-JUN	LISBOA - Cemitério do Alto de S. João	Honras Funebres	1SAR Galvão	Fanf.	Cor. Gomes de Almeida
152	05-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
153	08-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
154	10-JUN	LISBOA - Belém Momumento do Ultramar	XXIII Encontro Nac. Dos Combatentes	SCH A. Sousa	BN	
155	10-JUN	LISBOA - Belém Momumento do Ultramar	XXIII Encontro Nac. Dos Combatentes	SCH Mendes	Fanf.	
156	10-JUN	LISBOA - Belém Momumento do Ultramar	XXIII Encontro Nac. Dos Combatentes	CCH J. Arranja	Fanf.	Corneteiro
157	12-JUN	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo R. Pinto	Fanf.	Corneteiro
158	14-JUN	LISBOA - CG/GNR	Visita PR	SCH A. Sousa	BN	
159	15-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
160	17-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
161	17-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
162	18-JUN	MANGUALDE - CTERVISEU	Concerto	Major Cerqueira	BS	
163	19-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
164	19-JUN	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
165	22-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	
166	23-JUN	MANGUALDE - CTERVISEU	Cerimónia do Dia da Unidade	SMOR N. Pinto	BN	
167	23-JUN	MANGUALDE - CTERVISEU	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
168	23-JUN	MANGUALDE - CTERVISEU	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
169	23-JUN	LISBOA - Palácio da Mitra	Concerto	SAJ Carlos Faria	QC	Música ambiente
170	28-JUN	LISBOA - UAF/GNR	Tomada de Posse novo CMDT	SMOR N. Pinto	BN	
171	28-JUN	LISBOA - UAF/GNR	Tomada de Posse novo CMDT	CCH Fonseca	Fanf.	2 Corneteiros
172	28-JUN	ÉVORA - CTER	Tomada de Posse novo CMDT	SCH A. Sousa	BN	
173	28-JUN	LISBOA - Messe de Monsanto	Concerto	1SAR Pliz	QC	Música ambiente
174	29-JUN	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	

175	29-JUN	QUELUZ - EG/GNR	Treino dia da Unidade	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro+Percussionista
176	30-JUN	LISBOA - Assembleia da República	GH. PR Entrega Prémio Norte-Sul	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
177	30-JUN	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD V. Valente	BS	
178	01-JUL	QUELUZ - UNT	Dia da Unidade	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
179	01-JUL	QUELUZ - UNT	Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	Terno
180	01-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
181	01-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
182	01-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Dia da Unidade	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro
183	03-JUL	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro
184	05-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD P. Oliveira	BS	
185	06-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	
186	08-JUL	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	Cabo R. Pinto	Fanf.	Corneteiro
187	11-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Recepção á Selecção Nacional	Maj Cerqueira	BN	
188	12-JUL	PALMELA - Cineteatro S. João - FISPALMELA	Concerto	Fernando Marinho	OC	Maestro Convidado
189	13-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	
190	15-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SMOR N. Pinto	BN	
191	15-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
192	16-JUL	LISBOA - CG - dia Nª Sra do Carmo	Procissão	SAJ Mota	Fanf.	
193	16-JUL	LISBOA - Basílica dos Martires	Missa	SMOR N. Pinto	BM+Fanf.	
194	17-JUL	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro
195	17-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SMOR N. Pinto	BN	
196	17-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
197	19-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	GH - Presidente da França	SCH A. Sousa	BN	
198	20-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SAJ Mota	Fanf.	
199	22-JUL	LISBOA - Palácio de Belem	GH - PR de França	SCH A. Sousa	BN	
200	22-JUL	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Exposição de Meios	GRD R. Ribeiro	OC	
201	27-JUL	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
202	27-JUL	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD M. Herrera	BS	
203	29-JUL	LISBOA - USHE Grupo de Segurança	Reunião de Comando- C/Sra Ministra	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
204	31-JUL	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH Fonseca	Fanf.	Corneteiro
205	31-JUL	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SMOR Pinto	BN	1ª/2ª das Férias
206	01-AGO	SERPA - CTERBEJA	Concerto	SAJ Carlos Costa	QC	
207	03-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
208	07-AGO	COSTA DE CAPARICA - SSGNR	Concerto	SCH C. Oliveira	BN	2ª/2ª das Férias
209	10-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	SCH Mendes	Fanf.	
210	14-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Nobre	Fanf.	Corneteiro

211	17-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	
212	19-AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
213	19-AGO	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
214	21-AGO	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
215	21-AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
216	21-AGO	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
217	24-AGO	CHAVES - CTER de Vila Real	Dia da Unidade	SMOR N.Pinto	BN	
218	24-AGO	CHAVES - CTER de Vila Real	Dia da Unidade	SAJ Mota	Fanf.	
219	24-AGO	LISBOA - Comando Geral	Render da Parada	1SAR Galvão	Fanf.	
220	04-SET	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH J. Arranja	Fanf.	Corneteiro
221	04-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
222	04-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
223	05-SET	LISBOA - Palácio de Belem	GH - Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
224	06-SET	LISBOA - Palácio de Belem	GH - Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
225	06-SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD N. Gomes	OC	
226	16-SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SMOR N.Pinto	BN	
227	16-SET	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
228	18-SET	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo J. Borbinha	Fanf.	Corneteiro
229	18-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SMOR N.Pinto	BN	
230	18-SET	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
231	21-SET	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro
232	22-SET	LISBOA - UAF	Treino dia da Unidade	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
233	22-SET	LISBOA - UAF	Cerimónia do Dia da Unidade	SMOR N.Pinto	BN	
234	22-SET	LISBOA - UAF	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
235	22-SET	LISBOA - UAF	Cerimónia do Dia da Unidade	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
236	22-SET	QUELUZ - EG/GNR	Exposição de Meios	GRD N. Gomes	OC	
237	25-SET	LISBOA - Assembleia da República	Concerto - Jornadas Europeias do Património	SAJ C. Faria	QC	
238	30-SET	PORTALEGRE - CFP/EG	Cerimónia de Encerramento do 37º CFS	SAJ P. Teixeira	QC	
239	30-SET	PORTALEGRE - CFP/EG	Cerimónia do CFGuardas 2015/16	SMOR N.Pinto	BN	
240	02-OUT	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro
241	04-OUT	LISBOA - Ruínas do Carmo	Cerimónia Entrega de Espadas	SMOR N.Pinto	BN	
242	04-OUT	LISBOA - Ruínas do Carmo	Concerto de Outono-GNR	Major Cerqueira	BS	
243	05-OUT	LISBOA - Câmara Municipal	GH 106º Implantação da Republica	SCH C. Oliveira	BN	
244	05-OUT	LISBOA - Câmara Municipal	GH 106º Implantação da Republica	SCH Mendes	Fanf.	
245	05-OUT	LISBOA - Câmara Municipal	GH 106º Implantação da Republica	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
246	09-OUT	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	Corneteiro

247	11-OUT	LISBOA - Palácio Foz	Concerto - Procuradoria Geral Republica	SAJ C. Costa	QC	
248	13-OUT	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
249	14-OUT	VILA NOVA DA BARQUINHA - CTER SANTARÉM	Treino dia da Unidade	Cabo Rato Nobre	Fanf.	Corneteiro
250	14-OUT	VILA NOVA DA BARQUINHA - CTER SANTARÉM	Treino dia da Unidade	1SAR Sacramento	Fanf.	Terno
251	14-OUT	VILA NOVA DA BARQUINHA - CTER SANTARÉM	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo Rato Nobre	Fanf.	Corneteiro
252	14-OUT	VILA NOVA DA BARQUINHA - CTER SANTARÉM	Cerimónia do Dia da Unidade	1SAR Sacramento	Fanf.	Terno
253	14-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
254	14-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SAJ Mota	Fanf.	
255	16-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH A. Sousa	BN	
256	16-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
257	19-OUT	LISBOA - Palácio de Belem	GH - Credenciais	SCH C. Oliveira	BN	
258	20-OUT	LISBOA - Assembleia da República	GH - Pr. do Parlamento de Timor-Leste	SCH A. Sousa	BN	
259	20-OUT	LISBOA - Assembleia da República	GH - Pr. do Parlamento de Timor-Leste	SCH Mendes	Fanf.	
260	21-OUT	LISBOA - Igreja da Memória	Missa - Dia da UCC	1SAR R. Ferreira	Fanf.	Terno
261	22-OUT	MAFRA - Basílica	Concerto	SMOR M.Ferreira	OC	
262	23-OUT	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
263	24-OUT	LISBOA - UCC	Treino dia da Unidade	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
264	24-OUT	LISBOA - UCC	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH A. Sousa	BN	
265	24-OUT	LISBOA - UCC	Cerimónia do Dia da Unidade	SCH Mendes	Fanf.	
266	24-OUT	LISBOA - UCC	Cerimónia do Dia da Unidade	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
267	27-OUT	OEIRAS - Forte S. Julião da Barra	Concerto	2SAR F. Rato	QC	Música ambiente
268	28-OUT	LISBOA - Centro Social São Boaventura	Concerto	SAJ C. Faria	QC	
269	28-OUT	LISBOA - Hotel Tivoli	GH - Condecorações "Timor-Leste"	SMOR N.Pinto	BN	Hinos
270	31-OUT	VENDAS NOVAS - CTER Évora	Cerimónia do Dia da Unidade	1SAR Galvão	Fanf.	Terno
271	01-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Nobre	Fanf.	Corneteiro
272	02-NOV	PONTE SOR - CTER Portalegre	Cerimónia do Dia da Unidade	1SAR R. Ferreira	Fanf.	Terno + 2 Caixas
273	03-NOV	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	Cabo Rato Nobre	Fanf.	Corneteiro
274	05-NOV	LISBOA - Coliseu	Concerto	Maj. Cerqueira	OC	C/ Cuca Roseta
275	06-NOV	LISBOA - Restelo	GH-Inauguração Estatua D.Nuno A. Pereira	SMOR N.Pinto	BN	Hino Nacional
276	10-NOV	LISBOA - MNE	Concerto " Música Ambiente"	2SAR Frasilho	QC	
277	12-NOV	PORTO - Coliseu	Concerto	Maj. Cerqueira	OC	C/ Cuca Roseta
278	13-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
279	13-NOV	LISBOA - Cinema S. Jorge	Concerto	SMOR M.Ferreira	BS	
280	14-NOV	LISBOA - Igreja da Memória	Missa - Dia do 7º dia do Cabo Cordeiro	SMOR N.Pinto	BM+Fanf.	
281	15-NOV	LISBOA - Igreja da Memória	Missa - Dia do 30º dia do GRD Caetano	SMOR N.Pinto	BM+Fanf.	
282	17-NOV	LISBOA - USHE Grupo de Segurança	Reunião de Comando	Cabo Rocha	Fanf.	Corneteiro

283	18-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
284	18-OUT	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
285	18-NOV	LISBOA - Teatro da Trindade	Concerto	Maj. Cerqueira	BS	
286	20-NOV	QUELUZ - EG/GNR	Concerto	SAJ C. Faria	QC	
287	20-NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH C. Oliveira	BN	
288	20-NOV	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
289	21-NOV	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Presidente do Egipto	SMOR N.Pinto	BN	
290	21-NOV	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Presidente do Egipto	SCH Mendes	Fanf.	
291	21-NOV	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Presidente do Egipto	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
292	21-NOV	LISBOA - Palácio da Ajuda	GH - Presidente do Egipto	SCH C. Oliveira	BN	
293	21-NOV	LISBOA - Palácio da Ajuda	Concerto " Música Ambiente"	2SAR Frasquilho	QC	
294	22-NOV	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente do Egipto	SCH A. Sousa	BN	
295	22-NOV	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente do Egipto	SCH Mendes	Fanf.	
296	23-NOV	LISBOA - Comando Geral	Seminário Internacional do MAI	SCH Pascoal	QC	
297	26-NOV	PINHEL - CTERGuarda	Concerto	SMOR M.Ferreira	BS	
298	27-NOV	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	CCH J. Arranja	Fanf.	
299	29-NOV	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Reis de Espanha	SCH A. Sousa	BN	
300	29-NOV	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Reis de Espanha	SCH Mendes	Fanf.	
301	29-NOV	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Reis de Espanha	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
302	29-NOV	LISBOA - MNE	Concerto " Música Ambiente"	2SAR Sérgio Pliz	QC	
303	30-NOV	LISBOA - Assembleia da República	GH - Reis de Espanha	SCH A. Sousa	BN	
304	30-NOV	LISBOA - Assembleia da República	GH - Reis de Espanha	SCH Mendes	Fanf.	
305	30-NOV	LISBOA - Assembleia da República - Interior	GH - Reis de Espanha	SMOR N.Pinto	BN	
306	02-DEC	PINHEL - CTERGuarda	Cerimónia do Dia da Unidade	1SAR Galvão	Fanf.	Terno
307	03-DEC	PESO DA RÉGUA - Auditório Municipal	Concerto	Maj. Cerqueira	OC	
308	04-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo J. Borbinha	Fanf.	
309	05-DEC	LISBOA - IPO	Concerto	SAJ. C. Costa	QC	
310	07-DEC	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia - Treino	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
311	07-DEC	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Assembleia	Cabo A. Marques	Fanf.	Corneteiro
312	10-DEC	MONTEMOR-O-NOVO - "CARLISTA"	Concerto	SAJ P. Teixeira	QC+QM	
313	11-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo M. Rocha	Fanf.	
314	14-DEC	LISBOA - Palácio da Ajuda	Concerto " Música Ambiente"	2SAR Frasquilho	QC	PR Rep. Checa
315	14-DEC	LISBOA - Auditório dos SS da CML	Concerto - Declaração dos direitos Humanos	SAJ C. Costa	QC	
316	15-DEC	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Rep. Checa	SMOR N.Pinto	BN	
317	15-DEC	LISBOA - Assembleia da República	GH - Presidente da Rep. Checa	SCH Mendes	Fanf.	
318	15-DEC	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Presidente da Rep. Checa	SMOR N.Pinto	BN	

319	15-DEC	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Presidente da Rep. Checa	SCH Mendes	Fanf.	
320	15-DEC	LISBOA - Câmara Municipal	GH - Presidente da Rep. Checa	CCH - F. Fonseca	Fanf.	Corneteiro
321	15-DEC	LISBOA - Ministério das Finanças	Concerto	SMOR M. Ferreira	OC	C/ cantoras
322	16-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SMOR N.Pinto	BN	
323	16-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Treino do Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
324	18-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SMOR N.Pinto	BN	
325	18-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Render da Guarda	SCH Mendes	Fanf.	
326	18-DEC	LISBOA - Palácio de Belem	Concerto	SAJ P. Teixeira	QC+QM	
327	21-DEC	PORTO DE MÓS - CTERLeiria	Inauguração de Posto	1SAR R. Ferreira	Fanf.	Terno
328	21-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Missa - Natal da Unidade	SMOR N.Pinto	BM+Fanf.	
329	21-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Festa de Natal da Unidade	Major Cerqueira	BN	
330	21-DEC	LISBOA - USHE 4º Esquadrão	Festa de Natal da Unidade	SAJ C. Faria	QC+QM	
331	25-DEC	LISBOA - USHE Comando	Hastear e Arrear da Bandeira Nacional	Cabo P. Silva	Fanf.	Corneteiro

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 05 de JANEIRO de 2013 pelas 18 horas, em
ÉVORA - TEATRO GARCIA DE RESENDE

PROGRAMA

I.ª Parte

<u>STEFANIA JANFARDE</u>		<u>KAREL HUSA</u>
<u>DANCES GUERREMS PRIMEIRO TON</u>		<u>A. BORODINE</u>
<u>BOLLINO</u>		<u>MAURICE RAVEL</u>

II.ª Parte

<u>SINFONIA NOVO MUNDO</u>	<u>II.ª MAND.</u>	<u>ANTONIN DVORAK</u>
<u>RAPSÓDIA HUNGARA N.º 2</u>		<u>FRANZ LISZT</u>
<u>VARIACÕES SINFÓNICAS</u>		<u>JOLY B. SANTOS</u>

O Chefe da Banda

a) Jafonso Cerqueira
CAE 2017

Observações Concerto de Ano Novo, com organização da
Direcção Regional da Cultura.
Teatro completo e muito boa prestação da
Banda Sinfónica e solistas.

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 08 de Janeiro de 1913 pelas 21.30 horas, em LISBOA - SALA NACIONAL DE S. CARLOS "CONC. ANO NOVO" "OC + BS"

PROGRAMA

Iª Parte - OC

JANÍBIO AZUL
WEN LIPPEN SEE KUSSEN DO NEST
HABANERA

PIZZICATO POLCA
SOAVE STA IL Sento
DUETO DAS FLORES

VALSA DAS FLORES
BRENDISE
RADETSKY March

JOHANN STRAUSS II
FRANZ LEHAR
GEORGES BIZET

JOHANN STRAUSS II
W. AMADEUS MOZART
LEO DELIBES

Requiem TCHAIKOWSKI
G. VERDI
JOHANN STRAUSS

SINFONIA NOVO MUNDO
BOLERO
RAPSÓDIA HUNGÁRIA Nº 2

IIª Parte - BS

IV And.

ANTONIN DVOŘAK
MAURICE RAVEL
FRANZ LEHAR

O Chefe da Banda

José Cerqueira
cap. 1391

Observações • Solista: SOPRANO ANITA SERRO
• Solista: PIZZICO SOPRANO WATÁGIA CARVALHO BRITO
EXTRA: - O VOO DO JOVÃO - RICHARD WAGNER
- BELLA LÉ e BELLA GROS - RAVEL SAINT SAËNS
No final o Ex. mo Ministro da Administração Interna dirigiu-me rasgados elogios pela qualidade apresentada. Parabéns a todos os solistas, Orq. de Câmara e Banda Sinfónica.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 10 de JANEIRO de 2013 pelas 21.30 horas, em LISBOA - CINE-TEATRO S. JORGE * COLEÇÃO DO 900 ANOS DA "BULA"

PROGRAMA

"Orquestra Caprai"

Iª Parte

HINO DA ORDEM SOBERANA DE MALTA

VALSA DAS FLORES

PISTA CASPETTO ADORE ●

SACIA CANOITE DA CASA ⊕

E LUCEVAN TO STACCI ⊕

WALTZ HEAR PARADISE *

INIMANO ALVARO ⊕ ●

"OPERA JACOBETH"

IL TROVATORE

TOCCA

DEE STRAUSS

LABONZA DESTINO

G. VERDI

G. VERDI

G. VERDI

G. PUCCINI

JOHANN STRAUSS

G. VERDI

IIª Parte

JANUÁRIO AZUL

LA CE JAREY LA TAND * ●

WALTZ ⊕ ●

PIZZICATO POLKA

BRINDESI ⊕ * ⊕ ●

"OPERA DI GIOVANNI"

IL TROVATORE

JOHANN STRAUSS II

W. APARIS POLKA

G. VERDI

JOHANN STRAUSS II

G. VERDI

O Chefe da Banda

José Casqueira
caprai

Observações ● Solista: BARITONO NUNO DE VILALONCA
⊕ Solista: SOPRANO UNICO CONCEICAO SIMERA GALANTE
⊕ Solista: TENOR BRUNO DE GENGES RIBEIRO
* Solista: SOPRANO LIBERTO JOANA DE SIQUEIRA
Organização da Ordem de Malta. Cinema teatro
completo de assistência. Muito bom concerto!

7

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 11 de JANEIRO de 2013 pelas 16 horas, em
LISBOA - INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA DO ARQUIVO HISTÓRICO/GRR
" Q. COMAND "

PROGRAMA

Marcha Militar	F. Schubert
Direntimento nº 1	W.A. Mozart
Foi Deus	A. Janes
Lisboa Antiga	R. Pontela
Por una Cabeza	Carlos Gardel
Country Club	Scott Joplin

O Chefe da Banda

a) Jaques Cerqueira
CECOM

Observações

Continuando com boas apresentações.

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 15 de JANEIRO de 2013 pelas 14^h horas, em LISBOA - OFICINA DO RIO DOS NEGÓCIOS ESTRANHEIROS "P. LONDRES"

PROGRAMA

Marcha de FELIX	FRANZ SCHUBERT
Inventário n.º 1	W. A. MOZART
ARRIVÉE DE LA REINE SHUBA	HANDEL
JOI DEUS	ALBERTO JANES
LISBOA ANTIGA	PAUL BOITARD
BOA UNA CABEÇA	CARLOS MARCEL
Samba "CARROZADO"	MICHAEL FELDMAN
ARR - Suite n.º 3 op. 10	J. S. BACH
COUNTRY CLUB	SCOTT JOPLIN

O Chefe da Banda

a) Jaques Lequeiro
CAP. 37

Observações

Bom trabalho apresentado!

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 25 de JANUÁRIO de 1943 pelas 21.30 horas, em ESCALA - ACADEMIA LUIZ JARDI "Org. cordas"

PROGRAMA

Iª Parte

<u>ST. PAUL'S SUITE</u>	<u>GUSTAV HORSF</u>
<u>AIR</u>	<u>J.S. BACH</u>
<u>CONCERTO p/ 2 VIOLINS *</u>	<u>J.S. BACH</u>

IIª Parte

<u>PIZZICATO PARA</u>	<u>J. STRAUSS II</u>
<u>VALSA PARA PAULO PANGRES ⊕</u>	<u>GERMANO ALYPI</u>
<u>CANÇÃO DA BRASILEIRA ⊕</u>	<u>FRANCISCO PANGRES</u>
<u>COM UNA CABEÇA</u>	<u>CARLOS GANDEL</u>
<u>JOI DEUS</u>	<u>ALBERTO JANEI</u>

O Chefe da Banda

a) Jonas Carneiro
capcy

Observações * Solistas p/ Violino - GUARDA NELSON NOGUEIRA

" - GUARDA RICARDO RIBEIRO

⊕ Solista p/ guitarra portuguesa - Prof. RICARDO PANGRES

Concerto dirigido pelo sub-chefe Pereira Luis.
Excelente concerto!

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 27 de Janeiro de 2013 pelas 17 horas, em
SEXTEL - FLORESTA PANÓFONIA "Dir. Conjas"

PROGRAMA

ÁREA DA SUITE EM RÉ	J. S. BACH
CRASCIA CHISO STANBA ⊕	G. F. HAENDL
AVÉ MARIA ⊕	FRANZ SCHUBERT
CONCERTO Nº 2 VIOLINO ⊕	J. S. BACH
LAUDATE DOMINUM ⊕	W. A. MOZART
SANTS ANGELES ⊕	OSCAR GRANEN
PIZZICATO POLKA	J. STRAUSS II

O Chefe da Banda

a) Jafarro Ceuqueima
CAPLBM

Observações

- ⊕ SOLISTA: SOPRANO ANA SÉRCO
⊗ SOLISTAS EM VIOLINO - GUARDA NELSON NOGUEIRA
- GUARDA RICARDO RIBEIRO

Direcção Musical do sub-chefe Pereira Luis.
Mais um bom concerto da Orquestra de Cordas.

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 19 de JAN-60 de 2013 pelas 21.30 horas, em ALFAMA - TORRE ROYAL CONDESA "Via. Alfama"

PROGRAMA

3/ Anchos e Oquestras K 408 W. A. MOZART
Concerto e Piano e Oquestras K 449 W. A. MOZART
I: ALLEGRO VERACE
II: ANDANTE
III: ALLEGRO MA NON TROPPO

II: Parte
Concerto para Luz e 4 Oquestras JOAQUIM RODRIGO
I: TEMPO DE BOLONHO
II: ADAGIO
III: ALLEGRETTO

O Chefe da Banda

a: Afonso Coqueiro CAPLOR

Observações

SOLISTA EM PIANO - FAUSTO NEVES
" BUSTARRA - PAULO APONTE, CARLOS GUTIERREZ
NUNO SANTOS, RUI NABATS

Excelente concerto!! Oquestra de Câmara e solistas de parabéns!

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 22 de Março de 1913 pelas 21:30 horas, em
Montemor-o-novo - Teatro Cívico de Pedro "OC+BS"

PROGRAMA

I.ª Parte

AS BODAS DE SABANO HEIN CIPPIEN SEE KUSSEN SO HEIN HABANERA ⊕	ADVENTURA DA O PERUA "GEUDITTA" "CARPEN"	W. A. MOZART FRANZ LEHAR GEORGES BIZET
PIZZICATO POLKA DINHO DAS FLORES ⊕ ⊕ VAZSA DAS FLORES CHE SOMB ZEFRETTI ⊕ ⊕ LEBANO NE ZIGI CAFFI ⊕ ⊕	"LAKHE" "QUEBRA NOZES" "AS BODAS DE SABANO" "LA TARAYATA"	JOHANN STRAUSS II LEO DELIBES TCHAIKOVSKY W. A. MOZART GIUSEPPE VERDI

II.ª Parte

A GRANDE PASADA RUSSA SINFONIA Nº 1 EXPRESSIONES SINFONICAS EXTREME TRANCE-OVER	"ESTRELA MUNDIAL ABSOLUTA"	REYSKY VORSANOV ALEXANDRE REYEDA ENGO CAFFI JOHAN DE JEIS
--	----------------------------	--

O Chefe da Banda

a) *João Carneiro*
e. p. u. m.

Observações • Solista: SOPRANO ANA SENRO
⊕ Solista: 2.º SOPRANO NATALIA CARVALHO BRITO
Teatro completo e um concerto de muita qualidade.
Como extra foi convidado um músico da Banda
Filarmonica "Carlota" de Montemor-o-novo para ser
solista em Maximba, de seu nome Andre Banka.
Jovem de 23 anos muito talentoso...

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 21 de ABRIL de 2013 pelas 13 horas, em
LIBOIA - CENTRO CULTURAL DE BILLY

PROGRAMA

JAN/ANNE GUSTAVI FOLK
(MARI) SYMPHONIE GUNESBE ET HAZOPRARE

Henri JOYNE
Hector Berlioz

O Chefe da Banda

a) José Lourenço
CAPELÃO

Observações

Concerto inserido nos "Dias da Música" do CCB.
Com direcção do Maestro Jean Sebastien Bécreau
a Banda apresentou-se com um excelente nível
de qualidade e desempenho. Parabéns!!

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 30 de ABRIL de 1913 pelas 21:30 horas, em
SCHUBAL - GOMY LUISA TADI "Org. exama"

PROGRAMA

I. Parte

COSE SAN TUTE
DEDICACAO
DANUBIO AZUL

"OPERA THÄIS"

W. AMADEUS MOZART
JULES MASSENET
JOHANN STRAUSS II

II. Parte

SENHORA Nº 40 N.º 560
VALSA DAS FLORES

W. AMADEUS MOZART
PETER TCHAIKOWSKY

O Chefe da Banda

a) João Cerveira
CAPIUM

Observações

Extra: Ponto Entido - Rui Veloso
⊗ Solista em Sax Tenor - Sch José Silva Martins

Muito bom concerto com direcção do Sr. P. Luís.

7

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 22 de Maio de 2013 pelas 20 horas, em

ESPA - USHZ Grupo de Câmara

PROGRAMA

Quarteto de Mozart Serie 14 - N:3
Marcha Italiana N:1
Adventimento et Résonance
Andrés and More
Marcha da Surte et Ré
Country Club
Barranca
Joi Deus
Por una Cabeza

1: AND.

W. A. MOZART
FRANZ SCHUBERT
W. A. MOZART
MICHAEL DELLEN
J. S. BACH
SCOTT JOPLIN
JOSEF. SUK
ALBERTO JARAS
CARLOS GARDL

O Chefe da Banda

a) Jonas Penqueira
CBY

Observações

Mais uma excelente prestação do grupo de Câmara.

7

Lis

Pete

Obser

Tip. da G

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 01 de Junho de 2013 pelas 11 horas, em
LISBOA - PAVIL. NAC. S. CARLOS "Extensão" "Org. Expansão"

PROGRAMA

Peter and the Wolf Op. 67

Serge Prokofiev

O Chefe da Banda

a) João Cerqueira
EACCB

Observações

Concerto inserido nas comemorações do "Dia Mundial da Criança". A obra apresentada "Peter and the Wolf", op. 67 de Sergei Prokofiev obteve um êxito extraordinário. Excelente qualidade musical.

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 23 de JUNHO de 1973 pelas horas, em
LISBOA - JORNAL DO PORTO - Colaboração dos 900 ANOS DA R. L. P. M.
"Org. Capela"

PROGRAMA

AMANDA SUITE E. RIMM	J. J. BACH
GRUPPOS ESCRITOS HEERBUS	G. VERDI
BANDA ANGELICUS	E. GRANOV
THE TRUMPET (SCHARFORN)	HAENDL
AVE MARIA x	GUONDI
REICH SACRO 43	CHENDELSSOHN
AVE MARIA	FRASAGNI
DO DI GRUDA	G. VERDI
ARTURINE DECELI ANGELI x	G. VERDI

O Chefe da Banda

a) João Cerveira
CAPCOM

Observações ⊗ Org. CAPELA + CORO NOVE CENTO ANOS

- Solista: SENOR BRUNO VENEZES RIBEIRO
- o Solista: BARITONO NUNO DE VITALONBA
- x Solista: SOPRANO GILCO CONTEIRO SAZEA GALANTE
- CORO NOVE CENTO ANOS

Mais um!!

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

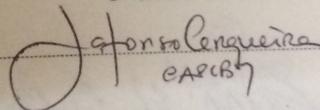
CONCERTOS

Concerto realizado no dia 23 de JUNHO de 2013 pelas 11 horas, em
LISBOA - MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

PROGRAMA

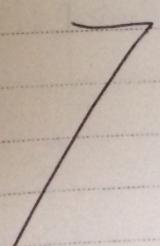
CADETAS DO DIABO	J. SILVA MARQUES
BANDEIRA DE SEVILHA	G. ROSSINI
OS MISERÁVEIS	E. FRIEDRICH SCHÜNDLER
OPERA DE LA SCALA	J. SILVA MARQUES
ANTI-CRISTO E SUAS	KEES VAN
VELA VERE E PELA BOM	RUI S. LAMARCA

O Chefe da Banda

a)  Afonso Benquerena
CAPICM

Observações

Concerto dirigido pelo Sr. P. Luis. Decorreu com dignidade.



GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 13 de Setembro de 2013 pelas 21.30 horas, em
Sobremonte de Monte Agrícola

PROGRAMA

Iª Parte

1812
Danúbio Azul
A. G. - J. P. S.

P. Tschai nowsky
JOHANN STRAUSS II
DUANTE F. PESTANA

IIª Parte

Danzon nº 2
SYMPHONIC DANCES
DANCE BRICKHARDT

Anduro Gander
LEONARD BEETHOVEN
C. SAINT-SAËNS

O Chefe da Banda

a)

Observações

Extra: El Cubano Chero - Rafael Hernandez

Direção Musical: SIMON P. LEIS

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 20 de Maio de 1913 pelas 2.ª horas, em
Lanvoca - Centro Cívico - Alfândega

PROGRAMA

I.ª Parte

1812
CONCERTO 8/ Clarinete @
Largo - INTS

B. Tschernowsky
André Shaw
Juan G. Pereda

II.ª Parte

Danzon Nº 2
SYMPHONIC DANCES
Dance Bacchanale

Antonio Tardieu
Joaquín Zamora
C. Saint-Saëns

O Chefe da Banda

Joaquín Zamora
Cap. 1.º

Observações

2.º Clarinete de Clarinete - 2.º clarinete físico
Ext. Hino A Lanvoca - João Sanches

Direcção Musical: Sr. Pereira Luis

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 01 de Outubro de 1913 pelas 21 horas, em Borto - destino de SA Borto da Station "O.S. MALTA" Org. CAMBRA

PROGRAMA

I.ª Parte

LA TRAVIATA
PIETRI, RUSSETTO, A DONIC
CINQUE, DIECI, VENTI

PRELUDIO
"JACQUETA"
"AS BRUNAS DE BORGAS"

G. VERDI
G. VERDI
W. A. MOZART

UDISTE

"O INOVADOR"

G. VERDI

II.ª Parte

VALSA DAS PLAVES
JOHN LEPON SIG. W. JO HERRS
INVANO ALVARO

"GIUDITTA"
"A FONCA JOZESTINO"

P. TCHAIKOVSKY
FRANZ LERAR
G. VERDI

JOHN HERR SPANDUS

"O MONCEBO"

JOHANN STRAUSS

JOHN DA HERN GRANZOS HENTE "PAIS DOS JORNISOS"

FRANZ LERAR

LIBIA JO NE GERTY ENCI (BRINDISE) "LA TRAVIATA"

G. VERDI

HINO DA ORDEM SOBERANA E MELHORA DE MALTA

O Chefe da Banda

a) Jafonso Cerqueira
CAPCM

Observações Com a garantia do Ex. mo T Gen Mourato Caldeira este foi o ultimo concerto para a Ordem de Malta. De referir que o concerto esteve para ser cancelado depois de eu ter transmitido supesicemente a falta de qualidade dos solistas (impostos pela Ordem de Malta) e pelo ambiente pouco amavel entre mim e os respectivos cantores.

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 10 de Outubro de 2013 pelas 18.30 horas, em LISBOA - ACADEMIA DAS CIÊNCIAS "D. G. RAFAEL"

PROGRAMA

CONCO REGAS 8/OIG DE CORDAS	PAUL HENDEGETH
STRAVINSKY (M)	PAUL HENDEGETH
FIDELIO (SIEBBERT)	R. WABNER

O Chefe da Banda

a) Jafonso Cengueira
CAPCGBM

Observações: Solista em VIOLA DE ARCO - SOFIA SOUSA

Com a direcção do Maestro Jean Sébastien Béreau a Orquestra esteve a um nível notável. Sem dúvida que Sébastien Béreau é um brilhante Maestro que muito me honra em ser meu amigo.

7

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 20 de Outubro de 2013 pelas 17 horas, em LISBOA - ESCOLA Superior de Música "Int. N.ª M.ª Lopes de Almeida" Auditório "VIANA DA MOTTA" 25º ANOS DA BANDA EXERCITO

PROGRAMA

LOCOS DE NOITE Duarte F. Pestana
PARSIFAL EYFADO JOAQUIM RUIZ GOMEZ
FANTASIA INFANTIL Op. 4 NELSON DE JESUS
VITAE JOSE SILVA GANTENS

1: DEVOTION

2: VITAE

3: QUED VENT?

SINFONETA N.º 1 P/Org. de sobras

Alexandre Almeida

1: FUNTE BINEBRE, PROCESSIONAL

2: FOCENTO, RITICO

3: CANTABILE

4: ALLEGRO, RITICO - TRANQUILLO - ALLEGRO RITICO

O Chefe da Banda

a) Jafonso Cerqueira CAPCBM

Observações EXTRA: DANSE BACCANALE - C. SAINT-SAËNS

Concerto integrado nos 25 anos da Banda Sinfónica do Exército. Atendendo ao local do concerto decidi apresentar um programa constituído apenas por compositores portugueses e todos eles músicos da Banda da Guarda. Grande expectativa!!! Concerto de muita elevada qualidade para uma assistência "entendida" e que muito aplaudiu o nosso trabalho.

Tip. da GNR - E.

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 26 de Outubro de 2013 pelas 21.30 horas, em
SALGUEIRA - JORNADA DE S. PEDRO "Org. Capela"

PROGRAMA

SUITE HOLZNER, Op. 40	EDVARD GRIEG
5 ESTUDOS P/ CLARINETA, Op. 44	PAUL HINDEMITZ
SONATA P/ VIOLA E Org. Capela	PAUL HINDEMITZ
TRILUSO DE STRAUSS	RICHARD WAGNER

O Chefe da Banda

a) Jonas Penqueira
C.A.S.C.B.P.

Observações

⊗ Solista de VIOLA JEANCO - Sofia Sousa

Mais um concerto dirigido pelo "enorme" Jean Sébastien Béreau. Simplesmente espectacular!!

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 27 de Novembro de 2013 pelas 19 horas, em LISBOA - SALA DA AJUDA "INTEGRADO NO FUSPACELA" "Obr. Cayana"

PROGRAMA

St. Paul Suite
Concerto Saxofone @
Concerto P/Obr. Cordas

GUSTAVE HOLST
ERIC CLARKE
JOY B. SANTOS

O Chefe da Banda

a) Jacinto Cerequeira
CAPCBM

Observações Solista de Saxofone - PEDRO JONSCA

Por meu impedimento, este concerto foi dirigido pelo Sr. Pinto. Decorreu de forma natural e com qualidade.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 02 de DEZEMBRO de 2013 pelas 21 horas, em
LUBA - SEATTLE JAVOZI

PROGRAMA

Iª Parte

Sanjaraa para o Hojy tojy
LABRA CADRA
RAPSÓDIA de PADO

Aaron Copland
G. ROSSINI
J. Luiz GOMES

IIª Parte

Popp and Circunstance nº1 Op.39
Dance BACCARALE
VOD DO OSKARDO
RUDOLPH, the red nose REINDEER

Edward ELGAR
C. SAINT-SAËNS
REYSKY-WONSARVA
JOHNNY JARVIS

O Chefe da Banda

a) Jonso Corqueira
CAPCBT

Observações EXTRA: TICO - TICO - ZEFUNHA ABREV

Concerto de solidariedade para com as vítimas na Síria. Decorreu naturalmente e com qualidade.

7

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 06 de Junho de 2013 pelas 19:30 horas, em EVORA - IGREJA DA MARIANHA "CÂMARA"

PROGRAMA

CONCERTO VIII OP. 6	ANTONIO VIVALDI
AVE MARIA ⊗	FRANZ SCHUBERT
LAUDATE DOMINUM ⊗	W. A. MOZART
NASCER DE ELIAS	ANDRÉ JOSÉ SILVA MARTINS
SANTS ANGELOUS ⊗	CÉSAR FRANCK
LET THE BRIGHT SERAPHIM ⊗	G. HAENDL

O Chefe da Banda

a) Jafonso Louqueira
11 CAPCB7

Observações

- ⊗ Solista: SOPRANO ANA SERRO
- Solista em trompete - SCH. MÚSICO RUI BORBA
- EXTRA: WAGN YOU WISH UPON A STAR ⊗ - CERRA HANLÉNE

Concerto dirigido por mim e que a Orquestra de Câmara se apresentou com qualidade. Igreja completamente completa e ainda com muito público no átrio. Bom concerto!!
Muitos parabéns aos solistas que elevaram a qualidade do programa!

Tip. da GNR - E.

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 06 de Dezembro de 2013 pelas 21^h30 horas, em
LARANJA - SANTO JOSÉ LUÍS DA SILVA

PROGRAMA

LA GAZZA LADRA	I ^a Parte	G. ROSSINI
ABRACO a PORTUGAL		JUANTE PASTANA
CONO DOS ESCAVOS ⊗	"OPERA NABUCCO"	G. VERDI
SE VEUX S'ENRE O	• NOYEN JULIETA'	CHARLES GOUNOD
	II ^a Parte	
FRANZ BACCHANALE		C. SAINT-SAËNS
PRELUDIOS		FRANZ LISZT
ESTRIMO NE TACTI O	"OPERA TRAVATA"	G. VERDI

O Chefe da Banda

a)

Jonso Carqueiza
CAPCBM

Observações ⊗ Grupo Coral Adesba Chorus

O SOLISTA: SOPRANO DANIELA DOMIZ

EXTRA: A CONCERT CELEBRATION, of E. Sloby - A. Z. WEBER

Concerto dirigido pelo Sr. Pereira Luis. Decorreu dentro da normalidade e com qualidade.

7

BANDA DE MÚSICA DO COMANDO-GERAL

CONCERTOS

Concerto realizado no dia 07 de DEZEMBRO de 2013 pelas 19 horas, em
LISBOA - FEIRA INTERNACIONAL (FIL) "ONG. CAJANA"

PROGRAMA

ST. PAUL SUITE
CONCERTO VIII, Op. 6
POR UNA CABEÇA
NARR DE ELVAS
WHEN YOU WISH upon a Star

GUSTAVE HÖRST
ARLANDELO CORREIA
CARLOS BRANDEL
ARR: SILVA JARDIM
LEIGH HANLÉN

O Chefe da Banda

a) Jaques Cerqueira

Observações Direcção Musical: SMOR Pinto

v Horários das atividades da Banda em 2013

PLANO DE ENSAIOS DE 02 A 05JAN13				
	02JAN (4ª FEIRA)	03JAN (5ª FEIRA)	04JAN (6ª FEIRA)	05JAN (SÁBADO)
09h30/10h30	Banda Sinfónica: IV And. Novo Mundo Rap. Húngara nº 2	Banda Sinfónica: Smetana Fanfare Danças Guerreiras	Ensaio Geral para Évora: Smetana Fanfare Danças Guerreiras Bolero IV And. Novo Mundo Rap. Húngara nº 2 Variações Sinfónicas	-----
10h30/11h00	INTERVALO	INTERVALO		
11h00/12h30	Banda Sinfónica: Variações Sinfónicas	Banda Sinfónica: Bolero Variações Sinfónicas		
14h00	Orquestra de Câmara: Programa para concerto da Ordem de Malta (10JAN) com solistas	Orquestra de Câmara: Danúbio Azul Pizzicato Polka Valsa das Flores Radetsky March	Orquestra de Câmara: Programa para concerto do TNSC (08JAN) com solistas	Ensaio de colocação para a Banda Sinfónica no Teatro Garcia Resende - 16h00 Concerto - 18h00

O CHEFE DA BANDA SINFÓNICA DA GNR

 JOÃO FERNANDO AFONSO SOUSA CERQUEIRA
 CAP. CBM

Fonte: Secretaria de BMGNR, 2013.

vi Concerto da Banda Sinfónica da GNR – Évora (Teatro Garcia de Resende) em 2013

1ª Parte	
Repertório	Compositor
Smetana Fanfarre	Karel Husa
Danças guerreira príncipe Igor	A. Borodine
Bolero	M. Ravel
2ª Parte	
Repertório	Compositor
IV Andamento Sinfonia Novo Mundo	A. Dvorak
Rapsódia Húngara nº 2	F. Liszt
Variações sinfónicas sobre um tema alentejano	J. B. Santos

vii Programa do concerto de Ano Novo da Banda Sinfónica e Orquestra de Câmara no teatro São Carlos em 2013

1ª Parte - Orquestra de Câmara	
Repertório	Compositor
Danúbio Azul	Johann Strauss II
Mein Lippen Sie Kussen do Heiss <i>Solista: Soprano Ana Sérgio</i>	Franz Lehár
Habanera <i>Solista: Mezzo-Soprano Natália Carvalho Brito</i>	Georges Bizet
Pizzicato Polka	Johann Strauss Ii
Soave Sia Il Vento <i>Solistas: Soprano Ana Sérgio Mezzo-Soprano Natália Carvalho Brito</i>	Wolfgang A. Mozart
Dueto das Flores <i>Solistas: Soprano Ana Sérgio Mezzo-Soprano Natália Carvalho Brito</i>	Léo Delibes
Valsa das Flores	Piotr Tchaikovsky
Brindisi <i>Solistas: Soprano Ana Sérgio Mezzo-Soprano Natália Carvalho Brito</i>	Giuseppe Verdi
Radetsky March <i>Solistas: Soprano Ana Sérgio Mezzo-Soprano Natália Carvalho Brito</i>	Johann Strauss I
2ª Parte – Banda Sinfónica	
Repertório	Compositor
IV Andamento Sinfonia Novo Mundo	A. Dvorak
Bolero	M. Ravel
Rapsódia Húngara nº 2	F. Liszt

viii Lista dos militares convocados para a missa do 102º aniversário da GNR

1- SCH	José Ribeiro	BM
2- SCH	Luís Mendes	Fanfarra
3- SCH	Francisco Pinto	BM
4- SCH	Franck Alferes	BM
5- SCH	Miguel Marques	BM
6- SAJ	José Mota	Fanfarra
7- SAJ	Luís Perdigão	BM
8- SAJ	João Carapinha	BM
9- SAJ	Manuel Pereira	BM
10-SAJ	Belchior Raminhos	BM
11-SAJ	António Lopes	BM
12- SAJ	António da Silva	BM
13-SAJ	Jorge Nunes	BM
14- SAJ	Francisco Santos	BM
15-1SAR	Carlos Galvão	Fanfarra
16-1SAR	Pedro Sacramento	Fanfarra
17-2SAR	Rodrigo Ferreira	Fanfarra
18-2SAR	Tiago Lourenço	Fanfarra
19-2SAR	José Cruz	Fanfarra
20-CMOR	Manuel Lage	Fanfarra
21-CCH	Francisco Bernardo	BM
22-CCH	José Arranja	Fanfarra
23-CCH	Fernando Fonseca	Fanfarra
24-CABO	Luís Ferraz	BM
25-CABO	Artur Serrandário	BM
26-CABO	Artur Organista	BM
27-CABO	Martinho Rodrigues	BM
28-CABO	António Marques	Fanfarra
29-CABO	José Manuel Borbinha	Fanfarra
30-CABO	Mário Rocha	Fanfarra
31-CABO	Pedro Silva	Fanfarra
32-CABO	Rui Pinto	Fanfarra
33-CABO	Francisco Agostinho	Fanfarra
34-GUARDA	Vitor Nunes	Fanfarra
35-GUARDA	Marco Nobre	Fanfarra
36-GUARDA	Marco Rodrigues	Fanfarra

PENITENCIAL

SENHOR, TENDE PIEDADE DE NÓS

(Peq Coro | Senhoras) (Frei Acílio Mendes)

Se- nhor, ten-de pie- da-de, pie- da-de de

(Assamblea) Sol- fa- do

nós. Se- nhor, ten-de pie-da-de, pie- da- de de

(Peq. Coro Homens)

nós. Cris- to, ten-de pie- da- de, pie-

(Assamblea)

da- de de nós. Cris- to, ten-de pie-da-de, pie-

(Peq. Coro: Senhoras e Homens)

da- de de nós. Se- nhor, ten- de pie-

(Assamblea)

da- de, pie- da- de de nós. Se- nhor, tende pie-

da- de, pie- da- de de nós.

HINO DE GLÓRIA

GLÓRIA A DEUS

P. Ferreira dos Santos

Soprano
Gló - ria a Deus nas al - tu - ras e paz na
5
S.
ter - ra aos ho - mens por ele a - ma - dos

Soprano
Gló - ria Deus na ter - ra e nos céus
Contralto
Gló - ria Deus na ter - ra e nos céus
Tenor
Gló - ria Deus na ter - ra e nos céus
Baixo
Gló - ria Deus na ter - ra e nos céus

5
S.
Gló - ria, gló - ria paz na ter - ra.
C.
Gló - ria, gló - ria paz na ter - ra.
T.
Gló - ria, gló - ria paz na ter - ra.
B.
Gló - ria, gló - ria paz na ter - ra.

Soprano
Se - nhor Deus Rei dos céus Deus pai to - do po - de - ro - so. Nós vos lou -
10
S.
va - mos nós vos ben - di - ze - mos nós vos a - do - ra - mos nós vos glo - ri - fi -
16
S.
ca - mos nós vos dá - mos gra - ças por vossa i - men - sa gló - ria

Soprano

Se - nhor je - sus cris - to fi - lho u - ni - gé - ni - to Se - nhor Deus cor - dei - ro de Deus

10

S.

fi - lho de Deus pai. Vós que tí - rais o pe - ca - do do mun - do ten - de pie - da - de de nós Vós que tí -

20

S.

rais o pe - ca - do do mun - do a - co - lhei a no - ssa sú - pli - ca vós que es - tais à di - rei - ta do

28

S.

pai ten - de pie - da - de de nós *RIPIRATO* Só vós sois o san - to só vós o Se -

38

S.

nhor só vós, o al - tís - si - mo, je - sus cris - to com o es -

44

S.

- pí - ri - to San - to, na gló - ria de Deus pai *RIPIRATO*

Soprano

Contralto

Tenor

Bass

A men . a men

A men a men

A men a a men

A men a men

Cópia de: " Nuno Osório "

SALMO RESPONSORIAL

SALMO

Refrão

O Se- nhor é cie- men- te e com- pas-
si- vo, chei- o de mi- se- ri-
cór- di- a pa- ra com to- dos.

Salmo 102 (103)

Bendiz, ó minha alma, o Se - nhor
e todo o meu ser bendiga o seu no - me santo.
Bendiz, ó minha alma, o Se - nhor
e não esqueças nenhum dos seus be - ne - fi - cios.

Eie perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades.
Salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia.

ACLAMAÇÃO AO ENVANGELHO

ALELUIA

Taizé

Soprano
A - le - lu - ia A - le - lu - ia. A - le - lu -

Alto
A - le - lu - ia. A - le - lu - ia. A - le - lu -

Tenor
A - le - lu - ia A - le - lu - ia. A - le - lu -

Bass
A - le - lu - ia A - le - lu - ia. A - le - lu -

5
S. - ia. A - le - lu - ia A - le - lu - ia. A - le - lu - ia.
A. - ia. A - le - lu - ia A - le - lu - ia. A - le - lu - ia.
T. - ia. A - le - lu - ia A - le - lu - ia. A - le - lu - ia.
B. - ia. A - le - lu - ia A - le - lu - ia. A - le - lu - ia.

10
S. Escondeste estas verdades aos sábios e inteli gen tes

11
S. e as revelaste aos pe que ni nos

OFERTÓRIO

MISERICORDES SICUT PATER

Adpat. Ant. Cartagena

REFRÃO

S. Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter! Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter!

C. Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter! Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter!

T. Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter! Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter!

B. Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter! Mi-se-ri-cor-des si-cut Pa-ter!

ESTROFES

S. 1. Demos graças ao *Pai*, porque Ele é bom, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Demos graças ao *Filho*, luz dos povos, » » »

C. 1. Demos graças ao *Pai*, porque Ele é bom, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Demos graças ao *Filho*, luz dos povos, » » »

T. 1. Demos graças ao *Pai*, porque Ele é bom, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Demos graças ao *Filho*, luz dos povos, » » »

B. 1. Demos graças ao *Pai*, porque Ele é bom, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Demos graças ao *Filho*, luz dos povos, » » »

S. 1. Ele criou o mundo com sabedoria, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Ele nos amou com um coração de carne, » » »

C. 1. Ele criou o mundo com sabedoria, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Ele nos amou com um coração de carne, » » »

T. 1. Ele criou o mundo com sabedoria, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Ele nos amou com um coração de carne, » » »

B. 1. Ele criou o mundo com sabedoria, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Ele nos amou com um coração de carne, » » »

S. 1. Conduz o seu povo na história, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. D'Ele recebemos, a Ele nos damos, » » »

C. 1. Conduz o seu povo na história, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. D'Ele recebemos, a Ele nos damos, » » »

T. 1. Conduz o seu povo na história, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. D'Ele recebemos, a Ele nos damos, » » »

B. 1. Conduz o seu povo na história, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. D'Ele recebemos, a Ele nos damos, » » »

S. 1. Perdoa e acolhe os seus filhos, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Abra-se o coração a quem tem fome e sede, » » »

C. 1. Perdoa e acolhe os seus filhos, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Abra-se o coração a quem tem fome e sede, » » »

T. 1. Perdoa e acolhe os seus filhos, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Abra-se o coração a quem tem fome e sede, » » »

B. 1. Perdoa e acolhe os seus filhos, É e-ter-naa su-a mi-se-ri-cor-di-a.
2. Abra-se o coração a quem tem fome e sede, » » »

SANTO

SANTO, SANTO

Salene

San - to, San - to, San - to, Se - nhor
Deus do U - ni - ver - so. O céu e a ter - ra pro -
cla - mam a vos - sa gló - ria. Hos - sa - na, Hos -
sa - na, Hos - sa - na nas al - tu - ras! Hos - sa - na, Hos -
sa - na, hos - sa - na nas al - tu - ras! Fim

Versão a 4 vozes mistas

A. Cartagena

Hos - sa - na, Hos - sa - na, Hos - sa - na nas al - tu - ras! Hos -
sa - na, Hos - sa - na, hos - sa - na nas al - tu - ras!

CORDEIRO

CORDEIRO DE DEUS

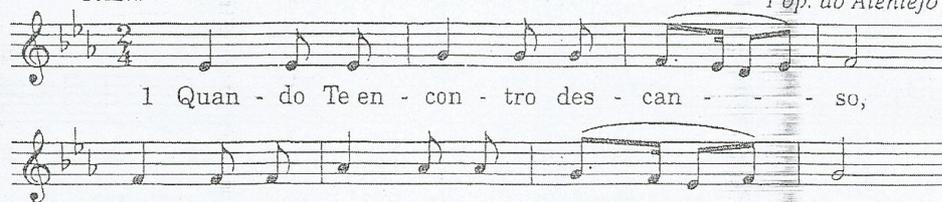
Manuel Luis

RE sim SOL LA7 RE
Cor-dei-ro de Deus, que ti-rai-s o pe-ca-do do mundo,
SOL LA SOL LA7 RE
ten-de pie-da-de de nós! Ten-de pie-da-de de nós!
sim SOL LA7
Cor-dei-ro de Deus, que ti-rai-s o pe-ca-do do
RE sim LA mIm LA7 RE
mun-do, dai-nos a paz, dai-nos a paz!

COMUNHÃO

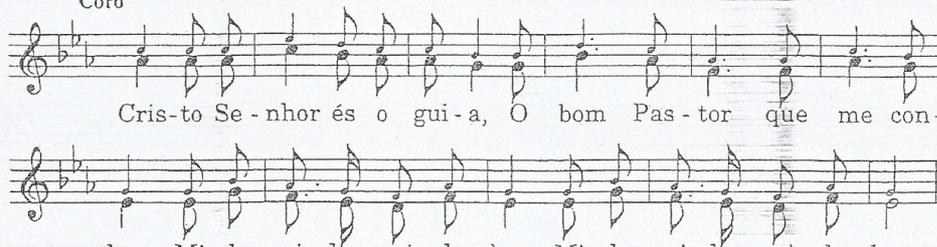
QUANDO TE ENCONTRO

Solista Pop. do Alentejo



1 Quan - do Te en - con - tro des - can - - - so,
Tu re - con - for - tas mi - nh'al - - - ma.

Coro



Cris-to Se-nhor és o gui-a, O bom Pas-tor que me con-
duz, Mi-nha vi-da e mi-nha luz. Mi-nha vi-da e mi-nha luz.

2. Por teus caminhos me guias
para louvor do teu nome.
3. Não temerei os perigos
pois sei que Tu 'stás comigo.
4. O Teu festim me conforta
faz-me cantar de alegria.
5. Tua bondade me ajuda
no viver de cada dia.
6. Minha morada p'ra sempre
seja Tua casa, Senhor.

Soprano

AVE VERUM CORPUS

W. A. MOZART
Arr. Valdemar Sequeira

ADAGIO $\text{♩} = 65$

p A - ve a - ve - rum cor - pus

na - tum de Ma - ri - a Vir - gi - ne ve - re pas - sum

im - mo - lá - tum in - cru - ce pro hó - mi - ne

mf

p cu - jus la - tus per - fo - rá - tum un - da

flu - xit cum san - gui - ne e - sto no - bis - prae - gus

ta - tum in mor - tis ex - a - mi - ne in

f

tis e - xa - mi - ne

p

CÂNTICO FINAL

NOSSA SENHORA DO CARMO

Música: J. Coelho

Refrão

5 NÓS - SA SENHO - RA DO CAR MO QUE

9 ESTÁ NO SEU AL - TAR TO DOS LÁ

13 VA - MOS A - JO - R - L HAR E A CAN - TAR A CAN - TAR VAMOS RE -

15 FIM SOLO
- ZAR 1. PE - DÍ - MOS A U - MA VOZ NO - SSA SE -

21 2. SE - NHO - RA DO VOSSO ALTAR LANÇAI BE -

- NHO - RA RO - GAÍ POR NÓS

27 - NÍ - GNO O VOSSO O - LHAR

3-Senhora, que és Mãe de Deus,
Olha por nós, os filhos teus.

x Concorrentes para o Quadro Honorífico Músico 2010/2011

Quadro Honorífico Músico					
Instrumento	Vagas	Candidatos	Prestaram provas	Apto	Inapto
Saxofone alto/tenor	2	27	7	3	4
Percussão	1	22	4	3	1
Bombardino/Barítono	2	21	12	5	7
Violino	1	8	2	1	1
Viola	1	8	1	1	0
Teclados/Piano	1	12	2	1	1
Harpa	1	3	0	0	0
TOTAL	9	101	28	14	14

Fonte: Secção de Instrução e Formação da BMG NR, 2013.

xi Concorrentes para o Quadro Honorífico Clarim 2010/2011

Quadro Honorífico Clarim					
Instrumento	Vagas	Candidatos	Prestaram provas	Apto	Inapto
Percussão	1	20	4	2	2
Bombardino	1	14	2	1	1
Tuba	1	14	5	2	3
Trompa	1	13	7	3	4
Trombone	1	7	2	0	2
Trompete	1	23	6	4	2
TOTAL	6	91	26	12	14

Fonte: Secção de Instrução e Formação da BMG NR, 2013.

xii Disciplinas do Curso de formação de Guardas 2010/2011

BLOCO I – FORMAÇÃO GERAL MILITAR			
Módulo	Unidades Curriculares	Tempos Letivos	Total
Formação Geral Militar	Armamento	12	87
	Ordem Unida	19	
	Cidadania e Condição Militar	10	
	Topografia	16	
	Técnica Individual de Combate	14	
	Treino Físico Militar	16	
SOMA (1)			87
Incorporação		14	63
Exercícios de campo e avaliação		42	
Atividades complementares		7	
SOMA (2)			63
SUBTOTAL (1) = SOMA (1) + SOMA (2)			150

Fonte: Regulamento do Curso de Formação de Guardas 2012

xiii Disciplina de música 2010/2011

BLOCO II – FORMAÇÃO ESCOLAR			
Módulo	Unidades Curriculares	Tempos Letivos	Total
Jurídico	Noções Gerais de Direito	15	85
	Direito Penal e Processual Penal I	30	
	Direito Penal e Processual Penal II	25	
	Direito Fiscal e Aduaneiro	15	
Técnico-Profissional	Legislação Policial	80	308
	Legislação e Segurança Rodoviária	50	
	Tática das Forças de Segurança	40	
	Investigação Criminal	23	
	Armamento	15	
	Informações	15	
	Organização e funcionamento da GNR	25	
	Módulos interdisciplinares	60	
Sócio-Comportamental	Psicossociologia	30	150
	Comunicação e Atendimento	30	
	Interpretação e Redação	30	
	Direitos Fundamentais e Cidadania	30	
	Ética e Deontologia Profissional	30	
Geral	Comunicação e Sistemas de Informação	10	110
	Saúde e Socorrismo	15	
	Inglês	40	
	Informática	45	
Aptidão Física, Tiro e Ordem Unida	Educação Física e Desportos	40	133
	Luta e Defesa Pessoal	25	
	Tiro	46	
	Ordem Unida	22	
Formação Musical	Prática Instrumental com Banda	95	252
	Instrumento I	55	
	Formação Musical	20	
	História da Música Militar	10	
	Organologia	15	
	Ordem Unida com Banda	20	
	Informática II	25	
	Educação Física e Desportos	12	
Atividades Complementares	Palestras/Conferências/Seminários	12	12
	Visitas de Estudo		
SOMA (3)			1050
SUBTOTAL (2) = SOMA (3)			1050
TOTAL = SUBTOTAL(1) + SUBTOTAL (2)			1200

Fonte: Regulamento do Curso de Formação de Guardas 201

xiv Excertos relativos à prova que decorreu na admissão de Sargentos em 2012

EXCERTOS DE ORQUESTRA	
FLAUTA	OBOÉ
<ul style="list-style-type: none"> • Haydn – Symphony No. 101 - “The Clock” • Mozart - Symphony No. 41 – “Jupiter” • Brahms - Symphony No. 2. 	<ul style="list-style-type: none"> • Maurice Ravel – Le tombeau de Coperin • Giacomo Rossini – Die Seidene Leiter • Peter I. Tschaikowsky - 4ª Sinfonia – 2º Andamento
CLARINETE	SAXOFONE
<ul style="list-style-type: none"> • Schubert – Symphony No. 8 in B (The Unfinished) • F. Mendelssohn-Bahody op.61 – Scherzo • Adam – Giselle (Bailado) – Nº 70 	<ul style="list-style-type: none"> • Mussorgky / Ravel – Quadros de uma exposição – Vecchio Castello. • Zoltán Kodály – Háry-Janos-Suite – IV – The battle and defeat of Napoleon. • Alban Berg – Lulu-Suite - Ostinato
FAGOTE	TROMPETE
<ul style="list-style-type: none"> • P. J. CIAIKOWSKY – Sinfonia Nº 6 in Si min. “Patetica” • I. STRAWINSKY – Sagra Della Primavera • O. MESSIAEN – L’ Ascencion 	<ul style="list-style-type: none"> • Ottorino Respighi – Pinheiros de Roma – 2º Andamento • Igor Stravinsky – Pássaro de Fogo – Dança Infernal • George Bizet – Carmen -
CORNETIM	FLISCORNE
<ul style="list-style-type: none"> • Peter I. Tschaikowsky – Lago dos Cisnes – Dança Napolitana • Sergei Prokofiev – O Tenente Kijé – Solo Nº 61/63 • Ruggiero Leoncavallo – Os Palhaços 	<ul style="list-style-type: none"> • Peter I. Tschaikowsky – 5ª Sinfonia – 5º Andamento • George-Enesco – Rapsódia-Romena - Entrada • Gustav Mahler – Sinfonia Nº 3 – 3º Andamento
TROMPA	TROMBONE
<ul style="list-style-type: none"> • L. van Beethoven op.125 – Sinfonie Nr. 9 – 3º Andamento (Adágio molto cantabile). • Peter I. Tschaikowsky op. 64 – Sinfonie Nr. 5 – 2º Andamento (Andante cantabile, con alcuna licenza. • G. Fr. Händel – Julius Caesar – Nr. 14 Arie des Caesar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Maurice Ravel – Bolero • Mozart – Requiem • Ottorino Respighi – Pinheiros de Roma
VIOLONCELO	TUBA
<ul style="list-style-type: none"> • Peter I. Tschaikowsky - 4ª Sinfonia – II Andamento. • List – Os Prelúdios • Borodin – Nas Estepes da Ásia Central 	<ul style="list-style-type: none"> • Sergej Prokofiev – Sinfonie Nr. 5 – 1. Andamento • Hector Berlioz – Faustus Verdamnis – 1. Teil III. Szene • Sergej Prokofiev – Romeu e Julieta – Nr. 13 Tanz
PERCUSSÃO	
TÍMPANOS	CAIXA
<ul style="list-style-type: none"> • Stravinsky, Igor. “Sagração da Primavera” - Danse Sacral (189 → fim) • Maurice, Karim. “Les tortueux méandres de la pensée” – (1 → 14), (278 → final) 	<ul style="list-style-type: none"> • Prokofiev, Sergei “Lieutenant Kijé” – I The Birth of Kijé • Rimsky-Korsakov, N. “Scheherazade” – III e IV And.
VIBRAFONE	GLOCKENSPIEL
<ul style="list-style-type: none"> • Bernstein, Leonard “West Side Story” – 1º Acto nº 8 (583) 	<ul style="list-style-type: none"> • Dukas, Paul. “Aprendiz de Feiticeiro” - (comp. 17 → 24)
XILOFONE	
<ul style="list-style-type: none"> • Oriola, José Suñer “Vasa” – I And. (68 → 82) 	

Fonte: Secção de Instrução e Formação da Banda de Música, 2013.

xv Componente Formativa Geral do Curso de Sargento Ajudante em 2013

COMPONENTE FORMATIVA GERAL			
Módulo	Unidades Curriculares	Tempos Letivos	Total
Formação Militar	Ética militar e comando	15	82
	Justiça e disciplina	15	
	Legislação militar	20	
	Transmissões	12	
	Organização e informações	20	
Formação em Direito	Direito constitucional	15	60
	Direito de ordenação social	15	
	Direito civil e comunitário	15	
	Código de procedimento Administrativo	15	
Formação Sociocultural	Informática I	20	60
	Comunicação e gestão de conflitos	15	
	Inglês	25	
Formação de Aptidão Física e Ordem Unida e Tiro	Educação física e desporto	32	56
	Armamento e tiro	14	
	Ordem unida	10	
TEMPO TOTAL ESCOLAR			258

Fonte: Regulamento do Curso de Promoção a Sargento Ajudante, 2012

xvi Componente Formativa da Especialidade (Música) do Curso de Sargento Ajudante em 2013

COMPONENTE FORMATIVA DA ESPECIALIDADE		
Unidades Curriculares	Tempos Letivos	Total
Prática instrumental com banda	95	200
Análise e técnicas de composição	30	
Técnicas de direção	25	
Informática II	20	
Regulamento de continências e honra militares	5	
Ordem unida com banda	15	
Logística e organização do serviço	10	
TEMPO TOTAL ESCOLAR		

Fonte: Regulamento do Curso de Promoção a Sargento Ajudante, 2012.

xvii Componente formativa Complementar Curso de Sargento Ajudante em 2013

COMPONENTE FORMATIVA COMPLEMENTAR		
Unidades Curriculares	Tempos Letivos	Total
Seminários, palestras e visitas	12	22
DDI	10	
TEMPO TOTAL ESCOLAR		22

Fonte: Regulamento do Curso de Promoção a Sargento Ajudante, 2012.

xxiii Lista dos Músicos nomeados para a procissão da Senhora da Saúde em 2013

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
UNIDADE DE SEGURANÇA E HONRAS DE ESTADO
BANDA DE MÚSICA

BANDA NOMEADA

Procissão de N^o Sra da Saúde - LISBOA

05 de Maio de 2013

NA SALA: 13H30

SAÍDA: 14H30

UNIFORME: N^o1 C/ Cordões e Barrete

Trombone António Simões	Trombone Eduardo Lala	Trombone Helder Rodrigues	Trombone Mário Vicente	Trombone Pedro Silva
Flautim Miriam Cardoso	Flauta Cassiano Pereira	Flauta Luis Pereira	Oboé João Medinas	Oboé Nelson Rodrigues
Requinta Vasco Valente	Clarinete Paulo Saraiva	Clarinete António Souta	Oboé Filipe Freitas	Requinta António Pascoal
Clarinete António J. Pereira	Clarinete João Fernando Silva	Clarinete José Ricardo	Clarinete Jorge Ferreira	Clarinete João Aires Silva
Clarinete Bruno Nogueira	Clarinete Fernando Pernas	Clarinete Joaquim Teixeira	Clarinete João Samouqueiro	Clarinete Vitor Bragança
Clarinete Hugo Figueiredo	Clarinete João Bernardes	Clarinete Fernando Teixeira	Clarinete José Frasilho	Clarinete Helder Gonçalves
Clarinete João Quitalo	Clarinete Jorge T. Nunes	Clarinete André Santos	Clarinete Fernando Azevedo	Clarinete Ricardo Torres
Lira João Duarte	Caixa Sergio Pliz	Caixa Carlos Faria	Caixa Abel Gomes	Lira Carlos Henriques
Caixa Francisco Sequeira	Caixa Miguel H. Silva	Bombo André Jesus	Pratos Carlos Costa	Caixa Manuel Coelho
Sax - Alto Helder Madureira	Sax - Alto Nelson Gomes	Sax - Tenor Francisco Rato	Sax - Alto Rodrigo Lima	Sax - Alto Ricardo Pires
Sax - Tenor Nelson de Jesus	Fagote Daniel Faria	Fagote Nuno Batista	Fagote Pedro A. Pereira	Sax - Tenor Artur Mendes
Trompa Ricardo Alves	Trompa Nuno Cunha	Trompa Domingos Ralo	Trompa Manuel Gonçalves	Trompa Pedro Oliveira
Trompete Miguel Silva	Trompete Tiago Alves	Trompete Domingos Teixeira	Trompete Pedro Florêncio	Trompete Rui Borba
Fliscorne João Condesso	Fliscorne António Vales	Trompete Pedro Almeida	Fliscorne Marco Barroqueiro	Fliscorne Hugo Oliveira
Bombardino António C. Labrecq	Bombardino Alexandre Mosca	Barítono Nelson Nogueira	Bombardino Nuno Carvalho	Bombardino João Carvalho
Sousafone Bruno Açucena	Sousafone Amílcar Gameiro	Bombardino Pedro Barbosa	Sousafone Sidónio Araujo	Sousafone Elmano Pereira

RESERVA: Ricardo Ribeiro - João Barata

CHEFIA: SMOR Francisco Pinto

Quartel em Lisboa - Ajuda, 02 de Maio de 2013

O Chefe da Banda de Música

xxiv Estrutura da Charanga na procissão da Senhora da Saúde em 2013

	Maestro com cetro	
Cavaleiro com bandeira Azul	Cavaleiro com bandeira Vermelha	Cavaleiro com bandeira Vermelha
Tuba	Bombos	Tuba
Bombardino	Lira	Bombardino
Bombardino	Melofone	Bombardino
Bugle	Bugle	Trompete
Trompete	Trompete	Trompete

xxv Estrutura da Banda da PSP na procissão da Senhora da Saúde em 2013

	Maestro		
	Maestro Auxiliar		
Trombone	Trompa	Trompa	Trombone
Trompa	Sax-alto	Sax-alto	Trompa
Sax-tenor	Clarinete	Clarinete	Sax-tenor
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Caixa	Prato	Bombo	Caixa
Caixa	Trompete	Clarinete	Clarinete
Trompete	Trompete	Trompete	Fliscorne
Trompete	Fagote	Fagote	Trompete
Bombardino			Bombardino
Sousafone	Sousafone	Sousafone	Sousafone

		Maestro		
	M auxiliar		M auxiliar	
Trombone	Trombone	Trombone	Trombone	Trombone
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Flauta Trans.
Sax-alto	Clarinete	Clarinete	Sax-alto	Sax-alto
Caixa	Caixa	Caixa	Lira	Caixa
Sax-tenor	Sax-tenor	Bombo	Prato	Sax-tenor
Fliscorne	Sax-tenor	Fliscorne	Fliscorne	Fliscorne
Trompete	Trompete	Trompete	Trompete	Trompete
Trompa	Trompa	Trompa	Trompa	Trompa
Sax barítono	Fagote	Fagote	Fagote	Bombardino
Sousafone	Bombardino	Sousafone	Bombardino	Sousafone

Maestro					
M auxiliar					M auxiliar
Trombone	Trombone	Trombone	Trombone	Trombone	Trombone
Bombardino	Trompa	Trompa	Trompa	Trompa	Bombardino
Sax-alto	Sax-alto	Trompa	Trompa	Sax-tenor	Sax-tenor
Sax-alto	Trompete	Trompete	Trompete	Trompete	Trompete
Trompete	Trompete	Trompete	Trompete	Trompete	Trompete
Caixa	Caixa	Bombo	Caixa	Caixa	Caixa
Caixa	Caixa	Caixa	Caixa	Sax-tenor	Caixa
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Sousafone	Sousafone	Flauta	Flauta	Sousafone	Sousafone

		Maestro		
Trombone	Trombone	Trombone	Trombone	Trombone
Flautim	Flauta	Flauta	Oboé	Oboé
Requinta	Clarinete	Clarinete	Oboé	Requinta
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete	Clarinete
Lira	Caixa	Caixa	Caixa	Lira
Caixa	Caixa	Bombo	Prato	Caixa
Sax-alto	Sax-alto	Sax-tenor	Sax-alto	Sax-alto
Sax-tenor	Fagote	Fagote	Fagote	Sax-tenor
Trompa	Trompa	Trompa	Trompa	Trompa
Trompete	Trompete	Trompete	Trompete	Trompete
Fliscorne	Fliscorne	Trompete	Trompete	Trompete
Bombardino	Bombardino	Barítono	Bombardino	Bombardino
Sousafone	Sousafone	Bombardino	Sousafone	Sousafone